

IRMÃOS KOSTANIDIS  
LIVRO 2

*Destinada*  
**AO ARRANÇO**

A Babá e o Viúvo Proibido

**D. A. LEMOYNE**

# **D. A. LEMOYNE**

Copyri ght © 2022

*Destinada*  
**AO GREGO**

A Babá e o Viúvo Proibido

Irmãos Kostanidis  
Livro 2



Línguas e dentes duelam pelo controle, mas ao mesmo tempo, se rendem à entrega.

Não é um contato ensaiado, não há nada de elegante ou calculado na maneira como nos tocamos. É fome crua, que vem cozinhando em fogo baixo.

Desejo desenfreado, demanda, precisão, urgência.

Dionysus Kostanidis  
(Destinada ao Grego)



**D. A. LEMOYNE**

dal emoynewriter@gmail.com

Copyright © 2022 por D. A. L emoyne

Título Original: ***Destinada ao Grego – A Babá e o Viúvo Proibido***

Primeira Edição 2022

Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Nome do Autor: D. A. L emoyne

Revisão: Dani Smith Books

Capa: D. A. L emoyne

ISBN: 978-65-00-55152-5

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com

peçoas reais, vi vas ou mortas ou eventos reais é mera  
coi nci dência.

# ***Sumário***

[Si nopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Pról ogo](#)

[Capí tul o 1](#)

[Capí tul o 2](#)

[Capí tul o 3](#)

[Capí tul o 4](#)

[Capí tul o 5](#)

[Capí tul o 6](#)

[Capí tul o 7](#)

[Capí tul o 8](#)

[Capí tul o 9](#)

[Capí tul o 10](#)

[Capí tul o 11](#)

[Capí tul o 12](#)

[Capí tul o 13](#)

[Capí tul o 14](#)

[Capí tul o 15](#)

[Capí tul o 16](#)

[Capí tul o 17](#)

[Capí tul o 18](#)

[Capí tul o 19](#)

[Capítul o 20](#)

[Capítul o 21](#)

[Capítul o 22](#)

[Capítul o 23](#)

[Capítul o 24](#)

[Capítul o 25](#)

[Capítul o 26](#)

[Capítul o 27](#)

[Capítul o 28](#)

[Capítul o 29](#)

[Capítul o 30](#)

[Capítul o 31](#)

[Capítul o 32](#)

[Capítul o 33](#)

[Capítul o 34](#)

[Capítul o 35](#)

[Capítul o 36](#)

[Capítul o 37](#)

[Capítul o 38](#)

[Capítul o 39](#)

[Capítul o 40](#)

[Capítul o 41](#)

[Capítul o 42](#)

[Capítul o 43](#)

[Capítul o 44](#)

[Capítul o 45](#)

[Capítul o 46](#)

[Capítul o 47](#)

[Capítul o 48](#)

[Capítul o 49](#)

[Capítul o 50](#)

[Capítul o 51](#)

[Capítul o 52](#)

[Capítul o 53](#)

[Capítul o 54](#)

[Capítul o 55](#)

[Capítul o 56](#)

[Capítul o 57](#)

[Capítul o 58](#)

[Capítul o 59](#)

[Capítul o 60](#)

[Capítul o 61](#)

[Capítul o 62](#)

[Capítul o 63](#)

[Epílogo 1](#)

[Epílogo 2](#)

[Bônus](#)

[Papo com a Autora](#)

[Obras da Autora](#)

[Sobre a autora](#)





**Atenção** pode conter gatilhos.

**Atenção:** *Destinada ao Grego*, Livro 2 da série *Os Irmãos Kostani*, é um volume único. Por ser com características diferentes, cada livro da saga pode ser lido separadamente, mas o posterior pode conter spoilers dos anteriores.

Diagnóstico Kostani é só magnata de uma família de banqueiros CEO da maior empresa de telecomunicações norte-americana, assim como seus irmãos, é um homem implacável em todas as áreas.

O pai solteiro está decidido a manter a virgindade por amor à falecida esposa, mas porque casamento não consta em seus

pl anos.

O grego pode ter a mul herque qui sercom um estal arde dedos, então para que se prender novamente?

Harper Ceci l yBradl ey ou Ci ci çomo pref ere ser chamada, é uma i ncente garota do Kansas que chega a Nova I orquecom uma mi ssão. Quando seus pl anos dão errado, el a toma uma ati tude drásti caque mudará para sempre o rumo de sua vi dae a col ocará em def i ni ti vo no cami nho do bi l i onári o.

Para Dionysus, possui ra babá do seu f i l hé apenas um j ogo de sedução como tantos outros que executou ao l ongoda vi da. Para a j ovem i nexpeir ente, estar nos braços do grego é sua i dei ade paraí so, ai nda que sai ba que el e é proi bi do.

Quando ambos resol vemse render à pai xão, no entanto, sabem que estão desti nados.

Mas Ci ç guarda um segredo que se f ordescoberto, poderá f azer com que o homem de sua vi da a odei e.



A todos aqueles que estavam esperando a história do nosso gregão  
delícia e da babá do filho dele, a sexy Cici.

Carolina do Norte, outubro de 2022





# NOTA DA AUTORA:

***Destinada ao Grego***, Livro 2 da série **Irmandade Kostaniadis**, contará a história de Dionysus e Cicely.

Ele, já conhecido do Livro 1 da saga, é arrogante, possessivo, gostoso e entre outros investimentos, um dos acionistas majoritários do banco da família.

Ela, garota ingênua, mas muito determinada, está estreando em meu universo e terá o mesmo que já tenha sido contada em dois outros Livros meus.

Podem esperar nesse romance: cenas muito quentes, segredos, omensagens e reviravoltas.

Como todos os Kostaniadis, Dionysus é implacável quando quer algo e o que ele quer é nossa ruína.

A garota que tinha um plano ao chegar em Nova York não esperava se apaixonar por um deus controlado agora ela sabe que está enredada em uma teia que não tem como sair.

De quebra, irão aparecer outros personagens que já apareceram no Livro 1 da série, como Zeus e Madisson, Ares, Hades e também de outras sagas.

Eu amei escrever sobre esse casal apaixonado e espero que  
vocês apreciem também.

Um beijinho carinhoso e boa noite.

D.A. Lemoyne



# Prólogo



## Passado

Uma risada me desperta do sono profundo.

Ela é sonora como o canto de um pássaro em uma manhã de verão.

— Acordou feliz hoje, Irma?

— Ah, sim. Nada melhor para meu humor do que ver uma belíssima dessas aqui dando um dríble na dona morte.

Ouçoo passos se aproximado e em seguida, uma mão acariciou meu cabelo.

— Verdade. A garota é linda e sortuda também. Não bastasse essa aparência de princesa de contos de fadas, assim como um gato, certamente tem sete vidas.

*Sortuda?*

Eu sou uma garota de sorte? Não me sinto assim.

Como posso ter sorte, se todos aqueles a quem amei morreram?

— Se tem mesmo sete vidas, gastou uma na noite passada.

— Ainda restam seis, meu amor— Uma das mulheres parece falar comigo, ainda que meus olhos permaneçam fechados

— Vivas-as com sabedoria. Aproveite cada segundo.

— Quer saber de uma coisa? Sou como minha avó e acredito que não estava na hora dela ainda.

— Talvez não. Ou talvez Deus tenha apenas mudado de ideia. O fato é que eu nunca vi ninguém sobreviver a algo assim somente uns arranhões. Penso que é o destino dela ter uma jornada longa para contar essa história aos netos no futuro.

— Ou ela ainda tenha uma missão para cumprir antes de partir

*Sim— quero dizer à mulher bondosa —eu tenho uma missão, mesmo que não faça nem ideia de por onde começar*

Apesar di sso, não posso desi sti r

Sou a úl ti ma esperanç*de/* e



# Capítulo 1



**Nova Iorque**

**Um ano depois**

Vou até a janela da sede da minha emissora de TV, me sentindo sufocado. Há muito tempo tenho andado assim e sei a razão: a tensão pelo inesperado; de não saber de onde o inimigo pode surgir — *ouquando*.

Como meus três irmãos, a necessidade por controle está enraizada em meu DNA. Qualquer coisa que desalinea a vida rigidamente programada altera meu humor. Isso se torna infinitamente pior se envolve meu filho, Joseph.

Penso na criança que dei xei em casa pela manhã e pela noite. É assim que me questiono se estou fazendo tudo de jeito certo para que seja feliz.

A insegurança está longe de ser uma das minhas características quando se trata da criação de um bebê, estou caminhando no escuro, sem qualquer previsão de quando surgirá uma lâmpada.

Passo as duas mãos pelo rosto, pensando na babá que tive que demitir há alguns dias. Ainda que tenha tomado todas as precauções possíveis e contratado-a através da melhor agência de Nova York, não impedi que a mulher negligente fosse Joseph para fazer um dos guarda-costas no porão da minha casa.

Lembrar do episódio faz meu maxilar contrair. Sou absolutamente obcecado pela segurança do meu herdeiro porque sei muito bem o que um descuido pode causar.

Um amigo próximo meu, Riccardo Moretti<sup>[1]</sup>, perdeu o filho em uma tragédia que poderia ser evitada caso as devidas precauções tivessem sido tomadas.

Pensar no meu menino me dá a sensação de ter uma bola de ferro no estômago, ainda mais porque minhas jornadas

de trabalho são intensas e preciso confiar em terceiros, além de mim, para garantir meu bem-estar

A família próxima me resume a meu irmão mais velho Zeus<sup>[2]</sup>, Ares e Hades.

Há Odiro<sup>[3]</sup> e a esposa dele, Eli também, mas apesar da minha herança familiar com Joseph algumas vezes quando preciso viajar para os meus próprios filhos o trabalho em sua Associação para tocar

A tarde caiu rapidamente e uma chuva fina começa a molhar as calçadas de Manhattan. O céu fechado, de um cinza chumbo, vai ao encontro do meu humor.

Vou topa a minha mesa e olho a fotografia de Joseph. Ele não sorri muito. Na verdade, quase nunca. Parece um menino adulto observador e introspectivo que sempre me faz questionar se é feliz.

Quero dizer não é como se antes de nascer eu fosse um especialista em bebês, mas sempre os médicos sorriam.

Não o meu menino. Mesmo quando me sento em seu quarto para brincar, tenho a sensação às vezes de que ele me observa e

que sabe segredos dos quais desconheço.

Eu lia respeito da relação intrauterina entre mãe e filho também procurei psicólogos para entender a apatia dela. Por tudo que pude descobrir, os fetos sentem as emoções da mãe e Deus sabe que a gravidez de Sue, minha falecida esposa, não foi fácil.

Observando de novo a imagem de Joseph, tento, como sempre, encontrar semelhanças entre meu menino e os olhos negros, com os olhos verdes e cabelos castanho-escuros da mãe morta. Não há. Como uma lembrança ou um castigo, Joseph se parece com o filho da puta que contribuiu em sua concepção.

— O que vai fazer? — meu irmão Ares pergunta, me trazendo de volta à realidade.

— Continuar no mesmo caminho que tenho percorrido: usando de todas as armas possíveis para proteger meu filho e impedir que o levem de mim. Eu mandei que investigassem qualquer parente vivos dos dois. Sue e Keith, falecidos, aparentemente não tinham ninguém, mas estou agindo por precaução.

Desde que Sue morreu, eu tenho tentado nos proteger igualmente de qualquer tentativa de extorsão ou pedida de guarda.

de um parente distante do bastardo do seu pai biológico. Com ambos os pais mortos, a minha única esperança com meu filho é o fato de eu ter adotado-o assim que nasceu, mas hoje a banca de advogados que cuida do caso me avisa que mesmo que seja improvável que consigam tirá-lo de mim, podem iniciar uma batalha na justiça que se arrastará por anos.

Ele me olha e suspira por um tempo e eu sei o que está pensando: que eu não preciso passar por nada daqui para o.

Ares está enganado. Joseph se tornou o centro do meu mundo.

— E quanto ao jantar de hoje?

— Não acho que eu vá conseguir. De qual quer modo, por que precisamos estar os quatro lá ao mesmo tempo?

Ele dá de ombros.

— Não precisamos. Eu já fiz o acordo com Rey Cardona de La Vega<sup>[4]</sup>. Seria mais para nos reunirmos mesmo. Uma homenagem ao nosso avô.

O argumento faz com que eu me sinta culpado. Nós perdemos nossos pais e no momento da morte de nosso avô,

prometemos respeitar as tradições familiares, nunca ficamos  
muito tempo sem nos ver, o que parece cada vez mais difícil por  
conta das atividades que cada um de nós tem.

— Soube que houve uma confusão com relação à dança na  
nova naquele tempo em que Rey esteve lá, né?

— *Confusão* Eu não chamaria assim. Madi sonse equi vocou  
e deu uma dança privada para Zeus, mas ele sabia o que estava  
fazendo e que não deveria estar ali. Acho que nosso irmão ficou  
obcecado por ele. — Ele pausa e sorri. — E o que é mais engraçado  
é que a menina está fazendo Zeus suar.

— Não vai durar. Em poucos meses, a mulher perderá o  
encanto. Como nós, Zeus quer ser desafiado.

Até hoje nenhuma das mulheres com as quais nos  
relacionamos mantém por muito tempo e se eu for honesto  
comigo mesmo, até mesmo o envolvimento com Sue seguiu a  
muito tempo por Joseph e minha vontade de mantê-lo perto, do  
que por qualquer vínculo mais forte entre mim e a mãe dele.

— Eu não sei. Madi soné diferente de todas as mulheres que  
ele já teve. É jovem, mas não baixa a cabeça para ninguém.

— Viu um romântico agora? — ironizo.

— Sem chance. Romance não é para mim.

— Com o exemplo que tivemos em casa, para nenhum de nós, eu diria.

O celular acende com uma mensagem e Ares ri porque reconhece o toque. Desde mais novos, temos isso em comum em nossos telefonemas: sempre de chamada que ele, meu irmão rebelde, e o segundo mais velho, apelidado de di-sque-putaria.

Embora nenhum de nós seja mais criança, mantivemos o hábito de reconhecer quando é uma das nossas mulheres que nos ligou ou quando se trata de negócios.

— Preciso que eu fale com Joseph outra vez? — pergunta. — Talvez foda-se seu humor melhorar

Eu ignora a mensagem. A mente agora totalmente vazia, não consigo lembrar meu filho.

— Eu vou encontrar outra babá noturna, obrigado. Da última vez que tomou conta dele, meu menino estava assistindo desenho quando cheguei às três da manhã.

Ele não parece se sentir culpado.

— Nós dois ficamos com insônia e Joseph é uma ótima companhia.

Todos os meus irmãos o aceitaram como um Kostani dis apesar de saberem que não é meu filho biológico.

Nunca vi a mim mesmo como alguém capaz de cuidar de uma criança, sendo meu ou não, e me surpreendeu, quando conheci Sue grávida do cretinado ex-marido dela, que o diaboo mantenha no inferno a forte ligação que tive com o bebê quando ainda estava na barriga da mãe.

Em todos os aspectos que contam, Joseph é meu. Eu o registrei e cuidei dele mesmo antes de nascer

Vej o meu irmão levantar e se encaminhar para a porta.

— Avise-me se mudar de ideia sobre o jantar

— Não vou. Terei a noite para o meu filho. Vou ter que vir aqui dentro de algumas semanas e precisocompensar esse tempo que ficaremos separados. Quanto à babá da noite, caso não consiga uma até lá, terei que deixá-lo com Elina.

Ares sorriu.

— Tenho certeza de que meu sobrinho vai preferir a mulher de Odi a uma babá. Ele é um Kostani de sompl eto: como nós, não gosta de estranhos à volta.

Joseph é um bebê triste que não parece confortável com qual quer um que não sejam nós. Até mesmo Sue implacavelmente o carregara dentro do corpo durante nove meses e que, no entanto, o menino só parecia aterol hospara mim. Aos poucos, foi se acostumando com os meus irmãos também.

— Tudo bem. E quanto ao seu encontro aí — diz, fazendo um gesto de cabeça para o celular —, se precisar que eu fale com ele, basta me avisar com antecedência.



— É esse que você quer? — pergunto ao meu filho que tenta pegar um bloco de montar das minhas mãos.

Estamos sentados no chão de seu quarto de brincar e quando cheguei em casa, vi imediatamente encontrá-lo, parando apenas para tirar sapatos, meia e o paléto do terno.

El e acena com a cabeça, fazendo que si m.

— Di ga: *nai*<sup>[6]</sup>.

— *Nai i i++* repete, estendendo a *úl ti má etrae eu me si nto* orgul hoso do meu meni no.

Depoi sde observá-l ocol o cara peça no l ugar certo, estendo mi nha mão para el e.

Como sempre, Joseph não hesi ta, e vem para os meus braços.

Eu o aperto contra o pei to, pensando na conversa que ti ve com Ares.

Todos os meus i rmãos são assombrados com a mesma preocupação que eu: de que no f uturo, al guém da f amí l i b a ol ógi c del e venha rei vi ndi car a guarda do meu meni no.

— Não vai acontecer, f i l h d E u não vou dei xar que pessoas daquel a l ai a te cri em. El es nunca saberão onde você está.





## Capítulo 2



### **Ilha de Manhattan — Nova Iorque**

#### **Meses depois**

Aperto a alça da mala com força para tentar me acalmar, mas meu coração bate tão rápido que eu me sinto enjoada.

Manhattan parece ainda mais assustadora ao vivo do que nos filmes. Carros passam por todos os lados, tocando buzina e tal vez demonstrando o temperamento de seus proprietários.

Ai! Há tanta impaciência e pressa. Totalmente na contramão da pacata vida que levei até pouco tempo.

Descanso a bagagem aos meus pés enquanto olho para o céu.  
Estou cercada de arranha-céus.

É assim que chamam os edifícios altos que tornam impossível ver o sol.

A cidade, mesmo pelo amanhã, está parcialmente ocultas  
sombras dos prédios e eu me pergunto como algo pode ser feito  
vivendo nessa selva de concreto e aço.

Pouso os dedos sobre a testa e sinto o suor frio que a  
recobre.

Deus, eu quero voltar para casa.

Não há a menor chance de sobreviver. Qualquer um que  
olhar para mim vai saber que sou uma caipota do interior do Kansas,  
antes mesmo que eu abra a boca.

As pessoas em Manhattan se vestem tão bem! Não há  
qualquer um aqui no centro financeiro da cidade usando jeans  
surrado e um Al IStar que se eu não tivesse um apego sentimental  
tão grande a ele, já deveria ter ido para o lixo há tempos.

*Não seja covarde, Cicely. Lembre-se da conversa entre as  
enfermeiras. Você sobreviveu por mim. Agradeço tal vez aquela a*

*hi st óri a de que t em set e vi das sej a ver dade.*

É provável que eu vá precisar de mais uma delas hoje, porque não posso me dar ao luxo de morrer

Como se meus pensamentos tivessem eco, um carro se aproximava da calçada em alta velocidade e quase me causa um infarto. Como um susto e tropeço para trás.

Jesus, pelo visto todos nessa cidade gozam do privilégio de ver as extras, caso contrário, como poderiam sobreviver a um trânsito que parece repleto de pilóticos de fórmula um?

Alguém esbarra em mim e eu quase deixo a mochila cair no chão.

Eu não posso ficar parada o dia todo na calçada. Preciso resolver se terei coragem de fazer o que planejarei.

*Não há alternativa a uma voz avisa. —Hoje é o dia.*

A bilhete sobe à minha garganta e, nervosa, me encaminha para o edifício do banco Kostani de uma última tentativa desesperada de encontrar uma solução menos drástica.

A sede do banco da família é para onde o doutor Dionysus, o terceiro filho do clã de banqueiros também dono de uma grande

emi ssora de Tÿvem todas as tardes.

Há duas portari as, eu sei .Uma que l evapara o i nteri ordo estabel eci mento comerci ale a outra, ao l ado, que é a entrada dos escri tóri os. É para l á que devo me di ri gi r

— Boa tarde — f al o, colocando meu mel hor sorri so e cumpri mentando um dos seguranças que guarda a entrada.

— Não pode passar se não tem crachá, senhori ta.O i ngresso é excl usi vo para f unci onári os.

— Eu preci so f al ar com o doutor Kostani di s.

Assi m que as pal avras me escapam, sei pel o ol har do homem para mi m que a abordagem f oi um erro.

E como para conf i rmãel e di z:

— Qual dos quatro?

Eu não acho que el e quei ramesmo uma resposta e si m, que está me anal i sando.

— O doutor Di onysus.

*O que di abos pensa que está fazendo, Ci ci ?Não vai consegui r passar soando t ão i nsegur a assi m.*

— Marcou horário?

Agora tenho certeza de que o homem ali é de desconfiado, está internamente rindo de mim. Sua expressão deixa claro que sabe a resposta: eu não tenho horário com o grego poderoso porque sou uma ninguém.

— Não, mas é importante.

— Não perca seu tempo, senhorita. Qualquer que seja seu motivo, posso lhe garantir que não conseguirei chegar até ele. Seria mais fácil tentar ser atendida por Deus.

E não é o que estou fazendo? Ao que me consta, todos os quatro homens Kostanidiski receberam dos pais os nomes de deuses gregos, o são na vida real também. Ele estaria aqui para ver várias encarnações bebendo champanhe francês no lugar de água se quiserem.

E agora me olha de alto e baixo e foca na minha mala também.

— Eu vou te dar um conselho de graça, menina. Parece muito jovem e claramente não é daqui. Volte para seu lugar ou ela vai te devorar viva.

— Eu não posso. Tenho uma promessa a cumprir

— Se essa sua promessa tem a ver com o doutor Dionysus, é melhor você falar com ele. A chance de que consiga falar com ele é nula.

Penso no que está dizendo e meu coração se contrai.

Como eu pude acreditar que o magnata grego me escutaria se eu contasse a minha história? Achei mesmo que ele acreditaria em mim? É provável que mandasse me internar

Não. Antes, ele talvez mandasse me internar. Agora, desejaria mandar me prender

O velho homem já não é mais arrogante, e sim, solidário. Provavelmente porque ele consegue enxergar o desespero no meu rosto depois do que me disse.

Qualquer tipo de esperança que eu tenha se foi. Não me resta alternativa. Eu terei que tomar uma medida drástica.

Levanto-me das reportagens que li e respeito todo homem do qual devo me aproximar. Na verdade, lembro-me do que li sobre a família inteira.

Empresários implacáveis. Bilionários. Incessíveis.

Essa última parte eu pude atestar por mim mesma. O homem se mantém dentro de uma fortaleza. Há uma semana eu tenho vindo todos os dias e não posso mais esperar. O dinheiro que usei para pagar a estada no hotel se esgotou e essa é a razão de eu estar com minha mal agora.

Caso não conseguirei ir, terei que voltar para o Kansas e começar a planejar tudo de novo.

*Meu Deus, me ajude a não falhar*

Os Kostani são uma espécie de família real — não só muito ricos, mas poderosos também.

Eu não tenho dúvida que se o doutor Dionysus descobrir quem sou e por que estou em Nova Iorque, mesmo sem saber da história completa, me mandará para longe. Ele dará um jeito de que eu nunca mais me aproxime e então eu terei falhado irreversivelmente, porque uma vez que ele descubra tudo, eu não terei uma segunda chance.

Faço um aceno de cabeça para a segurança em uma espécie de despedida. Ele foi a pessoa mais simpática que conheci em Iorque desde que cheguei. Ou melhor seria dizer a menos grosseira.

Puxo as gomas respiratórias profundas e, aos poucos, meus batimentos cardíacos começam a voltar ao normal, mas a falta de sensação de paz não dura nada porque assim que chego na parte traseira do prédio, onde fica a entrada da garagem, vejo o carro que apanha o doutor Kostani todos os dias.

É agora ou nunca.

*Vou precisar de uma das seis vidas restantes, Deus.*

Não me desampare.



## Capítulo 3



— Estamos indo de reto para casa, doutor Kostani disse?— meu motorista pergunta assim que entro no carro.

— Sim, Anderson. Eu preciso entrevistar a candi dataa babá da noi te.

Ou seria melhor zerar: não suma babá, de tantas que já falaram na função.

Vejo o papel e depois sorri quando ele encontra os lábios e sei a razão: Anderson é praticamente da família e tanto quanto os meus irmãos, ficou ocupado com a minha ex-funcionária e abandonado meu filho sozinho, chorando no berço, enquanto fazia sexo no andar de baixo.

As outras que a substituíram desde então, não pararam no emprego.

Aperto os olhos por um instante, senti uma dor de cabeça se aproximar-me perguntando se não deveria aceitar a sugestão de Zeus e colocar Joseph em uma creche diurna, trocando a babá que fica até as duas para a parte da noite.

O problema é que a senhora Nuttle já avisou que não poderá ficar com as crianças, porque o marido a deixou ausente por dias seguidos.

— Para o bem do nosso Joseph, espero que essa dê certo, doutor.

Aceno com a cabeça concordando, embora tenha as minhas dúvidas.

Enquanto ele arranca com o carro, olho para o relógio e escureci os olhos, mas com a cabeça aqui a dois metros de distância.

Eu sei que terei que contratar a senhora Patricia.

Jesus, só o nome da mulher já está errado. Como uma babá pode ter como sobrenome a palavra “dor”?

Sei também que não durará na função e não tem nada a ver com seu sobrenome excêntrico, mas com o fato de que ele não tentou tocar meu filho durante a entrevista.

Na verdade, nem di ri gi u um ol har para el e.

Proposi tadamente, eu dei xei o carri nho com meu meni no por perto, mas a mul herpareci amui tomai sconcentrada em me provar suas qual i fi caçõ ~~prof~~ i ssi onai ~~s~~ que são mui tas, não nego — do que entender que o el emento pri nci pal dessa equação é seu bom rel aci onamento com meu f i l ho.

Ao contrári odo que a mai ori ados *si t e* para pai s sol o i ndi ca como requi si toseu não dou a mí ni mãe el af ez f acul dad ~~ou f al a~~ mai sl í nguasal ém do i ngl êsSe não ti ver uma i nteraçãoreal com J oseph, para mi m não servi rá.

— Eu não gostei del a, se me permi tef al ar— Anderson expõe meus pensamentos.

— Eu também não, mas el a tem um currí cul o i mpressi onante.

— Cri anças preci sam de mui to mai s do que educação pri mordi

Si m, eu e meus i rmãos sabemos di sso. Apesar de termos ti do uma i nãnci afel i zo que se segui uno f i mda adol escênci a, com a morte de nossa mãe em um aci dentee depoi s, o sui cí dodo meu pai<sup>[8]</sup>, f oi um pesadel o.

Em um pi scarde ol hos, nós passamos de uma f amí l iani da para quatro órf ãos cuj oo patri arca— nosso avô — não f oi exatamente um exempl ode amor, apesar de ter se esf orçadopara equi l i brar

carrei racom a dedi caçãoaos netos. Mal nos recuperamos da perda dos nossos pai s, no entanto, vovô cai udoente e não durou sei s meses.

Zeus f ezo seu mel horpara nos manter como uma uni dae, mas dentro de cada um dos Kostani di shá um buraco emoci onalque nada consegue preencher.

Não, i sso não é verdade. Eu tenho meu fi l hoA cri ança que entrou no meu cami nhopor acaso, mas que eu amo como se fosse uma parte de mi m.

— Tal vezdevesse repensar essa contratação então, senhor — el edi ze apesar de não ser o ti pode homem que acei teopi ni õeio que concerne às mi nhasdeci sões,sei que só está pensando no bem-estar de J oseph.— Não acho que f açabem ao meni noessa mudança constante de pessoas cui dando del e.

— Eu vou anal i sá-l aom cal manessa úl ti mæntrevi sta. Ai nda não deci di nada.

— Graças a Deus! — di ze o que vej o dos ol hos através do retrovi sortransmi teal í vi o.— Tem al gode estranho com aquel a... J esus!

El ef reà de repente e eu que j áestava di straí døenvi ardo uma mensagem para Hades, se não esti vessecom o ci ntode segurança

teri a si do arremessado no banco da frente.

Nem tenho tempo de perguntar o que houve porque Anderson já está do lado de fora do carro.

*O que no inferno está acontecendo?*

Mesmo quebrando todos os protocolos de segurança e com certeza deixando o chefe e dos meus guarda-costas no veículo de trás com cabelos brancos, eu desço também.

Parece a porra de uma realidade para ele quando vejo uma mulher cair da frente do carro.

— Nós a atingimos?— pergunto, sem acreditar já disscando para chamar uma ambulância.

— Não foi culpa minha, doutor Kostani disse jogou a frente do automóvel ou atravessou sem olhar. Eu não tenho certeza. De qualquer modo, a luz da garagem que avisava a saída do veículo estava acesa.

Ele parece prestes a desmaiar e mesmo que eu não tenha testemunhado todo o ocorrido, sei que está falando a verdade. Anderson, assim como Larry, o motorista de Zeus, trabalha com nossa família desde quando meu avô era vivo.

— Eu chamei uma ambulância— falocom ele, enquanto me aproximo para tentar verificar os sinais vitais da mulher

Sei que não devo movê-la porque posso piorar sua condição. Apesar disso, me abaixei para ver se está consciente. Não é da minha natureza ficar parado esperando as coisas acontecerem.

Escuto vozes ao nosso redor. As pessoas se aglomeram, mas estou absolutamente concentrado nela.

Eu não consigo ver seu rosto e só numa massa de cabelos escuros que o encobre. Não do tipo fofinho e cadê as saliências, mas uma juba cheia e ondulada que oscila entre tons de laranja e vermelho.

Ele aparece frágil, membros delicados, muito branca e tem sardas pelos braços e pescoço. Está tão imóvel que por um instante eu penso o pior.

Não há sangue, mas eu sei que hemorragias internas são muito mais preocupantes e mesmo que Anderson não estivesse correndo, a garota — sim, acho que é uma garota se formos levarem conta o tipo físico — a maneira como se veste — parece delicada demais para suportar o impacto de um automóvel.

Movo os dedos até seu pescoço, rezando para que esteja viva, e volto a respirar quando sinto sua pulsação.

A pele da moça é quente e líxia como seda e eu me sinto meio pervertido por ter esse tipo de percepção.

— Ela está viva — falou para tranquilizá-la Anderson porque caso contrário, teremos duas pessoas precisando de socorro ao invés de uma.

Eu nunca o vi tão nervoso.

Ao mesmo tempo, não consigo me afastar dela, sentindo-me ligado à criatura física de uma maneira que não consigo entender.

Ouço o som da ambulância e preparo-me para levantar quando a garota agarra a minha mão.

— Eu sou um gato mesmo, mas já gastei a segunda vida. Tenho que tomar cuidado. Só sobraram cinco.

Depois disso, ela desmaiou.



## Capítulo 4



— *O que aconteceu?*— Zeus pergunta ao telefonista.

— Como sabe que aconteceu ali go?

— *As câmeras de segurança do banco apareceram em frente à maratonista e os guardas-costas metendo o telefonista. Onde você*

— No hospital, esperando que ela seja atendida.

— *Ela?*

— Sim, uma garota. Não sei o nome. Desmaiou antes que eu pudesse perguntar. Vi umas filmagens?

— *Ainda não. Primeiro confere se você está avião. Em que hospital está? No de Athanasios*

— Não. Eu pedi que a ambulância a levasse para o mais próximo, mas dependendo do que os médicos digam, eu a transferei para lá.

— *Acha que é grave?*

— Não, mas de qualquer forma é muito foda. O Anderson está em transe ainda. Nunca teve qualquer incidência de tipo algum da vida.

— *Estou indo encontrar você.*

— Zeus, não precisa. Não deveria estar com sua mulher?

Ele nem se abala, quando em outra época, se eu usasse o título o teria um infarto. Muitas coisas mudaram, no entanto, durante os últimos meses. Principalmente com relação ao futuro do meu país.

— *Mãe, não vá comigo.*

— Não precisa saber se quer me ajudar, verificamos as filiações. Temos que saber o que realmente aconteceu. — Passo a mão pelo cabelo. — Preciso saber se foi isso mesmo. De qualquer modo, não importa a que conclusão chegue, vou custear todas as despesas.

— *Não tinha qual quer dúvida da quantidade.*

Penso nos olhos azul-cobalto me encarando e no rosto pálido e pintado com pequenas sardas.

A garota parece que poderia se desmanchar com um sopro.

— Ela é muito jovem e se eu pudesse adiá-la, eu precisaria dela também. Estava vestida com roupas simples e carregava uma mala toda suja. Independentemente do que os médicos disseram ou de quem foi a culpa, eu vou cuidar para que chegue em casa bem.

— *Chegue em casa?*

— Sim, ela não é daqui, disso eu tenho certeza.

— *Menor de idade?*

— Acho que não. Dei xamos para preencher as papéis depois. Eu só preciso ter certeza de que ela está bem.

Pela minha visão, ela pareceu chegar ao lugar quando me viro, noto que Hades, meu irmão caçula, está aqui.

— Confie nos filhos para mim. Hades acaba de chegar. Não se preocupe, eu estou bem.

— *Nunca vou deixar de me preocupar com qualquer um de vocês, Dionysus. Com quem ficou Joseph?*

— Ares foi para minha casa. Eu tinha uma reunião com uma possível candidata a babá do turno da noite, mas pedi que ela recebesse e marcasse para outro dia.

— *Tudo bem. Vou verificar os filhos para mim e ela é o mesmo que te deu certeza do que aconteceu. Não deixei de me dar notícias.*

— Zeus, eu vou ficar bem. Aproveite sua mulher. Tem minha palavra de que telefonarei caso algo dê errado.

Eu mal tenho tempo de desligar o celular para ao meu lado.

— Quem é ele? Eu conversei com Anderson e ele me garantiu que a mulher se jogou na frente do seu carro. Isso é muito suspeito — despeja, sem sequer me cumprimentar

Meu irmão usou o nome do deus que herdou: não perdoa e destrói a vida de quem consideramos inimigo. Ele é incapaz de sentir empatia por qualquer outra pessoa que não seja de nossa família. Acho que mesmo assim, por forçado sangue, não por ser algo fácil para ele.

— Não sabemos ainda. Está sendo examinada. Zeus vai verificar as filiações, mas antes que comece com suas teorias da conspiração, ele é uma menina, Hades. Ou ao menos foi o que me pareceu no pouco tempo que fiquei perto.

— E daí? Por acaso falta de caráter tem idade?

— Jesus, de onde você tira essa conclusão? Está a cada dia pior. Não é porque errou seu julgamento uma vez que todas as pessoas em seu caminho serão assim. Precisa seguir em frente.

— Nunca. Não até que eu destrua ambos.

— Você já a destruiu.

— Ainda não. Ele apreciaria se eu a encontrasse aí onde está para receber a punição que merece.

— Não vou discutir esse assunto com você. Está obcecado.

— Não vim para falar sobre Julieta ou aquela filha puta, mas para saber se precisa de alguma coisa.

— Por enquanto, não.

— Então, já vou indo— ele fala de mau humor e sei que foi porque levantei o tema que o atormenta há anos.

— Hades, eu não estou tentando fazer da sua vida um inferno. Consegue entender isso?

Ele estava andando, mas volta a me encarar

— Ninguém pode fazer da minha vida um inferno, Dionísus. E vi você nele. Sou o senhor do submundo, esqueceu?

Ele não está sendo irônico. Eu acho que realmente é onde sua alma está presa.

— Doutor Kostani disse?— Uma voz de homem me chama assim que meu irmão parte.

Volto-me para ver quem é e me deparo com um médico e uma enfermeira.

— Pois não?

— Boa noite. Sou o doutor Roswell, o responsável pelo atendimento da senhora... — ele franzea a testa e percebo que não sabe o nome da garota também. — Pelo que podemos atestar, não foi nada grave. Ela só teve leves escoriações. Fizemos todos os exames, inclusive uma tomografia na cabeça. Ela está bem.

— Posso vê-la?

— Será a melhor voltar amanhã. Eu mandei que ela se dessem porque estava muito ansiosa.

— Onde posso verificar o nome dela? Preciso avisar a família.

— Todos os documentos foram levados para a recepção. Estão fazendo a ficha detalhada neste instante para sabermos a quem — ele tossiu, constrangido —, devemos cobrar.

— Não se preocupem com isso. As despesas serão por minha conta. Quero que ela tenha o melhor atendimento. Eu voltarei amanhã para vê-la. Não se preocupem antes que eu chegue.

Entro no elevador, segui depois meus guarda-costas e sigi reto para a recepção.

— Preciso de informações da paciente do quarto 206 e 207 — digo à atendente.

— O senhor tem algum parentesco com a paciente?

Cerro o maxilamento sabendo que a pergunta da funcionária é válida.

— Sou o responsável por ela— respondo, sem dar margem à discussão.

A mulher não se abala. Cruza as mãos em cima da mesa da recepção e me encara.

— Qual tipo de informação deseja?

*Tudo* — penso, mas sei que será impossível porque não tenho qualquer vínculo com a garota. Eu consegui reio que precisava até a noite chegar ao fim da manhã no máximo, de qual quer maneira. Com apenas um telefonema para o meu primo Odine, a vida dela será virada do avesso.

— Apenas o nome — falei com meus olhos percorrerem seu rosto e depois, mais lentamente, até a altura dos seios, me demorando ali.

Eu nunca dei xoque ao gomei me peça de obter o que desejo. Não respeito minhas regras ali é das que crio quando quero atingir um objetivo.

Se ela fosse seguir o protocolo, nem mesmo o nome me daria, já que não faz sentido algum me fornecer tal informação

quando acabei de lhe dizer que sou o responsável pelo acidente. Eu deveria saber disso.

Entretanto, quando vejo suas bochechas se transformarem em duas bolinhas cor-de-rosa, eu sei que, neste instante, ele fará o que eu quiser.

*Qual quer coisa.*

Suas mãos tremem enquanto digita no teclado o que pedi e me entrega.

Não olho para trás, mesmo depois de pegá-lo. No momento, lhe dou total atenção. Não estou interessado em nada além do que tenho em mãos, mas ele não precisa saber disso.

— Obrigado, senhorita. Espero que tenha bons sonhos.

— Posso saber seu nome? Só para anotar aqui, caso peçam a informação pelo responsável, senhor

Eu lhe entrego um cartão onde só consta o telefone do meu escritório. Mesmo por essa via, ele terá que passar por minhas secretárias antes de ter acesso a mim.

— Vai ser uma boa noite para você e seu caso seja necessário... —  
Olho para o nome dela na placa, acima do seu esquerdo. —  
O rubor aumenta consideravelmente.

— Com certeza, doutor Diorysus — responde, I endomeu cartão.

— É mesmo o deus do amor?

— Não. É um pensamento equivoocado, senhorita. Esse é Eros.  
Boa noite.

Depois de todas as merdas que aconteceram hoje, essa pequena interação quase me fez sorrir.

Eu não tenho problema em usar qualquer método para persuadir uma mulher a fazer o que eu quero, desde que eu consigam o resultado.

Eu vou passar a noite sonhando com o amor na mitologia grega?  
Provavelmente.

Deveria estudar mais sobre o assunto, no entanto. Eu sou o deus do prazer, entre outras coisas. Não procuro sentimentos entre homens e mulheres. Nunca os desejei, nem mesmo com Sue. Para mim tudo se resume à luxúria.

A exemplo dos meus irmãos, nossa mãe foi a primeira a escolher o meu nome.





## Capítulo 5



*Harper* *Cecily Bradley* — Ele novamente o papel assim que sai da delegacia onde acompanhei meu motorista juntamente com nossos advogados, para que ele prestasse depoimento.

Eu também consegui lidar com a situação e finalmente o incidente vai parar nos jornais. Aparentemente a imprensa acha que o dia a dia da minha vida é um *reality show* e não importa o quanto fechados sejam, querem noticiar tudo e qualquer coisa.

Eu sei que parece que por sermos discretos sobre nossas vidas privadas isso atrairá ainda mais atenção e é uma das razões pelas quais eu estou aqui por todos os meios que posso.

Depois de tudo que Sue me contou sobre o ex-marido, a última coisa que precisei é que algum parente daquele desgraçado venha atrás do meu menino.

Na verdade, são poucas as pessoas que têm conhecimento de que Joseph não é meu filho hoje caso dependa de mim, continuando assim até que ele cresça e eu possa lhe contar que o adotei.

— Foi tudo bem, certo, doutor? — Anderson pergunta, antes de entrarmos juntos no automóvel onde Larry, o motorista Zeus, estava nos esperando.

— Sim. Foi que tranqui-lo.

Meu irmão mais velho entregou as filhas aos nossos advogados e foi comprovado que a garota atravessou mesmo em frente à garagem sem prestar atenção à saída de veículos.

Ele se acomoda no banco da frente, ao lado de Larry e eu, atrás. O carro em que estávamos hoje foi adaptado para a perícia e o advogado me disse que é o procedimento legal mesmo. Não sabemos quando será liberado.

— Doutor Kostani disse... — ele começa.

— Não precisa falar nada. Não foi culpa sua. Tem seu emprego garantido e vou cuidar para que ela receba qualquer coisa de que precisar.

— De qualquer modo, a menina é tão jovem. Eu estou me sentindo muito mal.

— Acalme-se. Amanhã voltarei ao hospital para saber mais sobre ela e vou ampará-la em tudo o que for necessário.

Ele finalmente parece relaxar e eu faço o que estou desejando desde que descobri como a garota se chama: Ligo para meu primo Odín.

— *Di-onysus, como ela está?*— ele pergunta após o celular chamar somente duas vezes.

Meu outro primo mais velho, [Christos](#)<sup>[10]</sup>, também já havia mandado mensagem porque para nós o problema de um é um problema de todos e *lições de privacidade* são desconhecidas entre meus parentes.

— Acabei de sair da delegacia. Parece que ela estava andando distraída. Segundo os advogados, Anderson estará isento de qualquer responsabilidade, mas vou cuidar para que a garota

fi que bem. Entretanto, gostaria que descobrisse informações  
el ementa sobre ela. Não sei nada ainda, al é mdo nome: Harper  
Cecily Bradley

— *Sem problema. Até amanhã de manhã, no máximo, ter e  
suas respostas. Com quem Joseph ficou? Ela estava preocupada,*

— Com Ares. Estou indo para casa.

— *Qualquer coisa basta ligar*

— Eu sei disso, primo.

Deixoo aparelho sobre o console central do veículo e fecho  
os olhos, pensando na confusão que foi o dia. Eu teria que ir à  
emissão amanhã para uma reunião com a mesa diretora, mas será  
impossível. Além de ter que resolver a questão com a *tal vez* nova  
babá noturna do meu filho, preciso passar para ver como Harper  
Cecily está.

Meia hora depois, Larry atravessa a guarita da minha  
propriedade e estaciona em frente a minha casa no Brooklyn. Após  
me despedir rapidamente dos dois funcionários e dispensar os  
guarda-costas, sigo para encontrar meu irmão.

— Como foi com a babá? Consegui remarcar para a semana que vem? — pergunto, assim que entro.

— Não. Eu adivinhei.

— Você fez o quê?

— Shhhh... fale baixo. Joseph acabou de dormir.

É tão triste que meu filho está em casa ou eu seria capaz de matá-lo. Demorei cerca de duas semanas para selecionar uma candidata que atendesse a quase todos os requisitos.

O *quase* fica por conta do nome dela, que acho estranho para caralho, e o fato de que não senti aquele braço na minha mão quando me disse que gosta realmente de crianças, o que me faz questionar por que diabos ela procura um emprego desses se não tem vocação.

— Eu adivinhei — ele repete, sem se abalar.

— Está me dizendo que adivinhou por *hoje*? — pergunto, esperançoso.

— Não. Para sempre. Ela não serve.

— Por que fez uma merda dessas?

— Joseph tem medo del a.

— Está louco? El e é só um garotinho.

— Não. Crianças têm intuição mel hor do que a nossa. A mulhernão ol havana di reção del e— fal aconfi rmandoo que eu já havi anotado na última entrevista—, então eu o peguei e tentei me aproximar del a. El e ficou apavorado. Sabe que não é um comportamento normal .El enunca reage assimàs pessoas. Mesmo que não seja a criança mais impácto mundo, não grita quando vê alguém. El e odiou a senhora ta *dor na bunda* e eu também. Arrume outra.

— O que ela fez quando ele começou a chorar?

— Pareceu irritada. Levantou e foi para a janela como se não suportasse o choro del e. Ela não serve, Dionysus.

Passo as duas mãos pelo rosto, pensando no que vou fazer agora.

— Não há mais candidatas. Cada uma tem uma característica que não se encaixa.

— Daremos um jeito. Nem que precisemos revezar para ficar com Joseph em cada dia da semana.

Apesar de estar puto por ele e ter enxotado uma boa candi data sei que fez isso pelo bem-estar do meu filho.

— Se eu não encontrar alguém, você vai ficar com ele e para eu vir aqui a duas semanas — ameaço, me irritando, mas ainda irritado.

Ele dá de ombros.

— Não me importo. Prefiro mudar para cá do que deixar meu sobrinho na mão daquele associado. Eu não gostei da mulher nem Joseph. Confio na opinião dele.

— Vai treinar. Dentro de pouco tempo será você a tomar conta de uma criança — debocho, me referindo ao acordo que ele e Zeus fizeram, no qual Ares se tornará tutor legal de uma herdeira <sup>[11]</sup>

Precisávamos das ações que o fundo que a menina herdou detinha e essa foi a condição imposta pelo antigo tutor para concretizar a venda.

O humor dele muda instantaneamente.

— Ainda tenho um tempo antes de começar minha tortura. Alé do mais, pretendo mantê-la à distância. Não sou babá e ele não é uma garotinha.

— Não invejo a função. Prefiro ir atrás gêmeos a uma adolacente.

— Chega de falar de mim. Quero saber tudo sobre essa história de atropelamento. Eu não acredito em coincidências. Não ser que a garota seja sua irmã, não há como ela simplesmente não ter visto o carro.

*Ai, cacete. Por que, com três irmãos, Deus não me deu pelo menos um que não seja um bastardo desconfiado?*

*Por que essa é uma característica familiar? — uma voz irônica*  
— *Não sei, mas Kostani disse que não duvidassem da própria sombra.*



## Capítulo 6



Eu ouvi o médico dizendo que me dariam um calmante para dormir. Se Deus, não adiantou. Passei a noite em claro tentando entender que aquilo aconteceu mesmo, não foi um sonho.

Eu vim para Manhattan e fiz a loucura de entrar na frente do carro do doutor Dionysus. Mais do que isso, consegui que ele se aproximasse de mim. Na verdade, ele me tocou.

É a última coisa da qual me lembro antes de desmaiar. Depois, lembro-me dos médicos me examinando no hospital.

perguntando se eu estava com dor e me fazendo repetir o número de dedos na frente do meu rosto.

Nada em mim parece realmente ferido e estou começando a acreditar naquela história de ter mesmo sete vidas.

Eles colheram meu sangue e fizeram exames de imagem.

Lembro também de terem me colocado em uma espécie de tubo para fazer uma tomografia que eu entrei em pânico porque tenho claustrofobia.

Talvez tenha sido por isso que o médico pensou que precisaria me dar um calmante.

Eu gostaria de um neste exato momento. Não, na verdade, eu queria um vídeo inteiro, porque estou nervosa de verdade agora.

A enfermeira entrou há pouco para me avisar que o doutor Dionysus está vindo me fazer uma visita.

Em todas as vezes que imagino nosso encontro, certamente não foi vestida em uma camisola que dei xameu bumbum de fora e muito menos estando deitada em um leito de hospital.

Passo as mãos molhadas de suor frio pelo encolchendo a mim mesma que não estou com medo. Eles não podem ter

percebi do que me joguei na frente do carro, podem?

*Não, Cicci, eles não sabem de nada.*

Então, porque quando o médico veio me examinar hoje cedo, disse que apesar de eu estar bem, terei que esperar o doutor Kostani para vir me ver?

É impossível que eu queira isso: consegui mesmo chamar a atenção dele para que pudéssemos conversar. Claro, nunca pensei em tentar matar de quebra, mas não vi outra saída.

Eu nunca vou conseguir fazer com que ele me ouça.

Meu Deus do céu, não vai dar certo.

*Calma. Não precisa ficar com medo. Mesmo que ele descubra que você se jogou na frente do carro, ele não vai te matar afi nal , é um homem civilizado e com muito a perder*

Então porque quer me ver?

Jesus, eu vou passar mal. A ansiedade está me pondo louca.

— Posso entrar? — um homem pergunta ao girar a maçaneta da porta, mas sem me deixar vê-lo ainda.

Respiro, imediatamente aliviada. Não é o todo poderoso grego. A voz que acaba de falar comigo, além do tom parecer pertencer a alguém mais velho, soa insegura. Eu poderia apostar a minha vida que não há um osso no corpo de Dionysus Kostanidis: que não seja autoconfiante, então não é ele quem está aqui.

— Pode, sim. Quem é?

Um senhor aparece no meu campo de visão. Ele deve ter por volta de uns sessenta anos e seu rosto apesar de parecer simpático demonstra apreensão.

— Meu nome é Anderson Colt, senhora Bradley e eu sou o motorista do doutor Dionysus Kostanidis.

— Bom dia. Como sabe meu nome? — pergunto, nervosa, ainda que eu tenha certeza de que mesmo tendo conhecimento dele, nunca descobriam quem sou.

— Afirmado honestamente. Ti veram que fazer porque o doutor Kostanidis quis garantir que a senhora gozasse de todo o necessário.— Ele pausa e parece ainda mais ansioso do que eu. — Quer a minha desculpa senhora Bradley?

— Pode me chamar de Cecilia, senhor Colt.

— Não de Harper?

— Não. Eu odei o esse nome. Foi mi nha madrasta quem escol heu. Era o nome da avó del a, que nunca conheci .

El eme ol ha,conf usoe eu sei a razão: como mi nhamadrasta pode ter me dado um nome?

— Mi nha mãe morreu no parto e meu pai não sabi ao que fazer com um bebê, então, apenas qui nze di as depoi s,j á estava morando com uma mul her

El e parece chocado, mas como o homem educado que presumo que sej a, não f al a nada.

— Mas ni nguém me chama assi m— conti nuo,f azendo de conta que não percebo o quanto está desconcertado. Qual homem col ocari outra mul herdentro de casa apenas duas semanas após perder a esposa? A resposta é si mpl es:um que ti vesse uma amante. Af astoos pensamentos tri stesporque mai sdo que nunca, preci so ser f orte. — De qual quer modo, para todos, sou Ci ci .

El eacena com a cabeça, concordando e em segui da,l i mpã garganta.

— Eu vim para pedir perdão. Não consegui dormir à noite imaginando-a ferida e sozinha no hospital.

Pela primeira vez, eu entendo as consequências do que fiz e o remorso me atinge tão forte que sinto um nó no estômago.

— Eu me distraí — falou depressa. — É um defeito meu.

Essa parte não é mentira. Vi vosso sonho acordada, apesar de que, no caso específico, foi proposital. Um ato de puro desespero.

— Tem certeza? — ele pergunta, já parecendo um pouco mais aliviado.

— Tenho sim, senhor Colton. Sou do Kansas, de uma cidade apenas com mil habitantes. Não há trânsito e praticamente só temos uma rua, a principal. Eu fiz o meu trabalho em Manhattan.

Isso é verdade também. Nova Iorque como um todo é assustadora para caramba. Mas quanto ao resto, quando eu explicar a razão de eu estar aqui, será basicamente uma grande encenação.

Não sinto orgulho de estar enganando-o, entretanto, não há outro caminho. Eu e o poderoso grego vivemos em galáxias

di ferentese se não fizess o que fiz,nunca consegui ri ame  
aproxi mar del e.

— Quero fazer uma pergunta, mas me avi se se eu for  
i ndi scretø porque não é mi nhai ntençãoe si maj udá-l a porque me  
si nto responsável por você...

Antes que termi ne de f al aro cel ul adel etoca e com um  
gesto de mão, me pede l i cença para poder atender

Faço que si mcom a cabeça e el ese af astado meu l ei tomas  
não sai do quarto.

— Si m, senhora Nuttl e, eu j á soube que a babá da noi tenão  
será mai s contratada. Tenho certeza de que o doutor Kostani di s est:  
provi denci ando al guém para col ocar no l ugar del a.

A mul her parece f al asem parar porque el eaf astao tel ef one  
e as f ei ções agora demonstram i mpaci ênci a.

— Si m, el e j á está sabendo que a senhora não pode  
trabal hardoi sturnos todos os di as. Daremos um j ei toAguarde que  
nosso patrão entre em contato — el e f i nal i za, não dando mai s  
margem para que a mul her aparentemente conti nue recl amando.  
Em segui da, desl i ga.

— Desculpe-me por isso — ele pede, mas fingi não estar ouvindo a conversa, olho pela janela.

Apenas quando ele me chama pelo nome, volto a encará-lo com um sorriso quando, na verdade, estou quase vomitando de tanto nervoso.

*Babá.*

Ele está precisando de uma babá e agora eu já sei o que fazer.

— Como eu estou dizendo, você contou que viu uma cidade pequena no Kansas e que Nova Iorque assusta. Parece muito jovem também.

— Tenho visto.

— É uma criança praticamente. Quer um conselho, minha filha? Volte para sua cidade. Metrôpol pode engolir você em um piscar de olhos.

— Não há nada que eu gostaria de fazer, no entanto, não posso.

— Por que não?

— Eu prometi a alguém que tentaria a sorte em uma cidade grande e pretendo cumprir a promessa.

*Só est ou ment i ndo par ci al ment e* Essa era a promessa  
ori gi nal,nt es da t r agédi acont ecer Agora, eu cont i nuar e aqui  
por que preci so mant er a pal avr a dada.

— E estava dando certo? Pel oque vi , carregava uma mala  
consi go.

Penso nos di asi nfernai que passei desde que cheguei e  
suspi ro desani mada.

— Não estava, mas não pretendo desi sti r— mi nto, porque na  
verdade eu já estava quase desi sti ndo mesmo. — Estou procurando  
um emprego.

Dessa vez, quando meus ol hosse enchem de l ágri mas, não  
é f i ngi mento, é angústia por nada ter f unci onado desde que pi seino  
estado de Nova I orque, a começar, mi nha estúpi dai ngenui dade em  
acredi tar que eu poderi a si mpl esmenteme aproxi mar do grego,  
contar mi nha hi stóri a e tudo f i cari a bem.

— Emprego de quê?

Respi ro f undo. É agora ou nunca. Vou preci sar ser a mel hor  
atri z do mundo.

— Babá. Li em uma reportagem que Nova Iorque é um dos estados que paga mel horpor hora. Eu adoro cri ançæ j ácui deide mui tas na mi nha ci dade. Seri a perf ei to.

Por um i nstante,el eme ol hacom tanta seri edadeque quase me remexo na cama, agoni a da por pensar que posso ter posto tudo a perder.

*Fui com mui t a sede ao pot e?*

— Cri ançãas de que i dade?— pergunta e meu coração vol taa bater.

— Bebês, basi camente,ou até uns três anos, eu me garanto — f al o, f orçando um sorri so.





## Capítulo 7



— Só isso?

— *Aham. Eu também não acredito quando vi, então como sou obcecado, comecei a pesquisar sobre ela de novo. A história da vida dela é incrível. Ela é a filha do rei morto e da rainha que não vale nada — meu primo Odi não falou depois de passar tudo o que descobri sobre Harper Cecilia*

— Como sabe até mesmo sobre a dinâmica dentro da família dela?

Ele não responde e eu sacudo a cabeça. Às vezes eu me esqueço com quem estou falando. Odi não segue leis ou convenções sociais quando o que está em jogo é algo importante para ele.

— Como eu imaginando, os parentes dela, os que restaram, não valiam nada. Sua Harper é uma princesa precisa ser salva, mas sem o bônus de ter encontrado príncipe encantado. Na falta dele, mais um pouco e ele avia a alma santa, porque a menina não tem sequer uma multa de trânsito. Na verdade, uma garota, não menina, já que tem vinte anos. Jovem, mas adulta.

— Ele não é “minha” nada. Apenas o acaso aconteceu na vida do outro. E desde quando entende de contos de fadas?

— Sei todos, sem exceção. Se tivesse que escolher um marido para minha filha, um príncipe não seria um mau negócio, embora eu fosse ter uma conversa com ele antes.

Contra todas as probabilidades depois de tanta merda que tive ontem, eu sorri. Eu não gostaria de estar na posição de pobre candidato a genro de Odi.

— Ele vai ser o equívoco. Sua mulher é o melhor de todas as pessoas, o que é incrível, dado a família tóxica da qual provém

— *El i nã meu anj oencar nado*— di ze não pel apri mei rãez eu me pergunto como al guém pode se encantar de tal maneira por uma parcei ra. Eu nunca experi mentei nada nem perto di sso.

Então, eu me lembro do meu irmão Zeus, antes i nabal ávem sua autossuf i ci ênci a e agora compl etamente rendi do por Madi sc

— *Sobre as pri ncesas esper enascer sua pri mei rãeni na*— el e conti nua —, *depoi s você me di z se não vai saber de cor t odas el*

— Não terei mai s fi l hos. J oseph será meu úni co herdei ro.

— *Nunca se sabe. Zeus t ambém par eci apr est esa ent r aem um casament ode conveni ênci æem qual quer chance de cri ançaso fut ur o, no ent ant o, est á aí com uma namorada gr ávi da.*

— É di f erente Meu irmão e Madi son f oram uni do spel amão do desti no. Eu não tenho a menor i ntençãode encontrar al guém para me envol ver a séri o.

— *Todos vocês são t ei mosos.*

— E você está vi rando casamentei ro.

— *Eu não, El i na, que quer mui t os bebês na famí l i a.*

Sorri o, ao pensar que aqui l óé tí pi cãda esposa grega do meu pri mo. El a é uma mul her maravi l hosæ tem uma paci ênci a ãnf i ni com cri anças, tanto as del es quanto as dos outros.

— Então, sobre Harper, é o mesmo? Atropelou uma santa? E o que diabos uma menina como ela veio fazer em Nova Iorque? Interdito Kansas, você disse? Nada poderia ser mais diferente de Manhattan.

— *Para a sua primeira pergunta, a resposta é sim. Deve ter vindo de lá, como todos os outros. Vi o sonho americano sentir o diabo e ele riu porque nós dois sabemos que jovens vulneráveis podem se dar muito mal dependendo de quem atravessasse seu caminho.*

— Eu vou ajudá-la a voltar para casa.

— *Talvez não seja ao que ela quer, afinal, um pouco de tempo que veio para cá.*

— Ela apenas precisa ser devidamente multada. Eu lhe darei uma espécie de indenização por conta do atropelamento e a mandarei para o Kansas em um voo de primeira classe.

— *Ela não teve qualquer sequel a isso?*

— Não. Hoje pela manhã falei com o médico e ele me disse que a garota está bem. Mandei que um advogado a acompanhasse quando o detetive foi tomar o depoimento dela assim que despertou. Quando tiver tudo transferido para uma boa quantidade para que não retorne triste à terra natal e problema resolvido.

— *E se ela não quer ir?*

— Não acredite nisso. Ela vestiu as roupas simplesmente, bem humildemente, mas ela estava arrebitando o fecho. A garota está passando necessidade e claramente precisa de ajuda.

— *Quem carregava uma mala em plena Manhattan?*

— Exatamente. Acho que já estava indo embora. Na verdade, estarei lhe fazendo um favor

— *Pode ser que ela o enxergue como alguém que está lhe matando os sonhos e não um salvador*

— Não se ela for esperta. Você é muito pessimista. Estou tentando ser positivo nessa situação de merda.

— *Não sou pessimista. Sou realista com tendências assim, não é diferente.*

— Tendências? Todos nós somos desconfiados para caralho.

— *Sim, não tente como negar.* — Ela efica em si mesma por alguns segundos antes de voltar a falar — *Deixe-me saber como toda essa história se desenrolou. Se houver algo que possamos fazer pela menina...*

— Como o quê, por exemplo?

— *Se ela não quer ir embora, eu posso lhe arranjar um emprego em uma das minhas empresas.*

— Eu poderi af azeri ssotambém — respondo, só Deus sabe a razão.

— *Mas nem passou pel asua cabeça e si m, despachá-l ao mai s r ápi dpossí vel O que est out ent andd hedi zeré: ouça o que el a quer. Não i mponha. Pel o que descobri , não acho que el a deseje vol t apar a o Kansas. Não há nada esperando-al á, a não ser uma madr ast a que parece que não a suport æ uma mei a-i r mãe que é um monst r o de sai as.*

— Não sou responsável por el a. Pretendo l hedar um tratamento j usto, mas nossa l i gação se encerrará assi m que eu ti ver certeza de que el a está bem e com di nheiro para se manter por um tempo.

— *Tudo bem. Vou pedi r que El i naa vi si te Com certeza encont r ar á al gum l ugar na Associ ação par a a gar ot a.*

— Por que se dar ao trabal ho?

— *Por que eu t enho uma por r adade def ei t o, mas pr ocur oser j ust o. A hi st óri a de vi da del a é f odi da, ao que t udo i ndi ca. Su é al guém sol i t ár iosem esper ança que est á t ent ando mudar o pr ópri o fut ur o. Não há nada de desabonador no passado de Har per ou eu t eri descober t o. Tal v æ el a se j a apenas azar adapar acar al ho e só pr eci se de uma chance.*

Mesmo depois que eu desligo pensando no que ele falou  
Odi não consegue ser aí e daí se desconfia do que nós, à exceção  
de Hades, claro.

Por que diabos está tão preocupado com a garota atropelada?

Anderson também a viu e ficou enfiado e parece enfiado nela  
menina. Dê-me que é doce e humilde.

Levante-me, visto o blazer do terno e saia dela.

Chegou a hora de enfrentar o problema. Tanto meu primo quanto  
meu motorista podem estar comovidos com a história dela.  
Desconheço o sentimento, mas em contrapartida, sou justo. Vou  
fazer o que for possível para ajudá-la depois, viu, a página  
para sempre.



## Capítulo 8



— Então ele já pode ter a filha? — pergunto ao chefe da equipe médica assim que chego ao hospital.

— Sim. Nós fizemos um check-up completo e a senhora Bradley deu entrada há mais de vinte e quatro horas. Com os resultados mais o tempo de observação que consideramos seguro, não vejo porque não liberá-la.

— E pode voar?

— Não. Isso eu não aconselharia ainda. Vamos esperar mais uma semana, ao menos.

Aceno com a cabeça e começo a andar em direção ao quarto em que Harper está hospedada.

A conversa com Odi n não sai da mi nha cabeça.

Devo perguntar o que el aquer f azerou não l hedar al ternati va? A mi nhanecessidade por control eme manda envi á-l para o l ugarde onde vei o porque pel opouco que j ásei a seu respei to— j untando as i nf ormações f orneci da por Odi ne também por Anderson —, a garota não pertence a uma ci dade grande. Entretanto, esperarei para tomar uma deci são após vê-l a.

— Doutor Kostani di s— al guém chama e quando me vi ro dou de cara com Anderson.

— Achei que j á ti nha i do embora. Eu l he dei três di as de f ol g

— Não f ui Eu não preci sode f ol ga F i casem trabal harme dei xa ansi oso.

— Anderson, como j á l he di sse, não há o que temer. Seu emprego está garanti do.

El eacena com a cabeça, concordando porque j áme conhece há tempo demai s e sabe que nunca vol to atrás com a pal avra.

— Não f oi por i sso que f i queieç si mporque não queri adei xara senhori ta Bradl ey sozi nha.

Franzo a testa, estranhando. Meu motori stanão costuma ser tão protetor.

— O que há de errado com el a?

— Errado? Nada, mas a menina parece um anjo. Estou preocupado que insistam ficarem Nova Iorque se meta em confusão.

— Ela disse que pretende ficar?

— Sim. Falou que fez uma promessa de que venceria a cidade grande e que pretende cumprí-la, então eu pensei ...

— O quê?

— O senhor disse que pretendi a investidora, certo?

— Sim. E já fiz.

— Encontrou algo?

— Não. Ela é apenas uma garota do interior perdida na cidade grande.

— Cici me disse...

— *Cici* — interrompo-o.

— Sim, ela me disse que odei ao primeiro nome porque foi sua madrasta quem o escolheu.

— Como seria possível?

— Também fiquei confuso, mas ela me explicou apenas quinze dias após a mãe morrer, já havia outra mulher dentro de casa. Foi assim que ganhou o nome que detesta: Harper, que era

como se chamava uma parente da madrasta. Ela aceitou Ceci, mas entanto, mas prefere Ceci.

Por um instante acho que bati a cabeça e acordei em uma realidade para ele. Esse homem falado com o nome é o Anderson que eu conheço. Meu motorista é fechado e talvez por conviverá muito tempo com a minha família, desconfio também.

— Continue.

— Como eu ia falando, aconteceu que veio morar em Nova Iorque porque o salário para a função na qual trabalha é bem melhor.

— De que função está falando?

Ele limpou a garganta, mas vejo seus olhos brilhando.

— Babá. Não parece um milagre de Deus?

Eu não acredito em milagre. Caso ele existisse, sua não estaria morta, deixando um bebê de poucos meses e...

Afasto rapidamente o pensamento. Eu passei tempo demais analisando o que aconteceu por todos os ângulos. É estúpido continuar insistindo em algo que não se modificará. Minha esposa morreu e nada a trará de volta.

Olho para o homem que conheço a minha vida inteira e lamento ter que destruir suas esperanças, porque vejo onde aqui está

indo. Não há maneira de que eu vá deitar uma desconhecida que sequer consegue atravessar a rua sem tentar se matar, cujo dardo me feriu.

— Não vou contratá-la.

Vejam por sua expressão que era exatamente o que planejamos sugerir.

— Com todo o respeito, doutor Kostandis, mas por que não?

— Ela é uma estranha.

— Tecnicamente, todas são.

— Mas são estranhas *qualificadas*

— De novo peço perdão pela ousadia, mas não são *tão* qualificadas assim. Nenhuma delas parou no emprego. Mesmo a senhora Nuttle, só está conosco há poucos meses e a cada cinco minutos ameaça pedir demissão.

Infelizmente não tenho como argumentar contra isso, mas ainda assim, não pretendo colocar meu filho à mercê de uma garota que não tem noção do perigo.

— Cícero já trabalhou como babá na cidade dela e ama criança.

— Não, Anderson. Agradeço a boa vontade, mas não vou contratá-la. Se a sua preocupação é em como ela vai se manter, saiba que farei o possível para que volte para casa bem.

El esacode a cabeça, como se qui sessedi zermái s, entretanto apenas se despede e vai embora com a decepção estampada no rosto.

Respiro fundo antes de bater na porta do quarto. Eu não pretendo ficar mais do que cinco minutos, mas ainda assim, me aborrece ter que falar com ela. Parece que todos acham que a garota desconheci de quem que permanecer na minha vida de uma maneira ou de outra.

Eu gostaria de nem precisar vê-la, porém, sou um Kostani di se nunca fujo das minhas responsabilidades.

Bato duas vezes na porta e aguardo.

O tempo que ela leva para responder é um pouco maior do que a minha paciência aguenta, mas quando me preparo para uma terceira batida, uma voz suave diz:

— Pode entrar.

Seguro a maçaneta hesitante, o que não é algo comum para mim. No entanto, a razão é que eu preferiria em algumas vezes apenas fazer um cheque e me livrado incômodo de uma interação. Então, penso na minha mãe e no quanto ela se aficaria decepcionada se eu agisse assim.

— Senhora Bradley? — chamo, mesmo antes de vê-la.

— Sim, sou eu.

Dou dois passos para dentro do quarto e então fico frente a frente.

Por um instante, eu só a encaro. Na confusão que se passou ontem, não me lembrava de que fosse tão bonita.

Não, ela não é bonita apenas, é linda. Uma fada de cabelos vermelhos alaranjados e olhos azuis enormes e brilhantes, que parecem ainda maiores no delicado rosto sardento.

Ela é tão frágil que acho que com um pequeno aperto se quebraria.

Tem um ar inocente também. Não importa a idade biológica: Harper Cecily é uma criança.

Agora, mais do que nunca, eu sei que preciso enviá-la de volta para casa. Se continuar em Nova Iorque, esse anjo será devorado.

— Meu nome é Dionysus Kostanidis, senhorita Bradley — falo antes que ela abra a boca —, e vou providenciar para que volte para sua cidade mais rapidamente possível. Tal vez, na próxima vez em que se jogar na frente de um carro, não tenha tanta sorte.



## Capítulo 9



— Senhorita Bradley? — Ouço uma voz poderosa chamar e meu corpo treme porque sei que a hora da verdade chegou.

Ele não precisa ser anunciado, tenho certeza de que estou prestes a me encontrar com Dionysus Kostanis.

— Sim, sou eu — respondo, tentando transmitir calma.

*Volte a respirar, Ceci* — ordeno a mim mesma assim que o homem queansi encontrar nos últimos meses entra no quarto de hospital.

Eu não consigo, no entanto. Estou muito impactada com a presença do grego para sequer lembrar que planejei quando nos

víssemos. Mal recordo meu nome, na verdade.

Eu sabia que ele era bonito apesar de ser feio na internet. Aliás, se há algo que se pode dizer a respeito dos irmãos Kostaniadis, é que têm uma genética abençoada.

Nenhuma foto fez jus, porém, a sua presença.

Calculo que tenha perto de um metro e noventa, ombros retos, largose com um corpo de musculatura sólida. Ele parece um deus mesmo.

O cabelo é escuro e alcança os ombros, mais longo do que recordava. Uma barba cerrada, perfeita modelo ao rosto de máximo angularoso.

Propositadamente, foco na roupa — terno, camisa e gravata negros e que se encaixam tão bem nele como se fossem uma segunda pele —, dando uma rápida espiada nos olhos apenas e sem chegar a uma conclusão: são verdes, azul ou cinzentos. Talvez uma combinação dessas três cores, criando uma nuance única.

Não é o tom o que mais me impressiona, porém, e sim, a maneira de olhar que me encara. Eu não preciso que alguém me diga que ele é um homem que não teme nada.

Há frieza em seus olhos, o que o torna ainda mais intimidante

El esse destacam contra a pel enatural mentedourada e são uma contradição, também.

Tudo no homem gri tacal ore fogo. Sua expressão, porém, é de “af aste-se”.

Não fosse minha situação atual, ou melhor, minha *miséria* eu pediria a chance de escapar para bem longe do magnata, porque fico claro que estou diante de alguém com quem não se deve brincar.

*Meu Deus do céu, onde fui me meter?*

Meu estômago dá cambalhotas de ansiedade.

Sei que tenho pouco tempo e não posso simplesmente encarando-o como se estivesse catatônico, então tento me lembrar de todas as informações que tenho a respeito dele.

É o terceiro dos quatro irmãos Kostani de Sofia e foi há poucos meses — essa última parte faz meu coração piorar.

Será que ele sabe com quem esteve casado?

Havia fotos dele com Sue na internet e em nenhuma delas eu consegui chegar a uma conclusão se eram felizes. Apesar disso, formavam um lindo casal.

O que duvido, no entanto, é que a esposa tenha lhe contado a história toda sobre o pai de Joseph.

Estou criando coragem para falar, quando, de repente, solta:

— Meu nome é Di onysus Kostani di sşenhorita Bradl ey— di z, antes que eu abra a boca —, e vou provi denci a para que vol te para sua ci dadeo mai srapi damentepossí vel .Tal vez,na próxi mavez em que se j ogar na f rente de um carro, não tenha tanta sorte.

O quê? De todas as coi sasque i magi neque di ri açada chegava sequer perto di sso.

Repi tomental mentesuas pal avrase, aos poucos, o nervosi smo vai sendo substi tuí do por rai va.

El esi npl esmente entrou aqui , se apresentou e di sse que me envi ari a de vol ta para casa?

Quem el e pensa que é para tomar deci sões por mi m?

Eu nem posso cul pá-l com rel açãoa úl ti mparte do que di sse, porque agi como uma l oucamesmo, entrando na f rente do carro. Após conversar com o senhor Anderson, me senti cul pada para caramba porque percebi que dei um susto no motori sta,mas nada di ssodá di rei tao grego de achar que pode determi nado que vou fazer com a mi nha vi da.

Deus, como fui estúpi da em pensar que um homem como el e, acostumado a ter o mundo aos pés e ser rei de seu uni verso, me ouvi ri a.

— Eu não vou voltar para o Kansas — falava com toda a calma, quando por dentro estou fervendo.

Tenho plena consciência de que sou a errada na história, mas ter entrado na frente do carro não foi irresponsabilidade. Foi fruto do desespero.

Ela me encara, como se não estivesse acreditando que tive a ousadia de enfrentá-la.

Somos dois. Eu também não sei o que me deu.

Preciso ser humilde e tentar ganhar a simpatia dele — o que dado esse primeiro contato, já começo a acreditar que será impossível.

— Não ouviu o que eu tenho a propor ainda, senhora. Vai ser bem remunerada.

— Eu não quero seu dinheiro, doutor Kostani. Eu já falava com a polícia e disse que o erro foi meu. Atravessei sem olhar. Sou distraída. Não tem qualquer culpa no que aconteceu — digo e despejo um pouco do remorso que estava preenchendo meu coração. — Vi para Nova Iorque procurar um emprego, não pedir esmola.

Resolvi mudar de estratégia porque preciso somente de poucos minutos para entender que não vou conseguir movê-la com a

mi nha hi stóri a.

Agora tenho certeza de que a mi nha abordagem foi a mais serrada possível e que eu não deveria ter feito isso que fiz. Se sem saber de nada, ele quer se livrar de mim, se eu lhe contar tudo, nunca mais terei outra oportunidade.

Sua frieza percorre pelo meu corpo e não consigo pensar em ninguém como Dionysus Kostani disse como eu sou. Isso é exatamente o que sou.

— Eu gostaria de compensá-lo pelo prejuízo que causei — continuo, mesmo que aos meus próprios ouvidos a proposta soe ridícula, mas estou desesperadamente tentando me agarrar a uma chance de me manter em Manhattan.

— *Me compensar?* — repete, erguendo uma sobrancelha com ironia.

— Sim. Suponho que o carro tenha ficado amassado. Eu não tenho dinheiro agora, mas posso trabalhar para pagá-lo.

*Por favor me dê o endereço*

— Quem é você?

Meu coração bate tão depressa que sinto-o no ouvido.

— Não entendi .

— Entendeu, sim. Se jogou na frente do meu carro com aquele propósito. Qual foi? O que espera conseguir de mim? Se é uma indenização, já estou oferecendo-a.

O medo se esvai, dando lugar à indignação.

— Talvez, no seu mundo, tudo se resume a dinheiro. No meu, procuro fazer o que acho certo. Eu li porque sei um prejuízo e pensei em compensá-lo. Apenas isso.

As mentiras só aumentam e sei que estou entrando em um jogo cujas regras desconheço, mas ele está me colocando contra a parede e tenho que reverter isso, antes de perder totalmente a aposta que fiz ao vir para Nova Iorque.

— Eu conversei com o senhor Colton. Ele me disse que precisava de uma babá para o seu filho. Eu tenho experiência e posso lhe dar referências, inclusive.

É um alívio depois de tantas inverdades, poder falar algo real.

— Não vai trabalhar para mim. Eu teria que ser louco para deixar uma garota, que sequer consegue atravessar uma rua sem tentar se matar, cuidar do meu menino.

Dois sentimentos me atingem simultaneamente.

O primeiro é alívio porque ele finalmente parece acreditar que não tenho segundas intenções — e ele está muito enganado sobre isso.

O segundo, e mais assustador, é que acabo de ter certeza de que o que planejamos está indo adiante. Se o doutor Kostani não permitir que eu vá para a casa dele para contar o que aconteceu, eu não contaria a história completa?

## Capítulo 10



El año reagi u como eu esperava e surpreendentemente, ao  
i nvés daqui l o me i rri tatri ga.

Não querendo ser um f i l h o da puta arrogante, mas está cl aro  
que a garota não tem uma boa si tuação f i nancei ra q ue deveri a  
f azê-l a agarrar com unhas e dentes a chance que estou l he dando.

Ao i nvés di sso, parece i ndi gnada.

— Acho que termi namos nossa conversa então, doutor  
Kostani di s.

Tento di sf arçar o meu espanto.

*El a est á me di spensando?*

Eu a encaro com mais atenção agora e percebo que por  
baixada aparência afim de Ceci Ly tem coragem, para dizer o mínimo.  
Eu não duvidava de que ela fosse a turasai baquem eu sou, porque o nome  
da minha amiga já conheci no mundo inteiro. Ainda assim, não  
parece impressionada. Não baixou a cabeça por nenhum momento,  
pelo contrário, age de igual para igual porque é extremamente meu  
uni verso.

Estou acostumado a que tentem adivinhar meus desejos  
antes mesmo que eu os expresse. E esse número de bajuladores  
aumenta consideravelmente quando se trata de mulheres.

Sempre parecem ansiosas para me satisfazer

— Por que a pressa de que eu vá embora, Ceci Ly?

Faço a concessão de não lhe chamar de Harper, lembrando  
do que Anderson me contou sobre a madrasta dela, mas, em  
contrapartida, dou cada palavra com uma gota de sedução. Estou  
determinado a fazê-la ceder à minha vontade, mas também curioso  
sobre a razão de parecer tão ansiosa.

Ficou satisfeita quando noto que engole em seco, mas confuso  
quando, em seguida, cruza os braços em frente ao peito para  
esconder os seios muito bem dela. Não espelha a camiãoado  
hospital.

El año está reagi ndoa mi m̃ como sempre acontece com as mul heres. Fui proposi tadamente mai s suave quando l he fi za pergunta há pouco, mas i ssoparece ter f ei tœom que se f echasse ai nda mai s.

### *Est r anho*

— Eu não quero seu di nhei ro— repete —, quero um emprego. A úni cacoi saque sei f azer é cui darde cri ançasou de l i vrosNão é dono de uma bi bl i oteca, que descarta os l i vros,mas tem um f i l hEntretanto, di sse-meque não vai permi ti que sej aa babá del eporque sou di straí daNão acho que há al goque eu possa f azer para convencê-l odo contrári o, assi m, eu preci soque me dê l i cença para poder trocar de roupa. Quero i r embora.

— Ir embora para onde? — pergunto, dei xando cl aroque sei que sua si tuação f i nancei ra não é das mel hores.— Al émdo mai s, não recebeu al ta ai nda.

— Por al gumarazão que desconheço, o médi codi sseque só me dari aal tadepoi sque o senhor vi esse me vi si tarEstá aqui e j á conversamos. Obri gada por custear o hospi tal .Gostari a de di zer que vou reembol sá-l o um di a,mas sei que será i mpossí velentão, nesse caso, vou engol i meu orgul hoe acei tar Com i ssoresol vi do não acho que tenhamos mai s nada para di zer um ao outro.

Eu a estudo para ver se está bl ef ando.

Não, ela f al æéri oe há tanta di gni dadem seu di scursoque se eu f osse um homem sensí vel , me senti ri a mal .

Eu não sou. Ceci l ysó fez despertar meu i nteresse por sua coragem de me enf rentar

— Não tem qual i f i cação para ser babá de J oseph.

Não dou do ti poque expl i caas deci sões para al guém, mas de al gum modo, me pego tentando retardar nossa separação.

— J oseph? É esse o nome del e?

Aceno com a cabeça.

— O que houve com a antecessora?

— El as nunca param no servi ço, por uma razão ou outra.

— Eu f i cari a.

— Você não serve — f al onovamente, quando el ase l evanta, mas agora mi nha negati va tem outra razão.

Eu teri a que estar morto para não notar que o teci do da cami sol não faz mui to para esconder seu corpo de mim e o que vej o parece del i ci osMesmo com a roupa di sf ormepercebo ancas l argas, o que me exci ta.

Percorro suas pernas nuas com o ol haç demorando nos pés pequenos e del i cadosEu deveri aparar por aqui ,mas agora preci so

ver mais. Então, continuo meu inventário por seu corpo.

Quando chego na altura dos seios, os mamilos estão durinhos, empurrando a veste. Ela sabe que estou cobrindo-a, mas não faz nada para se proteger de mim.

Não é como se eu também estivesse escondendo meu desejo. Ela apodera-se cobrir ou até mesmo ir para o banheiro da suíte, ao invés disso, fica parada, como em um desafio *opode olhar mas não pode ter*

A doce Cecily é uma provocadora?

Eu sinto tesão em mulheres que possuem corpos de ampulhetas como o dela mesmo que saia baque não iramosa lugar algum a partir daqui, eu gosto do que vejo. Não tenho por que desfiar isso.

— Porque sou desastrada? — pergunta, quando finalmente chego a altura de seu rosto.

A respiração a alcança em arfadas profundas e é quando tenho certeza de que ela também.

— Não só por isso — respondo, sem ela aborrecer a respeito porque agora já não tem nada a ver com o fato de eu achar que Cecily tem problemas sérios de atenção e coordenação motora, porque seu jeito combativo-passivo, combinado ao rosto lindíssimo

corpo matador, me fizem querer ir até onde está e descobri o que se esconde por baixo da roupa de hospital .

Eu me sinto despertado como há muito tempo não acontecia. Sai o com mulheres em uma base regulada. Eu as amo como gênero e também o prazer que me proporcionam, mas não estou acostumado a sentir uma necessidade voraz. No meu mundo, quando quero sexo com uma mulher, não é uma questão de “se” vou possuí-la e sim, “quando”.

Nunca desejaria que me fizesse na vontade. Sempre sou correspondido.

Ceci, que já havia roubado minha atenção, agora ganhou também de bônus meu desejo e ficou perguntando a razão. Ela não é como as mulheres com quem estou acostumado a sair. É jovem demais, nem um pouco sofisticada, apesar da aparência etérea, é tão suave como um *cacto*

Ela não tem feito outra coisa desde que entrei aqui a não ser me enfrentar

A garota despertar meu interesse é só mais uma prova de que não devo contratá-la. A última coisa que preciso sentir é por uma mulher que terá que dormir na minha casa. Quando tudo

chegar ao fim e minha luxúria é insatisfeita, não terei como me livrar dela.

— Não sou suicida e é isso que está pensando. Eu amo a vida. Estava exausta e me distraí— disse precipitosamente para voltar ao mundo real.

Limpa a mente da vontade de fazê-linha, endureço o tom:

— Se não fosse a habilidade e atenção de Anderson, poderia ter perdido a vida. Volte para onde veio, senhora Bradley Nova. Porque jantamos como você em duas garfadas.

Ela cumprime os lábios sei que quer continuar me desafiando, mas não faz porque acho que o orgulho não permite.

Cecily começa a caminhar até o banheiro, sem se dar ao trabalho de pedir licença e me ignorando ostensivamente.

*Será que não percebe que estou vivendo o bem dela?*

Nem eu mesmo entendo o que aínda faço aqui. Eu ofereci ajuda e ela recusou. O que mais há para ser dito? Aínda assim, não consigo ir embora porque tenho a sensação de estar sendo injusto.

— Senhora Bradley...

Ela para e me encara outra vez, mas antes que eu possa abrir a boca, ouvi uma batida na porta e em seguida, Ela não

esposa de Odi n, entra.

— Di onysus, como está? Gostaria de ter uma pal avri nhã com a garota que você atropelou.

— Eu não...

Ela se aproxima, me beija e abraça.

— Eu sei que não a atropelou realmente, mas gosto de ver vocês, homens arrogantes, perderem o controle.— Sorri.— Olá, Harper, meu nome é Eli e eu vi aqui para salvar as mãos deste grego malvado.



# Capítulo 11



Eu ainda cuido um pouco para dar atenção à mulher com aspecto de top model que acaba de entrar no meu quarto de hospital porque estou presa à presença do homem que era minha esperança, mas que vem aos poucos se tornando meu alívio.

Nada do que sai da boca de Dionysus em relação a mim foi agradável apesar de eu ter que reconhecer que, dado o que fez, ele está sendo generoso.

Entretanto, sua generosidade não me serve. Eu preciso ficar viva dele, agora entendo. Caso contrário, nunca poderei me aproximar de Joseph.

Não há a menor chance desse homem desconfiar e acreditarem  
minha história sem que me conheça ao menos um pouco antes.

O grego mandão parece não poder esperar o suficiente para se  
livrar de mim.

Eu deveria detestá-lo, não importa quanto lindoseja, mas ainda  
assim, sinto-me enredada em uma teia invisível e sensualidade  
que não importa o quanto eu me esforce, não consigo me libertar.

Tem que ser algo que pode magiar que o nome dele evoca. Não há  
outra explicação porque, sem medo de errar, eu nunca conheci  
alguém tão arrogante.

Dionysus é daquele tipo que as mulheres viram a cabeça para  
olhar quando passa na rua, não somente porque é dono de uma  
beleza que não deixaria nada a dever a um modelo fotográfico  
masculino, mas porque tem aquele “algo mais”, uma sedução  
atentee tão selvagem que faz com que meu coração mantenha-se  
constantemente disparado e que me esqueça de mim mesma.

No pouco tempo em que estamos falando, eu entendi que não  
apenas me aproximei da janela e não sem ter a menor ideia  
como domesticá-lo. Eu estou *dentro* dele.

E não é só isso. A maneira como ele me encara, apesar da boca  
cuspir anímosidade, é como um homem olha para uma mulher.

Eu deveri ai gnorá-l porque a atração f í si caão só é mútua, mas avassal adora.O corpo muscul osoe o rosto sexy do meu i ni mi ge porque é i ssoque el evem se tornando — me desperta de um modo que me dei xa trêmul a.El e é peri goso para mi m em mai s de um senti do.

Ao i nvés de correr, porém, f i queiparada como uma presa se of erecendo em sacri f í ci o ao caçador

Engul o em seco, me obri gando a vol tar ao mundo real , mas mesmo quando desvi o os ol hos para dar atenção à mul her que acaba de chegar, si ntoos del eem mi me meu corpo corresponde, arrepi ando-se i nteiro.

— Ol á,dona El i naPode me chamar só de Ceci l.yÉ um prazer conhecê-la.— *Mesmo que eu não façaa menor i dei de quem sej a ou o que est áfazendo aqui .*— Se puder me dar ci ncomi nutos,vou apenas trocar de roupa.

— Si m,f açai so e depoi svamos conversar sobre seus pl anos em Nova I orque.

*O quê? Qual o si gni f i cado di sso e quem é essa mul her ?*

Não sou do ti poque di spensa oportuni dades,no entanto, e sem mai s uma pal avra, corro para o banhei ro em anexo para me trocar

Eu acho que bato todos os recordes de velocidade ao me vestir, uma parte tolhe-me o antigo medo de que a mulher se vá e me dei xesozo novamente com o homem prepotente. Não porque eu ache que ele pode me fazer mal, mas porque não confio em mim mesma em não deixá-lo me convencer a ir embora, já que o grego parece capaz de poder, com todo aquele charme arrogante, conseguir convencer um esquimó a comprar gelado.

No que na maioria das pessoas é uma característica desagradável, a arrogância dele torna-o ainda mais fascinante.

Eu preciso tomar muito cuidado com o doutor Kostandis.

Apesar de não haver qualquer foto dele com mulheres nas revistas das atuais, talvez por conta da vez relativamente recente, no passado não só ele como os irmãos eram muito apreciados por si desde a juventude, eram modelos internacionais. Mulheres lindas sofriam cada uma. O magnata é um conquistador e fica enamorado por ele e vai tornar mais difícil alcançar meu objetivo.

Abaixei-me para olhar o rosto. Quando torno a erguê-lo, vejo minha imagem refletida no espelho e sinto vontade de chorar.

Estou pálida com um aspecto cansado e acabo de ter certeza de que ninguém quer que eu tenha sucesso que pudesse haver da parte do

doutor Kostanidi spor mi m. Não há manei rade um homem daquel e me ol har com desejo.

Pareço uma boneca de l ouça com os ol hos azuis se destacando mui to no rosto.

Fi coagradeço a que tenham dei xadomi nhabol sano banhei roe pego um pente nel a para dei xar o cabel o mi ni mamente apresentável . Quando acho que estou bem o suf i ci ente para enf rentar os doi sestranhos do l adode f ora, seguro a maçaneta e sai o.

— Si ntomui to por ter demorado — f al para a l oi raj gnorando compl etamente o bi l i onário o.

No f undo, eu ti nha esperança de que el e j á ti vesse parti do, apesar de preci sar mui to que el e não se af aste.

É, no momento, sou uma massa conf usa de pensamentos contradi tóri os.

— Sou a esposa de Odi n, um pri mode Di onysus, Ceci l y— di z, usando meu pri mei ro nome como pedi —, e vi m aqui para aj udá-

— Aj udar-me? — pergunto, conf usa.

— Si m, mas pri mei ro quero que me conte sua hi stóri a.

— Não sei se estou entendendo.

O tempo todo que falamos com ela assim, como se fosse o mesmo homem em mim, mas não é a mesma pessoa.

— Você não é daqui — ela diz.

— Não, sou do Kansas — respondo, embora eu tenha quase certeza de que ela já sabia disso.

*Quem é essa gente? Ela sempre investiu garantidamente em Deus, aonde fui me meter?*

— E veio para Nova York à procura de um emprego de babá — diz, e eu suspiro aliviada.

Ah, deve ter sido o senhor Colton quem lhe contou. Mas se foi o caso, como pôde chegar aqui tão rápido?

— Sim, eu vim — falando garantindo esta chance. Não é como se eu tivesse muitas opções. — Mas não dei muita sorte até agora.

Ela olha para a mala perto da cama.

— Estava indo embora?

— Eu considerei essa possibilidade, sim — falamos com cuidado —, mas fiquei muito triste se tivesse que fazer isso.

— Por quê?

— Porque eu vim para Nova York para alcançar um objetivo — respondo, mentindo apenas parcialmente. — E não gostaria de partir sem realizá-lo.

Nenhum dos dois precisa saber que meu objetivo não tem nada a ver com ganhar mais dinheiro porque eu não preciso disso. Estava muito feliz com a pequena biblioteca comunitária da cidade onde nasci e cuidando dos bebês de vizinhos nas horas livres.

Não é dinheiro o que me motiva, é a liberdade.

— Eu não tenho mais filhos pequenos que precisam de babás — diz e eu abro a boca, espantada.

Ela está me dizendo que se tivesse, os deixaria sob meus cuidados?

Sem conseguir impedir, o grego e o americano, me surpreendem com sua presença. Eu o encaro de igual para igual e mando uma mensagem silenciosa “eu não preciso de você”, embora seja uma mentira.

— Mas tenho uma Associação e posso tentar encará-la de alguma função.

— Eu não estou tentando ser ingrata, mas por que fazer isso?

— Porque meu marido contou sua situação — continua, sem dar qualquer explicação de como o marido dela sabe da minha vida.

— E eu quero que você tenha uma chance. Talvez não seja o que imagina, mas não se preocupe, estou correndo para sua cidade.

Eu vou sair agora mesmo se fosse possível mas não é. Eu não posso deixar o garotinho a quem vim conhecer para trás.

— Eu não vou voltar para minha cidade, dona Eliana. Estou determinada a mudar minha vida.

— Eliana somente, Cecilia. Quanto a não querer mais si rembora, espere alguns meses para tomar uma decisão definitiva.

Depois dessa espécie de previsão, ela começa a me fazer perguntas sobre o que sei fazer e quando explique que já trabalhei em uma biblioteca também, apesar do lugar ter um acervo mínimo, parece encantada.

— Nós temos uma biblioteca em nossa Associação. Tenho certeza de que posso lhe arranjar alguma coisa por lá.

— Eu não vou recusar, Eliana. Agradeço muito sua generosidade.

— Ela não precisa trabalhar na Associação. — Dionysus se intromete. — Se quer mesmo ficar em Nova Iorque — continua, me encarando —, posso conseguir-lhe qualquer coisa na minha emissora ou no banco.

Aquele é o momento em que eu deveria me calar. Ou, talvez, cair aos pés dele, agradecida, porque é a chance que eu estava esperando para me aproximar do grego e conseqüentemente, de

Joseph. Entretanto, uma espécie de entidade rebelde toma conta do meu corpo, e antes que eu possa me parar, me vejo dizendo:

— Obrigada, doutor Kostani dissemas eu preferi trabalhar para Ele. Nós dois sabemos como sou estabancada. Longe de mim querer lhe causar prejuízos.

Ele me olha incrédulo, como se não acreditasse que estou recusando a oferta e mesmo sabendo que cometi uma espécie de suicídio que diz respeito ao meu plano, uma satisfação mesquinha se espalha pelo meu peito quando o deixo sem respos





## Capítulo 12



Enquanto saí do quarto, eu mal acreditei no que acaba de acontecer.

Quando eu finalmente decidi ceder, Cecilia optou por não aceitar minha generosa oferta de lhe oferecer um emprego?

*Não é problema seu — uma voz avisou. — Fez seu melhor e ela recusou tanto a ajuda financeira, quanto ao pagamento do hospital quanto um emprego.*

Então por que estou indo embora com a sensação de que fui injusto?

Não sou de me arrepender das decisões que tomo, mas sinto-me como se estivessem diante de mim, o que é louco. Já que foi a garota quem, literalmente, atravessou o meu caminho, quase se matando e trazendo-me problemas.

Pego o celular para conferir uma reunião que terei daqui a uma hora, mas ao invés de ver a página, dando por encerrada a participação de Cecilia Harper Bradley em minha vida e me concentrar no trabalho, que é meu foco principal, depois de Joseph, pego-me analisando que Anderson disse sobre contratá-lo como babá.

Não. Nunca daria certo. Eu já mais me relacionei com funcionários antes, mas me conheço e sei que se tivesse Cecilia ao alcance da mão, a seduziria.

O celular arde e vejo no visor que é Zeus.

— Onde você está? A garota já recebeu a carta, presumo.

Eu mandei uma mensagem a ele avisando que ele estava bem e também lhe contando sobre o que eu descobri a respeito de Cecilia, porque meu irmão mais velho precisa controlar tudo nos mínimos detalhes.

— Acabei de sair do quarto. Ele está lá, mas não vai embora de Nova York como eu desejava.

— *Como você desejava? Desde quando se importa com o destino de estranhos?*

— Eu não me importo. Foi maneirado dizer. De qualquer modo, ela não terá um emprego a ela. A partir de agora, Cecilia não é mais problema meu.

— *Cecilia? Pensei que o nome dela fosse Harper Cecilia, senhora da Bradley.*

Agora tenho certeza de que ele está me provocando, mas mesmo assim, mordo a língua.

— Ela não gosta que a chamem de Harper, por causa da madrasta.

Explícitamente o que Odi não descobriu e também o que Anderson contou.

— *O que há com a garota que está chamando sua atenção?—* meu irmão pergunta de seu jeito tão característico.

— Não sei do que você está falando.

— *Sabe, sim. Apesar do que me disse, que ela não é mais problema seu, ela parece ser muito “problema seu” ainda.*

Suspiro, irritado por ele me conhecer tão bem.

— Eu não gosto de me sentir dividida com quem quer que seja. Cecilia não aceitou a vida que nasceu e tenho a sensação de que não

fiz tudo o que podia para ampará-la.

— *Como o quê, por exemplo?*

— Ela queri aum emprego e eu só lheofereci depois que Ela não fez a oferta. Foi quando ela recusou.

— *Por que não lheofereci antes? Qual querum de nós poderia a  
lhe conseguir uma posição em nossas empresas.*

— Porque ela não pertence aqui.

— *Você está aqui só para cacetê. Nunca se importou com a  
vida de estranhos.*

— Essa discussão não faz mais sentido. Ceci já está em Nova York. Agora preciso porque tenho uma reunião dentro de pouco tempo. Já tomou alguma decisão sobre o casamento?

— *Sim, faremos o mais breve possível.*

— Achei que Madsen fosse esperar a irmã sair do coma. Parece que Athanasios tem certeza de que conseguirá trazê-la de volta.

— *Sim, eu acredito que ele o fará. Se Brooklyntem alguma chance, é com ele. Com a realização do casamento, eu não quero esperar e Madsen concordou com isso.*

A despeito da manhã infernal, eu ri o.

— Você está apaixonado.

— *Pai xãonão def i neó que el a é par a mi mpor que esse é um sent i ment passagei r oMadi sone os bebês que el aest áesper ando são meu oxi gên i o.*

Depoi sque desl i goai ndaf i o um tempo parado no corredor do hospi tal , pensando na conversa que acabamos de ter

*Oxi gên i o.*

Como será ser tão l i gadoa al guém ao ponto de não poder i magi nar sua vi da sem el a?

Nosso pai era assi mem rel açãoà mamãe, tanto que no mesmo di a em que el a f al eceu, el e ti rou a própri a vi da.

Não, esse ti po de pri são não é para mi m. Eu não quero ou preci so de compl i cações no meu cami nho. J oseph me basta.

Chamo o el evado, determi nadoa esquecer Ceci l y e tudo o que a trouxe à mi nha vi da, quando noto al guém parado ao meu l ado. Quando ol ho, vej o Anderson.

— Ai nda por aqui ?— pergunto. — Vá para casa e aprovei tea f ol ga que l he dei , Anderson.

Ao contrári o de quando o dei xei mai s cedo, agora el e sorri .

— Agora i rei ši m.Acabei de sai rdo quarto de Ci cie soube que el avai f i casob a proteção da senhora Lykai os.Posso descansar, enf i m.

— Por que tanta preocupação com ela? Não teve culpa no atropelamento.

— Não sei explicar o que tem ali na mente dela naquele momento. Quando entrei no quarto, ela e a dona Eli estavam rindo como se se conhecessem há muito tempo. Cici é encantadora.

*Encantadora.*

Não, essa não é a palavra que eu usaria para descrevê-la, embora concorde que é linda.

*Delicioso para mim, a definição a melhor*



# Capítulo 13



## Três semanas depois

— Por que parece que tem formigamento dentro da roupa? São apenas pessoas, Ci ci Não foi que não agitada— Ele não faz, quando me observa torcer as mãos no colo.

— Não pertencço ao seu meio, Ele não é meu pai, não acho que o doutor Kostani vá gostar de me ver por aqui. Ele estava louco para se livrar de mim quando você me fez a oferta de emprego, acabou com os planos dele.

— Quanto a não pertencer ao meu meio, isso é bobagem. Você é a mais seducida do que a maioria das pessoas com quem convivo. Qual é o problema real?

— A insegurança em relação a fazer algo inadequado hoje.

— Isso é besteira. Está bem vestida e o novo corte de cabelo te deixou com uma aparência sofisticada. As mulheres vão morrer de inveja de você.

Ele só pode ser um anjo que Deus colocou no meu caminho mesmo. Ele não é só patroa, mas uma amiga. Levei-me para fazer compras e ao sair de beleza se recusou a descontar do meu salário tanto as roupas novas, quanto o novo visual. Agora eu já não sinto que estou do restante da população feminina.

Também tenho um lugar para morar: uma quitinete que ele me disse que lhe pertence e que estava vago, de modo que posso ir caminhando para o trabalho.

— Quanto a Dionysus, ele te ofereceu um emprego também. Não se aborreça ao vê-lo aqui.

— É, ofereceu, mas não antes que você fizesse. Tenho quase certeza de que foi somente porque deve ser competitivo e não gosta de ficar para trás.

Ele dá risada e não discorda.

— El eme acha doi dapor ter atravessado sem ol har— f al ome senti ndocul padapor ocul tara verdade del a.Porém, ai ndaque sej a mui tobondosa, El i nã parente dos Kostani di \$por af i ni dadê,áque o mari do, Odi n, é pri mo del es.

— Di zi sso porque não qui si hedar o emprego como babá de J oseph?

Aceno com a cabeça, concordando.

— Não l eve para o l adopessoal o f ato de Di onysus não ter te contratado para cui dar do f i l hi nho, Ci ci . J oseph é o mundo del e

— Aonde está a mãe do meni no?— pergunto, me senti ndouma f al sa por ter que f i ngi r que não sei que Sue está morta.

O rosto l i ndo de El i na se f echa com desgosto.

— El a morreu em um aci dente de carro.

— Não gostava del a?— pergunto, porque está óbvi oque não e eu quero saber o por quê.

Sei a razão pel aqual eu odi avaa mul her, mas achei que el ase desse bem com a f amí l i a de Di onysus.

— Não devemos f al amal dos mortos, mas não é porque morreu que vi rou santa, né? Não vou entrar nesse assunto porque acho que a al madaquel al ápreci sade paz, mas di gamosque “não gostar” é resumi r mui to o quanto eu a desprezava.

Eu não deveri a i nsi ştirras não resi sto.

— Por quê?

El asacode a cabeça de um l adopara o outro e por um momento acho que não vai me responder,mas de repente, di z:

— Não há uma úni caexpl i ação. O conj untoda obra, eu acho. Eu senti a uma péssi ma vi bração nel a. Como quando estamos di a de al guémque representa o tempo todo, sabe? E como você deve ter percebi do, mi nha tendênci a é gostar das pessoas.

Fi coespantada com o quanto El i né i ntui ti va porque se tem al go que se pode di zer em rel ação à Sue, é que el a era uma menti rosa.

— El es... hum... el a e o doutor Di onysus eram apai xonados?

Mi nha chef e encara-me por um i nstante, como se esti vesse pensando antes de responder, e f i nal mente f al a:

— Não fi quechateada com o que vou aconsel har,mas me senti ri um ser humano horrí velse não l hedesse uma avi so:não cai ade amores por Di onysus,Ci ci El eé um óti mopai ,mas assi m como os outros membros da f amí l i à, exceção de Zeus, Odi ne Chri stos, não quer compromi sso.No f i m,você vai sai r com seu j ovem coração parti do.

Si nto meu rosto em chamas e gostari a de di zer que mi nha pergunta teve a ver apenas com um i nteresse mórbido sobre o

relaci onamento de Sue com o grego, mas não é verdade e isso me  
deixa muito envergonhada.

— Eu não... — começo, mas ela levanta a mão, me  
interrompendo:

— É uma adúltera eu não sou a pessoa certa para lidar com  
quem se envolveu já que como lhe contei no outro dia, Odi e meu  
pai eram inimigos mortais e, no entanto, nos apaixonamos  
lúcramente, mas nenhum dos Kostanidi ou Lykaios são homens de  
uma mulher só, até que encontrem aquela que faça seu mundo  
parar de girar

— Sue era essa mulher para o doutor Kostanidi? — continuo  
insistindo porque simplesmente não consigo parar

— Não. Dionísio não era apaixonado por ela. Joseph foi a razão  
que o fez se casar com Sue. As pessoas amam de maneira  
diferente, mas um homem que é lúco por uma mulher é fácil  
de ser reconhecido.

— Falou por experiência própria? — brinco, porque das poucas  
vezes que vi Odi e Eli juntos, ficou claro que minha amiga e  
patroa é o centro do universo dele.

Ela sorri.

— Também.

Eu quero saber mais sobre o casamento de Dionysus e Sue, assim como sobre o garotinho, mas não posso levantar suspeitas.

— Eu não tenho como te agradecer tudo o que tem feito por mim, Elinor. Se não fosse por você, a essa altura eu estaria ade-  
voluta no Kansas.

— E era tão ruim assim lá?

— Depois que fiz dez anos e saí de casa, não, mas enquanto morava com a minha madrasta e minha irmã mais velha, de criação, já que ela não era filha do meu pai, era horrível.

— E está gostando de Nova York?

— Estou, sim. Achei que não iria me acostumar, mas eu cada vez mais gosto daqui.

— Por quê? Quero dizer, você nasceu e foi criada em uma cidade pequena. Como pode adorar o tumulto de Manhattan?

— Eu estou adorando ser anônima. Na minha cidade, você espiava dentro de casa e alguém na padaria já diz “saúde”. É emocionante estar em um lugar em que ninguém te conhece.

— E quanto à promessa que fez?

No exato momento em que concluiu a pergunta, veio o senhor Colton, motorista de Dionysus, estacionar

Hoje será o dia em que verei Joseph pela primeira vez, já que  
Ele já me convidou para uma pequena recepção entre amigos.

Vejo o grego que é a razão de eu ter mudado completamente  
minha vida sair do carro e em seguida, sentei no banco de trás.  
Quando volta a se erguer tem um garotinho de ouro nos braços.

Meu coração erra as batidas e sinto os olhos encherem de  
lágrimas, mas desfaço, desviando o olhar dos olhos do meu  
interesse.

— A promessa que fiz está se encaminhando para ser  
concretizada. Eu vou conseguir se Deus quiser



## Capítulo 14



— Eu nunca te vi nas reuniões de família.

Oi hopara trás para ver quem falou comigo me deparo com um homem bonito que deve ter por volta dos trinta anos. Ele tem cabelos de um loiro escuro e corpo atlético com as pernas não é isso que chama a atenção e sim, o sorriso amigável.

— Oi. É a primeira vez que venho. Estou trabalhando há pouco tempo com Eliana.

— Na Associação? — Aceno com a cabeça, concordando, e ele estende a mão em cumprimento. — Meu nome é Cage Sinclair. Eu trabalho no banco Kostandis.

Não hesite toem acei taro cumpri mento porque si mpati zæ com el e instantaneamente.

— Ceci l y— di go, porque de onde venho as pessoas não são formais, apresentando-se com nome e sobrenome.

— Combi na com você — di z de maneira enigmática ças é tão amistososo que não sei se acabou de me el ogiar com segundas intenções ou se está apenas sendo gentil mesmo. De qualquer modo, interagir com estranhos, ainda mais tão bem vestidos e cheirosos como el e, me deixa nervosa.

Não daquele tipo de nervosismo como aconteceu com o grego arrogante, mas uma espécie de fobia social mesmo.

— Obrigada. Eu vou dar uma volta e ver se Eli nã apreciade ajuda— minto, porque a vi há cerca de dez minutos e el ame di sse para aproveitar a festa.

— Por que a pressa? Fui muito agressivo na abordagem?

— Meu Deus! — falou, rindo e sentindo o rosto esquentar

— O quê?

— Não foi agressivo, mas é bem direto, né?

— Ah, sim. Desse pecado eu sou culpado mesmo. De onde você é? Não estou conseguindo identificar seu sotaque.

— Sou do Kansas.

— Hum. Está explicado.

— O que isso significa?

— Significa que ainda não se contamina com o mau humor dos novai orqui nos.

— Você não é mal-humorado.

— Não sou novai orqui no, tampouco. Nasci em Miami.

— Achei que Miami era só destino de férias. As pessoas *nascem* lá?

Ele gargalha, mas em seguida me olha intensamente.

— É muito cedo para pedir seu telefone, Cecilia?

Mordo o interior da bochecha, sem saber o que responder. Ele não me atrai, mas o que há de errado em fazer amizade?

Como se estivesse lendo meus pensamentos, diz:

— Eu não mordo. Só imagina que não tem amigos na cidade ainda.

— E quer ser meu amigo?

— Por que o espanto?

— Sou do Kansas e não de Marte, senhor...

— Cage.

— Okay, Cage. Sei que quando homens como você pedem o telefone de uma garota é pensando em algo mais se eu não sou do

ti po casual — f al œ f i covermel ha, porque vej o como aqui l œsoou estranho —, quero di zer, não estou procurando um namorado também, mas se o que quer...

*Jesus, me mate.*

Por que no céu estou falando esse monte de bobagens? O homem só pediu meu telefone, não a minha mão em casamento.

Para meu alívio, quando o encaro, ele está sorrindo.

— Você é linda, Ceci, mas o que estou oferecendo, por enquanto, é amizade. Mas tudo bem se não se sentir confortável para me dar seu telefone.— Ela tira um cartão do bolso e pega um cartão. — Fique com o meu para os dias solitários. Sou do tipo que responde mensagens, então não há problema em enviá-las de madrugada.

Eu pego o pedaço de papel e me sinto uma caipira.

— Desculpe-me os maus modos. Não estou muito acostumada a lidar com desconhecidos.

— Talvez seja só que a faztão fascinate— ele diz dando uma piscadinha e em seguida se afasta.

Estou me preparando para sair quando, de repente, sinto meu coração parar dentro do peito porque no fim do corredor, está a razão de eu ter arri-scado todas as apostas da minha vida: Joseph.

Ele já está andando e fecho os olhos por um instante, emocionada. Talvez não devesse me aproximar, mas não posso impedir.

Ando com cautela e vejo uma babá, vestida de calças e jaqueta branca, acompanhando de perto os passos do pequeno.

Ele olha para o chão, não me vê ainda. Está a cerca de cinco passos de distância e eu me ajoelho, esperando.

Parece muito satisfeito consigo mesmo por executar a caminhada, conversando e mexendo os braços até que para na minha frente.

Ele ergue a cabeça e nossos olhos se encontram.

É uma criança linda. A mais linda do mundo para mim.

Sinto minha garganta travar e fico imóvel porque ele parece explicar que ele não gosta muito de estranhos. E então, um milagre acontece. Ele estica a mãozinha e agarra uma mecha do meu cabelo.

Concentrado nela, com a outra, deixamos dedos percorrerem os fios.

— Olá. — Arrisco-me a cumprimentá-lo.

Ele me olha, mas não parece assustado.

Estou l uca para abraçá-l o,mas sei que se o f i z erporei tudo a perder.

— Meu nome é Ci ci e o seu?

— *Shi i i shi i i i i .*

— I sso mesmo, eu sou a Ci ci , J oseph.

Ouço passos da babá se aproxi mando.

— Como sabe o nome del e — a mul herpergunta, parecendo desconf i ada.

— El i name di sse— respondo, mas mi nhaatenção ai nda é do garoti nho.Eu não estou f azendo nada de errado. — Meu nome é Ci ci .

— Si m, eu ouvi . Sou a senhora L i sa Nuttl e.

— Mui to prazer

El a i gnora o cumpri mento e acho que só me di sse o nome mesmo por mera f ormal i dade porque, em segui da, tenta af astar J oseph de mi m, l he of erecendo a mão.

O menino nem ol hana di reção del a,parecendo encantado com meu cabel o.

— *Shi i i shi i i i i .*

Eu sorri o, f el i z que el e tenha gravado meu nome.

— Si m, Ci ci , meu l i ndoc e é tão esperto!

Como se entendesse que estou el ogi ando-o,el e abre o mai or  
sorri so e se j oga no meu col o.

Eu abro os braços para recebê-l o e quando si nto seu cal ore  
chei ri nho, preci so f azer f orça para não chorar

— El e nunca f al a com estranhos — a mul her di z.

— Deve ter gostado de mi m— respondo, mas sei que estou  
revel ando demai sao me mostrar tão apegada ao meni no, então,  
após f azer um cari nhono rosto del e, o vi roem di reção da babá e  
me ergo.

Quando estou de pé, vej o Di onysus me encarando do outro l ado  
do corredor.

O rosto está séri o e eu tenho certeza de que estava nos  
assi sti ndo.

*Ai , meu Deus, o que eu f i z?*

Tentando o meu mel hor para conti nuar cal ma, me despeço de  
J osephe me preparo para i rembora, mas o garoti nhovem atrás e  
se agarra à mi nha perna.

Eu não posso me mexer. Mesmo que eu sai baque corro ri scos,  
não vou dei xá-l o se quer que eu f i que.

— Hey, f i l hõ— Ouço a voz do grego e meu coração acel era.—  
Está f azendo ami zade com a Ceci l y?

O l ho para trás e a despei to de estar f al andocom J oæph, os ol hos de Di onysus estão em mi m.

— *Shi i i shi i i i i* .

— Como vai , doutor Kostani di s?

El enão responde e vej opel ami nhavi sãoperi f éri ca babá se af astando.

Meu nervosi smo aumenta.

— O que estava f azendoperto do meu f i l ho?— pergunta, em um tom mai s bai xo.

— Só o cumpri mentando— f al oçom um nó na garganta e l ouca para f ugi.r

Entretanto, parece que o herdei rodo grego me quer por perto, porque agora agarra mi nhas duas pernas.

— Seu pai quer f i cacom você, meu amor — f al o para o meni no, i gnorando o homem arrogante. — Outra hora nos f al amos.

Mexo no cabel i nhødel ee depoi sme af asto, como se esti vesse sendo persegui dapel oprópri odi abo,o que, tal vez,não dei xede ser verdade.





## Capítulo 15



Depois que Ceci chegou, vou à procura da senhora Nuttle, para que fique com meu filho porque não acabei a conversa com a garota ainda.

Ele não aparece na minha frente antes que eu encontre a empregada.

— O que houve? — pergunta.

— Você viu Ceci?

— Ele estava aqui agora mesmo, mas talvez tenha ido dar uma volta no jardim. Acho que sente falta da vida ao ar livre.

— Como ele tem se saído no emprego?

— Pensei que não se importasse.

Eu gosto da mulher do meu primo como se fosse do meu próprio sangue, mas ela não faz nada da vida de ninguém.

— Só quero saber se ela tem tudo o que precisa.

— Tem, sim. Um apartamento, um emprego... — ela pausa. — Olhe lá. Até mesmo um administrador — diz, fazendo um gesto com a cabeça para trás de mim. — Não duvidou, vai estar namorando em breve.

Quando me viro, vejo o Cage, um dos executivos do meu banco, conversando com ela.

— Do que você está falando? Eles se conhecem?

— Acho que não, ou talvez sim, mas não duvido que em breve isso mudará. Cage parece bem interessado. Mas que homem não é rico? Ela é linda e tão diferente das mulheres daqui ...

— Pode ficar com ela em um instante?

— Posso, mas por quê?

— Preciso falar com Cecily

— Não atrapalhe a vida dela, Dionysus. Como você mesmo disse a Odín, seu problema com ela acabou. Cécily é minha funcionária mas minha amiga também. Estou tentando ajudá-la a dar os primeiros passos em Nova Iorque.

— Como eu atrapalhari a a vi da del a?

— Nós dois sabemos por que impli ca tanto com a garota.

— *Sabemos?* — ironizomas sendo Ela ninguém é, vai dizer para  
jugar

— Você se sente atraído por ela. Eu vi o jeito que ela estava olhando hospitai Foi por isso que não a contratou para babá de Joseph. Não tem nada a ver com ser desastrada. Eu convivi com ela há semanas e posso lhe garantir que Ceci é uma boa moça. Inteligente, responsável e educada. Se meus filhos ainda fossem pequenos, eu os deixaria aos cuidados dela sem pensar duas vezes.

— Achei que ela estava feliz no emprego que lhe deu.

— Ela está feliz por ter uma chance quando antes todas as portas pareciam fechadas, mas Ceci l y adora mesmo é crianças, ainda mais do que os filhos — diz ele embro-medo. Odi comentar que Ceci l y estava tomando conta da biblioteca da Associação.

— Joseph pareceu... hum... gostar dela.

— Já consegui a babá da noite?

— Não.

— Por que não faz um teste com Ceci? Mas vej abem, estou lhe dizendo para testá-la como babá, não para magoar o coração dela.

Não respondo porque qual quercoi saque eu di gaf ari aede mi m um menti roso.

— Pode f i car com el e? — repi to. — Eu j á vol to.

— Posso, si m.Tal vezf ossemel hoesperar que el atermi nassea conversa com Cage.

— Esperar é uma pal avra que desconheço, El i na.— Dou um bei j na testa do meu garoto. — Papai só vai al ium i nstanti nho f i l ho.

Começo a andar para onde el a está conversando com o admi rador e mi nha i rri taçãoaumenta quando noto o sorri so de Ceci l y e o aparente encantamento de Cage por el a.

Eu sei que el a percebe mi nhaaproxi mação,mas mesmo assi m não me encara.

Nem posso cul pá-l a.Agi como um creti no depoi s de vári as semanas sem vê-l a,mas não consegui acredi tarquando observei meu f i l ho correndo para os braços da rui va. J oseph é arredi o e desconf i ado,então que ti po de encantamento el a fez para que conf i asse nel a l ogo de cara?

*Fei t i cei ra* Si m, tal vez sej ai ssoo que el a é. Uma bruxi nha de cabel osvermel hos,que enf ei ti çãomens de todas as idades que entram em seu cami nho.

— Cecil y preci sof al acom você — di go,assi mque me aproxi mo del es, porque di pl omaci não é uma característi cãpresente em nossa famí l i a.

Cage, que estava de costas, ol ha para trás.

— Di onysus, eu não ti nha te vi sto ai nda.

Faço um gesto de cabeça cumprimentando-o,mas sem paci ênci a para soci al i zãõ. Ao i nvésdi sso,ergo os ol hospara o meu al vo, desaf i ando-a a me i gnorar

Para mi nha sati sf ação, el a não o f az.

— Com l i cença, Cage. A gente se vê por aí .

— Vou f i car à espera do tel ef onema ou mensagem. L embre-se que f al ei : podemos ser apenas ami gos... a pri ncí pi o.

*Fil ho da puta* sedi ador

— Vamos — f al o, sem dar tempo a el a de responder

Pousando a mão na parte bai xade suas costas, eu a gui ona di reção contrári a de onde os convi dados estão reuni dos.

A carne maci apega fogo contra meus dedos e tal vezeu tenha cometi do um erro ao tocá-l a.

O contato é l eve, superf i ci al por i sso mesmo, i nsuf i ci ente, então eu dou um foda-se à prudênci ae abro a mão, espal mando-a em suas costas.

Ceci se estremece e olha para trás. Os olhos do homem brilham como criстал, soltando pequenas chamas, mas ela não se afasta.

Uma espécie de diálogo mudo se instala entre nós, ambos conscientes da atração e incapazes de nos afastarmos.

Seu olhar é ardente e ver como eu afetogera um descontrolado que nunca experimentei.

Agora não se ouve mais música ou risadas. Somos só nós dois. Eu paro de andar e ela também.

O desejo que eu vejo em seu rosto, reflexo meu, deveria me mostrar que me enganei ao pensar em lhe dar uma chance como babá noturna e que não tenho nada para lhe dizer, mas eu nunca fujo de um desafio resistido por Ceci. Será o maior de todos.



## Capítulo 16



— Gostari ade f al a comi go, senhor? — el a pergunta, dando um passo para trás e l onge do al cance da mi nha mão.

— O que Cage queri a com você? — *Car al ho, por que di abos pergunt eial go assi m? O que Ceci l yf az com a vi da del a não é probl ema meu.*— Esqueça.

*Ai nda que eu quei ra mui b saber se o i nteresse que el e obvi ament e t em em você é r ecí proco.*

— Eu não ti nhamesmo i nterção de responder, doutor Di onysus. Não costumo f al ar da mi nha vi da pri vada com pessoas que não

sejam meus amigos.

Estou tentando manter minha fé e a integridade, mas a impertinência dela jogou meus planos para o inferno.

Dou um passo para trás, invadindo seu espaço físico. Ela não desvia os olhos dos meus.

— Significa que não somos amigos, então, Cecilia?

A temperatura entre nós sobe de forma absurda, pelo simples fato de estarmos com nossos corpos quase colados, mesmo sem qualquer contato ainda, o que me faz pensar o que acontecerá se eu estiver dentro dela.

Uma onda de luxúria me nubla a racionalidade, desejo incontrolável aflorando.

Eu não sou um garoto. Tenho muita experiência sexual para conhecer quão complexo é o que existe entre mim e ela, ela é algo capaz de mudar mares e lugares.

Não me surpreenda apenas. É um passo além. O calor de Cecilia é escalofriante como a lava de um vulcão.

— Não, nós não somos. Até porque não nos conhecemos. — Ela dá um sorriso autodepreciativo. — Pelo que me lembro, em nosso último encontro, queri-a me despachar para o Kansas.

— No entanto, aqui está você. Ainda em minha vida. Ainda em meu mundo.

— Não em *seu* mundo. Eu vi a festa porque Ela lá...

— Eu sei. Não disse que não apreciava o que tinha vindo.

— Nossa, que alívio. Agora vou dormir mais tranquilamente por ter sua aceitação, senhor. Obrigada por me dizer isso.

Disfarço um sorriso diante da ironia.

Sim, ela é um cacto, mas tão gostosa que eu não me importo de ter que lidar com os espinhos.

Percebo que tenta fingir naturalidade mas seu rosto e pescoço estão tomados por um rubor intenso. Cecilia não consegue esconder o quanto se sente atraída por mim também.

Como um teste, me aproximo ainda mais.

As pupilas dilatam-se pela primeira vez, tenho um vislumbre da ingenuidade rosada quando a passo no labírio inferior

— Meu filho gostou de você.

— Ao contrário do pai, que me acha suicida ou ao menos, imprudente.

— Não superamos esse tópico já?

— O senhor me diz. Foi seu argumento quando falou que eu não serviria para babá.

*As razões pelas quais eu não deveria acontecer a ela não outras, Cecilia, mas fazer parte da minha natureza gostar de brincar com fogo.*

— Eu quero fazer um teste — falou.

— Como assim?

— Por duas semanas, você fica com a minha casa à noite para ver se esse arranjo funciona.

— Eu já tenho um emprego.

— Mas não gosta do que faz. E o nome disso que seu negócio são crianças, muito mais do que livros.

Ela abre e fecha a boca e acho que quer negar pelo simples prazer de me desafiar mas parece voltar atrás.

— Ela não sabe que veio me propor isso?

— Sabe, mas preciso que você entenda que é um teste

— Eu tenho que pensar.

— O quê?

— Acabou de me dizer que é um teste. Se não gostar de mim como babá, fico sem emprego. Tenho que conversar com ela para saber se ela me dá o lugar de volta caso tudo dê errado.

— Eu dobro seu salário — falou, porque nunca negociou para perder.

— E de que interesse para ela é isso? Nada  
vezes para ela é nada.

— Está recusando minha proposta?

— Não. Eu quero muito trabalhar como babá, aí não dá agora  
que conheci Joseph, mas preciso de um plano “b”.

— Vou conversar com ela e não garantir que terá seu emprego se  
não nos acertarmos, Cecilia.

— Não. Eu agradeço essa oportunidade que o senhor está me  
dando, mas prefiro mesmo conversar com ela. Não sou um bebê.  
Posso resolver meus problemas.

— Não quer saber quanto vai ganhar?

— O senhor já disse: vai dobrar meu salário.

Sorri internamente. Ela é esperta e boa negociadora também.

— Se ficar comigo — *e merda, eu gosto de como é isso* —, vai  
dormir na minha casa. Claro, terá uma noite de folga.

— Não preciso — disse depois corrigindo —. Ou ao menos não  
no início. Depois, pretendo fazer amigos.

— Como Cage?

Estou atento à sua resposta, mesmo consciente de que não  
tenho qualquer direito de lhe perguntar isso.

— Hum... sim, como Cage.

— Não é ami zade o que el e quer de você.

— Com todo o respei to, por que i sso l he i mporta?

Boa pergunta.

Tal vez porque eu sej a maní aco por control e, tal vez porque eu sej a egoí sta e quero ser o úni coa prová-l a, mesmo sabendo que não devo.

— Você será mi nhaf unci oná a. É só uma garota. Não quero que se machuque.

El asorri e desvi aos ol hos, mas não rápi doo bastante para que eu não perceba uma ponta de provocação.

— Fal e o que está pensando.

— Seri a i nadequado porque o senhor será meu patrão.

— Não sou nada seu ai nda. Vai começar amanhã.

— Já?

— Si m. Para que perder tempo? Mas não mude de assunto. Quero saber o que estava pensando que a fez sorri.r

— Di se que sou só uma garota. Si m, eu ai nda sou, mas até mesmo as garotas podem bei j ar na boca.

A voz soa sexy, quase como o canto de uma serei a, cada nota escapando com sensual i dade, mas não é i ssoo que me chama a atenção e si m, o que el a f al ou.

— É uma *garota*

— O quê?

— Concordou que é uma garota. Significa que nunca teve um namorado, Cecilia?



## Capítulo 17



*Mi nt a* — uma voz avi sa, mas eu j á tenho mui tas i nverdaes acumul adas para acrescentar mai s uma à l i sta.

O ol hardel e me di z que não vai desi sti renquanto não obti ver uma resposta. Mesmo sem experi ênci a de vi da no que di z respei t homens, sei que é uma conversa compl etamente errada para uma empregada e um patrão terem, mas não consi gol henegar o quer saber.

— Não — f al o envergonhada e desvi andomeus ol hos daquel e céu ci nzeno que são os del e.

Agora, mais do que nunca, Dionysus vai saber o quão estranha eu sou. Quem, aos vinte anos, ainda não teve um namorado?

— Olhe para mim.

É uma ordem, mas também soa como um comando sensual e rouco, o que me arrepiou.

*Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Só posso estar ficando louca!*

Contrariada, voltou a encará-lo.

— Não. Eu não tive tempo ou interesse nisso — revelou o parcialmente a verdade.

Curiosidade eu tive, sim, afinal sou uma leitora ávida de romances. O problema é ter nascido em uma cidade com cinco milhões de habitantes em que todos se conhecem e que tudo é comentado.

— E vontade, teve?

— Estou me sentindo como uma espécie em laboratório. Acha que sou anormal por não ter experimentado nada ainda? Eu não quero ficar com alguém por ficar, quero que tenha um significado para mim.

Eu poderia voltar para a festa, mas me sinto entorpecida, como se com o olhar ele tivesse o poder de me manter parada e isso tanto é assustador quanto excitante.

— Eu não disse que seria inesperada e anormal. Estou apenas surpreso.

— Por quê?

— Ainda não somos patrão e empregada, então vou falar livremente.

Aceno com a cabeça, concordando.

— Significa que posso dizer o que quiser sem que se sinta assediada?

Outra vez concordo e vejo um canto de sua boca se erguer em um meio sorriso.

Tudo nela é meio notável. A cor da pele, a malícia nos olhos, a boca sensual cujo lábio inferior é um pouco mais cheio.

O homem consegue fazer meus hormônios entrarem em ebulição só me encarando e quis Deus que aquele a me despertar para atração sexual fosse o mesmo que é proibido para mim.

— Pergunte-me outra vez — ele fala, se aproximando.

— Por que fiquei surpreso quando eu disse que nunca estive com ninguém, doutor...

— Não, ainda estamos em um território neutro, Ceci. Dê meu nome, sem essa de “doutor” ou “senhor”.

— Por que foi tão surpreendido quando eu disse que nunca foi quem  
alguém, Diógenes?

Ele está muito perto, quase colado em mim, *sobre* mim. Eu sinto  
por todos os lados e gosto da sensação.

— Porque é linda, o que torna inacreditável que seja intocada  
Pisico, sem acreditar que ele disse aqui isso.

— Está falando só para me fazer sentir mal por que me  
acha interessante mesmo?

— *Interessante?* ele repete com ironia e toca uma mecha do  
meu cabelo, sentindo os dedos, assim como o filho. — Não,  
você não é *interessante* nenhuma. É uma delícia.

O meu corpo enlouquece com a proximidade. Eu esqueço-me da  
festa e das pessoas. Esqueço o que vim fazer em Nova Iorque  
que a partir de amanhã esse homem vai ser meu chefe. O que sei, é  
que quero mais disso. Um pouco mais dele.

Encaramo-nos em silêncio e eu me derreto com o brilho do aço  
cinzento que agora intercalado com labaredas, incandescentes e  
convidativas.

Os meus membros são como gelatina e meu pulso não  
funciona como deveria. Todos os meus sentidos pertencem a ele e  
dentro de mim, uma voz, louca, imprudente e sem juízo, *grita*.

Sacudo a cabeça, tentando clareá-la, mas não adianta. A sensação não passa porque o corpo grita pelo dele, febrilmente necessitado.

Ergo o rosto para poder vê-lo melhor porque ele é muito alto. Agora estamos tão perto que sinto o calor de sua respiração.

Quero tocá-lo e senti-la rigidamente desde que adivinhei que seja sua carne e fico com vergonha porque acho que ele consegue me ler completamente e sabe o que estou sentindo.

— Faça — ordena, confiante e mandando-me sair de mim, dou um passo para perto. Seu tom de comando me faz estremecer e a pele inteira formigava.

— Não devo.

— Não somos nada ainda, a não ser um homem e uma mulher. Faça o que está com vontade, Cecily.

Ouçoo um gemido como o lamento de um gato e, horrorizada, percebo que escapou de mim.

As narinas dele dilatam-se e o olho endurece. Sua respiração é tão falha quanto a minha quando se abaixar e sussurra no meu ouvido, os lábios roçando minha orelha:

— Toque-me. Será sua única chance. Não me relaciono com funções.

Aqui l'oueveri ame of ender porque el e está assumi ndo que tudo depende excl usi vamente da vontade del e, como se ti vesse certeza de que eu sucumbi ri æm um estal ar de dedos. Já passei mui to tempo da fase do orgul hõ no entanto, e sua decl aação me encoraj a a fazer o que tanto desejo.

Pouso as duas mãos espal madas em seu pei to.

— Isso mesmo. Si nta mi nha carne. É isso o que você quer?

Eu não respondo e el e me segura o quei xo para encará-l o.

— É o que você quer — repete, arrogante, e dessa vez, como uma af i rmação.

— Si m, mas eu queri asenti ro cal orde sua pel etambém, porque mesmo pel acami sa, você é tão quente... Como al guém pode ser tão quente assi m?

Não sei mai so que estou dizendo. Eu apenas me concentro em pegar o que posso, l embrandodo que f al ou Amanhã esse transe de l uxúri a não será mai s permi ti do.

Passo a ponta dos dedos em seu pei torale paro nos mami l os massageando-os, e um som rouco escapa de sua garganta.

Dei xoa mão se i nseri no i nterval ã entre os botões da cami sae tomo um susto quando el e prende meu pul so.

— Eu não dou a mínima para que se avigore. Se não fosse para tornar a babá do meu filho amanhã, passaria a noite toda dentro de você.

Os jornalistas perdem a força no exato momento em que ele passa um braço em volta da minha cintura.

— Meu Deus.

Eu tento me afastar porque não sei lidar com aquilo. As palavras dele lhe garantem uma só vez todas as terminações nervosas do meu corpo, como um interruptor que apenas ele soubesse onde fica localizado.

— Eu não posso ter você, mas quero que se lembre de mim hoje quando for se deitar. Acredite, sua boca tem um gosto maravilhoso. Pense que é a minha mão quando estiver molhada e gemendo de tesão.

Eu estremeço em seus braços e fico tonta também.

Ele é muito sedutor. Se um outro homem me dissesse algo assim, eu o afastaria, então porque com ele, quero mais?

— Ah, aí estão vocês. — Ouço a voz de Elaine e não tomo um susto tão grande que se o braço de Dionysus não estivesse em volta da minha cintura, eu teria caído.



## Capítulo 18



— Tudo bem, pessoal? — El i nã pergunta quando eu e Di onysus não f al amos nada.

El enão parece ter pressa de me sol tar O ol harprendendo o meu ai nda.

— Si m, eu perdi o equi l í bri o e o doutor Kostani di s me aj udo. El eergue uma sobrançel ha com i roni æ f i cõem j ei to quando ol ho para mi nha ami ga. Está na cara que El i nanão acredi tou naqui l o, mas graças a Deus, não i nsi ste.

— Acertou a questão de J oseph com el a? — pergunta e ouvi ro nome do garoti nho é um banho de água f ri a.

Eu ando para trás, me li bertando do meu futuro chefe.

— Sim, falou ele — ele diz, continuando a me encarar. — Mas Cecilia está com medo de perder o emprego na Associação caso nosso arranjo não funcione.

— Nós faremos uma experiência de duas semanas — falou.

— Não, eu mudei de ideia. Uma será suficiente.

— Mas...

— Em uma semana eu saberei se meu filho quer por perto, Cecilia.

— E vai começar quando? — Ele pergunta.

— Amanhã mesmo — ele responde e eu me sinto como em um jogo de pingue-pongue, vendo minha vida sendo decidida pelos dois gregos.

— Então talvez fosse melhor você ficar um pouco com Joseph hoje, Cecilia. Para ele se acostumar, mas antes, pode vir comigo na cozinha um instante?

Sinto a vergonha aumentar porque já imagino que ele quer falar comigo. Ele não é bobo e com certeza percebeu o que estava acontecendo.

Agora, a pergunta de um milhão de dólares é: o que estava acontecendo mesmo?

Eu não faço a menor ideia então, vou cl assi f i çã com nome do meu equi l í bri o mental e moral , *comsani dade t empor ár i a*

— Com l i cença— f al para o homem que, tenho certeza, me fará ter pensamentos pecami nosos ao me dei tar hoj e.

Não consi gome esquecer das pal avras que el e di sse. E mui to al ém di sso, eu quero obedecer o seu comando e me tocar pensando nel e.

— Ceci l y?

Eu estremeço apenas ouvi ndo a voz do homem, então como consegui rei morar em sua casa?

*Por J oseph, eu o f ar ei* prometo em si l ênci o .

— Si m? — pergunto, vol tando-me para encará-l o.

— L eve uma mal a para uma semana e depois provi denci are sua mudança.

— É um prazo de experi ênci a— f al mai s para mi mesma do que para el e.

Se f osse apenas uma of ertade emprego, eu di ri a Di onysus que mudei de i dei porque depois do que aconteceu há pouco, não há chance de que eu encontre esse homem sem l embrarde como a pel e é dura e quente ou da sensação abrasadora que é estar em seus braços. Mas não se trata de mi me si m, de J oseph. Foi por el e

que vi mpara Nova Iorque,então tenho que controlar a reação do meu corpo ao grego e cumprir minha missão.

— Vocês estavam se beijando?— Ele pergunta sem rodeios quando chegamos à cozinha.

— Não.

— Não nasci ontem. Alguém ali estava acontecendo!

— Eu não sei explicar. Meu corpo enlouqueceu quando ele chegou perto de mim. Eu senti uma vontade incontrolável de tocá-lo e ele percebeu.

— Ai, meu Deus! — Ele abate com a mão na testa em um gesto dramático.

— Ele me disse que eu poderia fazer o que quiser só hoje, porque ainda não somos patrão e empregada. Falou que não se relacionar com funcionários a partir de amanhã, estarei sob contrato.

— Eu trabalhei para Odine agora ele é meu marido, só para você saber.

— É diferente. Pelo que me contou, vocês já tinham uma história juntos. Estava escrito. Não há nada nem perto disso entre meu novo chefe e eu. A partir de amanhã, teremos apenas uma relação profissional.

El anão parece acredi tarem mi m.Vej oi ssona manei racomo me encara.

— Não se machuque, Ci ci L embre-se do que conversamos. Se j untassem todos os corações parti dos que os Lykai os e os Kostani di s lei xaram pel omundo, seri ao equi val entã uma ci dade de pequeno porte tranqui l amente.

— Acabou, El i naEl ef i coucuri osoquando eu di sseque nunca ti ve um namorado. Foi só isso. Conf i eem mi m.De amanhã em di ante, serei uma f unci onári a exempl ar



— Oi ,j áque ni nguémnos apresenta, eu mesma vou f azeri sso. Sou Madi son e você deve ser a Harper

— Ceci l y ou Ci ci . Eu não gosto do meu pri mei ro nome.

— Gosto de Ci ci Então, você vai ser a nova babá da noi tede Joseph?

— Si m e você é a noi va do i rmão do meu f uturo chef e?

El a abre um sorri so tão bri l hante quanto o sol .

— I so mesmo. E em breve serei a mãe dos bebês del etambém  
— di z, acari ci ando a barri ga bem redonda.

— Gêmeos? Que benção! Meus parabéns!

— Obri gada. Nem eu mesma acredi to. Para f i car mai s perf ei tc  
mi nhairmã acordando do coma, mas acredi toque Deus tenha um  
tempo certo para todas as coi sas.

— Seria i ndi sc çãoda mi nhaparte perguntar o que aconteceu  
com el a?

— El af oiatacada durante a madrugada. I nvasãode domi cí l i ©.  
mari do morreu. Brookl yn sobrevi veu, mas está em coma desde  
então.

— Meu Jesus! Vou col ocá-l æm mi nhas orações daqui por  
di ante.

— Obri gada. Eu tenho certeza de que el avai acordar. Está nas  
mãos do mai orneurologi stado mundo e, al é mdi sso, tem uma vi da  
i ntei ra para vi ver e também doi s bebês para cri ar

A emoção na voz del a é evi dentee eu entendo total mente. Eu  
também rezei por um mi l agreNo meu caso, i nf el i zmentãção se  
concreti zou.

— Chega de f ãa sobre coi satri stes, o que vi mf azer mesmo f oi  
convi dá-l a para o meu casamento.

— O quê?

— Eu não sabia muito a seu respeito, a não ser a história do atropelamento— diz, como que se desculhando—, mas Eliana me disse que a tem como uma amiga, então quero que vá também, para comemorar conosco.

— Tem certeza? Vou ser a babá de Joseph.

— Tenho, sim. Eu não me importo qual seja a sua função e sim, que é querida para Eliana, então, é para mim também. Acredito no julgamento da grega.

Alguns minutos depois, ele se afasta, indo em direção ao homem que sei ser o irmão mais velho de Dionysus. E eu, vou procurar Joseph.

Encontro-o brincando no chão com duas crianças. Logo que observei os irmãos— um menino e uma menina— e que, salvo engano, são gêmeos também.

— Esses são Silas e Soraya, Cecilia— a babá de Joseph diz, agora de uma maneira mais suave do que havia me tratado pela manhã. — São os melhores amigos de Joseph.

Sento-me no chão e as crianças se aproximam, Joseph, debruçando sobre meu colo.

Eu fui comocionada com a ligação que parece ter se formado instantaneamente entre nós.

Será que em sua pureza instantânea sente quem eu sou? Tem ideia de que dari a minha vida por ele sem pensar duas vezes?

Passo a mão pelo cabelo e logo para minha surpresa, ele largou o brinquedo, vem para o meu colo e deita a cabeça em meu ombro.

*Sim, você sabe que eu te amava mesmo antes de te conhecer, não é, bebê?*

*Eu nunca mais me afastarei de você, Joseph. Eu te queria certezamente que você está protegido e feliz.*

# Capítulo 19



— O que te fez mudar de ideia? — Ares pergunta ao meu lado, fazendo um gesto de cabeça em direção a Ceci, que segura meu filho em seus braços.

A senhora Nuttle foi embora há cerca de meia hora, sem sequer se importar que Ceci nunca tenha ficado sozinha com Joseph antes. São esses detalhes que me dizem que as funções atuais não ligam para o meu filho realmente. Não têm afeto pelo meu menino, apenas o encaram como um trabalho qualquer.

Si nto os ol hos dos meus três irmãos em mim e sei que esperam por uma resposta.

— Não é óbvio?

— O quê? Que ela é linda? Você não consegue desviar o olhar? — Ares debocha.

— Creto no. Estou falando da famosa filha de Joseph por ela. Quando você já o viu reagir assim a um estranho?

Ela não responde porque sabe que tenho razão.

— Tem certeza de que ela é uma boa pessoa?

— Eu vi reio passado de Cecily do avesso. Duas vezes — Odi n di z, atrás de nós. — Dionysus acaba de contratar uma santa.

— Ela vai morar na sua casa? — agora é Hades quem pergunta.

— Vocês tiraram o dinheiro para encher o meu saco? Cecily vai morar na minha casa como antes, ela o faz. Durante o dia, ficará livre para cuidar da própria vida, à noite, tomará conta de Joseph até eu chegar, quando assumirrei.

— Ela te atrai — Zeus fala, ri ndo.

— É i nacredi távebomo a perspecti vade se casar com a mul her que ama e também se tornar pai em breve mudou seu humor, i rmão mai s vel ho — i roni zo.

El e dá de ombros, sem comprar mi nha provocação.

— Nunca me senti como se vi vesse mi nha própria vi da, e si m,o que al guém havi adesi gnado para mi m.Pel apri mé ravez, f i z escol hassem preci sarcol ocaro bem-estar da famí l i a f rente do meu.

— Mesmo antes de Madi son aparecer, j á deveri a ter esqueci doaque l a promessa, Zeus — Ares di z.— Nosso avô não ti nha o di rei tãe ter te pedi doaque l i œ no f i mde tudo, para quê? Estão todos mortos. Nossos pai se os al gozesdel es.Do que serve orgul ho e vi ngança agora?

— Fal e por você — Hades rosna. — Vi ngançaé, no mí ri mo, para termos a sati sf açãode que um f i l ho da puta não sai ui mpunee que não causará danos a outro i nocente.

— Não me l even a mal .Sou total mente a f avorda retal i ção. Ol hopor ol ho,dente por dente é o meu norte — meu segundo i rmão mai s vel ho conti nua —, mas não quando i sso modi f i c compl etamente a nossa vi da.

Sei que Ares está dizendo stodi retamente para Hades, que  
vi ve em busca da destruição de seus inimigos.

O caçula da nossa família não se abala.

— Inimigos devem ser destruídos sem cerimônia.

Sacudo a cabeça, pensando em quanto odiada cada um de nós  
é.

Incapazes de afrontar um relacionamento homem-mulher  
de perdoar. De confiar não ser na família.

O único a escapar desse estigma foi Zeus.

— Eu preciso — falar — Tenho que providenciar a mudança  
de Cecily

— Não a deixe sozinha com o garoto no início.

— Caralho, Hades, você está se tornando mais sobrecarregado do  
que eu — Odiado. — Ela está há semanas convivendo com a  
garota e minha mulher é uma boa julgadora de caráter. Nunca teria  
inserido Cecily em nosso meio se pensasse que ela não presta.

Sacudo a cabeça, sorrindo. Nossa família toda, de ambos os  
pais, é composta por um bando de bastardos paranoicos.

— Vej o vocês no casamento — falou.

— Se precisar que eu vá vigiar sua nova funcionária é só avisar — Ares diz, sorrindo, e eu sei o que isso significa.

— Não chegue perto de Cecily

— Por que não? Não a estarei empregando diretamente há muito tempo não sei o com uma ruiva natural.

— Não vou te avisar novamente.

O sorriso dele aumenta.

— Porque ela é só sua, né?

— Não tem nada a ver com isso. Cecily será apenas minha funcionária.

Dessa vez, todos sorriem, até mesmo Odi e ficamos que não acreditamos no que falou. Minha irritação aumenta.

Ando para onde meu filho está, nos braços da mulher que é uma tentação para mim, mas muito proibida também.

— Vamos? — pergunto a Cecily, como se me dirigisse a qualquer outro empregado.

O que aconteceu hoje mais cedo foi um erro. Devo manter distância e agora que vi o quanto meu filho encantou por ela. Talvez Cecilia seja a mesma função ideal.

Ela me encara, parecendo confusa, mas logo em seguida se levanta com ela e não coloco aí nada.

Só então percebo que Joseph adormeceu.

— Pode me dar. Ela é pesada.

— Eu dou conta — diz. — Vou com vocês até o carro.

— Eu a levaré para casa e amanhã pedi para Anderson fazer sua mudança.

Nada do que eu digo tem qualquer emoção. Só propositalmente indiferente porque será melhor para nós dois que seja assim.

— Aceitarei a ajuda com a mudança — ela responde, no mesmo tom. — Mas não a carona para casa. Madi souse que me levará.

Chegamos ao meu carro e ela passa Joseph para o meu colo. Nossos braços roçam e por um instante, ambos congelamos momentaneamente.

— Eu vou te levar— repito, porque quero controlar quem que seja a uma pequena parte da vida dela.

— Por quê? Já disse que não precisa... senhor

— Vai ser minha função natural que eu tente controlar a sua vida— digo com indiferença, como se estivesse comentando sobre o tempo, enquanto coloco Joseph na cadeira no banco de trás.

Quando torno a me erguer e a encarar, ele aparece entender o que estou fazendo.

— Serei sua função se sim, mas apenas quando estiverem sua casa e no meu turno de trabalho. Fora isso, com todo respeito, doutor Kostani disse, tenho minha própria vida para cuidar

Ele começa a se afastar, mas seguro seu braço, mesmo sabendo que Anderson, assim como as outras pessoas da festa, podem nos ver.

— Está sendo teimoso.

Ele tenta esconder um sorriso, mas falha.

— Não. Estou sendo prática. Pelo que ele me contou, sua casa é no caminho oposto ao meu apartamento, já de Madisson

do seu irmão, não. Tenho pressa em chegar ao meu lugar hoje. Alguém me aconselhou antes de dormir. Lembrar o dia de hoje. Foi um bom conselho e pretendo segui-lo.

Depois de jogar a bomba, ele virou costas e vai embora, me deixando louco para ir à sua caça.

Pela primeira vez, me dou conta de que talvez tenha julgado erroneamente o poder da atração que Cecily tem sobre mim.

## Capítulo 20



*O homem é perigo para o meu juízo — concluí, assim que me afastado dele.*

Apesar da confusão que se deu desde que cheguei em Nova Iorque, as coisas parecem finalmente a se acalmarem e não vou estragar tudo em nome de uma atração física que, como Eli não disse, não dará em nada.

— Você é desputada — Cage fala, aparecendo ao meu lado.

Sorri sem jeito.

El e é o ti pode pessoa que eu adorari ater como ami go. É di retoi si mpáti coa guémque não preci samosadi vi nhao que está pensando. Entretanto, acho que não é somente ami zadeo que quer comi go e não estou i nteressada em “al go mai s”.

— Eu estava l evandoo fi l ho do doutor Kostani di até o carro. El e adormeceu.

A testa del e f ranze, como se esti vesse conf uso.

— Pensei que havi ame di toque trabal havapara El i naça Associ ação.

— Si m, mas agora serei a babá noturna de J oseph. É o que mai sgosto de f azer: cui darde cri anças.— Enquanto di go aqui l o uma i dei æde repente surge. — Pode me dar l i cença? Tenho que f al ar com El i na.

Eu me af asto sem l he dar tempo de responder. Quando a encontro, el a está entreti da em uma conversa com Madi son.

— Ci ci , Madi son estava te procurando para i rem embora.

— Estou pronta, mas queri a f al ar com você antes.

— Di ga, meu bem.

— Acha que eu consegui ri aconci l i anei o expedi ente na  
bi bl i oteca da Associ ação, pela manhã, com o turno da noi tena casa  
do doutor Kostani di s?

— Acho, si m, mas para que f azeri sso? Se é sobre guardar  
sua vaga no emprego, el e está garanti do. Fi que tranqui l a.

Oi ho-a sem j ei to.

— Não é i sso. É para não f çar mui to tempo à toa dentro de  
casa, mesmo.

Seu rosto demonstra que entendeu.

— Di orysus f i cã di atodo na emi ssoraou no banco. Fi que  
tranqui l a.

Madi son sorri , tal vez entendendo o que a mul her de Odi n  
i nsi nua e mi nha vergonha aumenta.

— O que está acontecendo entre vocês? — a f utura esposa  
de Zeus pergunta.

— Nada — respondo depressa e mudo de assunto. — Ah,  
El i na, Madi son me convi dou para o casamento del es. Como devo i r  
vesti da?

El asse em pol gamme expl i cand sobre traj ese penteados e dou graças a Deus por ter conseguido tirar o foco da minha inapropriada reação — ou seria melhor dizer *reação* — ao meu futuro chefe.

Mei agora depois, quando me despeço da dona da casa, fico combinado que continuarei, por meio expediente, todos os dias, trabalhando para a Associação.

Não tem nada a ver com o medo de perder o emprego. Confirma palavra de Elina. A questão é que apesar de querer muito passar todo o tempo possível ao lado de Joseph, não posso entregar a razão de estar trabalhando lá para o pai dele.

Di onysus parece ter o poder de ler meus pensamentos e se eu revelar minha identidade cedo demais, tenho certeza de que ele me enviará para longe.



Olho para o apartamento que nem cheguei a me acostumar e já estou deixando. Hoje pela manhã, li que para Elina para lhe

perguntar como posso devol veras chaves, mas el ame di sseque devo f i ar com el ascaso quei ra,em uma das f ol gasf ugi para f i ca sozi nha um pouco.

Pego em ci mada cama a úni ca fotograf i a que guardo da mi nha i nf ânci a depois de passar os dedos pel a i ma gem, eu a bei j o.

— Eu vou consegui r Vou garanti rque seu estej abem, Kei th. Mas só para que f i que tranqui l a í no céu, sai baque Di onysusama Joseph de verdade. El enão é como Sue. Eu si ntocom cada gota de sangue do meu corpo que o senti mento del e por nosso meni no é real .

Seco as l ágri mas que tei mam em cai re guardo a foto no fundo da mal a.

O certo seri anem l evá-l a mas eu nunca me separei del a.É a úni ca recordação boa que tenho da i nf ânci a.

Ci ncomi nutos depois, a campai nha toca e eu sei que é o senhor Col t porque el e me envi ou uma mensagem há pouco, di zendo que estava vi ndo. Āmbém me passou todos os números de Di ony... *Dout or Kost ani di s,ont a* El el he passou os números do *dout or Kost ani di s*

Eu vou precisar me policiar para não pensar nele como o homem que foi minha fantasia sexual ontem à noite.

A partir de hoje, ele é meu chefe.

Abro a porta para o motorista que sorri, simpático.

— Eu sabia que esse cargo seria a seu.

— Eu não. Achei que ele nunca fosse me contratar. Senhor Colton...

— Pode me chamar de Anderson, menina.

— Anderson, novamente peço que perdoe-me pelo susto que lhe dei. Eu deveria ter prestado mais atenção ao atravessar naquele dia.

O que eu queria mesmo era contar toda a verdade, mas não posso. Não ainda. Talvez quando eu finalmente puder partir

— Esqueça. Você estava cansada e distraída. Deus escreve certo por linhas tortas. Não tenho dúvida que aquele incidente tinha que acontecer para chegarmos até aqui.

Eu não falamos nada porque minha lista de pecados e mentiras está alcançando níveis estratosféricos. Assim, me dei ao

gui arem si l ênci para o automóvel , mesmo que f i quemui to sem  
j ei to quando el e abre a porta de trás do veí cul o.

Eu mal me sento e f echoo ci ntode segurança, meu cel ul a  
toca.

— *Ceci l y?*

O corpo estremece com o cal ordaquel avoz sexy, mas me  
obri go a me control ar

— Doutor Kostani di spom di a. Já estou a cami nhode sua  
casa.

— *Eu sei .Sur gi um i mprevi st no ent ant oNão vou poder  
esper á-l aAr es est ácom Josephat é você chegar, mas depoi sel e  
t er á que t rabal har t ambém.*

— E a senhora L i sa?

Ouço seu suspi ro.

— *El a f al t ouao servi ço.Pode acont ecer event ual ment e  
ent ão, preci saei que nesses casos, você t rabal haur ant eo di a.  
Quando mandar el abor aseu cont rat de t rabal hç,ádi r eãos meus  
advogados par a t ri pli car emu sal ár i et ual par a si t uações como  
est a.*

— Não preci sa...

— *Preçi sã i m, mas não f oi par a i sso que l i gue è si m par a  
avi sar que est ou confi andoem suas mãos o meu bem mai s  
preçi oso. J oseph é meu mundo, Ceci Não me decepçi one.*





## Capítulo 21



— *Pel udo?*— pergunto, ri ndoe apontando para o gato gordo sentado no chão perto de J oseph.

El eacena com a cabeça, concordando, e eu não acho que se poderi aescol ler um nome mel horpara o bi chano.O ani mal é f of æ também, ao que tudo i ndi çapregui çoso,mas parece, assi mcomo eu, absol utamente apai xonado pel o meni no.

J á são ci ncoda tarde e posso di zer sem medo de errar, que é o di a mai s f el i z que passo em anos.

A cada segundo ao l adodo garoti nho,eu procuro memori zar sedenta, ansi osa,cada pequena coi saque me entrega: uma ri sada,

as brincadeiras que gosta e até como se sujando comer, já que não quer mais ajuda e faz uma lambança durante as refeições.

Eu não senti o dia passar. Eu quero repetir - Infinitamente  
Essa primeira experiência em meu novo emprego só me fez ter certeza de que farei o impossível para não sair mais do lado de Joseph. A ideia de partir depois de verificar que ele está bem já não me atrai mais.

O problema é que quanto mais sei sobre a relação do meu chefe com o filho do tio, mais sentindo que tenho que mover as peças desse jogo com cuidado.

Algo me diz que Dionysus não é o tipo de homem que dá segundas chances, o que significa que no momento em que se decidiu a meu exclusão de sua vida, será um para sempre. E isso fará com que eu nunca mais tenha acesso a Joseph.

— A brincadeira está muito boa, mas chegou a hora do banho, meu lindo.

Ele solta os brinquedos, como se entendesse o que estou falando com a independência característica levantado, ainda que com um andar meio desequilibrado.

Quando cheguei na mansão de dez quartos, hoje pela manhã, Anderson me explicou o básico do funcionamento da casa e me apresentou aos outros empregados, assim como aos seguranças, também.

O irmão que Deus... *ai, Jesus!* O irmão que o doutor *Kostani* disse que estaria me esperando, Ares, que conheci de vista ontem na festa, já havia partido porque assim como meu chefe teve uma reunião de emergência, mas havia tantas instruções do doutor Kostani de tanto por escrito quanto através dos empregados, que dei graças a Deus de não ter que enfrentar outro grego mandando logo cedo.

A principal recomendação, não, na verdade, *ordem*, é que eu nunca deveria sair de casa com o garoto sem a autorização do pai.

Os guarda-costas entram na residência três vezes ao dia para conferir se Joseph está bem e os horários de alimentação do meu menino são rígidos também.

Eu tinha certeza de que Joseph estava felizmente, sendo criado como filho adotivo grego porque pelo pouco tempo que tenho convivido com os Lykaios, percebi que são unidos e

amorosos uns com os outros. Eu não fazia a diferença, do tamanho da adoração do meu chefe e pelo filho.

Se o primeiro andar da casa é luxuoso e digno de uma revista de bilionários de tão arrumada, o segundo é terrível do menino.

A cada parte que se anda, há um soldado ou carrinho espalhado e o quarto de dormir e o de brincar de Joseph são o paraíso de qualquer criança.

A enorme quantidade de brinquedos seria de se esperar para o filho de um magnata, mas não é apenas isso que chama a atenção, mas os detalhes e detalhes.

A grade na parte superior da escada que enfeita a decoração da mansão, mas que é muito necessária caso a babá se distraia. Joseph corre para ali.

A parte da despensa exclusivamente dele, com lixos e referências determinadas por uma nutricionista assim como, de acordo com o que a governanta me contou, foi abolida a casa qualquer alimento com *nut* já que Joseph é alérgico a amendoim e o “patrão”, segundo ela, não quer correr riscos para o caso dos frutos terem sido processados juntos ao leite <sup>[12]</sup>

E o mais importante: os telefonemas de Dionysus para o filho durante o dia, para que Joseph ouça sua voz. Mesmo sem entender o que está sendo dito, ele sorria ao ouvir o pai falando.

Honestamente, o relacionamento dos dois faz qualquer mulher ter vontade de ter bebês. Para mim, porém, o significado é outro: quer dizer também que Joseph está bem aqui. Feliz e protegido.

— Vai dar banho nele agora? — a governanta pergunta, chegando na porta do quarto, e tal vez ansiosa para cumprir os horários determinados pelo patrão.

— Vou, sim. E depois o jantar certo?

— Isso mesmo. Ele não demora a dormir. Às vezes a babá da noite enrola um pouco a pedido do doutor Kostani, que quer passar um tempo com o filho, mas hoje ele está mais tarde na emissora, então, pode seguir o protocolo normal. Não precisa ficar no quarto com ele, no entanto. Basta carregar a babá eletrônica com você e ter certeza de não se afastar muito. Joseph nunca acorda durante a noite. Ele é um anjinho.

Olho para o meu tesouro e ele está prestando atenção na conversa, como se nos entendesse, mas não sorri para a mulher

como faz comigo.

— Banho? — pergunto e sua expressão muda.

Ele sorri e balança a cabeça fazendo que sim.

— Incrível! É como se você fizesse qualquer coisa. Ouve as gargalhadas dele hoje. O menino parece adorá-lo.

— É recíproco — fala o sr. Anderson quando o filho o ouve aqui. — Ele é uma criança muito fácil de se lidar.

— Eu já vou indo, Cicci. Precisa de mais algum coisa?

— Não, acho que já sei onde fica quase tudo. Devo esquentar o jantar do doutor Kostaniadis, quando ele chegar?

— Não é sua função, claro, mas se puder fazer alguma coisa, seria ótimo. Ele às vezes chega tão cansado que nem come.

— Pode deixar. Assim que Joseph dormir, deixarei tudo em ordem. Boa noite, Barbara.



Três horas depois, eu perambulo pelo segundo andar enquanto me pergunto se meu chefe ficou aborrecido se eu pegasse um livro e suas bibliotecas não quero ser abusada, então decido lhe perguntar pessoalmente quando ele chegar

Joseph já está dormindo e a mesa posta à espera do doutor Kostani. Então agora estou entediado porque esqueci de trazer meu Kindle.

Eu tomei banho à tarde e decido mudar o pijama em seguida, levar a babá e a trônicá para a minha suíte.

Barbara disse que quando o patrão chega, passa ao menos uma hora com o filho no quarto, mesmo com o menino dormindo, e não quero tirar a privacidade do meu chefe.

Entro em meus aposentos, dois quartos depois do de Joseph e que de tão luxuoso parece pertencer a um hotel famoso. Depois de vestir o pijama dei to-mena cama e fico contenta a qual quer som na casa.

Assim que o doutor Kostani sair do quarto de Joseph, irei para lá.

Há uma cama extra e mesmo que Barbara tenha explicado que não seria necessário dormirmos no mesmo quarto, eu ficarei

com ele.

Olhopara a mesinhade cabeceira, para conferir se o monitor do aparelho está bem posicionado no berço, quando percebo que descarregou a bateria.

Caramba, nem pensei nisso.

Saio correndo e torcendo para que o bebê não esteja chorando, mas assim que chego no corredor, congelo ao dar de cara com meu chefe.



## Capítulo 22



— Ai , meu Deus! Eu sinto muito por estar vestida assim, doutor Dionysus. Esqueci de carregar a babá e o trônis extra. Não sabia que já havia chegado — Cecilia diz, tentando se cobrir

Não é rápido suficiente porque consigo mapear seu corpo inteiramente através da camisola aí não sinto-me envergonhada por um pau pesado de tesão.

Eu deveria deixá-la ir mas ver seu constrangimento e, ao mesmo tempo, lembro que aconteceu ontem, me faz quebrar a

promessa que fiz a mim mesmo de manter tudo no terreno profissional.

— Pare.

Ela, que já estava quase entrando no quarto outra vez, interrompe os passos, mas ainda fica de costas para mim.

Ando até onde está, mas paro longe o bastante para não invadir seu espaço pessoal.

— Por que está com tanto medo, Cecilia? Não está nua. Apenas de camisolã.

Ela gira devagar até estarmos frente a frente.

— Não devo me mostrar assim para o senhor — diz, com o rosto corado.

Apesar do que falei estou tenso também. Eu me preparei para manter tudo sob controle, nunca mais vou trapassando a barreira entre empregador e empregada. Como disse a ela, jamais me relacionei com alguém que recebesse um pagamento de mim.

— Como foi o dia de vocês? — pergunto.

— Bom.

Percebo que ela tenta não demonstrar que se lembra de ontem, mas eu sei que sim.

Os olhos azuis de Cecilia entregam-na completamente, assim como a maneira com que o peito sobe e desce em respirações curtas.

Ela engole em seco porque, virgemou não, sabe o que estou pensando enquanto a encaro. Observo o movimento no pescoço dela e preciso usar de cada grama de autocontrole para não dar mais um passo à frente e sentir nos dedos a pele sedosa.

— Só isso? *Bom?* Não parece um relatório profissional.

Sim, eu a estou provocando de propósito. Qual quer coisa é melhor do que tê-la me encarando com a mesma fome que sinto.

— Achei que soubesse de tudo o que acontece aqui. Não pediu para seus funcionários me vigiarem?

— Claro que sim. Como lhe disse, está cuidando do meu bem mais preciso. Eu vou acompanhar de perto cada passo seu.

— Não me importo — responde, rebelde. — Adoro seu filho e cuidarei dele com todo o amor. Alé do mais, no seu lugar eu faria o mesmo. Agora, se me der licença...

— Eu não dou.

— O quê?

— Quero saber por que não pegou a babá el etrôni cæextra.

Não pode cometer esse ti po de erro, Ceci I y

— Eu sei e si nto mui to, doutor...

— Eu não quero que me chame assi m. Apenas Di onysus.

— Seus f unci onári os o chamam de doutor Kostani di s.

— Porque não l hes dou a l i berdade de f azerem di f erente.

— Então por que está me autori zando?

— Porque eu posso e quero.

— Não acho di rei to, mas se é o que deseja...

— É o que quero. Agora, entenda que não pode mai s  
cometer esse ti po de f al ha, Ceci I y

Parece envergonhada e eu me si nto mal , mas trata-se do  
cui dado com meu f i l ho.

— Não vai acontecer novamente. Com l i cença.Vou me  
trocar.

— Nunca estive em uma praia? — pergunto, ainda sem querer deixá-la; não importa quanto eu saiba que é o certo a ser feito.

— O quê?

— Parece uma senhora da era vitoriana, morrendo de vergonha por mostrar um pouco de pele.

Vej o seu temperamento emergir e ficar satisfeito.

Eu não respeito pessoas subservientes. Gosto de ver o real de cada um.

— Nunca estive em uma praia com alguém para quem eu trabalhasse. É inadequado ficar semi-nua na sua frente, ainda mais quando...

Ela para de falar, o rosto rubro como uma maçã madura.

— Ainda mais quando o quê?

Sacode a cabeça, como que se negando a me responder

— Diga, Cecily

— Por que está tentando me embaraçar?

— Não estou, mas gosto de honestidade.

— No nosso caso, ela é perigosa. Somos patrão e empregada.

Ela está certa, mas eu quero ouvir o que não me disse.

— Fale.

— E se custar meu emprego?

— Como poderia, se estou exigindo saber?

Cecily puxa uma respiração profunda.

— Ontem me disse que eu deveria, ao me deitar lembrando que aconteceu na festa, na casa de Elena. Eu... o obedeci.

*Caralho!*

Luto uma batalha interna entre razão e desejo.

Será fácil demais permanecer estánci entre nossos corpos e dar o que nós dois queremos, muito mais agora, com a visão sensual de Cecily em sua cama à noite, se tocando e pensando em mim.

Ainda consigo sentir o calor e maciez de seu corpo.

Os dedos pequenos e curiosos tocando minha carne.

Ela desejo como jamais quis mulher alguma.

Uma fome pri mi ti va do mi nante. Em um terri tóri o em que a l ógi ca cede l ugar ao tesão.

Aproxi mo-me, mas sem encostar nel a.

— Gozou?

— Não pode me perguntar essas coi sas. Di sse que nunca se rel aci onou com uma f unci onári a.

— E não f i z mesmo. No entanto, não estou me rel aci onado com você nesse i nstante, Ceci l, yestou perguntando se gozou gostoso quando tocou sua boceta pensando em mi m.

— Então val e i sso? Podemos f al ar desde que não nos toquemos?

Seri a i mprudente e também al go que eu nunca experi mente

Teori a não é comi go. Gosto de tocar, l amber, chupar. Mas Ceci l yacaba de abri r uma possi bi l i dade tentadora demais e i magens del agemendo com a mão no mei odas coxas, tocando-se para mi m, se desenham como um f i l me em mi nha mente.

Meu pau está como aço, empurrando contra a cal çado terno e sei que o que vou di zer agora será um di vi sor de água entre nós.

— Si m, podemos f al ar

— E promete que não vai me tocar?

— Tem mi nhapal avrade que nunca a tocarei contra a sua vontade.

— Eu não vou querer.

— Menti rosa. Quer i sso tanto quanto eu. Agora, responda mi nha pergunta: gozou gostoso ontem?

El a ol ha para o chão.

— Eu acho que si m.

— *Acha?*

— Não tenho certeza. Eu não sei como é ter um orgasmo.

— Se não sabe, é porque nunca teve.

*E agora acabo de ficar obcecado em dar seu primeiro.*

— Respondi suas perguntas. Agora, vou me vestir para poder pegar a babá el etrôni cæextra. Nunca mais cometerei esse erro, doutor... hum... Di onysus.

Eu a vejo entrar em seu quarto correndo e passo as duas mãos pelo rosto, tentando entender o que diabos há comigo, ao

mesmo tempo em que penso em todas as possibilidades que  
resultariam levar Ceci l y para a cama.

A única conclusão a que chego é de que no momento em que  
fizer isso, terei que excluí-la em definitivo da minha vida.

Será uma vez só.



## Capítulo 23



Rolei na cama a noite inteira, mas não consegui dormir depois da conversa de ontem, mas acabo de receber uma mensagem do causador da minha insônia dizendo que Lisa, a senhora Nuttle, veio hoje, então, eu estou viva durante o dia.

Enrolei o máximo que pude na cama para não correr o risco de encontrar com ele.

Ele não me deu até a próxima segunda, depois do casamento, para voltar ao trabalho na biblioteca da Associação, o que significa que

que tenho al guns di as para encontrar um vesti do para o casamento

Eu ai nda não f al eicom Di onysus sobre trabal har mei o expediente na bi bl i otecamas el e é meu chefe, não meu dono, então, não vejo nada de errado em conti nuarcom o outro emprego também.

Pego o cel ul ar e mando uma mensagem para El i na.

“Bom di a. Eu preci so de i ndi cação de uma l oja onde pos comprar um vesti do para o casamento de Madi son, mas sem ter que dei xar meu ri m como pagamento. : )”

Não demora mui toe el ame responde. É uma das coi sasque adoro em mi nha nova ami ga Para pessoas ansi osas como eu, a demora para responder uma mensagem é uma espéci ede tortura psi col ógi ca.

**El i na**“*Hahaha. Compl i cado. Sou uma mul her car a, mas p que não fazemos compr as j unt as? Zoe chega hoj e da Car ol i na Nort e para o casament o e quer comprar al go t ambém.*”

“Não vou acei tar presente.”

**El i na:**“*Você é mui t o or gul hosa.*”

“Não, sou pé no chão. Você já cumpriu seu papel de fada-madrinha. Preciso viver dentro das minhas possibilidades.”

**El i na:**“*Veremos. Pego vocês às dez e meia.*”

Jesus, ninguém havia me dito que os gregos eram tão teimosos, homens e mulheres.

Estou me preparando para tomar um banho antes de ir ver Joseph, quando meu celular ataca. Ao ver quem está chamando, sinto meu estômago revirar

Peyton, minha irmã de criação.

Por um instante, considero não atender, mas não sou uma criança e tenho que enfrentar os meus problemas.

— Alô.

— *Finalmente ouço sua voz. Cheguei a pensar que tinha morrido.*

Si nto o maxi l ar contrai r

É assi mque el af al æomi goapós tanto tempo sem qual quer contato.

Desde que f i zdezoi toe saí de casa, essa é a pri mei ravez que nos conversamos, mesmo que eu tenha conti nuadomorando em nossa ci dadezi nhæ el ae Jodel l eudessem me encontrar se desejassem.

Quando f uiembora, assi neium documento abri ndomão da mi nhaparte da casa, que era do meu pai ,porque eu só queri ame l i vrar daquel as duas.

Peyton e a mãe venderam tudo e f oram embora para a capi tal . Nunca mai s as vi . Não me procuraram, então eu não tenhc menor i dei a da razão del a estar me tel ef onando agora.

— O que você quer, Peyton? Estou de saí da.

— *Saí da par a onde?*

— Não é da sua conta.

— *Nossa, que gr osser i a.*

Revi ro os ol hos, senti ndo uma pontada de dor cabeça ter i ní ci é i rônio que el ame acuse de rudeza quando j unto à mãe,

sempre me tratou aos gritos.

— Não te importo mais, mãe. Eu não sou rancorosa. Como vai a vida em Nova Iorque?

— Como sabe que estou em Nova Iorque?

— Porque fui procurá-la naquele fim de mundo onde nascemos e me disseram que tínhamos mudado. Por quê? Não é do tipo que vivem escondidas. Na verdade, Austin <sup>13</sup> se combinou com você: sem graça e simplória.

— Lição para me ofender? Porque se foi procure uma nova vítima. Sou imune ao seu veneno. Tomei anti-tetânica esse ano.

— Haha! Muito engraçada. Finalmente começou a mostrar as garras, Harper?

— Como eu te disse antes, estou com pressa, Peyton. Se puder dizer de uma vez o que quer, facilito o trabalho para nós duas.

— Quero ir visitá-la.

É a minha vez de dar risada.

— Virou comediante?

— *Não entendi.*

— Eu saí da casa que pertenceu ao meu pai, abri o domínio do que era meu por di rei topor uma razão: não a queri apor perto. Nem você e nem sua mãe. E agora que finalmente estou li vrede vocês, a receberi aem mi nhacasa? Tal vez em outra vida. Ou, quem sabe, nem assim.

— *Ingrata. Mãe te criou como se fosse filha dela.*

— Quando isso aconteceu, Peyton? Nos disse que meu pai vi aj avae ela me deixava passando fome? Ou quem sabe quando escondi o shampoo e condicionador e disse que eu tinha que me lavar com sabonete porque não precisava daquele esmalte? Ou quando me trancava em casa por um fim de semana inteira para ver se vi os parentes de vocês, me deixando sozinha e sem comida quando eu só tinha oito anos?

— *Você é muito dramática.*

— E você é uma sem noção. Já ouvi aquele ditado: quem bate esquece, mas quem apanha não? Eu apanhei muito, e terá fígurati vamente ali ando. Vocês perderam o poder sobre mim. Se acha que vai se aproximar só porque moro em Nova Iorque, não me conhece tão bem assim.

Desligo o telefone, tremendo e com muita raiva de mim mesma por perder o controle e desse jeito.

Eu nunca fiz terapia porque não tive dinheiro suficiente, mas já imuito respeito sei que quando você se descontrola assim na frente do inimigo, dá poder a ele.

Pensei que era imune às lembranças, mas pelo visto, elas ainda estão muito enraizadas dentro de mim, causando estragos.

Vou para o banheiro, apertando os olhos para não chorar

Acabou. Peyton e Jodel são apenas memórias de um passado. Elas não podem mais me fazer mal.

Eu preciso repetir isso como um mantra. Não posso me dar ao luxo de quebrar. Não há ninguém para reunir meus pedaços depois.

—



## Capítulo 24



— Aconteceu al guma coi sa— El i nãaf i rmaquando Zoe, a esposa de outro pri mo de Di onysus, entra no provador

— Você tem bol a de cri stal ?

— Não. Sou apenas observadora. Por mui totempo ouvi mai s do que f al ei e aprendi a deci f rar as pessoas. Conte-me.

Eu poderi af al asobre mi nhanoi tei nsonedepoi sda conversa para l áde i nadequadacom meu chef e,mas não sou tão coraj osa assi m, então opto por rel atar o tel ef onema de Peyton.

Depois que me vesti e peguei a babá e o trôni caesperei ,  
monitório torando-o pelo aparelho até a hora em que ele saiu do quarto

Eu o vi puxar a cadeira de balanço e observar o filho no  
berço. Foi difícil por muito tempo e o contraste entre o pai amoroso e  
o homem sedutor é tão encantador que enlouquece todo meu  
sistema.

— Lembra que eu te contei que tenho uma irmã e  
uma madrasta?

— Sim.

— Peyton, a *quase* irmã que nunca foi nada para mim mal é  
de uma estranha, me ligou. Quer a mesma coisa em Manhattan.

— E isso seria tão ruim assim?

Penso se devo contar a minha história para ela, mas não  
quero que sinta pena de mim, então, resumo tudo.

— Depois que meu pai morreu, fiquei sob a guarda de  
Jodelle e minha madrasta. Enquanto morei com elas, a vida foi um  
inferno. Eu quero distância das duas.

— Diga isso à sua irmã?

— Ela não é minha irmã.

Lembro de Keith. Ele sim foi o único amigo que tive.

— Ainda assim, ela tem o poder de lhe chatear

— Eu sei. Pensei sobre isso. Ainda permiti que me magoem.

— Às vezes não é questão de *permissão*. Somos humanos, falamos e emoções são difíceis de serem controladas na maior parte do tempo. Quer ouvir um conselho hoje a quem que vai ode uma família totalmente disfuncional?

Aceno com a cabeça, fazendo que sim.

— Não se cobre tanto. Ninguém é forte o tempo todo. Não precisa ser perfeita basta aprender a dizer “não” e ficar bem com isso. Disse que eles eram más para você, então não deve nada a nenhuma das duas.

— Obrigada, Elena.

— Vai ser esse — Zoe, uma ex-top model linda de ver sair da cabine dentro de um vestido cor de champanhe. — Já escolheram o de vocês?

— Cici está entre o vermelho e o rosa chá.

— Vermelho, sempre! — a esposa de Christos diz.

— Para combinar com o cabelo? — pergunto desanimada.

— Amor, não tem como esconder seu tom de cabelo. É uma ruiva natural e as gatas mulheres dariam um braço para ter fios dessa cor. Eu voto no vermelho sem sombra de dúvidas.

— É cinco vezes o que posso dizer sobre uma roupa desse tipo. A chance de que eu seja convidada para outro casamento é bem pequena e se acontecer, provavelmente será entre vocês, o que significa que não vou poder repetir. É um investimento alto para usar uma vez só.

— Para sua sorte, essa lojinha pertence — a amiga grega fala. — Escolha o que quiser ser presente.

Olho para Eli com vontade de enforcá-la e beijá-la ao mesmo tempo.

— Fez de propósito — acuso. — Por isso me disse para vir com vocês.

Ela dá de ombros, nem um pouco constrangida.

— Fiz, sim. Sabei que não aceitaria se eu oferecesse, mas não pode fazer uma diferença a Zoe.

O telefonel ataca e enquanto converso com Zoe, que tenta me convencer a levar também sandálias apertadas combinando, a esposa de Odín se afasta para atender

Quando volta, cinco minutos depois, diz:

— Dionysus vai viajar. Deve voltar só na véspera do casamento. Pedi que eu ficasse com Josephaté lá, o que significa que tem todas as noites livres a partir de hoje, Cicely.

— Ele não confia em mim para ficar sozinho com o filho. É óbvio e apesar de estar desapontada por apenas vinte e quatro horas depois de ser separada do menino, não tenho como deixar de entender a posição do meu chefe.

Para ele, sou uma estranha, então não confio que eu fique sem supervisão com seu herdeiro enquanto viajar.

Ele concorda com a cabeça e com seu jeito nada diplomático, fala:

— Eu também não confio em você, no lugar dele. Não me leve a mal, mas é recém-contratada e de jeito nenhum eu sairia da cidade e deixaria com meus filhos com tão pouco tempo trabalhando para mim.

— Olhando por esse ponto de vista... — fal o procurando não me chatear muito.

— Pense pelo lado positivo: tem uma casa de quase mil metros quadrados somente para você. Três piscinas e nada de chef e rabugento para perturbar

— El enão é rabugento. Não muito, ao menos — completo e as duas gargalharam.

— Claro que não. Os homens gregos são todos uns *amores* — Zoe debocha. — Agora vamos ao que interessa: qual penteado usaremos?



É estranho ter uma mansão à minha disposição quando cheguei da feira de compras com Zoe e Elina. Barbara me disse que foi orientada pelo “doutor Kostani” para que eu fizesse à vontade.

Sabe aquela história de “quem procura, acha”?

Foi o que aconteceu.

Depois de rodar a casa inteira tentando me familiarizar, saí para a biblioteca, certa de que Dionysus não vai se importtar se eu pegar um dos seus livros.

Assim que dou alguns passos para o interior do aposento, no entanto, sinto como se tivesse levado um soco na boca do estômago quando vejo uma foto dele com um braço em volta do ombro de Sue e o outro segurando Joseph.

Sei que ela está morta, mas eu não consigo odiá-la.

Não, odiá-la é pouco. Eu a desprezo com todas as minhas forças.

Sai ocorrendo porque mesmo a imagem dela me faz mal. Eu me sinto sufocar ao me lembrar do que ela fez.

Subo as escadas correndo e troco o pijama por um biquíni.

Eu li em um site sobre transtorno da ansiedade que, quando nos sentimos assim, devemos tentar algum exercício físico para combatê-la, não uma atividade intelectual.

Desço em direção à piscina queci dae sem nem testar a água, me jogando nela.

Eu não saberia dizer por quanto tempo nado, mas quando saí, meus músculos estão exaustos e a mente, entorpecida.

Subo para o meu quarto como um robô e depois de uma chuva rada, caí na cama de roupão mesmo.

Eu não quero pensar naquele seriável. Eu espero que ele esteja aqui mandando no inferno.





## Capítulo 25



Tornou-se uma espécie de obsessão desvendar o passado de Sue com Dionysus.

Eu sei quem ele foi mas ele, sabia? Acho que não. Pelo que conheço do meu chefe até agora, não é o tipo de homem que se uniria a alguém como a ex-mulher de Keith, então é claro que o enganou.

O que não faz sentido, é que, ao contrário do meu amigo, que era bom demais para esse mundo, Dionysus é um homem vivido e experiente com mulheres, então não consigo entender como não percebeu que Sue era tão falha quanto uma nota de três dólares.

El ao seduzi u? Duvi do. Não há manei rade que apenas um corpo e boas noi tes de sexo, o enganassem assi m.

Então eu me lembro de Kei the de nossas conversas. O quanto el epareci aapai xonado, encantado pel a“boa moça” que conhecera na caf eteri a da f acul dade.

Quando se encontraram, el ej áera ri co, mas poucos sabi amdo f ato. Na verdade, apenas os mai s próxi mos.

Eu me l embro como se fosse hoj e do di a em que el e me tel ef onou para contar que estava aapai xonado e i ri a se casar

Não havi a pal avras o suf i einte para el ogi á-l aKei tha pi ntou como uma santa: amorosa e doce.

Eu j áti nhasaí dode casa. Morava sozi nhae el eme aj udounos pri mei rospassos. Al ugouum apartamento para mi m— val oresse que o reembol sei i ntegral menteassi m que pude. Consegui um emprego e me l i bertei de vez das garras de Jodel l e.

Eu estava prestes a me mudar para a Cal i f órni a, onde el enasceu e cresceu porque foi i ssoo que combi namos, i mpl i ci tante: que em al gum momento, estarí amos j untos. Tudo mudou quando Sue entrou na equação.

Ai nda que nenhum de nós ansi asse por um rel aci onamentc amoroso, eu o adorava e queri a estar onde el e esti vesse.

Não havia atração física. Assim, morar com ele, ou perto, ao menos, era minha ideia porque Keith se tornou minha referência no que diz respeito ao amor, desde que meu pai faleceu.

Eu estava louca para conhecer a mulher que roubou o coração do meu amigo, mas a cada vez que sugeri um encontro, ele dava uma desculpa, até que finalmente me confessou que comentou com Sue a meu respeito e ela ficou com ciúmes de mim.

Eu entendi o que ele não falou: não haveria mais um *nós*, a amizade estava suspensa e o contato ocorreria esporadicamente à distância.

Fiquei triste porque nem mesmo para o casamento fui convidada, mas o amor e carinho que eu senti por ele eram tão grandes que sua fidelidade era minha também.

Desejei-lhe boa sorte e segui em frente.

Os telefonemas rarearam, as mensagens de texto também. Aprendi a ser sozinha, como sempre.

Os meses se passaram e presumi, corretamente, que já estava casado. Esperei que da próxima vez que nos falássemos pudesse ser como antigamente e que sua mulher entenderia que não havia ao que temer. Éramos apenas amigos.

Entretanto, quando ele fez o próximo contato, cinco meses depois de casado, lembrava muito pouco o rapaz que eu conheci.

Nunca vou me esquecer de seu rosto naquela chamada de vídeo que fizemos após meses sem qual quer notificação. Foi um susto apenas pelo fato de eu procurar, depois, eu me esqueci da mágoa por Keith ter me posto de lado com tanta facilidade assim que vi seu rosto abatido, na verdade, transtornado.

Estava diferente, triste e um tanto paranoico.

Disse-me que Sue não era quem pensava, que era interesseira e cruel.

Eu não soube o que falar. Achei que era uma brigada de casal e que tudo ficaria bem. Não foi o que aconteceu. No telefonema seguinte ele me disse que ela estava grávida e que temia pela própria vida.

Aqui em Los Angeles com o retrato de *neon*. Keith era a pessoa mais crédula que eu conheci. Para ele, todos eram bons e chegar ao ponto de desconfiar que a própria esposa poderia prejudicá-lo, apesar de evidências, ele mostrou que seu medo era muito real.

Combinações de manter contato até que pudessemos nos ver. Imploramos para ir encontrá-lo, mas naquele ponto, ele estava

preocupado por mim também.

Comecei a ficar apavorada. Quem era aquela mulher?

Um dia ela me ligou a voz era de alguém que não estava mais no controle das próprias emoções.

Keith me deu o passo a passo caso algo acontecesse. Me fez jurar que olhariamos por seu filho que ainda nem nascera, que o protegeria daquela a quem chamou de monstro.

Pedi que fosse embora de casa, mas ele me disse que não podia. Tinha medo que para puni-lo, Sue prejudicasse o bebê.

Conversamos por horas, tentando encontrar uma solução. Não havia, até que a criança nascesse. Enquanto Sue estivesse grávida, meu amigo era refém dela.

Na semana seguinte, tentei entrar em contato. O celular não respondia. Mandeí e-mail e me desesperei quando os dias passavam sem notícias, até que decidi pesquisar seu nome na internet.

Eu nunca me esquecerei de quando descobri sobre sua morte. Não acreditei por um segundo sequer que fora acidental.

Ela fez aquilo e eu jurei que a faria pagar

Keith não tinha mais ninguém para lhe fazer justiça. A avó já morrera há muito tempo, ele precisava de mim como um dia eu

precisei dele.

Juntei minhas economias e fui para San José<sup>[14]</sup>. Eu era indígena, nunca tinha saído do Kansas e não sabia por onde começar a busca por Sue.

Com meus poucos recursos, perdi meses precisos até descobrir que ela estava morando em Nova Iorque e que havia se casado com um grego poderoso. Vi a foto dos dois no jornal dela com Joseph nos braços. Pela idade do bebê relatada na reportagem, sabia que era o filho do meu amigo.

Olho para a criança sentada no chão em seu rico quarto de brincar. A mesma pela qual sou responsável agora.

Por tudo o que aconteceu, Deus foi generoso com Joseph, lhe dando não somente um pai substituto amoroso, como uma boa família.

*Você não tem ideia do quanto seu pai o adorava mesmo sem conhecê-lo, meu amor — disse em silêncio. — O quanto ele se arriscou para te proteger*

Joseph é uma criança calada, percebi, pelo pouco tempo que convivi com ele. Eu me pergunto se tem a ver com o que passou ainda no útero materno: as brigas, o ódio recíproco dos pais.

Ele levanta a cabeça do jogo para montar que estava brincando e me oferece uma das peças, sorrindo.

— Quer que eu brinque com você?

Ele balança a cabeça, fazendo que sim.

— Não sei se me entende, mas eu te amo, Joseph. Eu amava seu pai e te amo com a mesma devoção. Não há nada que eu deixaria de fazer para garantir que seja feliz.

## Capítulo 26



### Três dias depois

Maní acopor control eé sem dúvi dauma boa def i ni çãpara mi m. Mesmo tendo que vi r para uma reuni ão de emergênci ana Europa, onde estou tentando adqui ri ra mai or emi ssora de tv f rancesa, eu preci so saber o que se passa em casa.

Em mi nha def esa, quando veri f i queias câmeras de segurança da resi dênci a não f oi para espi onaç mas para conf eri se tudo estava bem mesmo.

Joseph, eu sabia que estava protegido com Odine e Elina, e quanto a Cecily? Como estarei minha ruiva sexy que se transformou em minha obsessão erótica?

Propositadamente, não lhe telefonarei desde que vi a ela. Há na mulher que me fez perder o controle pelo qual sou tão conhecido e dos relatos que tive de Barbara, soube que o curto relacionamento de Cecily com Joseph tem sido perfeito.

A governanta me disse que meu filho sorri o tempo todo quando a nova babá está por perto.

O bem-estar de Joseph sempre estará acima do desejo que sinto por ela. Eu não posso me arriscar a perder alguém que tem sido importante para ele por uma aventura que, eu sei, não durará mais de uma noite.

Entretanto, como uma provocação, uma tentação balançando bem diante do meu rosto, eu não consigo desviar os olhos das câmeras de segurança da casa. Particularmente a que está na área da piscina aquecida, porque acabo de descobrir que nas últimas noites, Cecily vem nadando em um minúsculo biquíni branco que me mostra cada centímetro de seu corpo delicioso.

Não importa o quanto eu digaa mimmesmo que é pervertido  
ficar olhando-a. Não consigo parar agora que descobri seu segredo

Posso me justificar dizendo que aquele anão é uma câmera  
secreta, é como tantas outras que ficam espalhadas pela casa.

Ele também conheceu o delas? Acho que não. Cecilia pode ser  
sexy, mas não é provocadora.

Seguro a tampa do notebook com a intenção de fechá-lo  
mas não o faço, os olhos se afastados na imagem congelada de  
Cecilia quase nua saindo da água na noite passada com o corpo  
todo respirando.

Como se tentasse testar minhas sanidade, o telefone toca com  
uma mensagem dela.

**Cecily:** *“Bom dia, senhor Dionysus. Eu gostaria de saber  
há algum traje particular que deseja que Joseph use para o  
casamento, já que ele irá me falar ou que o senhor chegará em ci-  
hor para a cerimônia. Barbara não soube dizer caso precise que  
eu providencie uma roupa para ele, deixe-me saber para que  
possa comprá-la quando sair da biblioteca hoje.”*

*Bi bli o t eca* ~~Do~~ que di abos el a está f al ando?

Toco no vi sor para compl etar a chamada.

— O que vai f azer na bi bli o t eca? ~~Seu~~ contrato com El i na está suspenso — f al oassi m que el a atende, após o tel ef onetocar somente duas vezes.

— *Bom di a, dout or... hum... Di onysus. Eu combi nei com El i na de t rabal hamei o expedi ent e na part eda manhã. O que me foi di t o é que eu t eri a o di a l i vr e, ent ão, não vej o qual é o pr*

— O que eu te di sse é que tal vez preci sede você em outros horári os, caso a senhora Nuttl e f al te ao trabal ho.

— *Nesse caso, est ar ei à di sposi ção* Já expl i quei a El i na sobre essas event ual i dades. Recebeu mi nha mensagem sobre a roupa de Joseph, suponho — conti nua, já mudando de assunto, mas não estou di sposto a l argar esse osso tão cedo.

— Não estou l he pagando o suf i ci ente?

— *O quê?*

— Não está sati sf ei ta om o sal ári o por i sso quer i r para a bi bli o t eca?

— *Claro que estou. Sabe que me paga muito acima do mercado.*

— Qual é o problema?

— *Não há problema algum, mas gosto de tornar meu dia a produto.*

— Estude, então.

— *Não entendi.*

— Faça um curso universitário online. Eu pago.

— *Nem me contrate ou definitivamente ainda.*

— Estou contratando-a agora. Acabou o prazo de experiência.

— *E se eu não quiser ficar?*

— Você quer ficar

— *Sim, eu quero.*

— Então por que é tão teimoso?

— *Não estou sendo teimoso. Estou sendo independente e se não quer que eu continue a bibliotecário bem, mas não vou*

*dei xarque pague um cur souni ver si t á r p a a mi m. Com o sal á r i que r ecebo, eu mesma poder ei cust eá-l o. Obr i gada.*

— Tei mosa.

— *Esse não é o t i p a d e conver saadequada par a t er mos* —  
el a di z e mesmo sabendo que está certa, me i rri ta.

Eu não posso tê-l a, mas não quero abri rmão da i nti mi ad e entre nós tampouco.

— Não dou a mí ni ma para adequações.

— *Por que é o dono do seu mundo.*

— I sso mesmo.

— *Poi seu t ambém sou do meu. Essas provocações ent r e nós t er mi nar ã o mi go demi t i d a e o senhor, segui ndo par a a pr óxi ma conqui st a.*

El a está coberta de razão, mas não acei to ser contrari ado.

— Acha que estou tentando conqui stá-l a?

Ceci l yusta a responder e eu me si ntoum creti no, porque sei que desde aquel e di a no hospi tal ,há uma tei a de sedução se desenvol vendo entre nós.

— *Não... quer odiar eu me expressei mal. Só que você me deixou confusa porque nunca sei como agir.*

Di abos! O que estou fazendo? Preciso dar um basta nisso.

— Não estou tentando te conquistar apenas sendo amiga. Dei-me saber se mudar de ideia sobre a união. Pode continuar com seu trabalho de meio expediente na biblioteca também, desde que esteja disponível quando eu precisar fazer um turno extra com Joseph.

— *Eu estou aqui...*

— Sobre a roupa do meu filho, enviarei uma lista com o modelo para que você escolha. Eu só vou chegar no dia do casamento mesmo. Encontrarei com ele lá.

— *Mãe, não me convide para a cerimônia e a festa.*

— E você vai?

— *Se não tiver nada de errado para o senhor, sim.*

— E por que teria? O que faz com sua vida fora do expediente não me dê respeito, Cecily?

Depois que desligou o aparelho, odiando a maneira como apenas ouvir a voz dela me descontrolou.

Saber que quero o que não posso ter me irrita,mas de maneira contraditória, é excitante também.

Eladi sseque não sabe como agir comigo.Eu também não. Cecilia deveria ser minha funcionária,mas em pouco tempo de convivência, se tornou minha obsessão.

Pego novamente o celular para determinar a apagar a babá dos meus pensamentos.

Desde que a conheci ,não saio com uma mulher me dando a desculpa de que estou sem tempo, quando, na verdade, sei que é porque nenhuma delas é/ a.

Chegou a hora de mudar isso.

## Capítulo 27



### **Dia do casamento de Madison**

**Cage:** *“Eu já estava perdendo as esperanças. Isso significa que terei ao menos uma dança com você hoje?”*

Aperto o celular com força, nervosa para caramba.

Sei que ao tomar a iniciativa ~~de~~ enviá-la uma mensagem para ele, estou lidando possivelmente ~~de~~ um alívio, mas eu preciso parar de pensar em Dionysus ou vou botar minha situação com Joseph a perder

Depois do telefonema com meu chefe e em que ele decidiu voltar a trabalhar, ou melhor quem não sou eu já estava decidido a esquecer-lhe de vez, mas não foi aqui onde deu o empurrão que faltava para entrar em contato com Cage e sim, ao navegar em um site de celebridades na internet hoje cedo, encontrei uma foto dele com uma famosa atriz francesa.

Ciúme não é algo racional. A possessividade em relação a ele tampouco, mas eu me senti um pouco louca quando o vi com a mulher aqui na manchete: “Magnata da mídia supera a viuvez com uma amiga do passado”.

Como uma masoquista, li toda a reportagem.

*“O magnata da família de banqueirosgregos e também dono da maior emissora de tv do mundo, Dionysus Kostani decidiu voltar a trabalhar que superou a viuvez e retomou a vida com conquistas e volta a aparecer acompanhado em público. Agora, o bilionário chavista descobriu o nome da morte de sua esposa, Sue. Imediatamente mudou na noite de ontem quando foi vista em situação de intimidade com uma famosa atriz francesa. A colunista preparou um resumo do grego poderoso, mas já deixei como avisar a as*

*candi dat asde pl ant ãoque, se Di onysus vol t arà vel ha f or ma,  
t er emos mui t os cor ações part i dos pel o pl' anet a.*

*Não é pr obl ema meu— repi to sem cessar*

Mel horque sej aassi m.Não vi mpara Nova I orquepara servi r  
de bri nquedo para um bi l i onári o.

“Uma dança? Se contentará apenas com uma, senhor?”

Envi o a resposta antes que me arrependa.

Eu não sei f l dar, mas o medo de reencontrar meu chef ecom  
sua desl umbrantecompanhi af azmeu estômago embrulhar, então,  
j ogo a prudênci a para o i nf erno.

Tal vez o que eu preci se sej a mesmo sai r com al guém.

**Cage:** *“Não quer o assust ar você. Esperei mui t o por su  
mensagem.”*

“Não estou assustada. J á sou grandi nha.”

L argo o cel ul aem ci mada cama, porque apesar de saber  
que estou f azendo a coi sacerta ao tentar apagar de uma vez por  
todas Di onysusda mi nhamente, a sensação de estar usando Cage  
me f az senti r cul pada.

— Posso entrar? — Ele não pergunta segundos antes de abrir a porta.

Quando a vejo com Joseph no colo, a tristeza que estava começando a se instalar desaparece.

— Meu Deus do céu, você está muito lindo, meu amor!

Eu escolhi um terno de três peças para ele, branco e com gravata azul -bebê.

Ele sorri quando abro os braços e se joga no meu colo.

— Não está pronta ainda?

Ele nome chamou para que eu fosse me arrumar na casa dela, pois contratou uma maquiadora e uma cabeleireira para atender as mulheres da família.

— O cabelo e a maquiagem, sim. Falta só colocar o vestido — digo apontando para o traje vermelho, de alças finas, que ela logo completamente colado ao corpo, que ele e Zoe me convenceram a aceitar de presente.

— Vai ficar linda. Será difícil para os homens solteiros desviarem o olhar

— Mesmo o meu chefe? — pergunto, imprudente.

— Ci ci ...

— Estou brincando. Ele está saindo com uma modelo.

— Está?

— Vi sem querer em um site de celebridades. Alé do mais, minha relação com ele é somente profissional. Eu mandei uma mensagem para Cage.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Mandou a mensagem para Cage? Disse-me que não estava interessada nele.

— Talvez eu precise apenas lhe dar uma chance.

— Não acredito nisso. Ou um homem faz seu coração disparar ou não faz. É simplesmente assim.

— Meu coração é estúpido, ele é. Dispara pela pessoa errada. Talvez tenha chegado o momento de ensiná-lo.



O homem na frente do espelho uma última vez antes de descer. Apesar do que disse a Eliana, é a perspectiva de reencontrar Dionysus que está me deixando de pernas bambas e não o fato de eu ter dado abertura para uma aproximação de Cage.

Pensar em encontrar o executivo do banco Kostandis não fez meu coração errar sequer uma batida.

Estou me sentindo como uma princesa de um conto de fadas. Ainda que constrangi ao ter aceitado um presente tão caro de Zoe, não tenho como negar que a roupa e sandália assim como maquiagem e cabelo, não me deixaram de estar em nada das outras convidadas.

Há cerca de meia hora, Cage mandou uma mensagem oferecendo para vir me buscar e eu quase neguei, mas estou determinada a deixar minha carreira de lado.

Eliana é um total estranho, e sim, um alto funcionário do banco Kostandis. Também se mostrou um cavalheiro até agora, então não há razão para que não confie nele.

Sai do quarto porque ele já deve estar chegando.

Eliana está com o marido, filho Joseph e eu deveria ir e segui com Lisa. Será ele quem ficará com o meu menino hoje e

por mais que não seja só que desejo, não posso contrariar uma ordem da reta do nosso patrão.

Como acertei o fato de Cage para me apanhar, Lisa saiu com Anderson. Estou sozinha.

A casa está em silêncio porque todos já se foram, então eu tomo um susto quando chego no alto da escada e ao olhar para baixo, me deparo com Dionysus.

Por um instante, nenhum de nós fala e eu tento combater a saudade que senti.

Não funciona não ajuda o fato de que ele está lá onde morrer em um terno cinza e, assim como o de Joseph, de três peças.

As pernas perdem a força e eu preciso me segurar no corrimão enquanto seus olhos me percorrem inteira.

Ele me olha como se eu fosse sua referência favorita e estivesse faminto.

— Joseph já foi na frente com Eliana — aviso, ainda sem coragem de começar a descer a escada.

— Eu sei.

— Não tem mais ninguém na casa.

Ele acena com a cabeça, deixando claro que está ciente daqui. O também o meu nervosismo aumenta.

— Essa cor combina com você. Está linda, Cecília

Meu coração disparou antes do ele aparecer e quando ele fez menção de vir ao meu encontro, sei que precisava tomar uma atitude ou estarei perdida.



## Capítulo 28



Concentro-me na l embranchada i magem del e com a atri ze  
uma rai va assassi na se espal ha dentro de mi m.

Quase recuperada do i mpacto de sua presença, ergo o  
quei xoe começo a descer como se me senti ssemui tosegura, o que  
é uma menti ra.

— Obrigada — di go ao passar por el e, como se esti vesse  
mui to acostumada com um homem l i ndo me el ogi ando.

Antes que me af aste, porém, el e segura meu braço.

Ao invés de encará-lo, olho para onde seus dedos tocam minha pele.

Dionysus é quente em todos os sentidos. Eu quero mais dessas mãos em mim, preciso delas me tocando inteira.

*A atriz Cecilia. Apenas há dois dias a mulher engostava com outra mulher. Ela está jogando com sua cabeça, talvez orgulhosamente dela a atriz como uma boba.*

— Vou levar você — diz.

A declaração arrogante me deixa louca.

— Mesmo? Achei que vi esse acompanhado ao casamento. Esqueceu a atriz francesa na esteira do aeroporto?

*Jesus Cristo, cala-se, Cecilia! Daria para escrever uma enciclopédia só com os erros que acaba de cometer*

O que você tem a ver com a vida amorosa do seu patrão?

É meu adoracionismo implorando para que eu lhe dê atenção, mas o ciúme é muito mais forte porque mesmo sabendo o quanto estou me iludindo aquela bendita voz continua repetindo sem cessar: *meu*.

Eu o encaro, tentando avaliar o tamanho do estrago que minhas palavras causaram, mas fico rindo quando noto um olhar divertido.

Ele está rindo de mim, o bastardo destruiu dor de coraçãoes.

— Eu não transei com ela, ruiva.

— Não dou a mínima.

— Deveria, já que você foi culpada por destruir minha filha.

Soltou-me de seu aperto, preocupada em, se continuar tão perto, bater nele para arrancar aquele sorriso convencido de seu rosto.

— Não atrapalhe nada. Pode dormir com quem quiser, eu não ligo.

Seu sorriso de lobo mau aumenta.

— Quando sair com uma mulher a última coisa que farei é dormir.

Engulo em seco, sentindo o centro das minhas coxas pulsarem.

— Tenho certeza de que sim. Agora se me der licença, tenho um casamento para comparecer.

Estou de costas para ele, mas não me afasto rápido o bastante e quase desmaio quando ele se inclina às minhas costas, a boca sussurrando perto da minha orelha:

— Eu não quero outra mulher

— Não me importo com o que deseja, senhor

Ele afasta uma mecha do meu cabelo para o lado.

— Tão mentirosa. Está tremendo, Cecilia, e nós dois sabemos a razão. É o mesmo motivo pelo qual não importo quanto tente racionalizar, não consigo me manter longe.

Fiquei cansada de mentir e voltei-me para encará-lo.

— Não me deseja realmente. Só está curioso. Pode ter a mulher que quiser e tal vez essa certeza o deixei adormecer e faça querer brincar com alguém que não pertence ao seu mundo. Eu teria que estar morta para não me sentir traída também, mas tenho muito medo de perder, Dionysus. Não vou voltar para o Kansas. Meu lugar é aqui e se você me permitir, pretendo cuidar de Joseph por muito

tempo. Procure outra mulher para se divertir, com todo o respeito, *senhor*.

— É isso o que você quer?

— Não.

— Então por que está mentindo?

— Não estou mentindo, e sim, me protegendo.

— Eu quero a verdade.

— Ainda estamos naquele acordo em que posso falar sem que me julgue?

— Sim.

— Sobre meus desejos, o que quero é saber como é me tocar ouvindo sua voz. Ter certeza finalmente que é um orgasmo. Sonhei que você me via fazendo isso e acordei com o corpo em chamas.

Se ele não fosse quem é, eu poderia ficar assustada com a intensidade de seu olhar depois que digo, porque parece prestes a rasgar minha roupa.

— Continue. O que mais você quer?

— Eu não sei muito sobre sexo, senhor, a não ser na teoria, mas pela maneira como funciona quando está por perto, acho que qualquer coisa entre nós seria muito... forte.

Ele abaixa o rosto e me cheira na curva entre ombro e pescoço. Eu estremeço.

— *Forte?* Acha que seria *forte*? Eu te vi rariado avesso, Cecilia. Agora mesmo quero rasgar a sua roupa, me ajoelhar e chupar sua buceta até te ouvir gemer meu nome. Garanti não só que você sabe que é um orgasmo real, mas te dar a certeza de que não vou parar até que não possa me ver sem conseguir imaginar meus dedos, línguas e pau em você.

Eu me sinto tão fraca com essas palavras que preciso apoiar no antebraço dele.

— Vê o que consigo fazer somente te dizendo que quero? Acha que se fôssemos a "forte"? Não, ruiva. Quando eu tomar você, a porra do planeta vai sair do eixo.

Obrigame não me deixar levar pelo que diz. Tudo não passa de uma fantasia de duas pessoas que se desejam.

Mesmo que eu não esperasse nada dele depois, assim que eu cedesse, me mandaria embora e eu perderia para sempre o

contato com Joseph.

— Não vai acontecer porque vi vemosem pl anetasdi f erentes  
Eu preci sodo meu emprego e estou determi nadaa mantê-I o.Não  
vai me querer por perto quando tudo termi narPode negar i sso?

El e não di z nada e eu j á tenho mi nha resposta.

Não l hedou tempo de conti nuarf al ando porque apesar de  
tentar f azer uso da razão, o que el edi sse,“quando eu tomar você, a  
porra do pl ane~~a~~ vai sai rdo ei xo”,é um convi tetão tentador que  
si nto medo de ceder

Eu mal chego à porta e sua voz me para novamente:

— Eu di sse que vou te l evar

Soa zangado e acho que f rustrado também.

Nós doi s estamos, porque o desej o que senti mos é um  
catal i sador peri goso.

Oi ho para trás.

— Obri gada, não preci sa. Eu j á tenho carona.

Como se ti vesse si do combi nado,a campai nhatoca e ando  
depressa para abri r a porta.

Cage me encara do outro lado, sorrindo e sem demonstrar interesse em mim.

Seu olhar não me causa nada, a não ser uma mensagem no ego. Sei que nunca haverá algo entre nós, mas preciso de uma distração antes que cometa um erro que me custará muito caro.

## Capítulo 29



— Você está linda— Cage repete o mesmo que Di onysus, quando abre a porta do carro para mim.

Dessa vez, porém, meu coração não dispara.

— Obrigada.

Ainda estou me recuperando da conversa de há pouco e do fato de que Di onysus foi até a porta enquanto eu saía, não respondeu ao cumprimento de Cage e se eu pudesse até viria quase voou na jugular do meu acompanhante.

— Eu nunca imaginei Zeus casando-se — o executivo diz, acho que muito mais para preencher o silêncio incômodo que para conversar sobre a vida amorosa de seu empregador

Fecho meu círculo de segurança e me viro para encará-lo.

— Eu te mandei uma mensagem porque você me disse que estava oferecendo amizade, então, só para deixar claro, é isso que estou aceitando, Cage. Uma dança ou duas. Sua companhia é boa conversa. Nada além.

Ele não parece chateado.

— Posso saber por que não?

— Eu não tenho uma resposta para lhe dar no momento, apenas que não estou procurando romance.

Eu tenho, sim, uma resposta para dar, mas o que vou dizer? Confiar que qualquer homem perto de Dionysus parece sem graça e apagado? Ou que a minha pele ainda formiga com a promessa indelicada de me dar prazer que meu chefe acaba de me fazer?

— Eu aceito sua amizade e as danças, Cage. Por enquanto, não vou te pedir nada além disso.



— É o mel hordançari noda festa, sabi a di sso? — pergunto a Joseph, que gargal ha em meus braços enquanto giro com ele no meio da pista.

Pela minha visão periférica são vistos os olhos de toda a família Kostani dispostos também dos Lykaios, em nós dois, mas no momento minha atenção é completamente do meu parceiro de festa.

— Mai sssss, Shi shi .

— Quer girar outra vez? Meu Deus do céu, você é incansável!

Sinto mãos puxando minhas pernas e quando olho para baixo, vejo os gêmeos sobriños de Madison aparentemente querendo entrar na brincadeira também.

Coloco Joseph no chão e na mesma hora ele dá a mão para Soraya. Eu seguro com a minha irmã de Si-la e formamos uma roda. As crianças dançam, imitando minhas palhaçadas e eu sinto meu peito se encher de uma sensação de encontro com meu chefe mais cedo.

Ficamos na pista por várias músicas até que Lisa e a avó dos gêmeos e mãe de criãoda noiva, se aproximam, tal vez para me dar um descanso.

Assim que eles saem, porém, ouço Cage perguntar:

— Minha vez novamente?

Já dançamos algumas músicas e até agora, ele tem se comportado.

Antes que eu possa responder, o homem que faz minha pele inteira se arrepiar apenas com sua presença diz:

— Não, é a minha vez.

Eu sei que é totalmente inadequado e tarde para dançar com ele e sei também que provavelmente seremos ali no domingo de manhã, mas se o grego não está preocupado, não sou eu que vou dizer não.

Uma dança é uma maneira segura de estar nos braços dele, matar minha fome por sua pele e sem fazer nada que possa me arrepender depois.

Percebo que Cage deixa a decisão nas minhas mãos, mas Dionysus não nasceu para esperar e então, passando o braço pelo meu quadril começa a se afastar comigo para um canto mais silencioso da pista.

— Você está dando motivos para falarmos de nós.

Ele não responde, o máximo artificio e toda a postura demonstrando tensão.

Eu não quero brigas no entanto, e assim, aprovei cada segundo dessa oportunidade, então, quando ficamos de frente um para o

outro, passo os braços em volta de seu pescoço, colando ainda mais os corpos.

Ele afasta o rosto para me olhar

— Por que veio com ele?

— Não vim com ele como um casal. Caguei a ideia de ir para me buscar antes que você chegasse. Sou idiota. Posso sair com quem quiser

Ambas as mãos estavam em volta de minha cintura, mas depois do que digo, uma delas escorrega para meu quadril, apertando-o.

Seguro na lateral de seu bumbum porque até mesmo um simples toque dele me faz sentir raiva.

Acho que Dionysus nota, porque nos afasta cada vez mais dos olhares curiosos dos convidados.

— Fale outra vez sobre o seu sonho.

Eu não demoro a entender que ele está retomando a conversa que tivemos na casa de Elena.

— Não. Tenho vergonha.

— Eu quero ouvir. Estou obcecado imaginando seu corpo ardendo de tesão enquanto dorme. Sentindo fome pelo que eu posso te dar — sussurra em meu ouvido.

— Não devemos ter esse tipo de conversa.

— Combinamos que falar era um território neutro.

— Enquanto não estivermos nos tocando.

— Não estou tocando-a. É apenas uma dança.

— Você joga com palavras e acordos conforme seu interesse,  
Diagnosus.

— Sou um negociador implacável. Eu quero ouvir sobre  
seu sonho.

Escondo o rosto no peito musculoso, aspirando o cheiro másculo,  
excitada e embaraçada na mesma medida.

— Naquela noite, na casa de Eliana, me disse para me tocar  
imaginando que era você quem estava fazendo. Eu o obedeci, mas  
nos meus sonhos, você queri *aver* enquanto eu me acariciava—  
começo, sem acreditar que estou fazendo mesmo isso.

— Continue.

— Você me disse onava. Dizia o que queri a.

— Como, Cecily?

Não ouço mais a música e percebo que estamos perto de  
árvores, longe da festa.

— Não tenho coragem de falar

— O que eu te mandava fazer?

El e me aperta contra si e eu perco o fôlego ao sentir a pressão sua excitação.

— Mandava que eu tirasse a roupa, me deitasse na cama e separasse as coxas. Você queri a...

— Ver sua boceta — sussurra na minha orelha.

— Sim.

— Você me obedeceu?

— Eu fiz a mesma coisa com vergonha. No meu sonho, eu gostei de me mostrar para você.

— Caralho, você é muito gostosa.

— Foi um sonho.

— Não, é o seu desejo. Tem coragem de me dizer neste instante que não está molhada enquanto dança? Eu sei que se levantar seu vestido, vai estar pingando para mim, ruiva.

— Eu quero voltar para a festa.

— Não, você quer fugir do tesão que está sentindo, mas não vai conseguir. Enquanto não matarmos essa fome, não conseguiremos quebrar esse feitiço.

Evoco com toda a minha força de vontade a lembrança que ele é um sedutor profissional.

Eu não posso trocar minha promessa por algumas horas de prazer.

— Tem razão. Estou tentando fugir do desejo que sinto. Ele é tão poderoso que parece se autocomandar, como se meu corpo não me pertencesse. O problema é que eu tenho uma ideia que virá depois. Serei mandada embora com uma boa indenização e desejo de boa sorte. Eu não quero isso. Não me trate como uma de suas mulheres. Não sou uma conquistadora.

Eu me afastei fugindo correndo antes que eu acabe voltando atrás. Estou trêmula, com o corpo implorando pelo dele e não posso me dar ao luxo de ceder



## Capítulo 30



### Uma semana depois

— Eu adoro esse trabalho. Aprendi tanto desde que comecei aqui  
— falo, assim que acabo meu expediente na biblioteca da Associação para crianças desilixicas que a minha amiga fundou

Como Dionysus está viajando novamente e Joseph dormindo na casa dos parentes, para não ficar em fazenda, tenho passado o dia todo aqui.

A história da viúva grega é uma das mais bonitas que já ouvi. Ela tem desilixicas os pais foram negligentes, para dizer o mínimo. Na verdade, pelo que me contou, o pai era um verdadeiro

monstro, humilhando-a quando errava as palavras, escondendo sua condição do mundo inteiro, impedindo que fosse acompanhada por profissionais competentes e que dessa maneira, obtivesse ajuda

E tudo em nome do orgulho, da vaidade. O infeliz não queri que seus amigos e familiares descobrissem que a filha era disléxica

Ordinário, assim como nos contos de fadas, a salvou, em sentido literal e figurado.

Trabalhou sua autoestima, procurou ajuda, fez com que ela entendesse que não era estúpida como o pai a chamava, apenas diferente.

E ela resolveu então fundar a Associação não só para dar suporte às crianças e jovens portadores dessa condição, mas também preparar os pais para lidarem com seus filhos, sem os constrangerem ou fazerem com que se sintam inferiores.

O trabalho aqui é lindo desde que comecei, evoluiu muito como ser humano.

— Sabe que pode continuar pelo tempo que quiser — diz.

— Obrigada. Eu às vezes acho que você não é real .

— Eu sou, sim. Agora a pergunta é: você é real , Ci ci ?

— O quê?

— Sou a última pessoa do mundo a forçar alguém a contar segredos, mas sei que está escondendo algo.

— Eu...

Ele faz um gesto com a mão, me interrompendo.

— Vou te dar um conselho, não porque quero me meter na sua vida, mas porque sou sua amiga. Está na cara que você e Dionysus estão loucos um pelo outro, parecem uma panela de pressão prestes a explodir. Eu não esperava que ele fosse se envolver com alguém com pouco menos de um ano que Sue morreu, mas aqui está você.

— Ele é...

— Deixei-me concluir. É uma ligação nua e crua, e não porque você é a babá do filho dele, mas porque os gregos mantêm os romances fora de casa, até escolherem aquela com quem querem formar uma família. Se Dionysus está arriscando tanto continuando a investir nessa atração, é porque não considera o que vocês têm tão passageiro assim, mesmo que ele próprio não saiba disso ainda.

— Como chegou a essa conclusão?

— Sem ofensa, mas ele pode ter a mulher que deseja. Para que complicitar tudo ficando com uma que mora dentro de sua casa?

— Tal vez porque não cedi ai nda...

— Não, eu duvi do. Eu vi vocês doi sno casamento. Vai acontecer, não i mportao quanto l utem contra. Se Di onysus qui sessei mpedi que f ossem adi ante, te despedi ri a Na verdade, nem te contratari a, porque desde o hospi tal havi a uma vi bração cl ara entre vocês. O que estou tentando di ze e peço perdão de antemão por estar me metendo, é: sej a sempre si ncera com el e.

Si nto meu sangue gel ar

— Não sei se estou entendendo.

— A sua hi stóri ãem al gunas l acunas. Onde está a pessoa a quem prometeu vi r para uma ci dade grande e vencer na vi da?

— El e está morto — respondo, deci di da entregar uma pequena parcel a da verdade.

— Foi coi nci dênci a ter se j ogado na f rente do carro de Di onys  
Si ntomeus ol hosdoerem de vontade de chorar porque não quero menti r para el a El i ão tem si dooutra coi saque não maravi l hos desde que nos conhecemos.

Como se Deus ti vesse pena de mi m, Odi nchega, me sal vando de uma resposta.

Começo a recol hermi nhascoi sas, sem f azer contato vi sua com a mul her que não merece ser enganada. Poucas vezes senti tanta

vergonha na vi da.

Despeço-me rapi damente dos doi s e começo a andar para a saí da, mas el a di z:

— Vou te acompanhar.

Odi nol hade uma para a outra e posso ver que senti uo cl i mã estranho, mas não f al a nada.

Quando estamos na porta que dará para a rua, seguro seu braço.

— Não sabe mi nhahi stóri a toda, mas te j uropor tudo o quanto é mai ssagrado que não sou uma má pessoa, El i na. Não tenho nada a esconder quanto a i sso ou mesmo i ntenções rui ns.

— Mas esconde al go sobre o passado?

— Quem não esconde? — desconverso.

— Bom ponto, mas tenha em mente que nós gregos somos rancorosos, Ci ci .Se i sso entre você e Di onysus crescer e el e encontrar respostas sobre seu passado por si mesmo, tal vez não te dê uma segunda chance. Meu consel honã sol i ci tadõnas que darei de qual quer manei ra, é: o que quer que estej a ocul tando, conte antes que el edescubra sozi nho, porque tenha certeza de que eventual mente, o f ará.

Sai o do edi f í ci o com as pernas trêmul as e o coração di sparad

Eu sei que el a tem razão, mas eu não estou pronta ai nda.

Preci soconhecê-l o um pouco mel horpara ter certeza de que não vai me excl uir da vi da de J oseph para sempre.

# Capítulo 31



## **Paris — França**

Mais uma viagem e reuniões como tantas das quais participei ultimamente, no entanto, minha concentração tem falhado. Nem mesmo a concretização da compra da tv francesa consegui prender meu interesse.

Por fora sou o homem sofisticado que o mundo conhece. Rico, culto, dono do que eu quiser

Por dentro, sou um primívo que não aceita nada que não seja conquistado com que o mundo se dobre à minha vontade, ainda que ela, nesse instante, seja completamente proibida.

Eu nunca vi via experiênci a de ter uma mulher ugi nde mi me se fosse com qual quer outra, teri a certeza de que Ceci l y estava jogando para me manter l i gado.

A surpresa é que el año está e pel a pri mei ravez eu me si nto encurral ado em uma negoci ação.

Eu a desejo. El a me deseja.

El año quer perder o emprego. Eu não me i magi nãõ convi vendo com uma ex-amante dentro de casa quando eventual mentenosso caso chegar ao f i m.

Pri nci pal mente uma que é a responsável pel o meu f i l ho.

Corro a vi staem vol tada sal ae percebo a executi vada tv que acabo de comprar tentar chamar mi nha atenção, col ocandouma mecha do cabel ol ongo e sedoso atrás da orel ha e me ol hando através dos cí l i os.

Desde a pri mei ravez que pi seiaqui ,el atem se i nsi nuade como não vai conti nuartrabal hando para mi m, embora não sai ba di sso ai nda,eu poderi asati sf azemeu corpo sedento por sexo, passando al gumas horas no mei o de suas coxas.

O probl emaé que me conheço e sei que não me trará sati sf ação Não é a l oi ra quem eu quero, mas mi nha garota rui va e sem f i l trc

A vi rgemi nocente,mas ousada, que mesmo com vergonha me disse que se masturba pensando em mim.

Apenas a lembrança de Cecilia fez meu pau ficar como madeira maciça,coi saque o decote pronunciado da francesa,os beijos sexuais que fiz com a boca e a voz rouca não consegui ram.

Até encontrar Cecilia,yachei que esse era o tipo de mulher que me atraía de tal vez fosse no passado, já que mesmo Sue não tinha nada de ingênua na cama. Ela sabia como satisfazer um homem e não tinha pudores em entregar o que lhe fosse exigido.

Apesar de minha falácia da esposa ter jurado que o pai biológico Joseph fora seu único amante, eu nunca acreditei nela aqui. Não a confrontei tampouco. O passado sexual do irmão me interessava, e sim, que se mantivesse fiel à família a que estávamos formando.

Foi o meu sentimento de proteção por Joseph,ainda intrinsecamente, o que tornou ficar com Sue a longo prazo uma possibilidade real .

Não há explicação para eu ter me apaixonado por um bebê que eu nem conheci ainda,então, a única conclusão a que posso chegar é que era nosso destino sermos pai e filho.

Lembro do dia em que a conheci .

El a tentava manejar um carrinho novo, que depois me disse, acabara de adquirir de segunda mão, perto do meu escritório a barri gade grávida já era bem pronunciada. Mesmo sem entender muito sobre bebês, eu sabia que devia estar a poucos meses de dar à luz.

Era uma mulher pequena e muito bonita, mas parecia exausta.

Pedi que Anderson parasse o carro para ajudá-la e foi assim que soube que estava faminta e não tinha qual quer pessoa para apoiá-la.

Na verdade, logo que a socorremos, ela desmaiou de fome e aqui o mexeu comigo para cacete.

Sue era meiga e educada. Nunca se alterava e parecia absolutamente comprometida com a gravidez, ansiosa para ver o garotinho que estava esperando, nascer.

Eu lhe ofereci um dos meus apartamentos para ficar e ajudá-la financeiramente para que pudesse ter o filho em paz.

Ela me contou sobre a vida com o ex-marido, já morto, e como ela a agredia quando estava bêbado. Em uma dessas ocasiões, eles estavam discutindo perto de uma janela e o filho da puta depois deurrá-la, perdeu o equilíbrio e morreu.

Não há um osso crédulo em mim, então, claro, fui ver a situação.

Ele falou a verdade.

O ex, um homem chamado Keith Bates, foi um jovem empreendedor, químico, que inventou um desodorante feminino com duração de até setenta e duas horas.

Ele vendeu a patente para uma empresa muito conhecida no mercado e antes mesmo de concluir o curso, ficou rico.

Ele e eu conhecemos em uma lanchonete onde ele trabalhava, cerca de um ano antes que engravidasse de Joseph.

Sue me disse que no início tivemos um relacionamento perfeito mas logo começaram as agressões.

Quando ele descobriu a gravidez, decidiu que precisava dar um basta na relação abusiva, em nome da segurança do bebê.

O dia que lhe comuniquei que estava indo embora, foi o dia da morte do ex.

A primeira coisa que perguntei foi onde fora parar o dinheiro da venda da patente. A vida dele parecia um quebra-cabeça com peças faltando. Como esposa e carregando um herdeiro, seria natural que eu ficasse com tudo.

El ame di sseque não f azi a menor i dei aNem el ae nem os advogados que contratou. Ao que parece, el e envi ou tudo a um paraí so f i scali, r rastreável p que mostra que real mente não ti nha caráter al gum.

Quem dei xará a própri a esposa e al ém de tudo grávi da, desamparada?

Al guém sem honra.

Sem que eu pl anej asse, um l aço se f ormou entre nós.

Eu nunca i aaté a casa del a. Conf eri a por tel ef one e estava bem ou el a me mandava notí ci as do desenvol vi mento do bebê.

l magensde ul trassonograf i a que estava tomando as vi tami nas como o médi co l he recomendara.

Acompanhei remotamente o f i rmda gestação. Apeguei -me a el a, mas pri nci pal mente, ao bebê que estava por nascer

Um di a, me convi dou para j antar em retri bui çãã a j uda que estava l he dando e apesar de não querer me envol ver com el a, parti cul armente, eu acei tei .

No meio da ref ei ção Sue entrou em trabal hode parto. F i cou em pâni co e pedi u que não a dei xasse durante o nasci mento.

Eu f ui Assi stiquando meu fi l horespi rouf orada barri gada mãe pel a pri mei ravez. O choro al to di zendo ao mundo que estava

chegando, apesar de toda dificuldade que atravessou enquanto  
abrigado no útero materno.

Precisei apenas um segundo para ter certeza de que era  
meu.

Meu filho. Meu menino.

*Meu.*

Desde cedo, o amor entre nós foi sólido e recíproco, o que fez  
com que ficasse com Sue se tornasse uma consequência. Eu queria a  
Joseph comigo a qualquer custo e não poderia acontecer seriamente casando  
com sua mãe.

Nunca fui apaixonado por ela, nos poucos meses em que  
estivemos juntos, mas eu a queria bem. Era uma boa esposa e  
mãe.

Calma e suave.

O oposto de Cecilia, minha tempestade.

— Então, com isso, acho que encerramos a reunião — o CEO  
que contratei para comandar minha nova tv diz eu aceno com a  
cabeça, totalmente alheio ao que foi dito sabendo que terei que  
resolver a questão com Cecilia para poder focar em minha vida  
profissional outra vez.

Joseph está na casa de Eliana desde que voltei para a França.

Por mais que eu considero quanto ele adora meu filho, eu nunca corro riscos. Deixar uma estranha, tecnicamente falando, sozinha com ele, não é algo que me trará paz. Eu preciso de mais tempo ao lado dele para ter certeza de que é confiável.



## Capítulo 32



Uma a uma, as pessoas vão saindo da sala de reuniões, restando somente a Lora.

Eu a ignoro, esperando que entenda que está dispensada também, mas ela ainda assim não se move.

— Desejo algum coisa, senhora? — pergunto, cruzando as mãos em cima da mesa e finalmente lhe dando minha atenção.

— Como hoje será sua noite em Paris antes de voltar aos Estados Unidos, pensei se não gostaria de relaxar tomando um drink mais tarde.

Recosto-me na cadeira, inventando sem pressa, dos pés à cabeça.

No passado, seria o tipo de encerramento ideal para uma semana lotada de trabalho. Uma fofoca sem compromisso com uma parceira distendida.

A mulher tem um corpo agradável e um rosto bonito, mas mesmo sabendo que preciso apenas de uma palavra para tê-la nua em cima da minha mesa em questão de segundos, não fiz sequer tentado.

— Divirta-se em meu lugar. Tenho que acordar cedo amanhã.

Ele acostuma a se mover, como se não acreditasse que recusei a oferta.

Volto a focar no notebook, ignorando-o até que a vejo sair.

Eu me levanto e tranco a porta. Confiro as horas no relógio.

Nove e trinta e seis da manhã, horário oficial. Três e trinta e seis da madrugada em Nova Iorque.

A essa altura, ele está dormindo e pensar em pegá-la desarmada me excita.

Ainda temos um acordo sobre falarem tocar e eu preciso ouvir sua voz agora.

O celular chama algumas vezes antes que atenda, sonolenta.

— *Di onysus?*

Satisfação espalhou pelo meu peito com a certeza de que colocou um toque só para mim. Acho que atendeu no modo automático e só sabe que sou eu pelo som mesmo.

— Estava sonhando comigo, ruiva?

— *Ainda estou sonhando?*

Sorriso.

— É a desculpa que vai se dar depois?

— *Chegou de Paris? Está em Nova Iorque?*

— Não, ainda estou aqui, mas queria te ouvir ao acordar

Ela ri.

— *Não podia ter esperado algumas horas?*

— Não. Eu desconheço essa palavra, principalmente quando se trata de você.

— *E se eu ficar chateada ao me acordar?*

— Não acredito nisso. Querida ouvir minha voz também.

— *Arrogante.*

— Esse sou eu, Cecilia. Senti a minha falta?

— *Nem um pouco, embora ache que vi ajeitadas. Praticamente saí correndo da festa de casamento. É o melhor chefe do mundo. Quase não te vejo.*

— Queri aque eu fi casse? Sabe o que acontecerei ase eu ti vesse vol tado para casa naquel e di a?

— *Nada. Não acontecerei a nada.*

— Eu te fari a gozar. Respei tai anosso trato de não tocar, mas te fari a gozar somente di zendo o que quero de você. Com você.

— *Com todo o respeito, é muito convencido, senhor*

— Mesmo? Então pode negar que nesse exato instante, os biquinhos seus peitos estão duros? Será capaz de dizer que se eu estivesse aí e pedisse para abri ras coxas para mim não veria sua bocetinha tocada brincando de tesão?

— *Não veria, eu não iria deixar*

— É o que quer, Cecilia?

— *Nunca fiquei nua para um homem.*

Cacetel!

— Ficarei para mim.

— *Isso é algum jogo?*

— Quer que seja?

— *Estou tremendo. Parece um sonho.*

— Tremendo de tesão, gostosa?

— *Só de ouvir sua voz e as coisas sujas que está me dizendo*

— Eu vou te fazer gozar. Estou obcecado em te ouvir gemendo meu nome enquanto goza, mas talvez o melhor é a minha. Eu quero ver seu rosto lindo enquanto se dá prazer.

— *Di-onysus...*

— Estou louco para te provar, Ceci. Quero enterrar o rosto no centro das suas coxas e só parar quando me lambuzar todo com seu mel.

— *Você vai acabar me matando. É muito tentador...*

— Mas o quê?

— *Não quero perder o emprego.*

— Eu quero você.

— *Já dei xuíssoco, mas não posso me arriscar. Tenha um bom refeitório no par a casa.*

E em seguida, ela deslizou na minha cara.

Levanto-me e si-godireto para a porta. Eu irei embora amanhã pela manhã, mas acabo de mudar meus planos.

Enquanto entro no elevador, penso em ligar para ela novamente, mas decido que não.

Ceci quer minha palavra de que não será demitida e depois que fodermos e com qualquer outra mulher eu irei ao ser colocado contra a parede porque nunca reajo bem quando contrariado, mas a

garota me tem na palma da mão no momento. Pelo menos, enquanto eu não saciar a fome que sinto por ela.

Penso em todas as possibilidades.

Um caso secreto com a babá do meu filho quando chegar ao fim, cada um seguindo seu caminho civilizadamente.

Não, é preciso um prazo, um período no qual possamos desfrutar do corpo um do outro, mas com um fim predeterminado.

Logo para o meu piloto e mando que prepare o avião.

Essa febre vai passar. Eu só preciso estar nela, dentro dela e então, poderei seguir em frente na minha caminhada solitária.



O voo atrasou porque o aeroporto ficou interdito por algumas horas devido a um pouso de emergência, mas finalmente estou aqui.

Já é noite, mas eu sei onde encontrá-la: no mesmo lugar onde a observo desde que descobri que Cecilia nada de madrugada na piscina aquecida.

Si m, sou a porra de um voyeur, esperei tando em segredo mi nha serei a.

Enquanto cami nhopara o l ugar, l i vro-me do bl azerdo terno e da gravata, j ogando-os di spl i centemente pel o chão.

Tento me convencer de que esse arranjo que pl anej eivai dar certo. Eu só preci sotê-l aumas poucas vezes para me ver l i vro do f ei ti ço, porque qual quer envol vi mento com el a seri a estupi dez.

Eu não quero nada a séri o com uma mul here depoi sde quase um ano, foi a pri mei rababá com quem meu f i l ho conseguiu u se adaptar real mente. Se f osse me dei xar l evar pel a razão, eu nem começari anada com el a, mas não há qual quer coi sade raci onal no desej o que a mul her me desperta.

El aj ádei xoumai sdo que cl ao que o tesão é recí proco, mas sua f orça de vontade em resi sti r é mui to mai or do que a mi nha.

A tei msi a em se render só faz com que meu sangue grego aqueça. O caçador em mi m vi ndo à tona.

Ao contrári odas outras noi tes, dessa vez estou aqui . Não através da tel ado meu cel ul a vendo-a pel acâmera, mas a poucos passos de f azer o que desej o, desde quando conversamos no hospi tal .

Eu não estou só testando nossos l i mi tes quando vou para o l ado de fora sabendo que Ceci l y está na pi sci na, estou mandando para o

infelizmente todas as minhas regras, já que nunca trouxe outra mulher com quem tive um envolvimento sexual, além da minha esposa, para dentro de casa.

Convenço-me de que tenho o controle da situação. Sou experiente. Não há nada sobre sexo que eu não saiba ou já tenha feito. O desejo por Ceci só é tão intenso assim por ela representar um desafio.

Estou começando a acreditar nisso, sentindo-me confortável com minha decisão, quando a vejo.

Ela não está nadando, está saindo da piscina.

Eu disse que tinha controle sobre meu desejo por ela?

Não, eu não tenho controle algum diante dessa mulher. Principalmente agora, quando a encontro completamente nua.



## Capítulo 33



Encosto na porta que dá para a piscina sei que Ceci tem consciência que estou aqui. Eu consigo ver seu corpo, não o rosto, mas se pudesse adivinhar diria que está envergonhada porque para de andar.

Os meus olhos percorrem cada pedaço dela: pernas esguias, mas com coxas fortes, o quadril pronunciado que tanto me enlouquece, ali mentandomi nas fantasias mais sacanas. A boceta quase sem pelos, com um tupa que pode ser usada. O abdômen reto e os peitos grandes em comparação ao conjunto.

Ela é a visão de uma deusa encarnada. Toda feminilidade que Ceci consegue abrir para si nuances de inocência e pureza. Tentação e pureza.

Há também a vontade de não a deixar escapar, que me faz querer protegê-la e que me impede de tratá-la como a maioria das outras mulheres.

Um elemento que não tenho noção de como pode ter se formado, mas que me liga inexoravelmente à minha ruína.

Foi essa a razão para que, no começo, eu quisesse mandá-la de volta para o Kansas.

Agora que já a conheço melhor, no entanto, eu a desejo comigo, porque sou egoísta e preciso vendê-la, descobriro que há nessa menina-mulher que não encontrei em nenhuma outra.

— Você voltou sem avisar. Achei que seria amanhã.

— Era para ter vindo mais cedo, mas agora estou satisfeito que tenha te encontrado aqui.

— Sabia onde eu estava?

— Você nada tem a dizer quando estou visitando Joseph e a família com Elina.

— E me espantava?

— Sim, pelas câmeras.

Elina me dá um meio sorriso.

— Isso é um pouco pervertido, doutor Kostanić.

Elina está me provocando, porque já não me chama mais assim.

— Perverti do? Acredite quando eu toque até agora fui um santo, Ceci. As minhas perversões ainda não vi eram à superfície. Quando acontecer, talvez você fuja.

— Acha que vou correr?

— Você me diz: vai? Ou quer experimentar tudo o que desejo fazer com você?

— Não sei do que está falando.

— Continue mentindo para si mesma. É vergem, mas intei gente. Sabe que eu te quero.

— Eu devo me cobrir.

— Quer se cobrir?

— Deveria querer, mas gosto do jeito que você me olha. Não parece errado você me ver nua.

Abro os botões da minha camisa, mas não a tiro do corpo. Desfaço-me os sapatos e me sento ali alguns passos para perto dela.

— Como eu te olho?

— Com fome.

— É uma boa definição.

— Eu sinto fome de você também, mas não...

— Shhhh... sem negati vasou razões para não nos envolvermos.  
Eu sei todas de cor,mas tenho uma proposta.

— Proposta?

— Duas semanas juntos— digo,tentando me concentrar em seu rosto, mas a maneira como Ceci l y i cã vontade, completamente nua na minha frente, está me enlouquecendo.

As duas semanas que acabo de determinar são porque esse foi o maior período que já fiz com a mesma mulher fora a minha esposa.

— Está me propondo ficar juntos por um período, com prazo para terminar?

El año parece chocada, mas há algo por trás da pergunta que eu não consigo definir o que é.

Decepção?

Tal vez seja um acordo cruel para se oferecer uma viagem,mas é muito mais do que já entreguei a outras mulheres.

— Sim. Quando ela para explorar a atração que está nos consumindo e então, seguimos em frente sem olhar para trás.

— E o meu emprego?

— Continuarei aqui por tanto tempo quanto desejar desde que, uma vez que terminemos, esqueça do nosso período juntos. Nunca

deverá tocar no assunto ou i nsi nuad que quer que sej asobre nós  
doi s. Quando o f i m chegará um f i m def i ni ti vo.

É el a quem se aproxi ma agora, o quei xo ergui do, l i nda para  
caral ho com as mãos nos quadri s, parecendo pronta para uma  
bri ga.

— Está tão seguro assi mde que serei eu a f i casuspi randopel os  
quatro cantos com saudade de nós doi s?

J esus, a mul her está um passo al émde ser uma del í ci a. Cada  
coi sa que sai de sua boca, evoca o sel vagem em mi m. El a me  
desafi a sem dar a mí ni ra para nossas posi ções soci ai sou  
di ferença de i dade e vi vência.

Ceci l y é coraj osa, combati va. Um tesão.

— Sou o experi entede nós doi s. Ti vemui tas amantes. Nunca me  
envol vicom al guémao ponto de querer mai s. Então, si m, acho que  
se um de nós vai f i car com saudade, será você.

— Nem mesmo com sua esposa qui s mai s?

— Nem mesmo com el a.

— Mas se casaram.

— Si m, nos casamos. Qual é o ponto dessa conversa?

Dá de ombros e nesse i nstante sua expressão é i ndeci f rável .

— Tenho uma contraproposta.

Tento disfarçar a surpresa enquanto calculo que ela poderá querer. Só pode ser mais tempo comigo e tal vez, por ela, pela minha vontade, eu ceda. Porque, pensando bem, é provável que duas semanas não sejam suficientes.

— Estou te ouvindo, Cecilia.

No momento, eu concordaria com qualquer coisa que ela trouxesse para a negociação. Um mês, dois meses? Tudo bem.

Embora eu ache difícil que meu interesse tanto, meu desejo é o que está no comando e vou ceder à demanda dela se isso significar dar aquelas coxas torneadas em volta da minha cintura enquanto me entrego em sua boceta.

— Uma noite e um dia.

Primeiro, acho que não ouvi direito.

— O quê?

— Falou para ficar duas semanas juntos... como foi o termo que usou, mesmo? Ah, lembrei “quize para explorar a nossa atração que está nos consumindo e então, segui-me sem freio sem olhar para trás”. Não preciso de tanto. Estou apenas curiosa a respeito de sexo e você me atrai. Tenho vinte anos e nunca experimentei intimidades com um homem.

— Está me dizendo que só poderei tê-lo por vinte e quatro horas?

El a acena com a cabeça, parecendo indiferente ao meu choque  
— Eu só quero uma noite, a partir de agora. Dispense os outros funcionários. Seremos só nós dois na casa. Serei sua até esse mesmo horário amanhã.

— Não. Eu não quero apenas vinte e quatro horas.

Cecília dá de ombros outra vez, como se a minha negativa em aceitar sua proposta encerrasse a negociação. Começa a andar para recolher um roupão em cima da espreguiçadeira. Os quadris em um balanço suave, a bunda empinada e redonda imploranda por minhas mãos.

— Por que somente um dia?

El a volta a me encarar

— Porque eu não posso me apaixonar por você. Duas semanas é tempo demais.

— E nesse prazo ridículo que propôs acha que pode me dar tudo o que quero?

— Não sei o que você quer, mas eu vou ser sua para qualquer coisa.

Eu a encaro, ainda sem acreditar no que diz.

— Está brincando? Porque se fecharmos esse acordo, nós o cumprimos, Cecília. Terá apenas um dia comigo. Sem concessão.

É o que quer?

— Sim, é o bastante — responde teimosamente sua autoconfiança me enlouquece.

— Então, a partir de agora, você é minha.

Eu não lhe dou tempo para pensar, trazendo-a para mim pela mão e fazendo com que solte o roupão que segurava.

O primeiro contato da palma com a pele nua de suas costas faz com que nós dois gemamos, o desejo e a ebriedade não podendo mais ser contidos.

Surpreendendo-me, Cecilia se joga nos meus braços, puxando-me para baixo, feroz e apressada.

As mãos pequenas deslizam pelo meu pescoço, mandíbula e peito. Ele parece não saber onde tocar primeiro e sua necessidade é como gasolina no fogo que me consome.

— Qual quer coisa? — pergunto, completamente insano.

— Tudo com você. Sou sua — diz, apenas segundos antes de eu segurá-la pela mandíbula e devorar sua boca.

O tesão que sinto por ele me deixa transtornado, fora de mim, desesperado por seu contato e sabor.

Eu tenho seu rosto em minha mão e com a outra, puxo o corpo nu e úmido contra o meu.

Eu não a beijo. Eu fodo sua boca, consumindo-a inteira com ganância e selvageria.

No momento, estou pouco me fodendo para prazos, a única coisa que sei é que Ceci é e será minha. Já é minha.

Ela corresponde com avidéz, quei mando-seno mesmo fogo que eu, me oferecendo a boca em um beijo infinito com que língua e dentes duelampelo controle e mas ao mesmo tempo, se rendem à entrega.

Não é um contato ensaiado, não há nada de elegante ou calculadomananei ra como nos tocamos. É fome crua, que vem cozinhando em fogo baixo.

Desejo desenfreado, demanda, precisão, urgência.

Ceci é e arranca minha camisa e morde meu peito.

Eu rosno e ela sorri. Faz de novo, como se fosse minha dona. Como se tivesse me provado a vida toda e soubesse como me enlouquecer

— Quero você na minha cama.

— Eu não me importo aonde. Só não pare.

A água secou de sua pele de seda, restando suor, frotodo tesão e fôbre. Enquanto como sua boca, minhas mãos se deliciampelas curvas do corpo dela.

— Eu vou te foder tão profundamente que não vai se lembrar de como era antes que eu estivesse aqui — prometo, escorregando a mão até o centro de suas coxas.

Alcanço o vértice encharcado e ela fica na ponta dos pés, ansiosa, porém, eu tenho outros planos e a pego no colo.

Ela amarece muito ao ver que uma foda apressada, mesmo que não haja nada que eu queira mais do que tomá-la aqui, em pé, porque meu desejo está um passo além do descontrolado.

Ao invés de me dirigir para o quarto, no entanto, vou para a piscina.

Eu a coloco no chão quando nos aproximamos da água, dou um passo para trás e começo a me despir.

Cecily está encabulada, mas não desvia o olhar.

— Não vamos subir?

— Ainda não. Eu fantasio com você nua, ao meu dispor aqui. Só me deu vinte e quatro horas, mas não terá um lugar nessa casa que você caminha sem se lembrar de mim, tomando-a.

— Não vou me lembrar. Eu nem gosto muito de você, para ser sincera. É só desejo, mesmo — ela me provoca, porque nós dois sabemos que é precisamente o oposto.

Ai ndaque eu não quei racompromi sso,o grande empeci l h até agora f oi j ustamente esse: gostamos um do outro al ém do sexo. D pequenas i mpil cânci as mútuas e da mi nhaparte, da maneiracomo me enf rentasem dar a mí nima para quem sou ou quanto di nhei rc tenho.

— Não gosta de mi m? — pergunto, escondendo um sorris o, enquanto desço a boxer, a úl ti mapeça que f al tavaç meu pau sal ta grosso e ereto.

El a engol e em seco, sem di sf arçar o desej o.

Começo a me masturbar l entamente e seus ol hosse arregal am. Cada reação de Ceci l y me dei xa ai nda mai s l ouco.

— Não, eu não gosto — conti nua menti ndo. — Depoi s que acabar, eu vou segui r em f rente.

— Tal vezeu te persi ga.Nunca vi via experi ênci a de ser dei xadoe é i sso que está pl anej andoção é? Me dei xarquerendo mai s,na vontade?

— Si m,eu vou dei xá-l ma vontade. Carente e suspi rando por mi menquanto andar pel a casa. L embrando como f oi me ter por apenas um di a. Vêndo, mas sem poder tocar. O f i m é i negoci ável .

Meu sangue f erve di ante do desaf i o.

— Eu vou acabar com você hoj e, Ceci.l y

El a se af asta sorri ndo e corre para a água, mergul hando.

— Pode ser que eu também acabe com você, doutor Kostani di s  
— a atrevi dadi z, depoi s que vem à tona. — Pode ser que eu o  
estrague para as mi nhas sucessoras.

As pal avras soam como uma espéci ede prof eci æ de al gum  
modo, tenho a sensação de estar em desvantagem naquel a  
negoci ação.

*Est abel eçamai spr azo* — uma voz determi na, mas eu a cal o  
porque sou orgul hose e nunca preci sei l utar pel aatenção de uma  
mul her, então, convenço-me de que a f ome vai passar

Vou atrás del a, mas como j áhavi apercebi dopel osví deçs, é boa  
nadadora. Entretanto, eu tenho uma mi ssão, que é não desperdi çar  
um segundo do tempo que me deu.

Si goem sua caça na água e quando f i nal menta al caço, eu  
não espero, pegando-a no col o e andando para uma das bordas.

Sento-a l áe encai xo-meno mei ode suas pernas, af asãdo-as  
ampl as.

Eu ol hoseu sexo sem di s simul are sua respi ração f i cãpesada  
quando percebe qual é o f oco da mi nha atenção.

— Você está ol hando... você está...

— Si m, ol hando essa boceta l i nda.

Abai xoa cabeça e beijou a íntima de suas coxas, percorrendo com a língua a carne dura e molhada. Eu adianto de propósito para provar o que quero e Cecilia não consegue controlar a inquietação, as mãos vindo para o meu cabelo.

— Com pressa?

— Não com pressa. Ansiosa. — Suspira.

— Ansiosa pelo quê? O que você quer?

— Você.

— Eu vou te dar tudo. Não duvide disso.

— Eu quero tudo. Hoje, você me pertence, Dionysus. É meu como serei sua.

O jeito como diz aquilo sem pudor e entregando-se, é o meu gatilho.

Eu a puxo para a borda, quase descolando sua bunda da superfície e sem lhe dar tempo de prever o que farei, separo os grandes lábios e caio de boca no clitoris duro.

O primeiro contato da minha língua com o feixe de nervos a faz tremer, tentando fechar as coxas.

Eu as mantenho afastadas e recomeço o ataque.

O gosto dela é de paraíso: doce e viciante.

Sua excitação encharca meus lábios e eu preciso de mais, então substituo a boca no clítoris pelo meu polegar porque preciso estar nela de uma maneira ou de outra.

Enfiando a língua profundamente em suas paredes estreitas. Eu fodo seu canal aveludado, lambendo seu gosto, me tornando cada vez mais cativo de seu sabor.

Ela endurece, o tesão fazendo com que puxe meus cabelos quase ao ponto da dor e eu a olho de baixo para cima, sem parar de comê-la.

Cecily choraminga e apoiando as mãos na borda, ergue os quadris.

Ela quer mais e vou dar tudo.

Ávido, sugo seu néctar com voracidade, lábios e língua devorando-a, querendo gravar seu gosto.

— Deite-se e apoie-se nos cotovelos.

Ela obedece e a posição me deixa saber melhora quanto seu sexo brilha, ensopado de mel, os lábios já um pouco inchados das minhas chupadas.

Eu mamoo sua boceta, me alimentando da carne molhada e Cecily treme, gemendo alto.

Prendo o cl i tóri entre meus dentes e el a gri ta, descontrol ada, exi gente, separando ai nda mai s as pernas, sem que eu mande.

Eu seguro seus quadri s, l amboseu sexo em gol pesl ongo se o pri mei ro orgasmo a f az convul si onar contra a mi nha boca.

Eu bebo tudo. Sugo e começo outra vez porque não consi go obter o suf i ci ente. Eu quero mai s. Cada gota do prazer del a na mi nha l í ngua.

Ceci l ydi z meu nome enquanto se entrega, assi m como eu prometi que f ari a mas há al g de trai çoei ra nessa conqui sta, porque acho que posso f i car escravo desse chamado sensual .

Mesmo depoi s que seus tremores di mi nuem, eu não paro.

Eu a saborei o sem pressa, porque eu estou f ami ntoe quero degustá-l a, expl orar cada recanto.

Gi ro a l í ngua no cl i tóri e meto meu pol egar em sua abertura i ntacta, di l atando-a, dei xando que se acostume com a i nvasão.

Vel udo quente. Um esconderi j o apertado. Uma pri são que quero entrar vol untari amente.

El a é meu oási s, meu éden.

Quero perder-me dentro de sua i nocência æser aquele que a f ará mul her O úni co detentor de seu prazer

Os pensamentos incoerentes atravessam minha consciência indo na contramão do nosso acordo e mesmo nesse instante, quando ainda não concluí minha posse, eu sei que vou querer mais.

Sugo o clítoris em mamadas suaves agora e ela enlameia, me fazendo promessas, negociando que eu qui ser desde que não pare.

Troco o polegar pelo dedo indicador aprofundo-o até encontrar meu alvo. Aquel é ponto exato que assim que a canção ela urra, gozando gostoso outra vez.

Cela estremece, tenta fugir Não permito, mantendo-a onde quero. A boca aberta em sua entrada, engolindo seus sucos.

Ela se aperta em voltado meu dedo em pequenas contrações e a boceta vaza ainda mais de seu mel.

Eu puxo suas coxas sobre meus ombros e chupo tudo, sem deixar sobrar uma gota. A língua trabalhando dentro e fora, lambendo suas paredes internas, pelos, virilha.

Estou com tanto tesão que sinto dor, mas eu não consigo parar de comê-la.

— Eu vou desmaiar

— Não vai. Eu não vou deixar. Vou te manter acordada por todo nosso tempo juntos.





## Capítulo 34



Urgência e, ao mesmo tempo, uma necessidade de adiar prolongar a tortura.

É o que ela me faz sentir

Quero levá-la para o meu quarto e fodê-la sem parar, mas também quero ficar aqui, olhando sua expressão pós-goza, ainda perdida no prazer que acabo de lhe proporcionar

— Eu não sei se aguento você. É muito sexy. Me deixei tonta, desesperada.

Jesus, ela não tem filtro. Tão crua e verdadeira. Despedida de artimanhas, entregue e sensual.

Eu a pego no colo outra vez e ando para as escadas da piscina.

— Só vamos saber se aguentará quando chegar ao fim. E eu nem comecei ainda.

Caminho com ela em meus braços, mas tomando o cuidado de segurá-la adequadamente não com as coxas em volta da minha cintura, porque não confio em mim mesmo nesse instante.

Senti o roçar de sua boceta em meu pau duro como aço poderiame fazer cometer a loucura de meter fundo, em pé mesmo.

Assim que entramos na sala, começo a andar em direção às escadas, mas Cecily me para ao dizer:

— Aonde estamos indo?

— Quero você na minha cama.

— Lá, não.

— Por que não?

— Eu não quero.

— No seu quarto, então?

Ela sacode a cabeça, negando.

— É inútil mesmo aqui, na sala mesmo. Assim, não vou me lembrar de você ao dormir.

— Vai se lembrar de mim de qual quer jeito. Serei seu primeiro—  
falô, não por arrogância, mas por uma questão de fato.

— Não quero l embrarde nós doi sl áe não quero me dei tarna sua cama. Eu desej o tudo — di z, corando —, mas não a i nti mi dac

— Não há nada mai s í nti mo do que o que vamos f azer

El anão responde. Bei j a-m~~ao~~ i nvésdi ssoe mesmo contrari ado, si go para a sal a.

— Estamos mol hando tudo.

— Quem se i mporta, rui va? Só estamos nós doi saqui e agora você será f i nal mente mi nha.

Eu nunca ti ve que trabal har o autocontrol e com uma mul her porque j amai scheguei ao ponto de perder a cabeça, mas com Ceci l,yeu preci sode cada grama de f orçade vontade para pegar l eve, segui r um rotei ro mi ni mamenteci vi l i zado não assustá-l a nessa pri mei ra vez.

Se fosse cumpri ra exi gênci a do meu corpo, a recl i nari sobre o sof áe a f oderi até que desmai ássemosde exaustão, mas el anão tem experi ênci a e vi rgem. l ri traumati zá-l e f eri -l também. Só de pensar ni sso, me si nto mal .

Eu a col oco de pé e me af asto para admi rá-l a.

— Você é uma deusa, Ceci l.yEu não sei como me convenci de que podi a me control aNunca ti ve a menor chance.

Parece sem j ei to.

— Eu não quero que me olhe apenas. Toque-me. O relógio está correndo.

As palavras dela me fazem mal e não pelo desejo, mas com uma mistureta de raiva porque nunca antes recebi um ultramarido.

Relógio correndo? Já me dei conta de que determinei o quanto teri a do que quero, e não estou disposta a começar agora.

— Acha que detém o comando sobre nós dois, Ceci? Vou te mostrar o quanto está enganada. Nenhum de nós tem controle do que está acontecendo ou nem estaremos aqui.

— Não quero pensar no porquê não deveria estar. Só quero sentir

— Não é tão corajosa assim, ruiva. Nem quer ir para a cama.

— Por que se importa?

— Não merece somente uma foda na sala.

— Por que não? Vou ser só mais uma mulher na sua vida.

— É assim que quer ser tratada?

— É assim que *prefiro* ser tratada. É uma escolha.

— Ajude-se, então. Se está escolhendo ser uma transa de uma noite, precisamos começar suas lições. Vai aprender como gosto que chupem meu pau.

Eu esperava que protestasse, me mandasse me foder, mas ela ofegava, os olhos adquiriram um brilho intenso e como uma maliciosa tentação, me obedece.

Sinto-me instável, furioso, mas morrendo de tesão, também. Quero colocá-la sobre meus joelhos e surrar sua bunda por me deixar confuso, por ser tão delicadamente mossa, por me desafiar. Mas quero mais ainda foder sua boca, boceta e bunda. Manda-a uma e outra vez duro e profundamente para que ela entenda que não dita as regras aqui.

A tensão sexual entre nós dois é tão grande que até mesmo o ruído das respirações me excita.

Eu nunca fui posto contra a parede e a sensação de estar do outro lado da mesa, de me ter negado o que sei que vou continuar querendo, faz meu lado mais cruel aflorar.

Puxo cada grama de racionalidade para não dar vazão ao tesão visto porque não quero assustá-la apesar de tudo, mas quando toma a iniciativa de me tocando o controle para o caralho.

Ela me acaricia devagar e não é o que quero. Normalmente, meu desejo não é suave, mas com ela, a intensidade do meu tesão é brutal.

— Vou te ensinar a chupar meu pau. A me engolir até que não consiga respirar. Quero meter profundamente nessa boca gostosa.

Pela primeira vez desde que cheguei, parece ansiosa.

— Está com medo?

— De não agradar você, apenas.

— Porra, Ceci!

Eu guiei o meu pau duro na frente de seus lábios, roçando-os com a cabeça molhada de pré-goço.

— Quero foder sua boca. Não que mame, apenas. Vou meter gostoso como vou fazer na sua boceta.

Ao invés de me empurrar, me chamou de pervertido, canalha, safado, ela geme e separa os lábios para me receber.

— Lamber a cabeça do meu pau. Está louca por isso, né?

A língua escapa timidamente e ela me prova quase que com reverência, mas depois do primeiro contato, abre os lábios com avidéz, sugando.

— Assim mesmo. Use a língua. Não morda.

Fiz meu rosto com uma mão e empurrei os quadris. Ela é toda pequena em comparação a mim e não entra nem a metade.

— Relaxa mandíbula! Não vou te machucar, mas preciso que me deixe entrar.

Começo a comê-la adevagar, para que se acostume. Cecilia é uma aluna atenta. Pega o ritmo e, em pouco tempo, me chupa com ganância.

Meto mais profundamente a língua, assustada, apenas para dois segundos depois me tomar novamente quase inteiro.

Aperto os dentes quando sinto a parede de sua garganta. As pernas tremendo pela força com que tento conter a luxúria.

— Já fez isso antes?

Ela não responde e eu me retiro.

— Fale.

— Você é meu primeiro tudo.

Merda, suas palavras não deveriam me deixar oucoassim, mas nesse momento, não sou um empresário instruído com uma cabeça liberal. Sou um homem das cavernas, um filho da puta territorial e egoísta, satisfeito por ela só pertencer a mim.

Volto a meter, indo cada vez mais longe e mantenho o cabelo dela enrolado em meu punho.

Cecilia agora não tem opção a não ser me deixar invadido - mas estou atento a seu rosto, tendo a certeza de que é o que quer.

— Sua boca é a porra do paraíso.

Ela geme em volta do meu pau pelo elogio.

Ceci l y está se entregando sem regras ou pudores, choramingando por mais, gulosa e safada.

Eu quero foder sua boca a noitoda, mas quero mais não me perder na boceta intocada.

Uso de toda força de vontade para parar porque meu pau pulsa e sei que mais um toque de sua língua a inundarei com meu esperma.

— Eu não vou te foder aqui. Você merece mais— fale enquanto me abaiço para pegá-la no colo, sem dar a mínima para os protestos.

Si go di reto para o meu quarto e a deito na cama.

Posiciono-me sobre ela, ajoelhadouma perna de cada lado de suas coxas e escorrego uma das mãos entre as dobras ensopadas.

— Safada. Tão molhadinha.

Enfiom dedoe em seu calças ascendocom a beleza de seu rosto enquanto se entrega ao prazer. Ela se mexe, circundando os quadris, querendo mais.

Uma veiapulsa em minha garganta, sinalclaro de quanto estou me esforçando para não agir como um selvagem.

— Preciso dessa boceta me apertando, Ceci l y. Quero me enterrar até as bolas em você.

Vou ao banheiro e pego uma tira de preservativo.

Com a habilidade adquirida por anos de prática, me protejo rapidamente, enquanto ela observa.

— Não tomo pílula.

— Eu imaginei nunca foder sem, a não ser quando estava casado. Quero muito sentir sua carne contra a minha, mas não vou me arriscar. Se ficar grávida, nunca mais serei virgem de mim.

Era para ser uma brincadeira, dado o pavor que ela parece sentir de manter um caso comigo a longo prazo, mas incômodos e palpitações não me causam nenhum desconforto como deveriam pensar em engravidar a babá virgem do meu filho.

Confuso com a descoberta, tento me concentrar apenas na atração sexual entre nós.

Eu me sento e a trago para o meu colo, mas não permito que desça, mantendo-a ajoelhada apenas.

Puxo-a para um beijo, abrindo sua boca doce e ela se remexe, contorcendo-se, gemendo.

— Não se abate. Vou te foder assim porque estou com tanta tensão que temo que se fiquemos juntos, posso te machucar. Sou

grande e você, del i ci osamente apertadi nha. Nessa posi ção, vai ter  
mai s control e do quanto aguenta até que eu possa meter tudo.

— Meu Senhor!

— O quê?

— Você pode me f azer chegar ao céu só f al ando— di ze pega  
mi nha mão, l evando-a até o mei o das coxas.

El a pi nga nos meus dedos.

— É uma vi rgem mui to devassa, senhori ta Bradl.ey

— *Sua* vi rgem devassa, doutor Kostani di s— provoca, me  
bei j ando.

Dou um tapa em sua bunda e si nto seu sorri so contra mi nha  
boca.

— Você me mata, Ceci l.y

— É recí proco.

— Desça devagar — comando, segurando as bochechas de sua  
bunda. — Não quero que si nta mai s dor do que o necessári o  
quando eu te f i zer mi nha.

— Estou quei mando por você, Di onysus.

— Essa mi sturade garota ingênu a com puro pecado ai nda vai  
roubar mi nha sani dade, deusa. Separe os l ábi os da boceta para  
mi m. Quero você bem aberta quando eu começar a meter

— Oh, meu Deus... — geme e quando olhopara baixo, as mãos estão afastando as dobras como mandei .

— Você é um tesão.

Eu toco seu clitóris muito devagar e ele amordaço o lábio que para segurar os gemidos.

Eu a puxo pela nuca com força, mantendo-a parada enquanto chupo seus lábios.

Pressiono a outra mão acima da bunda e a forço para baixo.

— Desce, roça essa boceta molhada no meu pau.

Ele achora porque eu escorrego um dedo, fazendo pressão por trás, em sua outra entrada.

— Vou te tomar toda. Não hoje, por respeito a sua inocência, mas vou te comer inteira.

— Só temos hoje.

Eu não respondo porque sei que não será assim. É impossível provar algo tão doce quanto ele e não querer mais.

Eu entro só com a cabeça, dilatando seu sexo, mas sem empurrar ainda.

— Ahhhh...

Circulo seu clitóris com o dedo para que relaxe.

— Mais — pede, incluindo-se sobre mim me oferecendo os peitos lindos.

Ela está arrepiada e sinto sua ansiedade me alcançando em ondas.

— Está louca para ser fodida, vai. Desesperada para que eu te preencha.

— Dionysus...

O clamor do amor me põe faminto e sugo o bico até que me entumesci do seu leite. Suas mãos vêm para o meu cabelo.

— Ohhh...

Cecília é pura intensidade, responsável pelas suas reações e aliamente minha loucura por ela.

Chicoteei o mamilo com a minha língua e ela agarra minha cabeça para me manter parado.

Inocente, sedutora, exigente. Ela é uma misturinha de neblina.

— Desce mais. Teme o quanto aguenta.

Ela desliza mais um pouco, mas fica tensa.

— Dói ?

— Você é muito grande para mim.

— Não existe isso, vai conseguir me acomodar inteiro, não? Eu só preciso que esteja pronta e você está, Cecília. Essa boceta

intocada está ensopadi nha.

Empurro para cima, ao mesmo tempo em que a trago ao meu encontro, com a mão ainda em sua bunda.

O corpo me suga, mas ela solta um gemido angustiado.

— Mui to?

— Sim. Eu te sinto me abrindo, mas não pare. É tão gostoso.

— Toque a pulseira no meu pescoço — ordeno e quando ela obedece, continuo. —

Percebe como meu coração está acelerado? Isso é o quanto estou me segurando para não me enterrar todo em você. Saber que em alguns segundos vou estar inteiramente em sua boceta me deixa louco, Cecilia.

Ela me observa, esperando que eu a guie. Sua submissão, um contraste com a costumeiramente impertinência, me excita para caralhar.

Cecilia é quente por dentro e seu cheiro de mulher de fêmea pronta para ser tomada, é como uma espécie de entorpecente que desperta todos os meus sentidos.

— Vai doer — aviso, perto da ruptura —, mas não posso mais esperar.

Coloco a mão entre nossos corpos e massageio seu nó rígi do apertando-o com pressão suficiente para fazê-la implorar pelo

orgasmo e quando seu olhoso perde o foco, eu mudo o agarre para seus quadris e a faço sentar em mim, afundando-me por completo.

Ela tenta fugir e me morde.

— Não, amor. Vai passar Confie em mim.

Sem sair de seu interior mudo a posição, deitando-a e cobrindo seu corpo com o meu.

— Dói muito...

— Eu sei, mas logo vai ficar uma delícia. Eu nunca quis alguém como eu te quero, ruiva. Me deixa te fazer gostoso.

Eu começo a me mexer devagar, atento às reações dela.

Ainda está tensa e com dor, mas quando abaiço a cabeça e mamo seu peito, geme e afasta as pernas, permitindo que me acomode melhor.

— Tome-me. Eu quero tudo. Meu corpo está doendo com você e por você, Dionysus.

Suas mãos agarram a minha bunda, me puxando.

Ela mantém o olhar preso no meu e os quadris se movem, enquanto a boceta me sugando, causando um tremor de tesão à base da minha coluna.

Eu me afasto, saindo inteiramente e volto a me agarrar até o saco. Os pelos se movem, suor se misturando. Somos uma bagunça de desejo.

escorregadi o.

Eu a seguro pel asancas, erguendo-a no ângul oque quero e urro de prazer quando sinto as bolas batendo contra sua bunda, enquanto martelo cada vez mais rápido e profundo.

— Quero comer essa boceta como café da manhã. Vou me alimantar de você todos os dias, metendo gostoso.

Ela se contrai, o que me mostra que gosta da minha boca imunda.

— A dor está passando. Não se segure. Tome-me como quiser. Eu preciso de você.

Apoiado nos cotovelos, mordo sua orelha.

Empurro forte, percorrendo várias vezes a estrada úmida de seu sexo.

Ela me aperta dentro do corpo, mas ainda está tensa.

Não paro. Deslizem sua boceta, penetrando-a profundamente e ela arqueia, vindo ao meu encontro.

— Isso, minha delícia, me comi go, se entregue.

Acariço seu clitóris enquanto pequenos espasmos em vol tado meu ei xo.

— Vai gozar para mim. Comi go dentro de você. Envolve suas pernas na minha cintura.

Ceci lya se entrega, obedi ente e sedenta, mas agora j á não recebe apenas. Acei ta mas doa, movendo-se como a deusa que é. A boceta quente e suave como seda me engol i ndo.

Meu coração al cança um ri tmo peri goso, as bati das tão acel eradas quanto a f úri a com que a f odo.

Ergo uma de suas coxas até meu ombro, ci rcul andos quadri s até encontrar o ângul o que a f az gri tarme nome, descontrol ada, gozando tanto que meus pel os f i cam mol hados.

O rosto boni to está corado, a boca entreaberta ai nda dei xando escapar gemi dos.

Eu me aj oel hõa cama e a trago comi go, montada. Ceci lya i nda está gozando quando recomeço a f odê-l a nessa posi ção, penetrando-a sem dó.

Mordi sco pescoço, mamoo s pei tos, saboreando os pi cos duri nhos.

Toco sua bunda com a ponta do dedo médi o sem parar de meter e el a vem ao encontro da mi nha mão.

— Quer tudo, né? Quer que eu te tome i nteiri nha— Imagens del ade quatro enquanto como sua bunda f azem meu pau vi raraço dentro de suas paredes.

— Qual quercoi sacom você — di z, me bei j ando.— Tudo com você.

El a se al avanca em meus ombros, descontrol ada, carente e quando dou o que quer, f odendo-acomo um ani mal se desmancha em meus braços, emendando outro orgasmo.

— Quero mai s. Não acabei ai nda — avi so.

Eu a col ocoem suas mãos e j oel hosde costas para mi me meto outra vez.

El aparece uma boneca, entregue para que eu f ação que qui ser Enf i dudo, i nvesti nde erozmente em seu i nteri orSegurando seus quadri s com uma mão, sem me i mportar que estará marcada amanhã. *Desej andodei xar mi nha marca.*

Tomo sua boceta no ri tmo que quero, l ento, mas a cada vez, parando prof undamentedentro del a, mantendo-a di l atada para mi m.

Abai xo-mee mordo seu ombro. Curti ndocada i nvesti da dentro de seu corpo, querendo f i car al i para sempre.

Mol ho o pol egar na boceta e uso a umi dade para penetrar de l e sua bunda.

No começo, f i catensa, mas eu não paro, persuadi ndo-a a aguentar.

A cada vez que entro em seu sexo, retiro o dedo de sua bunda, intercalando a penetração.

Cecily geme alto e rebola.

Safada, gostosa, despuerada. Minha.

As contrações recomeçam e com um gemido longo, ela goza, a cabeça tombando na cama.

Eu poderia continuar por muito tempo porque quero adiar ao máximo o meu prazer. Eu nunca experimentei uma conexão tão forte com uma parceira, mas por ser a primeira vez, não posso exigir tanto dela.

Agarro os quadris com ambas as mãos e bombeio duro, em uma dança quase cruel. Mesmo exausta, ela arqueia, apertando meu pênis em sua boceta deliciosa.

— Minha. — Após a declaração imprudente, eu me rendo ao prazer, urrando seu nome.



## Capítulo 35



— Aonde você vai ? — el a pergunta, assim que me levanto.

— Pegar comida. Eu não comi nada. Vi minha retorta Paris se não gosto de refeições de avião, nem mesmo das do meu.

São seis da manhã e eu pensei que após horas sem lidar descanso ali de uns poucos cochilos estivesse dormindo, mas parece ter um sono leve.

Ele se ajoelha na cama, completamente nua e meu pau responde à visão do corpo delicado.

— Estou com fome também.

— Vem — chamo, oferecendo a mão.

— Preci so me vesti. P ode chegar al guém.

— Só por i sso?

Seu rosto cora.

— Si m, por causa dos outros f unci onári os. Não é porque si nto  
*t ant avergonha de você. Já vi u tudo.*

— Já, si m, mas não me canso de te ver nua. Quanto aos empregados, mandei mensagem ao chef edos meus seguranças de madrugada. Ni nguémvi ráhoj e, só os guarda-costas, mas el es não entram quando estou aqui .

Vou até o cl oset e pego uma das mi nhas cami sas. Já ti nha vesti do uma boxe, então f i caremos rel ati vamente compostos.

Paro na f rente del ae esti coa mão para l he entregar, mas quando f az menção de pega, me af asto porque não quero que se cubra.

— Não sei se vou te emprestar uma cami sa. Por que esconder meu paraí so?

O rubor aumenta.

— Me acha boni ta?

— Não, te acho perf ei to para caral ho. L i nda não chega nem perto de def i ni r

Vej o que esconde um sorri so depoi s do el ogi o.

— Não ti nha noção di sso?

— Não. Nunca dei muita importância para aparência, não ser no dia do casamento, quando me senti como uma princesa.— Esticava a mão. — Me empresta? Não posso comer nua.

Ao invés de lhe entregar a camisa, me aproximei e vi o fecho dos botões e dobrei as mangas até os cotovelos.

— Não sou criança. Podia ter feito isso sozinha.

— Eu sei, mas minha necessidade de controle chega a esse ponto.

Apesar do que falou novamente confuso porque, sim, sou um controlador nato, mas nunca em relação às minhas mulheres sim, à minha vida em geral.

*O que diabos está fazendo comigo, menina?*

— Disse que se senti como uma princesa no casamento de Madison e Zeus. Nunca foi a festa daquela e tu po?

Seguro sua mão e começo a sair do quarto.

— Minha cidade tem cinco milhões de habitantes e as pessoas são simplices. Não há festas assim. Quando se casam, é comidacaseira, música e muita dança. Só isso. Nada de vestidos de oitocentos e dólars.— Pausa e quando a olho, vejo que parece envergonhada.

— Fico mal só de pensar quanto custou. Zoe me obrigou a aceitar de presente. Ela é a sandália. Nunca vou poder pagá-la.

— Vou mandar fazer um cartão de crédito para você. Compre o que quiser

— Não, meu salário é suficiente por favor, neste instante, não quero falar sobre dinheiro.

Eu paro de andar e viro-me de frente para ela.

— Dinheiro é um meio para atingir um fim. Só quero que possua tudo o que deseja. Não tem nada a ver com o que houve entre nós.

— O que eu desejo não pode ser comprado. Não se preocupe, não preciso de nada. A não ser que haja outro casamento em breve, tenho roupas para mais de um ano. Ela tirou meu guarda-roupa inteiro quando comecei a trabalhar na biblioteca. Não gosto de falar de dinheiro com você. Parece errado depois do que fizemos.

Olho para o rosto inocente e entendo pela primeira vez que a diferença entre nós não diz respeito somente à idade ou posição social. Ceci, não importa o quanto atrevida seja, é ingênua e pura.

— Eu quero conversar sobre nosso arranjo.

Ela me encara em silêncio por uns segundos e sei que entendo do que estou falando: eu quero mais.

— Não consigo pensar quando estou com fome. Minha barriga está roncando, doutor Kostani disse. Preciso de muita comida.

El asai correndo e apesar de puto por perceber que está fugindo da conversa, sorri o.

Cecily Bradley é imprevisível como uma tempestade de verão. Não gosto de tempestades, normalmente. De imprevisão tampouco, mas contraditoriamente gosto muito de tudo o que vem dela.



Não volto a tocar no assunto do prazo que estabelecemos ontem. Ao invés disso, eu a observo enquanto come.

— Estava com fome mesmo.

— Eu como igual a um estival depois de uma jornada de quarenta e oito horas ininterruptas. Nada elegante.

Eu gosto do jeito como ela se apanha contra si mesma. Não é falta de autoestima, percebo. É a petulância característica.

— Fez isso a vida inteira?

— Comer muito?— pergunta, continuando a devorar a omelete com um sorriso de canto de boca. — Sempre que possível.

Franzo a testa.

— O que isso significa?

Desvia os olhos e dá de ombros.

— Exatamente o que falei se tenho comi da sobrando, como muito. Caso contrário, o faço com moderação. Consigo adaptar muito fácil.

É como ter uma bola de ferro revirando no estômago.

— Já passou fome?

Ela pega a jarra de suco e enche o próprio copo.

— Quer mais? — indaga, ignorando minha pergunta e eu nego com a cabeça. — Acho que não engordo porque tenho bons genes. Minha mãe era magra.

Permi-to que mude de assunto porque não quero constrangê-la, mas agora quero saber mais sobre seu passado.

— Fale-me sobre sua vida no Kansas.

Ela se levanta sem me responder e vai até a geladeira. Volta com um tubo de chantilly.

— Já conversamos muito. Eu quero realizar uma fantasia — diz, sentando-se na mesa, na frente da minha cadeira, mas sem separar as coxas.

Eu sei o que ele está fazendo: vai ando aí tuação para o sexo, porque Ceci lá não quer conversar sobre o passado.

Caço avidamente qual quer gota de força de vontade dentro de mim para lhe dizer não, mas não adianta.

Rosno, irritado e separo suas coxas. A boceta está brilhando de excitação.

Eu me levanto segurando os lados da camisola, rasgo-a de seu corpo, transformando-a em um trapo que descarto no piso. Os botões se espalhando no chão da cozinha.

Eu a empurro para que se deite na mesa e planto seus pés na superfície. Sem falarmos, abro o tubo da cobertura gelada e espalho em seus peitos e boceta.

— Não se mexa ou vou parar.

Levo a cobertura em seu sexo e a misturo com o seu gosto delicioso.

Ele ondula a cada toque da minha língua, gemendo baixinho mas eu não paro até fazê-lo gozar. Quando se entrega ao clímax puxo suas pernas à minha volta e meto profundamente em sua caverna sedosa.

A minha mente é uma confusão de raiva e tesão porque não gosto de ser manipulado e pela primeira vez, eu me pergunto a

razão dela ser tão arisca.

Sim, sei que nossa relação envolve verdades, mas tenho certeza de que essa loucura que me atingiu depois que transamos não é unilateral. No entanto, parece fácil para ela virar as costas ao que temos.

O que está me escondendo? Porque tem que haver algo que a faz tão segura de que deve correr para longe de mim.

Minha intensidade a está assustando?

— Era isso o que queria? Ser fodida?

— Sim.

— Não, está mentindo. Você queria fugir da conversa.

— Eu sempre desejei você. Não menti.

— Sim, eu sei que me quer. Nesse instante, sua boceta está pulando em volta do meu pau, mas sei que está se escondendo de mim também e não gosto disso. Eu vou desvendar você — avise, metendo nela sem descanso.

Desliza uma mão na curva da bunda; acaricia o mamilo com o polegar; mordia seu pescoço.

A tensão e urgência, a raiva, aos poucos cedem lugar ao prazer. É uma foda zangada, brutal, mas ela parece tão necessitada quanto me sinto. Ela se move, acompanhando o ritmo e por muito

tempo eu a como sem parar.

Agarro seu pescoço, fazendo um pouco de pressão, o que parece excita-lá imediatamente porque em seguida, ela goza fazendo um som rouco.

Calor e um choque de tensão explodem dentro de mim e eu a sinto me derramando por inteiro nela.

A sensação das paredes molhadas é deliciosa segundos depois eu entendo o motivo: fomos sem proteção.



— Não usei preservativo.

Eu ainda estou deitados sobre seu corpo, na mesa, mas depois do que falou, ela me empurra.

— Ai, meu Deus!

Cecily se afasta, mas não parece com raiva e sim, desesperada.

— Calma, nunca fiz sexo sem proteção, a não ser com a minha...

— Eu sei. Ouvi quando me falou no quarto, mas deveria ter escutado também quando eu lhe disse que não uso pílu-la.

— Escutei ,mas agora há pouco, perdi o control e.Eu queri aestar dentro de você e não me lembrei de nos proteger. Vou assumir qual querresponsabi l i dade sobre mi nhai nconsequênci a, no entanto.

— O que i sso si gni f i ca?

— Si gni f i ca e se esti vergrávi da,vou me casar com você. Não há outra saí da.

— O quê?

— Escutou o que f al ei?Peço perdão pel odescui do,mas se tem meu f i l ho dentro do corpo, não há outra sol ução.

El a me ol ha, pál i da, mas não rebate o que f al o.

Outro f i l hoã estava nos meus pl anos,mas se acontecer, não há manei ra de que permi ti rei que sej a cri ado l onge de mi m.

El a começa a sai r da cozi nha.

— Não f uja.

— Não estou f ugi ndo.

— Está, si m. Vem cá.

El a anda devagar, sem j ei tomas quando abro os braços, acei ta meuabri go e af unda o rosto no meu pei to.

— Estou apavorada.

— Conf i a em mi m?

— Si m.

— Vou estar do seu lado se estiver carregando meu herdeiro.

— Por obrigação.

— Por *responsabilidade*

— Dá no mesmo. Queria algo casual e agora...

— Agora, tal vez que finalmente traga consequências, mas não há como voltar atrás no que aconteceu. Está feito. Não vou deixar que se afaste. De acordo com sua palavra, tenho mais sumido do seu lado — falô, como se pretendesse mesmo concordar com aquilo.

— Está brincando, né? Ainda quer fazer sexo comigo mesmo sabendo que eu posso estar...?

— Quero. Eu te falei que iria te visitar, avesso nessas vinte e quatro horas, Cecilia. Acredite, nós mal começamos.

## Capítulo 36



— A quem você fez a promessa que te trouxe a Nova Orquestra?

Tomo um susto com a pergunta porque pensei que ele estava dormindo. Já é nossa outra vez e nos resta pouco menos de duas horas.

Logo, vou deixar de lado minha fantasia de Cinderela, de namorada do grego sexy e voltarei a ser a Gata Borralheira.

*Não — uma voz avisa — talvez não seja o fim há uma consequência desse encontro proibido.*

Meu Deus do céu e se eu estiver mesmo grávida?

Eu me sinto como uma trapaceira porque insistentemente fui casada com Joseph para sempre, ali é de continuar com o homem por quem, agora sei, estou apaixonada.

Mas não é o que ele quer. Usei a palavra *esponsabilidade* para definir o que faria se eu estivesse esperando um bebê.

Ele já tem um filho por tudo o que sei, não estava procurando uma nova esposa.

*Jesus, que confusão!*

Penso na pergunta que acaba de fazer, na verdade, uma continuação da conversa da qual fugiu. Eu poderia tentar a manobra outra vez, mas ele não é bobo. Ficaria ainda mais desconfiado.

Ali é disso, meu corpo está esgotado, penso, escondendo um sorriso.

Diagonis cumpriu a promessa de fazer amor ou ao menos preli minar em quase todos os cômodos da casa. Deu-me e exigiu tudo, na mesma medida depois de uma maratona de sexo, estou dolorida e exausta, mas satisfeita e feliz também.

Foram poucos cochilos, sua boca, mãos e sexo exploraram meu corpo, me fazendo gritar de prazer e implorar por mais.

O tempo todo, ele quis, me olhar e no começo tive vergonha. Eu sabia que fazer amor com ele requeria uma boa dose de intimidade, mas é muito mais.

A entrega é absoluta, principalmente na hora do orgasmo. Depois de tantos que me deu, tenho certeza, ele conhece todas as minhas vulnerabilidades.

Eu não entendo como as pessoas podem fazer sexo casual. Trocar de parceiros cada semana. Acho que se fizer isso, me senti vazia.

O prazer de possuir e ser possuída por ele por quem nos sentimos atraídas é uma delícia e o depois? Porque com ele, não importa o quanto eu saiba que o que temos tem prazo para acabar, eu me sinto especial.

Eu nunca vou esquecer do modo como a expressão dele é tensa alguns segundos antes de gozar e como, ao se entregar ao nosso prazer, o rosto dele se relaxa, a boca buscando a minha sem parar, mesmo após estarmos quase desmaiados de exaustão.

E quanto a fôlego, preciso dizer que ele ganha de mim com vários corpos de vantagem.

Diogo tem doze anos mais velho e ainda assim, tem um vigor inesgotável.

— Achei que nosso tempo juntos era voltado para meus prazeres do sexo. — Fim, mas, na verdade, é porque não quero trazer o nome de Keith à tona. Não ainda, ao menos.

— Conte-me, Cecilia, que fez uma menção do Kansas vir se arriscar em uma selva como Manhattan?

— Amor.

Estou deitada sobre ele e depois do que falou, sinto seu corpo endurecer de tensão.

— Veio por um homem?

— Sim.

— Olhe para mim.

Eu obedeco, mesmo com medo porque sei que estamos ficando em gelatina.

— Vim por uma promessa e por amor a alguém, mas não do tipo homem-mulher.

— Amizade?

— Sim. Eu fui criada por minha madrasta. Ela é uma boa pessoa. Já tinha uma filha quando meu pai morreu, ficou com seus cuidados.

Desviou nossos olhos, constrangida.

— Por que parou de falar?

— Não quero que si nta pena de mi m. Não preci so de pena.

— Por que eu f ari a i sso?

— Porque mi nha hi stóri a de vi da é um pesadel o. Eu passava fome, apanhava. Não i a a médi cos e nem podi a sai r para bri ncar

— *Ci nder el a*— di z, mas o rosto contraí do de tensão.

— O quê?

— Quando f oi a tropel ada, pedi ao meu pri mo para te i nvesti gar— f al ae eu meio que j á esperava aqui l o.— Odi n te comparou à Ci nderel a. El edescobri u sobre sua madrasta e sua i rmã de cri ação. Contou-me a respei toe di sse que sua hi stóri a pareci aa da pri ncesa do conto de f adas. Nunca i magi namos, no entanto, que f osse tão rui m. Onde essa f i l ha da puta está?

— Vi ve na capi tal do Kansas. Quando f i zle zoi to, saí de casa. Abri mão de tudo que meu pai dei xou. Só queri a di stânci a del as. El eacena com a cabeça, o rosto mai sséri odo que j ávi até hoj e.

— Por i sso não queri a vol tar para seu estado.

— Não, é pel a promessa que f i z.

— Onde esse ami go que tanto ama se encai xa nessa hi stóri a? Meu coração di spara. Eu pretendo contar para el e sobre Kei th u di a, mas preci so mover as peças com cui dado.

— El eera neto de uma vi zi nha Só i apassar as f éri asna mi nha ci dade, uma vez por ano, mas mesmo assi m, quando chegava, era como se fosse natal . Os di ã f i cavam mai sbri l hantese di verti dos El eme dava total atenção, cari nho. Cui davade mi m. Mesmo depoi s que crescemos, ai nda apareci a duas vezes por ano.

— Por que não te ti rou daquel e i nf erno?

— Não podi a. Eu era menor de i dade. El e, quatro anos mai s vel ho, mas nenhum j ui zlei xari ãm j ovem adul tose responsabi l i za por uma adol escente. J odel l e ãni nhamadrasta, tampouco permi ti ri a El a preci sava de mi m por perto até a mai ori dade porque eu teri a assi nar um documento abri ndo mão da casa do meu pai .

— Por que fez i sso? Era sua por di rei to.

— Acho que f oi cri ado em uma f amí l i amorosa, Di ony s. Por i sso não entende. Não há di nhei ro que compense você convi ver com quem odei a. E eu odi ava as duas.

— Nunca tentou f ugi r?

— Tentei , si me l evei uma surra tão grande que quase morri . Esse meu ami go... el el argoutudo e cui doude mi m, na casa da avó. Tentaram denunci ar Ni nguém acredi tou porque o xeri f eera pri mode J odel l e Eu estava com dezessete, então meu ami gome deu di nhei ro para i r embora tão l ogo me tornasse mai or de i dade.

— El e te amava.

— Si m̄ tenho certeza, mas não dessa maneira que está pensando. Acho que houve uma época em que ambos acreditamos que f i carí amoşuntos como um casal , não porque nos sentí amos atraí dos, mas pel a sol i dez do senti mento.

— Por que não aconteceu?

— El e conheceu outra pessoa e com o passar do tempo, entendi que o que sentí amos era amor de i r mãos mesmo. Combi namos que eu o encontrari aquando f osse embora do Kansas, mas essa mul her com quem el ese casou não me queri a por perto. El ao convenceu a me esquecer.

— Ni nguém convence o outro de tal coi sa.

— El e estava apai xonado. Eu não f i que com rai va. Conti nuamos nos comuni cando. El em e f ez prometer vári as coi sas com rel ação ao futuro — f ã o, vagamente —, e uma del as é que nunca mai s dei xari a que al guém me f i zesse acei tar menos do que mereço.

— Onde el e está agora?

— Morto.

— Não tem mai s ni nguém, então?

L evanto-me, preci sandode di stânci a para respi rar Não é i ssoo que quero del e: cari nhoe ami zade. Preci sodo rompi mento quando

a noi te de hoj e acabar

Desej o a rel ação prof i ssi onal de vol ta porque qual quer outra  
coi sa conf undi rá mi nha cabeça.

— Tenho a mi m mesma e a Deus. — Fi nj o sorri r

— Aonde você vai ?

— Tomar banho. Nosso tempo j untos está termi nando.

— Não preci sa acabar assi m.

— Di sse-me que não i a me dar outra chance.

— Está pedi ndo por uma?

— Não. Estou bem com apenas o hoj e— mi ntoe sai ocorrendo  
para o banhei ro.



## Capítulo 37



El even em meu encal çoe eu nem sei mesmo por qual razão estou me af astando. Deveri aaprovei taro pouco tempo que sobrou. Tal vez sej a porque não esperava essa conversa sobre o passado em um momento de tanta i nti mi dade.

— Está f ugi nde mi m— di z, entrando comi gono chuvei roe me abraçando por trás.

— Não.

— Menti rosa.

Eu gi ro em seus braços.

— Estou fugindo de mim. Quero ceder. Aceitei o tempo com você, mas não vou porque saí machucada. Agora é hora de parar.

— Talvez tenhamos que continuar juntos de qualquer maneira.

— Não vai acontecer porque Deus sabe que nenhum de nós merece ficar preso em um casamento sem amor.

Seu rosto enrijeceu como se não tivesse gostado do que falei.

Ele me pega no colo.

Eu deveria empurrá-lo para longe, mas não consigo parar de querê-lo e cruzo as pernas em sua cintura.

— Acha que já acabou? Pensa que vai fugir de mim?

Eu não acredito que ele esteja falando no momento, e sim, de continuarmos nosso caso depois de hoje, mas me faço de boba.

— Não está cansado?

Ele parece mais chateado ainda com a minha pergunta dissimulada.

— Não. Estou faminto — diz-me toca com a mão aberta. — Sua boceta está doendo?

— Ardendo, pulando, mas eu quero mais.

Ele me beijando e entrando em minha boca e sexo ao mesmo tempo. Eu me sinto cheia, preenchi de tão completa que gemo seu nome,

esquecendo-me de qual quer proteção para o meu coração tol o.

Não quero pensar, então correspondo ao be i j o com a mi nha al ma, i mpl orando que el e me dê mai s e mai s.

— Você é tão quente, Di onysus. Tã del i ci osament quente e duro em todos os l u gares.

El e emi te um gemi do sel vagem, enquanto a mão aperta meu bumbum.

— Faça sua proposta, Ceci l.yNegoci e comi go. Eu quero mai s, i ndependentemente do ri sco de gravi dez.

— Não.

El e me i mpre na parede do boxe e a f orça com que entra em mi mf az meu pei todoer, não porque estej ame machucando, e si m, porque sei que senti rei f al ta di sso, de nós doi s, para sempre.

El e estava certo. Vu querer mai s também.

Desvi o nossos ol hos quando essa certeza me ati nge como um soco, mas a mão del e vem para o meu pescoço, me obri gando a encará-l o, o corpo se movendo contra o meu sem descanso.

— Negoci e comi go. Eu quero você.

Eu não posso. Se exi gi que el e nunca me mande embora, que me dei xe fi ca com J oseph para sempre, vai desconf i ar vai

descobri tudo e não estou pronta para dizer adeus ao meu menino ainda. Não agora que o encontrei .

— Não. Vai encontrar outra pessoa. Eu também. Isso é só sexo.

Ele roubou meu fôlego, fundiu a boca na minha, engoliu meus gemidos, dominando meu corpo e sem que eu autorizasse, se apossando do meu coração.

Dionysus é tão forte que só precisa de uma mão para me segurar, o braço atravessado pelas minhas costas, me penetrando sem cessar ou permitir que não o encare de volta.

Abaixou a cabeça, sugando meu mamilo sabendo exatamente o que fazer para me enlouquecer

— Mais forte.

— Vou te machucar.

— Estou desesperada por você. Me dê tudo.

— Segure-se em mim.

Apesar de termos feito amor de todas as maneiras, ele agora parece um bárbaro, como se quisesse me marcar, provar que lhe pertencço.

Aperto minhas coxas ainda mais à sua volta, cruzando-as, e é toda a preparação que tenho antes que ele comece a bombear com violência.

El emove os quadri sem uma cadênci ai ni nterruptæ cada vez que me penetra, os pel osroçam no meu cl i tóri tornando o estí mul c ai nda mai s i ntenso.

— Ai , meu Deus.

— Queri a tudo, Ceci l y?

— Com você eu quero tudo porque é meu, Di onysus. Meu.

Convul si onem seus braços, enquanto sou ati ngi da por di versas sensações ao mesmo tempo.

Desej o,pl eni tudede a pi orde todas: a certeza de que nunca mai s experi mentarei nada que se compare a i sso.

El eme toma em um ri tmoani mal escce eu peço por mais. Ati nj c o orgasmo, uma, duas vezes e el e não para, i ncansável .

Af undandoe se reti rando.Dentro e f ora,até que meu corpo não sai ba nada al ém do que essa dança perf ei ta.

Seguro seu rosto, desi sti ndode me esconder. Só por hoj e, me permi ti rei ser tol a.

É cari mo agora, mui tomai sdo que sexo. É pai xão, mui tomai s do que desej o.

Bei j o sua boca l entamente, senti ndo um novo cl í max se aproxi mar quando el e i ncha dentro de mi m.

— Eu quero beber você.

— Caral ho, Ceci l y

— Por f avor

El e i ncl i nã o corpo e martel a duro, só parando quando gri to, rendi da a um novo orgasmo.

Depoi sme bei j ã a testa, coloca-me devagar no chão e empurra meus ombros, f azendo com que me aj oel he.

— Abra a boca.

Eu j á o tomei , mas em uma l i çãodemorada e l enta Neste i nstante,estou sem control e.Eu quero puxá-l o para o meu abi smo. Quero engol i -l o i nteiro. Devorá-l o.

O pau del e está rí gi doj nchado,di antedo meu rosto e o mundo para de gi rar

Só há el e. Nós doi s, perdi dos em nosso uni verso secreto.

El e é meu homem, mas também é pecado.

El e é meu abri go, mas também o proi bi do.

Meus lábi os envol vem seu ei xo grosso e o desej o supl anta qual quer vergonha. Eu o puxo para mi m e ol hando-o, l ambo a cabeça i nchada.

Di onysus segura meu rosto.

— Abra a boca e chupe. Tome tudo como eu te ensi nê .Quero ver meu gozo escorrendo.

As palmas ásperas vão na contramão da delicadeza com que acariciam minha mandíbula e eu fico ansioso para satisfazê-la para que sinta, ao menos, um pouco da loucura que me desperta.

Eu tremo enquanto o deleixar minha boca como se fosse o sexo, o cuí dado dando passagem à fome.

Ele me possui, movendo os quadris, impulsivamentedentro de mim sem delicadeza.

Chupo e tomo tanto quanto posso, mesmo quando sinto má-ladolorido, mas não vou parar enquanto ele não me der seu prazer.

Passo as unhas em sua bunda e coxas e ele urra, estremece, antes de dizer:

— Vou gozar. Beba.

Eu não tenho outro avisoporque segundos depois se começa a se derramar dentro de mim jetsquentes e eu engulo, porque seu prazer é o meu também.

Ele se abaixa e me ergue, segurando meu rosto.

Beija olhos, testa, bochecha e boca.

— Aquel trato não vale mais.

— Ele está valendo.

— Não. Eu quero negociar. Não vou te deixar ir nem tão cedo.



## Capítulo 38



Nós mal voltamos ao quarto e o telefone fixo toca.

Quase nunca recebo chamadas nele pelo horário, só pude verificar de alguém que estava tentando me contatar pelo celular.

Com uma toalha em volta dos quadris, vejo Cecília saindo do quarto, talvez para me dar privacidade.

— Não. Fique.

— Nós...

— Espere-me atender o telefone ao menos.

Eu a vesti com o meu roupão e parece mais rápido ainda dentro do traje e muitos números acima do dela.

Arrastando os pés, provavelmente porque eu estraguei seus  
pl anos de fuga, senta-se na beirada da cama.

Pego o telefone.

— *Di onysus?*— Ouço El i na ~~o~~ outro lado e i medi atamente meu  
coração di spara.

— O que aconteceu?

— *Não fique nervoso, mas parece que uma das minhas  
empregadas se esqueceu da alergia de Joseph e lhe deu um  
biscoito com mentol e de amendoim*

— El e está bem?

— *Odi nchamou o pediatra que cuidava das crianças, mas antes  
mesmo que ele chegasse, lhe administramos EPI PEN<sup>[6]</sup>, por  
orientação do médico. Foi bom que você tenha enviado o  
medicamento para um caso de emergência como esse. Ele foi  
examinado e segue está bem, mas toda essa agitação deixou-  
o ansioso.*

— Já estou indo.

— *Sim, venha. Ele está chamando por você e Ceci.*

— Chego aí em no máximo meia hora.

— O que aconteceu? — Ceci l y pergunta assim que desligo.

— Uma das empregadas deu um biscoito com amendoim para Joseph. Como sabe, ele é alérgico.

— Oh, meu Deus! — ela empalidece. — Como ele está?

— Ele não garante que está bem, mas vou buscá-lo. Disse-me que mesmo depois de medicado, ele continuou ansioso, chamando por nós dois.

— Posso ir também?

Cecily parece tão nervosa quanto eu, o que só me dá mais certeza ainda de que ela gosta mesmo do meu filho. Para ela, Joseph não é somente um meio de ganhar a vida.

— Sim, venha.



— Quando for viá-la próxima vez, me dei xefiar com ele, Dionysus. Tem minha palavra de que Joseph estará seguro comigo. Não estou acusando Eli nada. O que aconteceu foi um acidente, mas se você estiver fora, eu vou dar a ele cem por cento da minha atenção.

— Tudo bem.

— Está falando sério?

— Estou, sim. Quando eu tiver que sair do país, Joseph ficará aos seus cuidados.

— Por que confiamos em mim devido ao que aconteceu entre nós?

Desvio os olhos da estrada para encará-la.

— Se acha que o fato de ter te levado para a cama faria com que deixasse meus filhos aos seus cuidados, não tem a menor ideia de quem sou, Cecilia. Deixarei Joseph com você porque confio. Além disso, as regras sobre não sair de casa sozinhas com ele continuam

— Eu não me importo, desde que eu possa ter certeza de que ele está bem.

Parece aborrecida se fosse qual quer outra pessoa, eu deixaria para lá porque não sou do tipo que se sentiria ofendida. Mas me pego explicando:

— Nunca permitirei que qualquer uma das mulheres que te viu após a morte de Sue se aproximesse dele.

— Foram tantas assim?

— Sou um homem saudável de trinta e dois anos, Cecilia. Tenho uma vida sexual ativa.

— Não deveria ter perguntado nada. Não é da minha conta, doutor Dionysus. Nosso acordo já acabou.

— Há menos de meia hora eu estava te fodendo dentro do meu boxe. Eu gozei na sua boca e você bebeu e queri mais, então não me venha com essa de doutor Dionysus, Ceci Ly

— Foi você mesmo quem disse que eu deveria me esquecer de nós dois quando o acordo terminasse.

— Isso antes de saber qual é a sensação de estar em sua boceta. Eu não sou um cara romântico, mas quero ver o que pode acontecer entre nós se continuarmos juntos.

— É atração física? Em qual mundo uma babá e um bilionário grego ficam juntos? Não no meu, certamente.

— Se estiver esperando meu filho, vai ver isso acontecer, porque vou colocar um anel tão grande no seu dedo que poderá ser visto de qualquer lugar.

— Não me conhece. Não sabe nada de mim. Como pode sequer considerar casar-se comigo?

— Eu quero criar meu filho, se houver um.

— Não precisamos nos casar.

— Por que não? Adora Joseph. Nossa atração sexual é inegável. É um bom acordo.

Percebo que ela se viu no banco para me olhar

— Foi isso o que aconteceu entre você e Sue?

— Quer falar sobre minha falência da esposa?

— Eu deveria responder que não, mas foi você quem levantou a hipótese de que posso estar esperando seu bebê, então, sim, eu quero saber sobre o relacionamento de vocês.

Olho para a frente em silêncio por alguns segundos.

— Joseph não é meu filho biológico.

— Eu sei. Ela me contou. Pode me falar mais a respeito?

— Eu conheci a mãe dele quando ela ainda estava grávida.

— Onde está o pai de Joseph?

— O filho da puta está morto.

Ela arfava, talvez assustada com minha agressividade.

— O que ele fez de errado?

— Bebia, usava drogas e batia nela, mesmo depois de descobrir que esperava uma criança.

Paro em um sinal e pelo retrovisor vejo os guarda-costas nos seguindo. Quando olho para o lado, Cecilia está rígida no assento, o rosto virado para a janela.

— Como ele morreu? — pergunta, sem me encarar

— I ssoi mporta? Mereceu estar morto. Eu poderi amará-l o com mi nhas própri as mãos se ai nda esti vesse entre nós.

El a ai nda não f al a nada.

— Assustada com mi nha outra f ace, Ceci l y? Esse sou eu. Um Kostani di s. Não perdoo e nem si nto pena dos i ni mi gos.

— Não é i sso.

— O que há de errado, então?

— Nada. Gostari a de ouvi r o resto da hi stóri a.

— Quando a conheci , Sue estava passando necessi dade. Encontrei -a na rua, al i ás, mui to pareci do com o que aconteceu conosco. El a tentava subi r com um carri nho na cal çada. Estava sozi nha, f ami ta e sem saber o que f azer para cui darda cri ara cri ança que i anascer. Aj udeia. Acabamos cri andoum l aço. Quando J oseph nasceu, me apai xonei por el e e o qui s para mi m.

— E casou-se com el a, então.

— Si m.

— Amou-a?

— Não de manei ra apai xonada. Como mãe e mi nha companhei ra, senti cari nho. Nunca houve f agul has ou...

— Ou o quê? — pergunta, se vol tando no banco para me ol har

— *Fome*, rui va. Eu nunca f ui f ami nto por el a como sou por voc



## Capítulo 39



— *Shi shi iñabas*<sup>[16]</sup> — Joseph diz, correndo para nós assim que entramos na sala da casa de Odín.

Eu me abaixei para pegá-lo no colo quando o tenho comigo, o aperto contra o peito. Não sou de demonstrar emoção em público, mas a ideia de que algo pudesse ter acontecido com meu filho acaba com qualquer chance de comediamento.

— Ele estava ansioso. Sim, muito topeiro, primo — Ele não diz, constrangida, depois de me dar um beijo.

— Foi um acidente. Eu confio em vocês ou não, dei xarife a Joseph aqui. Obrigada por agir rápido.

— Foi Odi nquem pensou em tudo — di z,ol handopara trás ao perceber que o mari do se aproxi ma. — Na verdade, fi que desesperada. Nunca l i dei com al ergi as com as mi nhas cri anças

Joseph está no meu col o,mas também estende a mãozi nhapara Ceci l,yque a acei ta e bei j a sem parar

— Senti tanta saudade, amor — f al a e meu meni no se derrete.

— Chegou hoje? — Odi npergunta, mas tenho certeza de que j á sabe a resposta.

— Ontem.

El i não di sf arça quando corre o ol harde mi mpara Ceci l.ye j o mi nha rui va corar

— Fi cou em casa? — pergunta.

— Si m,nós f i camos.

Ceci l yme dá um ol har mortal e eu entendo parci al mente que estej a zangada. Nosso pacto está uma bagunça.

Eu l he propus um acordo com prazo para acabar mas f oi só tocá l a para saber que o tempo que me of erece não dari anem para o começo e agora, com a possi bi l i dade de uma gravi dez,tal vez estej amos l i gados para sempre.

— Vai para a bi bli oteca amanhã? — El i na pergunta para el a.

Cecily me encara, como se esperasse eu me pronunciare depois do que me pediu na vida para cá, sei a razão: quer ficar com Joseph, apesar de ser o turno da senhora Nuttle.

As coisas estão sobrepostas. Não há mais sumo para o que Cecily é em minha vida. Certamente, não mais a babá do turno da noite apenas. Talvez se torne a madrasta do meu filho.

Pela primeira vez entendo a confusão do casal que criou. O que é mais absurdo, dado quem sou, no entanto, é que não estou preocupado com a possibilidade de um dia se casar para sempre em minha vida.

— Faça como quiser — digo a ela.

— Prefiro ficar com ele, então — falamos chamando-o para o colégio para minha surpresa, Joseph se joga nos braços dela.

Ele nunca me troca por outra pessoa.

— Vou almoçar com vocês amanhã, então — Ela insiste  
Cecily concorda com um aceno de cabeça.

Odiado me chama com o olhar e eu me afasto para ver o que quer

— Estão juntos? — pergunta, sem preâmbulos, assim que entramos em sua biblioteca.

— Não sei como responder a isso.

Falorapi damentesobre o acordo que lhepropus e também que mudei de ideia depois das vinte e quatro horas que Cecilia me deu como prazo. Em seguida, que conto que pode ter engravidado e que se for o caso, nos casaremos.

Odin nem piscava. Não parece espantado. Como eu, é grego. Família ignifá tudo para nós. Nunca dei xaríamosum filho criado à distância.

— É isso o que quer?

— Me casar? Não. Filho com ela? Sim, no momento, é o que quero.

— Não sabe muito sobre Cecilia?

— Sei o que você descobriu. Mas há algo mais que preciso que invistigue quero saber a respeito da madrasta e da irmã de criação de Cecilia.

— Nenhuma das duas vale porra nenhuma. A madrasta se casou de novo; a filha, Peyton, vive de dar golpes em velhos ricos que pagam com jóias os favores sexuais que lhes presta.

— O que eu quero é saber mais sobre o passado delas, principalmente do tempo em que Cecilia viveu com as duas irmãs.

— Alguma época específica?

— Adol escênica. Ceci I também ti nha um ami goque a ajudou. Está morto agora, mas era al guém importante para el a. Descubra quem foi .

— Não tem nada a ver com a possibilidade gravi dezsamente. Você a quer em sua vida.

— Eu quero conhecê-l a melhor, mas temo estragar tudo. Sue foi a única constância ano que di zrespei to à mul heres, desde que me entendo por gente. Nunca foi com al guém a longo prazo.

— Nem foi com sua falecida esposa, se não fosse por Joseph.

Sacudo a cabeça sorrindo porque nenhum dos meus parentes sabe o significado de diplomacia.

— Nossa família é composta por bastardos desconfiados— digo, mas não estou aborrecido de fato.— Nem meus irmãos ou você e Christos jamais disseram que não gostavam dela.

— Não gosto de santos. Sue era boa demais para ser verdade.

— Ceci I também, segundo você.

— Eu descobri tudo sobre a vida de Ceci I. Se el a tivesse al gum ponto podre em seu caminho, eu já teria desvendado.

— Qual é o problema real em relação a Sue, Odi n? Zeus também a detestava.

El e dá de ombros.

— As pessoas erram, fazem merdas. São imperfeitas. Acordam em dias ruins e querem mandar todo mundo se foder eventualmente. Sua ex-esposa estava sempre feliz. Nenhuma marca emocional aparente com relação ao passado traumático.

— Então é isso? Sua desconfiança era porque ele não parecia deprimido?

— Não. Era porque tinha peças da própria história que não se encaixavam.

— Como o quê, por exemplo?

— Fiz faculdade de formação universitária, mas trabalhei servindo no café no campus em que o ex-marido estudava. Era mais velha do que ele, mas o acusava de ser controlador. Segundo me disse. Por tudo o que pesquisei porém, não há nada na história de Keith Bates que comprove isso.

— Como assim?

— Todos com quem ele se relacionava diziam que era um cara calado, um *geek*, mas nada violento. Vou conceder que as pessoas, na maior parte das vezes, não mostram sua verdadeira face, mas ele não tinha qualquer indício de violência contra ninguém, nem mesmo um registro de brigas de bar, antes de sua morte. Nem mesmo um registro

por parte de Sue, em qual quer del egaci a,di zendo que sof ri a abusos.

— Há mui tas mul heres que apanham e não denunci am.

— Si m,há e pode ter si doo que aconteceu no caso del a,mas eu não sei... al gonã se encai x. Não é tanto uma certeza, mas uma sensação de que a hi stóri d oi pi ntadapara você com as cores que el a queri a que vi sse.

— E o que mai s?

— Vol temos a Kei th. Al guém que é um bêbado contumaz ou vi ci adœm drogas, como el a o acusou, eventual mente teri a um probl emacom a l ei ser pego em uma bl i tzse envol verem bri gas, ser i rresponsável no trabal hoou f acul dadeKei thnem mesmo saí a de casa antes de se casar com el a,Di onysus. O cara vi vi a para estudar e trabal har

— Por que só está me contando i sso agora?

— Porque você estava de l uto,em pri mei rd ugar Tanto sua ex-esposa quanto o suposto f al eci donari do abusi vo del a estavam mortos. Não f azi a qual quer senti do trazer i sso à tona.

— Então, por que agora?

— Está em um novo rel aei onamento, ao que parece. Seu casamento f oi curto e nem teve tempo de conhecê-l a,mas aqui vai

uma opinião. Sue não era uma santa. Seu casamento foi curto e nem teve tempo de conhecê-la, antes de lhe propor compromisso. Não interferei. Era adulto e deveria saber o que estava fazendo, mas tal vez seja a hora de fechar essa porta do passado.

— Não foi por amar Sue ainda que nunca fiz questão de me aproximar dela, mas porque já mais a desejei.

— E agora?

Passo as duas mãos no rosto.

— Agora, eu tenho mais perguntas do que respostas, primo, então vou optar por vê-la um dia de cada vez.



## Capítulo 40



Sei que o que aconteceu com Joseph foi mesmo um acidente, mas ainda assim, eu me sinto culpada.

É como se Deus estivesse me castigando por me desviar completamente do caminho que eu havia estabelecido.

Não vim à Nova Iorque para me divertir, tampouco para me apaixonar pelo pai adotivo de Keith, e só para ter certeza de que, ao contrário do monstro que foi a mãe, nosso menino está sendo bem cuidado.

Ele está. Disso, não tenho mais dúvida, então, metade da minha missão está cumprida porque ainda que eu continue amando Keith como um irmão, eu falharei com ele em um ponto.

Não posso entrar na justiça contra Di onysuspel aguarda do f i l h o  
Preci sei apenas de uma curta convi vência com el es para entender  
que o sangue, nesse caso, não si gni f i ca nada. J oseph e Di onysus  
pertencem um ao outro.

O grego é o sol do meu meni no e eu nunca teri a coragem de  
bri gar por J oseph di antede um j ui zentar ti rá-l o do pai ,requerer a  
guarda, amparada na carta que tenho do meu ami go e que f az as  
vezes de seu testamento.

Eu vi vio desamor f ami l i ar por anos, então conheço, por excl usão,  
o oposto: o amor dedi cado, f i e absol uto e é assi m que Di onysus  
age com o herdei ro.

El e ama J oseph com o coração, como se f osse del e, e eu não  
i magi no um pai mel hor para cri á-l o.

Seri ao momento em que eu deveri avi raras costas e i rembora.  
Não há mai s nada para f azer aqui , mas f ora o f ato de que me  
apeguei mui to mai s a J oseph do que i magi nara, me encontro  
também enredada em uma tei ade omi ssões tão grande que não  
f aço i dei a de como sai r

L embro-me da conversa com El i na Naquel edi a, a possi bi l i da  
de f i ca com meu chef e era remota, ai nda que exi sti sse. Tudo  
mudou agora.

Tal vez não sejamos um casal no sentido completo da palavra, mas tampouco somos patrão e empregada.

Eu, que sempre odiava mentiras, estou enganando o homem por quem me apaixonei.

Aperto os olhos para não chorar, enquanto passo a mão pelo cabelo do menino adormecido.

Tão puro, inocente, sem ter a menor ideia do peso da coisa que foi o relacionamento do pai sou do ser humano vil que era aquele que o gerou.

Disse que não conheço até que o filho dormisse, mas teve que descer para fazer uns telefonemas de trabalho e eu pedi para continuar com o garotinho.

Estou me escondendo, claro. Apavorada e com muita vergonha, também.

Eu ouvi tudo enquanto ele recontava as mentiras que provavelmente ouviu de Sue, destruindo a minha reputação de Keith.

*O que eu posso fazer? Dizer quem sou?*

Ele vai me odiar porque saberá que tudo o que fiz para conhecê-lo, conseguir o emprego, me inserir em sua casa, não passou de uma armadilha.

Com a mel hordas i ntenções,vi sandoo bem de J oseph e sem qual quer i nteresse próprio, mas ai nda assi m, uma armação.

Penso na conversa de hoj ecedo e a seri edade com que di sse que se casari a comi go caso estej a grávi da.

Se for conf i rmado e el edescobri r quem sou, vai me ti rara guarda do bebê?

Com seu poder e di nheiro, não tenho dúvi da de que consegui ri :  
J esus, o que eu f aço?

*Cont ea verdade— uma voz avi sa.— Di gaa el equem é ant es que essa conf usão se t ransf or me em uma bol a de neve.*

Eu não tenho coragem. Não ai nda. Eu preci sode mai stempo para f azer i sso de uma manei ra que cause o menor estrago possí vel .

El e di sse que quer negoci ar o nosso rel aci onamento.

Acei tari a f i carmos j untos se eu l he di sse ~~essa~~ a verdade?

Se não, ao menos dei xari a que eu vi sse J oseph, que acompanhasse seu cresci mento mesmo que não houvesse mai s nada entre nós?

Ou ao contrári o, me odi ari a?

São mui tas dúvi das para que eu arri sque tanto.

Tenho que ter certeza da gravi dezpri mei ro. Se esti ver mesmo esperando um Kostani di ştere i mui tomai sa perder se o pai do meu f i l ho passar a me desprezar

A porta se abre e eu o vej o, contra a l uz, grande e poderoso, mas também um homem de f amí l i a.

Recordo o que di ssesobre Sue. De como el e amou e protegeu Joseph desde sempre e assumi ua cobra trai çoei ra que era a mãe del e para manter o bebê por perto.

El e f oi generoso com a ex-mul her de Kei th, mas não tenho dúv de que a destrui ri æe descobri sse quem el a era de verdade. O probl ema é que não tenho provas. É a mi nhapal avra— a de uma estranha, tecni camente f al ando — contra a da ex-esposa morta.

Di onysus é essenci al mentebom, eu sei , mas há al gode cruel nel e também.

É dessa nuance que tenho medo. De ser al vode sua rai va e vi ngança.

El eme ti rari a nosso f i l ho, se eu esti ver grávi da? Me i mpe di ri a de ter contato com a cri ança?

Si nto-me suf oar e com a descul pade dei xaros doi ssozi nhos, me l evanto e ando para a porta.

El enão se move e faz que não com a cabeça, como se me  
di ssesse para não sair.

Vai até a cama e coloca o filho no berço.

Eu observo a cena e meu peito se aperta porque eu não quero  
deixá-los. Eu quero os dois, porque a voz imprudente que grita  
dentro de mim que Dionysus é meu, que ~~ambos~~ são, não se cala.

Vej o-olígabá el etrôni cã em seguida, vi rão meu encontro.

El epega a minha mão e depois de sairmos, fecha a porta do  
quarto. Continuo parada, encarando-o. O coração martelando dentro  
do peito pelo que vou fazer, mas não consigo enxergar outra saída.

— Eu quero mais também. Não me importo o prazo. O quanto for  
Eu quero mais.



# Capítulo 41



— Por que essa mudança? — pergunto, estudando o rosto dela com atenção.

— Não sei se entendi .

— Antes de irmos buscar Joseph, disse que não queria mais. Estava irreduzível, na verdade.

— Você mudou de ideia?

— Não, eu nunca volto atrás quando tomo uma decisão. Quero você.

— Não sei como faremos isso funcionar

— Não sabe como faremos *funcionar* quê, Cecilia? Somos livres.

El a não diz nada. Eu pego sua mão novamente e começo a descer as escadas.

Está gelada, suando frio, então depois de posicioná-la na cadeira na mesa da cozinha, eu a sento na bancada e me encosto no meio de suas pernas.

Cecil e eu vamos para o cômodo e em seguida, para mim. Sei que ambos não podemos esquecer o que aconteceu nesse ambiente.

Um ato desesperado de desejo, pai xão, que talvez tenha criado um vínculo eterno entre nós dois.

— O que teremos que fazer funcionar? — repito a pergunta.

— Ficamos juntos.

— Tem medo de estar grávida?

— Sim, tenho, mas não é por isso que quero mais. É por você. Nós dois. No entanto, vai ser uma confusão. Serei babá durante o dia e sua namorada durante a noite.

— Por que não *namorada em tempo integral*?

— Nesse caso, teria que me mudar para meu apartamento outra vez. Preciso de outra babá para Joseph. Não quero deixá-lo.

— Por que preciso deixá-lo? Talvez o que está pensando, Cecil. Está conversando por código não funciona comigo. Gosto de

tudo às claras.

Percebo quando engole e em seco.

— Estou propondo um relacionamento secreto.

— O quê? Nunca me escondi. Não tenho satisfação de dar a qualquer um.

— Não se escondeu porque não precisava trazer minha mala para a sua casa, mas nunca as assumi também. Comigo, só fará porque tenho que estar aqui. Não percebe que somos uma bagunça?

Eu a puxo para perto, segurando seu rosto.

— Sim, somos uma bagunça. Eu não gosto de bagunça, mas eu gosto de você.

— Deseja-me, quer dizer

— Com licença. Agora mesmo quero puxar sua calcinha para o lado e fodê-lo duro, mas gosto de você também, mesmo que eu não tenha te planejado.

— Dá para planejar esse tipo de coisa? Por favor, ensine.

— Para quê? Está comigo agora. Não preciso de outros planos para caras nem tão cedo. Talvez, nunca.

— Não fale essas coisas.

— O quê? É algo que temos que considerar

— Sou ansiosa. Prefiro não pensar na possibilidade de um bebê até que ela se torne real.

— Duas semanas.

— O quê?

— Esse é o prazo em que você vai saber se está esperando meu filho.

— Não parece assustado.

— Sou um homem, não um garoto, Cecilia. Filhos não me assustam. Crianças não se fazem sozinhas. Foi preciso minha participação ativa. Nunca fujo das minhas responsabilidades.

— Não estava insinuando que o faria, mas o que pensei é se quando falarmos em casamento, você entende que levará a mãe de Brian. Não foi apaixonado por Sue. Não é por mim também porque mal nos conhecemos. Como pode sequer considerar a ligar sua vida à minha para sempre?

— Eu acredito em destino. Se tiver que acontecer, estava escrito que seria assim. Nosso encontro foi no mínimo inusitado.

— Assim como aconteceu com sua primeira esposa.

Franzo a testa, pensando em algo que nunca me ocorreu.

O que diabos Sue estava fazendo perto do banco? Na ocasião, quando recuperou os sentidos, disse que comprara o carrinho de

bebê de segunda mão que carregava naquela edição, mas não há lojas ou brechós em volta. Apenas prédios comerciais.

Eu nunca pensei sobre isso antes. Talvez seja a conversa com Odiño que tenha ligado minha desconfiança.

— Não como aconteceu com Sue. Com ela, eu me senti protetor por estar grávida. Eu te quero por você mesma.

— *Desejo*— repete.

— Sim, O que há de errado nisso? Pode negar que sente também?

— Não estou negando.

— Não quero que vá embora daqui. Não quero outra babá da noi te para o meu filho. Vamos negociar seus termos.

— Mantemos tudo em segredo até fazermos o teste de gravidez. Pode ser que dê negativo tal vez, até lá, vejamos que tudo entre nós não passou de uma atração forte e poderemos voltar ao que éramos antes de ficarmos juntos.

Deveria me sentir aliviado com a proposta. Cecilia está me oferecendo duas semanas de sexo sem compromisso e me dizendo que se não estiver grávida, serei livre outra vez.

Eu não me sinto aliviado e sim, puta.

— Por que é tão desapegada?

— O quê?

— Como pode ser assim? Não estou querendo bancar um babaca, mas sei que as mulheres, por vontade própria, se envolvem mais se você é inexperiente. Entretanto, age como o se que acontece entre nós fosse algo que vive todos os dias.

Seu rosto se fecha e desce do balcão.

— Pare de querer fugir toda vez que é confrontada.

— Não estou fugindo, mas fiquei chateada com o que disse. Sabe que nunca vivio que tivemos. Eu era virgem. Você é meu único. Meu primeiro tudo.

As palavras pesam entre nós. Sua força nos atingindo silenciosamente.

Ando até ela, a pego no colo e a encosto na parede.

— Fale outra vez.

— Você é meu único. Meu primeiro tudo.

Puxo sua calcinha para o lado e desço meu zíper, entrando inteiro em sua boceta.

— Não podemos fazer assim.

— Não vou gozar dentro, mas quero te sentir me molhando. Repita que é minha.

— Meu único. Meu.

Fodo duro, sem pena.

— Se é mi nha, por que o desapego, então?

El a segura meus ombros e começa a abri rmi nhacami sa. Bei j a  
meu pei to, me morde.

— Porque nunca ti ve nada. Nem sonhos ou esperança. Tenho  
medo de al i mentá-l os, svaziar-me nel esaté que não sobre nada de  
mi m.

## Capítulo 42



### Dez dias depois

— *Casamento?*— Hades repete quando conto aos meus irmãos, junto aos Lykaios, através da nossa chamada de vídeo semanal, sobre a possibilidade de Cecilia estar grávida.

Aceno com a cabeça, o máximo contraído de tensão. São meu sangue e carne e os amo acima de tudo, mas não permito que questionem minhas decisões.

— Sim, casamento. Saberemos dentro de poucos dias. Entretanto, estamos juntos.

— *Estão?*

— Em segredo, por ora. Ceci l y não quer que sai bam.

— *Por que não?*

— *É um i nt er rogat óriHades? Car al hoj ar gado pé del e— Ares*  
rosna.

— *Se el aest i velt emcert ezade que é seu?* — meu i rmãomai s  
vel ho pergunta.

— Si m.Ceci l yera vi rgem.Não me l embrode ter questi onadoa  
paterni dade quando descobri u que Madi son estava grávi da.

— *Não quest i onei pel o mesmo mot i voque você não o far á.*  
*Mi nhaesposa er avi r gent ambém.— El e passa as duas mãos pel o*  
*rosto. — Descul pe-me,não é nada cont r aCeci l ,yel apar ece uma*  
*boa gar ot a. Tal vez sej a r esquí ci da mi nha ant i pat i pel a sua*  
*f al eci da esposa ai nda.*

— *Sue e Ceci l ysão água e ól eo — Hades i ntervém, me*  
*surpreendendo. — At é mesmo par a mi m,que desconf i da sombr a,*  
*t enho cert eza de que são opost os compl et os.*

— *Sue ment i a— Chri stos f al a pel a pri mei ra vez.*

Nosso pri mo mai s vel ho nunca af i r maal go sem ter certeza e  
agora l he dou mi nha total atenção.

— Por que di z i sso?

— *El a nunca ol hava nos ol hos das pessoas quando falava. Anteci pavaa necessidade dos outros, visando agradecer. Nunca gostei de sua esposa ou a achei confiável.*

— Esperaram eu enviar para me contar que a odiavam?

— *Se casou com Sue na velocidade da luz. Queriano nosso Joseph. Entendemos isso, mas estávamos de olho nela.*

— Jesus, do jeito que falamos, parecemos um tipo de máfia.

— *E não somos? — Odin debocha. — A única diferença que nosso ramo de atividade é legal, mas...*

Meu primogênito restou no ar, porque mesmo com os telefones seguros, projetados pela empresa dele, há coisas que não devemos falar como por exemplo, que obrigamos o irmão de Zeus, o irmão de todos nós, na verdade, se matar<sup>[17]</sup>.

— *Não posso negar que o trabalho está sendo quem está em jogo é a família —* Chri stos dá de ombros.

— *E por falar em família —* Zeus aponta para seu segundo telefone. — *Com toda a correria esqueci de lhes contar que Brooklyn acordou do coma.*

— *Eu sabia que Athanasios conseguiu —* blades diz.

Conversamos por um tempo ainda quando a chamada coletiva finalmente se encerra, volto a telefonar para Odin.

— Descubri u al guma coi sa sobre a f amí l i a de Ceci l y?

— *Vár i as. O que exat ament e você quer ?*

— Vi nça. Tal vez mi nha namorada sej a boa o bastante para esquecer o que sof reu, eu não. El a f oi agredi da, passou f ome.

— *Car al ho!*

— Era uma vul nerável nas mãos pri nci pal mente da madrasta e vi veu no i nf erno por anos. Não vai f i car assi m.

— *Vou t e mandar um rel at óri s sobre as duas. No caso da madr ast æer ámai sf áci D at ualmar i dæst áenvol vi dem uma t ei a de negóci os i l egai s.*

— Envi e-me e deci di reio que fazer Sobre a i rmã, também. Ambas vão pagar.

— *Ceci l y sabe di sso?*

— Não. E nem preci sa. Basta que eu tenha a certeza de que vão se arrepende para sempre de terem-na f eri do.



— Você é o garotinho mais inteligente do mundo! Sinto tanto orgulho, meu filho.

Ouçoa risada do meu filho depois que Cecilia jogou o gelo no dentro do meu coração se contrai.

Eu consegui um período curto fazer com que Joseph ri-se mais do que por todo o tempo desde que nasceu.

Eu tive poucos meses com a mãe antes que Sue falasse no acidente de carro e por vezes me perguntei se em sua cabeça havia infância, sabendo que não a teria nunca mais e isso o entristecia.

Agora, com Cecilia, ela desabrocha. Talvez porque seja a única das pessoas que o cerca, fora a família que o ama verdadeiramente.

Tiro os sapatos e meio como sempre faço antes de entrar no quarto de brincado do meu filho. Quando apareço no campo de visão de ambos, os dois sorriem.

Não é a primeira vez que acontece. Tenho tentado chegar em casa mais cedo para participar dessa pequena reunião familiar e em cada uma delas, sinto uma paz que nunca antes experimentei.

Plenitude.

Sim, é isso, eu me sinto completo.

— Babas<sup>[18]</sup>!

— Esse sou eu — fal osem consegui resconder o orgul hoque me causa J oseph me receber tão sorri dente.

— Bi ncá!

— Si m. Por i sso cheguei mai s cedo, para bri ncar

Abai xo-me para f al ar com Ceci l y e bei j o sua boca.

Na pri mei ravez que f i zi sso, el a vi rou o rosto, al egando que tal vez J oseph passasse a nos ver como um casal .

Não sei se el eentende que el aé mi nhanamorada, mas não vou cri ar meu f i l ho em uma bol ha.

Ceci l y é mi nha.

Não basta ter que f i ngi para o mundo todo, ai ndater que nos esconder em meu própri o rei no? De j ei to nenhum.

— Você é tei moso — sussurra, depoi s do bei j o,mas está sorri ndo.

— Sou f ami ntopel a sua boca. Agora, me expl i quemqual é bri ncadei ra hoj e. Estou ansi oso para começar



## Capítulo 43



### Di as depois

Hoje Madi sonme tel ef onoupara di zerque a irmã, Brooklyn, que sai u do coma há al guns dias, está se recuperando mui to mais rápido que o esperado.

Um milagre da vida, Deus lhe dando uma segunda chance.

Eu preciso de um milagre também. E de segundas chances, principalmente mentes além de tudo, eu preciso ter coragem para contar ao pai do meu filho quem sou.

Isso mesmo. Terei que revelar minha identidade não mais a Dionysus, o chef e, namorado, amante. Ele é tudo isso também, mas é, principalmente, o pai do bebê que estou esperando.

Estou grávida.

Havíamos combinado que eu faria o exame de sangue com o mesmo médico está cuidando de Madison, mas eu não pude esperar. A idade estava me matando, então, hoje e amanhã fui sozinha a uma clínica e fiz.

— Shi shi i i .... Uco.

— Mais suco?

— Shi mmmmm.

— É bom ser pequeno e tão amado, não é, Joseph? Não ter dúvidas, medo de ficar sozinho, não saber ainda o que é sentir culpa... Porque é assim que estou hoje. Triste, e sem orgulho nenhum de mim mesma.

Secas lágrimas que teimam em escorrer. Não acho que esteja emotiva por causa da recém descoberta gravidez e sim, porque tenho guardado o choro por uma vida inteira.

— Está sentindo algo ali, senhora Bradley? — Barbara pergunta.

*Senhora Bradley* não Cecilia. Uma prova de que eu e Dionysus não somos tão discretos como acreditávamos. Os empregados já perceberam que estamos juntos.

— Não. Só um pouco emotiva.

— Parece cansada. Não é justo que Lisa sobrecarregue tanto. Ela já é diferente normalmente, agora parece que por saber que mora aqui, tornou-se mais irresponsável.

— De verdade, não me importo de ficar com ela, Barbara.

— Sei que não. Qualquer um percebe que ama o garoto.

Concordo com a cabeça apenas, porque apesar de nos darmos bem, não estou com vontade de conversar e acho que ela não sabe o que fazer em seguida, sai.

Meu celular toca e vejo o celular de cada um que é Dionysus Hesitantes antes de atender, tão cansada de mentir e ocultar qual quer outro nome que se dê para o que venho fazendo.

***Dionysus: "Atenda".***

Não sou exatamente fã de ordens ou ultimatos, no entanto, fico arrepiada ao ler o vídeo. Não devo estar bem, mesmo.

— Eu vou atender

— Não vá. Está pensando. Decidindo-se. Por que sempre tenta que persegui-lo, Cecilia? Por que parece gostar de fugir dele?

Fui eu quem te perseguiu — penso. — Tenho medo que me odeie e quando descobrir isso.

— Gosto da ideia de ser caçada por você.

— *Não tenho problema com isso. Caçá-la me excita. Além do mais, sabemos que a noite terminará comigo dentro de sua boca.*

— Meu Deus do céu!

— *Venha me ver. Quero te foder em cima da minha mesa.*

Sei que hoje ele está na emissora de tv. Nunca fui lá e tenho curiosidade. À vez fizesse meu dia ficar um pouco melhor.

— Não posso. Lisa não veio novamente.

— *Porra! Há três dias está trabalhando em dois turnos. Deve estar exausta.*

— Tanto quanto as mães ficam quando criamos filhos. Estou bem, mas não posso ir hoje. Convide-me novamente amanhã.

— *Vou pedir a Ar esqueça que com Josephessa noite te leve para jantar.*

— Não estou pronta ainda.

Ele vem insistindo para que apareçamos em público e sei que os irmãos e primos dele sabem sobre nós, porque me contou que conversou com eles. Ele também, então só falta. Madi son dos parentes mais próximos.

— *Quando?*

— Eu não sei. Por que isso é importante?

— Não gostode me esconder, mas hoj e,não é sobr ei sso Quer o  
fi car a sós. Pr eci samos conver sar

— Sobre o quê?

— Não mi nt apar a mi m, Ceci l.yNa ver dade, sequer omi t aNão  
reaj obem a t r ai çõe de qual quert i po.Você f oi ao médi co.Mesmo  
depoi sde conver sar mo sobre f azero t est eno obst et r da f amí l i  
f oi sozi nha. Por quê?

— Porque si ntoque estou perdendo o control eda mi nha vi da.  
Queri a manter um mí ni mo que f osse de autonomi a.

— Escondendo de mi m se est á gr ávi da?

— Não. Eu nunca f ari à sso.Acho que somos errados um para o  
outro, mas não te esconderi a a verdade.

— Não quer j ant ar Tudo bem, mas vamos t i r aa noi t esó par a  
nós dois de qual quermanei r aAr es vai fi car com meu fi l h?Pego  
você às oi t o.

— Não tenho escol ha?

— Dessa vez, não. Est ej pront a.Vamos j ant ae depoi svai me  
di zer qual f oi o resul tado do exame.

Desl i goo tel ef onecom o coração di sparado. As bati das tão  
i ntensasque me doem o pei to.Estou com medo de contar tudo,  
mas el e tem o di rei to de saber



— Por que parece prestes a desmaiar?— Ares pergunta quando nos encontramos no corredor da mansão e eu me assusto.

Estou pronta para jogar com meu “não sei que nome chamá-lo” e vou passar no quarto de Joseph para me despedir quando dei de cara com o segundo Kostanidis mais velho saindo de lá.

— Não pareço — respondo de cara fechada porque mesmo que os parentes sejam intimidantes, assim como o próprio Dionysus, estou emocionalmente esgotada hoje e será preciso muito mais do que um grego bilionário mal-humorado para me tirar do eixo.

— Está escondendo algo mais?— pergunta, fingindo brincar, mas sei que está falando sério.

Já reparei que cada um dos Kostanidises tem características peculiares.

Zeus é sério e tem um jeito de te olhar que parece ver sua alma.

Dionysus parece suave, charmoso, capaz de fazer coisas que derreterem, mas é tão desconfiado quanto os outros membros

da família.

Ares é um bad boy à primeira vista, rebelde e que não dá a mínima para o que pensam dele, mas assim como os outros, é cínico observador, e apenas passa uma falsa impressão de leveza.

Finalmente, temos Hades, o mais assustador de todos. Ele encara as pessoas como se as odiasse ou ao menos desprezasse o mundo inteiro. Poucas vezes se dirigiu a mim quando o fiz, eu quis correr.

A Cecily que chegou em Nova York tal vez fugisse após a pergunta dele. A noite, aprendeu sobre a própria força.

— Se eu estivesse, doutor Kostani disse — falsa imprudência —, não seria ao senhor que iria revelar.

Não tenho ideia de qual será sua reação, mas me irritaria ainda mais quando vejamos um canto de sua boca se erguer, em uma sombra de sorriso.

— *Doutor Kostani disse?*

— Não é o seu nome?

— Pode estar carregando meu sobrinho dentro do seu corpo, *Cecily*

— disse, enfatizando meu apelido de propósito. — Vai continuar me chamando assim quando entrar em trabalho de parto?

— Não teve graça.

— Não tentei ser engraçado, só disse a verdade. Se estiver esperando um filho meu irmão, será nossa. Parte da família. Então, talvez devesse começar a se acostumar a me chamar pelo nome, *mor o mod*<sup>[19]</sup>.

# Capítulo 44



— É um sequestro? — el a tenta bri nçar mas sei que está mui to nervosa.

— E se f or? Não acha que é um pouco tarde para senti r medo de mi m?

— Não tenho medo de nada — di z, ol hando para f ora da j anel a, enquanto Anderson di ri ge.

Acho que el anão se dá conta de como é transparente e que demonstra ansi edade no momento. Vê-l a tão nervosa me f az desejar protegê-l a porque eu acho que sei a razão.

Não sou do tipo que apreciava os segredos geralmente me irritam, mas com ela, estou fazendo uma concessão, considerando nossa situação atual, sua juventude e acima de tudo, a experiência.

Cecília passou de uma exilada em Kansas a viver em meio à alta sociedade e mesmo que ainda não tenhamos nos mostrado em público como um casal, aí não há assim uma mudança drástica de estilo de vida.

Ela é forte, não tenho dúvidas. Atravessou o inferno na infância — espancamentos, fome e solidão — e ainda consegue sorrir e ter amor dentro de si.

Entretanto, há muita vulnerabilidade nela também.

— Dize-me que quer a conversar — fala.

— E iremos, mas não agora.

— Eu não entendi. Por que saímos então?

Eu puxo sua nuca e tomo-lhe a boca em um beijo dentro. Normalmente, basta um simples encostar para estarmos queimando um pelo outro, mas hoje, eu quero mais do que foder-lhe. Quero sua entrega e confiança.

El af i cãensa a pri ncí pi õnas l ogose desmancha, vi rando um pouco o corpo para me senti r mel hor, encostar o pei tono meu, quase montando meu col o.

Quando nos separamos para recuperar o f õl egoçseguro seu rosto.

— Não quer aparecer em públ i cãai nda, mas vou te l evar a um encontro de qual quer modo. É mi nha namorada. Se não vamos a um restaurante, o restaurante vi rá até nós.

Pel a pri mei ra vez na noi te, el a sorri .

— Uma surpresa?

O rosto está rel axado, compl etamente desarmado.

— Gosta del as?

— Das boas, si m.— El arecl i nã cabeça contra a mi nha mão, tentando pegar mai s cari nho. — E nossa conversa?

— Mai s tarde. ãremos tempo.

El anão di z mai snada. Recosta no meu ombro, enquanto a mão pousa na mi nha perna, f azendo desenhos i magi nári os.

Mi nutosdepoi ş ai ndaestá qui etae não consi goentender a razão do si l ênci cCeci l yé vi brantee f el i zNão age em seu modo natural hoj e.

— Por que tão cal ada?

— Estou pensando.

— Fal e-me.

— Por que quer f i carcomi go? Poderi a ter a mul her que desejasse. Para que se meter nessa compl i cação?

— Eu não desi sto do que quero só porque é compl i cado.

— Entendeu o que eu di sse.

Anderson estaci onaem f rentea uma das mi nhascoberturas na ci dade,em f renteao Central Park. El aé perto da anti gade Zeus, onde el emorava antes de se casar com Madi son.Está mobi l i ada comprei como i nvesti mento.I ri avendê-l a, mas resol vi ,depoi s da recusa de Ceci l yde sai r em públ i co,que trari a um restaurante i ntei ro para el a aqui .

— Si m, eu entendi — conti nuo. — O que não estou consegui doentender é por que parece estar quase torcendo para

que eu desistade você. Não sabe que isso só fará com que eu te persiga ainda mais?

— Como um desafio? — pergunta, parecendo zangada.

Na verdade, eu tenho a sensação de que ansei a por uma razão para brigas

— Como a mulher que eu quero.

Sai do carro, me sentindo um pouco puto agora.

Elaine enviou mensagens cruzadas. Parece completamente envolvida sexualmente, mas se fecha em relação a qual quer outra coisa.

Dou a volta para abrir sua porta, me antecipando a Anderson e ajudando-a a descer. Seguro sua mão e sigo para o elevador

— Um edifício residencial?

Assim como a cabeça, sem falar dentro do elevador, sei que ela me observa, mas eu não olho de volta, tentando me acalmar

Tenho um gênio infernal e não quero dizer algo que vá me arrepender.

Persegui -l não me incomoda. Vê-l atentar sabotar nós dois,  
já é outra história.

Cecily se aproxima de mim e pousa as mãos em meu peito

— Você é um sonho. É por isso que sinto tanto medo.

— O quê?

— Ficar com você é como viver um sonho. Um conto de fadas que nunca esperei que fosse acontecer comigo. Não, na verdade, um que não acontece com garotas como eu.

— Porque sou rica?

— Não. Porque pertencemos a universos diferentes. No seu mundo, as mulheres, os relacionamentos são descartáveis. Sou uma garota do interior. Não importa o corte de cabelo novo e as roupas que ele me deu, continuando uma meninada do interior do Kansas, Dinorsus.

— Eu não me importo de onde veio, quanto tem no banco, se é experiente, mas simo que eu sinto quando estou dentro de você. O que eu senti desde a primeira vez em que entrei em você. Tem razão quando diz que no meu mundo os relacionamentos são

descartávei s,mas se fosse esse o presente caso, não estaríamos aqui .

— E o que estamos fazendo aqui ?

O elevador para e eu a guio em silêncio.

A porta da cobertura se abre, provavelmente porque Anderson avisou que estávamos subindo e um garçom nos recebe, dando as boas-vindas.

Ele interrompe os passos, olhando para mim com uma pergunta no rosto.

Não falo nada, pousando a mão na parte baixa de suas costas e guiando-a para o interior do apartamento, até a parte de fora.

Como uma boa menina, ele me deixará até seu lugar na mesa longa, retangular que está coberta com pétalas de rosas e dois castiçais com velas acesas no centro. Rígida, espera em silêncio, sentada, até que eu me acomode.

— Eu não estou entendendo. Por que isso tudo?

— Por que não? Acha que não merece?

Ele abre a boca e volta a fechá-la, mas eu sei a verdade.

Cecília tem baixa autoestima, fruto dos anos em que foi inferiorizada. Acredita que deve agradecer por qualquer coisa, como se ser aceita e amada fosse um favor que lhe estão prestando.

O garçom vem nos cumprimentar e falar sobre o cardápio, dando-lhe todas as opções, diz que é um restaurante três estrelas do guia Michelin, que foi o que contratei.

Aguardo que escolha. Não estou interessada na comida ou bebida, mas nela.

Eu me dei conta de que estava agindo como se Cecília fosse uma mulher ao lado da minha mãe, com quem só faço sexo, e apesar de tudo ter começado assim, pelo menos eu sinto pelo pai do meu filho, meu desejo por ele não é diferente do que normalmente, já deveria ter acontecido.

Eu quero entender a razão, mas muito além disso, quero investir para saber até onde poderemos chegar juntos.

— Não é isso — finalmente responde minha pergunta.

— É justamente esse o problema. Você está esperando que falemos, e que a qualquer momento eu a mande para longe.

Seu rosto transmuta-se em zanga. Está chateada.

— Seu hi stóri co não é nada bom.

Mi nutosdepoi ş quando o garçom vol ta,el aparece al hei æ  
mi m.

Reparo que el apedi usuco de l aranj æo i nvésde acei taro  
vi nho que el e of ereceu. Conti nua tensa enquanto el e serve as  
bebi das e a entrada. Muito concentrada nos copos e pratos  
enquanto eu, como um obcecado, tento deci f rá-l a.

— Está com f ome, Ceci l y?

— Si m.

— O que há de errado, então?

— Nada, al ém do que eu f al ei Seu passado no que di z  
respei to a mul heres não é bom. Não acredi to em uma mudança  
drásti ca do di a para a noi te.

— Podem i r— f al çaos empregados do restaurante. — Eu  
mesmo nos servi rei .

El a me ol ha espantada, mas não di z nada.

Observo-os parti rem, conf usos e somente quando tenho  
certeza de que estamos a sós, vol to a f al ar:

— Quer conversar sobre o passado? — pergunto, com ironia.  
— O que sei do seu, além do pouco que me entregou? Nem mesmo o nome do seu queridinho, o homem que a fez mudar sua vida, me disse. Por que tanto mistério, Cecilia?

Ela fica da cor de uma folha de papel em branco.

— Não sei do que está falando.

— Disse que meu histórico com mulheres é uma merda. Tem razão. Nunca pude ser considerado príncipe encantado, mas sempre fui cem por cento honesto e estou sendo com você também. Pode dizer o mesmo?

— Está me acusando de algo?

— Não. Se eu desconfiasse de você, não estaria perto do meu filho, da minha família.

— Então do que se trata?

— Trata-se de você jogar na minha cara que só quero fodê-la, e no entanto, quando tento mostrar que não é só isso, você sabota. Eu não tenho paciência para infidelidade. É uma mulher. Decida o que quer.

— Ou o quê? Está me ameaçando?

— Eu não ameaço. Eu aj o. Ameaças são feitas por pessoas fracas.

— E se eu disser que o que quero não é você?

— Não vou te prender, mesmo tendo certeza de que é uma mentira. Você me quer sim. Quer até demais, mas é covarde. Tem medo de se machucar. Prefere viver em segundo plano, como sempre te deixaram.

— Eu não prefiro, eu...

— Se acostumou a ninguém te enxergar. Eu estou aqui. Eu vejo você, quero você e no entanto, é inseguro demais para lidar com isso.

— Porque não acredito que me queira. Acha que estou grávida. Por isso viemos. Fal e a verdade de uma vez.

— Aguenta a verdade? Então aqui vamos nós: se estiver grávida, vamos nos casar. Será isso ou vou lutar pela guarda integral da criança na justiça.

— Teria coragem de me impedir de ver meu filho?

— Não seja dramática. Já convive comigo há tempo o suficiente para saber que nós Kostani diziamos a família e

que estou te dizendo é que se acha que vai embora com uma criança minha, morar no Kansas ou em qual quer outro lugar permitindo que eu o veja em visitas programadas, não faz ideia de quem sou.

— Dá no mesmo. Está falando que se eu estiver grávida, não terei opção. Ficaremos juntos, mesmo que você passe a me odiar. Ainda que não me queira por perto e que desprezasse.

Aperto os olhos, a certeza de que está me escondendo só vai aumentando.

— Por que eu te odia?

Ela se levanta da mesa.

— Não importa. Essa conversa é inútil. Não estou grávida.



## Capítulo 45



Levo apenas dois segundos para me arrepender do que acabo de fazer. Fico ainda mais assustada quando Dionysus se levanta também de sua cadeira.

Meu medo não é porque acho que ele poderia me fazer algum mal, e sim porque não há mais nada em seu rosto que demonstre o homem que conheci.

Ele parece frio, distante, e necessariamente emocionalmente.

Exatamente o tipo de pessoa que imagino que fosse quando vim para Nova Iorque.

Apenas agora me dou conta de onde me meti.

O problema é que sei que não vou fugir, porque não é mais apenas a respeito de Joseph ou minha promessa a Keith. É que estou carregando o filho do homem a quem estou enganando — a quem acabei de enganar outra vez por nenhuma outra razão além de ser uma covarde — dentro do meu corpo e sei, pelo tempo em que convivemos, que Dionysus não é do tipo com quem se deve brincar.

— Não está? — repete.

— Não. Agora, podemos voltar a ser o que éramos antes. Não preciso mais fingir que está preocupado comigo. Nada disso que preparou era necessário.

— Quer brincar apenas, Cecily? Ou quer terminar?

Ele está me dando a chance de correr enquanto ainda tenho tempo. Enquanto ele ainda não descobriu sobre o bebê.

Joseph está bem, seguro. Por que não considero simplesmente virar as costas, então?

Deveria aproveitá-la, mas eu não posso.

Só a ideia dele me afastar dele para sempre, fez meu coração sangrar.

— Não, eu não quero terminar Como poderias querer isso?  
Eu te amo.

— Ama? — repete, aproximando-se com a mesma graça e  
letalidade de um leão diante da presa.

Estou congelada no lugar, temor e excitação incendiando  
meu sangue.

Aceno com a cabeça, concordando.

Ele age rápido. Em um momento, está virado para mim. No  
seguinte, varre tudo o que está em cima da mesa com o braço, em  
um gesto de impaciência furiosa, fazendo copos, pratos e  
talheres caírem no chão.

Pega-me no colo e me senta nela, encaixando-se entre  
minhas pernas.

— Não se parece com alguém apaixonado.

— Como parece alguém apaixonado, Dionysus? — pergunto,  
já perdida nele, retirando seu terno, abrindo-lhe a camisa com  
urgência, mordendo e lambendo qualquer pedaço de pele a que  
tenho acesso.

Sua respiração é um rugido. Como eu, acho que sente-se faminto, selvagem.

Ele não responde, arranca minha roupa com a mesma necessidade fúrida que sinto de ter sua pele na minha.

O vestido sai pela minha cabeça e é arremessado sem cuidado ao chão; em seguida, destrói minha calcinha.

— Fiquem com as sandálias. Quero te foder assim.

A aspereza com que falo seu torso musculoso nu, o olhar que diz “você não vai dormir hoje”, me fazem esquecer por que viemos e da briga que acabamos de ter.

Afasto para um lugar bem secreto da minha mente o fato de que, mais uma vez, estou criando uma teia de mentiras.

Tomo um susto quando ele me vira na mesa, me colocando de quatro. Estou aberta, exposta, usando nada além do que as sandálias de salto alto.

Grito quando ele morde uma das bochechas do meu bumbum e em seguida, gemo alto quando ele se separa e me beijam entre elas.

Ele se inclina e me ataca meu sexo com a língua, mas o polgar invade-me por trás e eu fico com tantas sensações ao mesmo tempo.

Diagnóstico parece determinado e consigo minha rendição, porque ambos sabemos que mesmo depois de ter dito que o amava ainda há barreiras entre nós.

Empuro para longe a trazeza que ameaça se instalar quando penso nisso e me concentro apenas no agora.

O ataque sensual é implacável, e eu custo um nada antes de implorar por mais, empurrando-me para trás, oferecendo-lhe tudo, gemendo meu orgasmo.

— Você é deliciosamente sensível, minha Cecily

Meu corpo está vibrando no orgasmo, a mente, em suas palavras: *mi nha Cecily*

Ele não me dá tempo para me recuperar, puxando-me para baixo, me debruçando sobre a mesa e deslizandodentro de mim com uma estocada firme. Um braço sob meu abdômen para me manter erguida na posição que quero e ao mesmo tempo, espalmando meu sexo inteiro.

O homem é multi-tarefa, conseguiu domar e fazer sentir como se estivesse em vários lugares em mim ao mesmo tempo, prendendo-me na firmeza de seu corpo delicioso.

Monta-me duro, indo e vindo em um ritmo que me rouba o ar.

Fecho os olhos, deliciando-me na sensação de ser tomada sem cuidado, apenas um macho louco por sua fêmea; homem e mulher; sem regras, passado ou culpa.

Ele me cavalga com ferocidade, me fazendo gritar seu nome tantas vezes que os clamores se emendam.

— Mostre-me o quanto me ama — diz, enquanto entra vorazmente em mim, bombeando dentro do meu corpo como se me possuir fosse tão vital quanto sua próxima respiração.

— Eu te amo. Sou sua, Dionysus. Não sabe disso ainda?

Reclina-se, mordendo minha orelha.

— *Minha* — diz com um rugido.

— Sim.

Volta a se erguer, empurrando-se dentro de mim, ao mesmo tempo em que o dedo invade meu lugar intocado.

Gemo, envergonhada, mas del i ci ada também.

— Gosta di sso, não é?

— Si m... oh, Deus!

— Você é a mi nhamul hej Ceci l.y*Namor ada* não um *caso*.

Eu te desejo comi go, em mi me queri a que esti vesse grávi dado meu f i l ho.

Não acho que el e sai ba real mente o que está di zendo.

Acredi to que sej a uma mi stura de f úri apel a nossa bri ga, mi sturada à frustração por eu não me render como mi nhas antecessoras f i zeram.

— Não queri a. Só me deseje a-me. Não vamos compl i catudo. Eu te amo e não estou cobrando compromi sso.

El eme ergue, sem sai rdo meu sexo, mas a di f erença de al tura entre nós é grande, então preci soapoi aras mi nhas mãos na mesa, recl i nar

— Não tem i dei ão que quero, Ceci l y— f al a de manei ra eni gmáti ca.

A manei ra como me possui agora é quase cruel , mas eu quero mai s.

Estou sensível corpo e mente. Quero a conexão e a paixão dele. Quero seu querer e desejo. Sua fome e até seu descontrolado.

Sei por sua respiração que está quase alcançando o clímax mas ele é um amante generoso e está decidido a me levar junto.

Toca meu clitóris e eu tremo, completamente entregue em suas mãos.

Ele me acaricia e levagar, focado no meu prazer, mesmo que eu saiba que está muito perto da própria libertação. As estocadas são vigorosas, mas em um ritmo mais lento agora, enquanto murmura palavras gregas que apesar de não entender, presumo que sejam de carinho.

Essa combinação faz com que meu orgasmo se forme na contramão de como ele me toma — galopante e necessário.

— Goze para mim, *yi neka mou*.<sup>[20]</sup>

— Dionysus...

— Entregue-se, Cecilia.

As palavras libertam-me da mesma maneira, tornando impossível qualquer coisa que não a submissão absoluta.

Com um gemido al toe um “eu te amo”, rendo-me ao pai do meu bebê.

El eme segura, me dá tudo, concentrado no meu prazer e apenas quando meus tremores di mi nuem,sai de mi m, vol ta a recl i nar-me sobre a mesa e goza nas mi nhas nádegas e costas.

— Entregue-se — repete, dei tando-se sobre meu corpo.

— Como posso te dar mai s?

— Não quero só sexo, quero sua conf i ança. Me dê tudo.



## Capítulo 46



— Vai me contar quando esti verpronta? — El i nãpergunta, sentada em sua mesa da Associ ação.

El apedi uque eu vi essevê-l a porque segundo me di sse,não estou agi ndo de manei ra normal ul ti mamente.

Eu nem tento negar, porque agora tenho certeza de que el a sabe sobre mi me Di onysus,embora tal vezestej af al andoã respei to da conversa que ti vemos há al gum tempo sobre meu passado.

— Vou si m. Sobre tudo, prometo.

— Eu não te j ul gareiÇi ci Sej ao que f or, vou ouvi -l a porque a consi dero uma ami ga. A não ser que tenha f ei toal go para

prej udi cami nhaf amí l i que para mi mé sagrada, eu estarei do seu lado.

— Obri gada. Eu não sei comparti l hãr mas estou me esf orçando.

— É tão rui massi m? A verdade sobre seu passado, quero di zer

— É al go que pode me af astar de vocês para sempre.

— Dê novamente sua pal avra de que não é nada que prej udi cará Di onysus, J oseph ou qual quer um dos meus parentes.

— Eu j uro, Eli na. A úni caa ser prej udi cada essa hi stóia, serei eu.

O cel ul atoca e eu o pego dentro da bol sae me l evantopara atendê-l o, aprovei tando com unhas e dentes qual quer chance de f ugi r daquel a conversa di f í ci l .

Número desconheci do.

— Al ô?

— *Har per* ?

— Você faz de propósito, né? Sabe o quanto detesto esse nome, Peyton.

— *Não faço de propósito, você que é paranoica.*

Com um gesto para Eli, ela se levantou e saiu para a sala. Não sabia, porque sei que nada que venha da filha da ex-esposa do meu pai pode ser bom.

— Paranoica, mas o quê? Você é a própria mãe. A troco de que me deu o nome dela? Só pode ser como uma mané que se lembra constantemente de me detestar também.

— *Harper, Harper, você já pensou em procurar ajuda psicológica? Essa mania de perseguição pode indicar problemas mais graves.*

Suspiro, com vontade de jogar o celular na parede.

— O que você quer, Peyton? Já não dei xeiro da última vez em que nos falamos, que não me interessam que você e sua mãe pensam de mim? Por que não pode esquecer que eu existo?

— *Estou em Nova York, que tá bem longe de você*

— Almoços, na verdade, qual quer tipo de encontro de confraternização para amigos ou parentes. Não somos uma

coisa nem outra.

— Descubri que está trabalhando para a família. Como conseguiu?

— Por que isso seria da sua conta?

— Porque ao contrário de você, minha pobre e simplória quase irmã, eu sonho alto. Ainda há três segundos soltei essa família. Eu sou linda e tenho certeza que se tiver uma chance, posso conquistar um príncipe. Já pensou? Esposa de um magnata? Sim. Gosto de como isso soa. Nasci para ser rainha, Harper.

— Por mim, pode ser o que quiser, até mesmo me ceder, desde que fique longe. Não deixei que se aproximasse mesmo que fosse mais inteligente e tentasse me enganar fingindo que existe uma alma e um coração dentro de você, Peyton. Agora se pensa que vai me convencer a vir me ver sabendo de suas intenções, é ainda mais idiota do que eu pensava.

— Eu sabia que você não valia nada, Harper. Aquela pose de boa moça era tudo fachada. Aposto que está aí porque quer um pedaço de você. Provavelmente vou conseguir um emprego.

*Como di abosal guém dos confins do Kansas i ri par arno mei oda real eza empresarial ?*

Si nto-metonta porque apesar do que el adizser um absurdo, não é uma mentira total . Eu vi m para Nova Iorque com uma intenção e movi da por ela, aproximei-me de Dionysus.

— *Já ouvi u falar que quem cala consente, i r mãzi nha?*

— Não, quem cala, às vezes é porque não gosta de discutir com idiotas, Peyton. Vá para o inferno.

Bato o telefone e estou tremendo tanto que preciso apoiar na parede para não desmaiar. Nem percebo que a porta se abriu. Dionysus entrou, até que sinto os braços protetores do meu namorado à minha volta.

— O que aconteceu? — pergunta, preocupado.

Agarro-me a ele como se fosse minha tábua de salvação.

— Nada, só preciso me sentar um pouco.

Ele me pega no colo e me deitam em um sofá. Senta-se ao meu lado.

Abro os olhos e vejo o que seu rosto está tenso.

— Como me encontrou? O que está fazendo aqui? — pergunto.

— Ele insiste onde você estava. Vi-me fazer uma surpresa e não foi mesmo eu quem recebo uma, quando te encontro quase desmaiada contra a parede. O que houve?

— Peyton me ligou. Está em Nova Iorque e queri a me ver

— A filha da sua madrasta.

Concordo, movendo a cabeça.

— Não foi só isso. O que mais ela fez?

Mesmo morrendo de vergonha por sequer mencioná-la aqui, não há razão para protegê-la.

— Ela queri a que eu a convidasse para almoçar. Descobri u que trabalhou para você e aparentemente acha que tem uma chance de conquistar um dos “três Kostani di solteiros” como os chamou. Ela é louca.

— Ficou com ciúme? — sua expressão se desanuvia pela primeira vez.

— Não. Você é meu até que se diga contrário — falamos e ela rosna, abaixando a cabeça para beijar a curva do meu pescoço.

Parece muito satisfeito com minha demonstração de possessividade.

— Foi quem rai vapor ter a gumti pode relação, aí naquele remoto, com aquele ser humano, se é que ele pode ser chamada assim.

— Vou colocar guarda-costas para cuidar de você, só para o caso delas tentarem se aproximar.

— Não precisa. Ninguém sabe de nós dois. Não corremos riscos de sequestro nem nada do tipo. Sou uma ninguém, Dionysus.

— Não fale esse tipo de merda, Cecilia.

— É verdade. Acho que se eu chegasse até os jornais dissesse que sou sua namorada, ririam.

— Não te assumi ainda porque estou respeitando até que esteja pronta, mas minha paciência está se esgotando.

— O que isso significa?

— Mais cedo do que tarde, vamos contar para a família que estamos juntos. Não ache que ficaremos namorando escondidos para sempre. Nenhum de nós é mais adolescente. Somos adultos. Não há mais.

*Há muito os empecilhos, a começar pelas verdades que oc*

— Está zangado? Gostei da última vez que fizemos sexo de reconciliação. Uma pena estarmos aqui e não no seu escritório.

— Não me provoque, Cecilia. Posso te deixar nua em segundos e me enterrar em você sem dar a mínima e seremos felizes.

Sinto minha pulsação acelerar

— Leve-me para casa, então. Ou melhor vamos de novo para a cobertura. Assim, vou poder gemer alto quando me tomar

Em um instante, ele está de pé e me puxa para seus braços.

— Não tem ideia do que faz comigo, não é? Não sabe o quanto sou louco por você.

— Mostre-me. Sou sua.



## Capítulo 47



### Semanas depois

Eu não tenho enjoos.

Não vomitei uma vez sequer. A única coisa que me faz ter certeza de que estou grávida além do resultado do exame, são os sei os extremamente doloridos.

Depois daquele jejum anterior, aconteceu entre nós. Não sei se foi por ter confessado que o amava, mas agora, além da luxúria a seu respeito, ele tem um ciúme que me dá vontade de chorar, e não sei se terá uma mulher que fosse apenas passageira em sua vida.

Ainda viemos um relacionamento clandestino e sinto a  
impaciência de Dionysus crescer como uma panela de pressão  
pronta a explodir, mas não foi por isso que vim ao seu escritório no  
banco hoje, e sim, porque estou disposto a fazer parte da verdade.  
Contar que estou grávida.

Pela janela escureci o carro, vejo o mesmo segurança  
que há alguns meses, me barrou na entrada, dizendo que eu nunca  
chegaria até Dionysus.

O que ele pensaria se soubesse que Anderson dirigisse  
instante o carro em que estou, e que em alguns minutos, se tudo der  
certo, contarei ao grego e necessariamente quem ele me disse ser mais  
difícil de falar do que o próprio Deus, que espero seu filho?

Sim, chegou a hora de começar a parar de mentir e de ocultar.  
Não importa o quanto ele me odeie no futuro quando souber que  
entrei em sua vida por uma armação calculada, ele tem o direito de  
saber que vai ser pai.

— Vou estar perto do seu evadido privado, Cicely.

Anderson, de todos os empregados, tem certeza de que eu e  
o chefe dele estamos juntos e no começo, tentou voltar a me

chamar de senhora. Bradley o que não permitiu. Eu ainda me sinto culpado pelo susto que lhe dei e o considero um amigo.

— Foi aquele e no qual subi outra vez com Dionysus, né?

— Sim. Basta apertar o doze e vai dar diretamente na sala do doutor Kostaniçin.

— Obrigada, Anderson.

— Está com o crachá?

— Estou, sim.

Retirei a identificação especial que Dionysus fez para mim que dá acesso exclusivo ao elevador que sai diretamente na sala dele.

Ele desce do carro e abre a minha porta. Quando me levanta, franze a testa, como se estivesse preocupado.

— Está tudo bem, Cicely?

Ao invés de responder, devolve outra pergunta.

— Acredite em mim, Lagres, Anderson?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Todos os dias quando nos levantamos, um pequeno milagre acontece, e nós somos apenas peões, dispostos no tabuleiro da vida pelo grande jogador: Deus. Ele pode nos ajudar a entender e ainda que pensemos que somos imortais, que viveremos para sempre, isso não é verdade. Então, sim, eu acredito em milagres. Cada respirar a um novo nascer do sol é um milagre.

— O milagre da vida. Sim, você está certo. Alguém me disse uma vez que sou um gato, tenho sete vidas, mas eu já gastei duas. Restam-me cinco. Não preciso mais de tantas. Eu quero continuar na atual. Não quero ir a lugar algum.

— Então lute para ficar

Por um instante, eu acho que ele sabe de tudo, ou ao menos, desconfia que sou uma farsa.

Não, seria impossível. Meus traços foram bem apagados. As pessoas que sabem ainda minha proximidade com a avó de Keith são Jodel e Peyton e nem mesmo elas tinham conhecimento do quanto meu amigo me protegeu, já que ele apareceu eventualmente em nossa cidade.

Eu me despeço e entro no elevador. Menos de um minuto depois, a porta começa a se abrir e me preparo para enfrentar a

secretária mal-humorada de Dionysus.

Na primeira vez em que estive aqui, a mulher me olhou de cima para baixo como se eu fosse um inseto e eu estava bem vestido até.

Para minha surpresa, no entanto, quem aparece quando a porta se abre totalmente é Cage.

— Ceci, você por aqui!

Ele parece mesmo espantado por me ver, mas se recupera rapidamente.

— Oi, quanto tempo.

— Não por minha vontade — diz, se aproximando e me dando um beijo na bochecha.

Estranho admiti-me porque apesar de termos conversado por mensagens de texto e telefonemas algumas vezes e de ter sido minha carona para o casamento de Madison, nunca nos tocamos além de um aperto de mãos.

— Eu vim ver Dionysus.

Se ficou surpreso por eu me referir ao nosso chefe pelo primeiro nome, não demonstra. Talvez porque suponha que a razão

seja Joseph, já que, para todos, aí nasceu apenas a babá noturna do garotinho.

— Deve ter sido o destino que fez com que nos encontrássemos. Tenho uma festada empresa para comparecer em algumas semanas. Já mesmo te ligar. Quero que seja minha acompanhante.

— Caga, eu...

— Espera, não responda aí nada. Não ouvi minha proposta inteira. A festa será em uma sexta, então pensei em emendar um fim de semana nos Hamptons, o que acha? Tenho amigos lá. Tenho certeza de que no Kansas não há lugares tão sofisticados. E não se preocupe por ser apenas uma babá. Eles não a julgarão.

Eu não sei o que me irritou: ele assumiu que eu ficaria deslumbrada com o convite por, lembrando suas palavras “ter certeza de que no Kansas não há lugares tão sofisticados”, sou o fato de acreditar que me senti envergonhada por ser apenas uma babá.

Acredito que interpretei mal o que ele me disse, achando que estou considerando aceitar a proposta, porque continue:

— Não estou te pressionando, mas preciso que saiba que não sou um monge, Cecilia. Tolerei seu recato até agora, porque para ser sincero, acho charmoso esse jeito de cair pelas costas se aceitar meu convite, dormiremos no mesmo quarto.

Eu não sei se são os hormônios da gravidez que me fazem querer matá-lo, mas sinto vontade de voar em seu pescoço e lhe arrancar o sorriso pretensioso da cara.

Eu nem me importo que pela minha vida são perigosas as pessoas se aproximando, provavelmente a secretária com algum outro funcionário. Estou decidido a colocá-lo em seu devido lugar.

Antes que eu possa dizer algo, porém, a porta se abre e Dionysus aparece.

— Entre — fale comigo sem olhar para trás de qualquer outra pessoa.

Eu, que já estava com raiva de Cage, sinto meu temperamento emergir.

— Boa tarde, doutor Kostani.

Sim, eu sei que não deveria provocá-lo. Por sua expressão, tenho certeza de que ouviu o que Cage disse, mas eu estou muito

chateada por me tratar como se fosse uma propri edade.

El ese aproxi ma e eu estremeço, mas não de medo e si m porque não consi go control ar as reações l oucas do meu corpo sempre que está por perto.

— Sabe que não preci sa f i car envergonhad *agapi mou*<sup>[21]</sup>.

Arregal oos ol hosquando sua mão enorme vem para a mi nha nuca, porque sei o que el e vai fazer e também que as outras pessoas aqui conosco estão atentas à cena.

Eu tenho tempo de i mpedi -l quando me puxa para si e me bei j ana boca na f rente de todos, mas não o f aço porque nunca consegui rei resi sti r a el e. Assi m, quando nossos l ábi os se enco esqueço do mundo à nossa vol ta e correspondo com meu coração.

Quando amol eço em seus braços, entregue eapai xona da, depoi sde segundos que mai sparecem horas, el ese af asta, mas sem me sol tar

— Di onysus... hum... doutor Kostani di seu não sabi a que você e Ceci l, quero di zer a senhori ta Bradl ey... estavam j untos.

Eu tal vez ti vesse pena del ese não fosse tão i di otã of ensi vo ao me tratar como se devesse f i caãgradeci dapor ter f ei tã f avor

de me convidar para uma festa e um fim de semana, mas estou apreciando vê-lo se contorcer de constrangimento, embora agora que o efeito já passou, esteja com raiva de Dionysus também.

— Não anunciemos ainda, mas a partir de agora, está avisado. Não entre no meu caminho, Cage. Não terá uma segunda chance.

## Capítulo 48



Eu fecho a porta e só preciso olhar para ela uma vez para ter certeza de que está louca comigo.

Somos dois.

Hoje, decidi remeter uma vez por todas o futuro do nosso relacionamento.

— Fez de propósito.

— Não sei a que parte você se refere. Se quando enfié minha língua sua boca ou quando disse àquela imbecil que você é minha mulher, a resposta é sim.

— Não foi o que combinamos.

— Não houve combinação e sim, meu respeito em função do quanto parece senti repavor de que saíam que é minha. Mas aqui vai a novidade, Cecily: acabou essa história de encontros clandestinos. Entendo que meu mundo não seja atraente para alguém que nunca teve a vida exposta nos jornais. Não me agrada tampouco a ideia de que te persigam, mas ao menos à família e aos parentes mais próximos, diremos.

— E é assim, você decidiu tudo sozinho?

— Eu te dei todas as oportunidades para amadurecer a ideia. Ou seria a melhor maneira para amadurecer e ponto?

— O que isso significa para mim? Me enfrento com as mãos na cintura e por mais louco que seja, sua raiva me excita.

Eu deveria manter longe, mas não consigo, então ando até onde está e a imprensa contra a parede.

— Acha que é melhor, mas não passa de uma garotinha assustada.

— Não sabe nada sobre mim.

— O que não sei, é porque esconde, mas eu vejo você.

— Vê coisa alguma. Está só contrariado porque não aceitei que sou eu a viver o jogo e não querer te assumir.

Se eu não estivesse tão puta, riria porque ele está parando a mente certa. Não é só isso, no entanto. Pelo menos uma vez, considero, por escolha, manter uma parceria em definitivo apesar de ter certeza com cada gota de sangue no meu corpo que é o que Cecilia quer também, há algo que a impede de aceitar.

De repente, aqui tudo se torna mais.

Eu sei muito pouco sobre amor, porque nem sei se foi que meu pai sentiu pela minha mãe ou se aqui era obsessão, mas do que conheço, não é uma dança que se executa sozinho.

É preciso que seja a dois.

— Há semanas venho lutando contra minha natureza e tentando entender seu lado. Não quero mais fazer isso.

Ele sempre decidiu tudo em minha vida para protegê-la, mas não me move.

Cecilia tem que brigá-lo pelo que quer.

— Não entendo...

Eu sinto seu medo, o calor da sua respiração. Foda-se, eu quase consigo ouvir as batidas do coração dela.

*Ou seríamos do meu?*

— Diz que me ama, mas nem sabe o que é amor. Sei que sou o primeiro namorado, seu primeiro rudo, mas para seu azar, não sou

um garoto. Minhas atitudes são as de um homem adulto e nem mesmo por você vou me esconder. Se não consegue assumir o que quer, paramos por aqui .

Dou um passo para trás, no exato momento em que ele agarra as  
linhas do meu blazer

Eu poderia fazê-lo sozinho, mas espero.

— Não quero parar.

— Não sabe o que deseja — acuso.

— Sei sim. Eu vi isso aqui .

Fiquei com tanta raiva quando vi Cage convidando-a para sair  
que nem me lembrei que não havíamos combinado nada.

— Por que veio?

— Porque eu te amo.

Eu me afasto, irritado porque “eu te amo” não é uma resposta.

Ela vem para perto outra vez.

— Vim porque te amo e também para te dizer que estou grávida.  
Eu tive medo de te contar naquela noite. Pareci atordoado. Disse  
que pedi à guarda do bebê se não fizessemos um teste naquela  
hora eu estava apavorada. Não estou mais. Não tanto, ao menos.

— Você está grávida?

El amenti ue eu não entendo porque não consi goodi á-l a por ter me ocul tado a gravi dezpor vári assemanas. Ao i nvésdi sso, meu coração bate como se o pei to não f osse capaz de contê-l o.

— Di ga al guma coi sa.

— Você menti u.Di ssena mi nhacara que não estava. Eu deveri a te odi ar

— Mas não odei a?

Oi hopara sua f aceai ndapál i daAs ol hei rasembai xodos ol hos que sempre me f asci naram. As sardas na pel e cl ara.

— Não. Eu não sei que porra de f ei ti çpogou em mi m porque Deus sabe que eu não perdoari a al go assi m de qual quer outra pessoa, mas eu não te odei o, Ceci l,yporque agora, você vai ser mi nha para sempre.

Eu a suspendo contra a porta e o que acontece em segui da é f ruto do desej o que bei ra a i nsani dade que senti mos um pel o out

Em uma fração de segundos, eu a encaro para somente no i nstante segui nte estar i ntei ro nel a.

Não sei quem bai xou o zí pe,quem se l i vrou da cal ci nha.

O que i mporta, se no f i nal estou dentro do meu paraí so? Se tenho a mul her que mai s desej ei até hoj e em meus braços, me di zendo que está grávi da do meu bebê?

— Não quero te dar a guarda do nosso filho porque quero que fiquemos juntos. Eu sou sua. Você é meu. Joseph é nosso, assim como esse bebê que vai nascer. Nenhum de nós vai a lugar algum.

Ela está chorando e enquanto afundo, lambo suas lágrimas.

Eu aperto suas coxas em voltado meu corpo e embora eu saiba que precisamos conversar nesse instante, eu quero a conexão.

As unhas dela arranham pescoço, cravadas, me mostrando o quanto ambos estamos por um fio entre desejo e desespero.

— A cada vez que estou em você, eu me sinto em casa. É como se seu corpo fosse meu lar. Ceci.

— Eu te amo. Não quero perder você.

— Não vai. É minha agora. Você dois são meus.

— Suas responsabilidades?

— Minha mulher e meu filho. Meus.

Entro e saio dela sem descanso, engolindo, faminto com ganância, cada um dos seus gemidos. Sei que ela está muito perto do gozo e que não vou durar também.

Segundos depois, ela se contrai à minha volta, em espasmos rítmicos. Eu me retiro quase completamente e volto.

— Vou gozar dentro de você. Enchê-la completamente.

É uma promessa, uma ameaça, um desafio.

É uma marca e uma jurapara que el anuncia se esqueça que me pertence.

— Faça. Goze em mim.

Balanço os quadris contra o corpo pequeno, metendo com força el agemal to. Empurro uma, duas, três vezes e então eu derramo minha semente dentro da minha mulher

Cecilyse agarra em mim, esgotada, acho que física e emocionalmente apesar da ligação que sinto entre nós no momento, também intuo que estou deixando al go escapar

Como uma confissão, ela diz:

— Jure nunca me odiar

— Por que não me pedir para te amar ao invés disso?

— Porque amor não se pede. Já o ódio, pode ser negociado, porque é uma escolha. Não me odeie, Dionysus. Partirameu coração.

## Capítulo 49



### Quase um mês depois

— Por que não está todo mundo gritando? Só eu não sabia que eles estavam juntos? — Madi son, que se tornou mãe há apenas uma semana, pergunta, com aquele seu jeito todo mundo sorri .

Estamos em um almoço na casa do Kostani di snai svel ho, todos reunidos em volta da mesa, à exceção da irmã dela, Brooklyn, que está namorando o médico que a trouxe de volta do coma.

Assim como aconteceu com Eli e Zoe, eu adoro a esposa de Zeus. É o tipo de pessoa que não se tem que admirar que está

pensando. Foi ca desenhado no rosto dela se gosta de você ou não.

Apesar de saber que conto com o apoio das três esposas dos parentes do meu futuro marido, eu não sei qual será a reação dos membros masculinos da família.

— Se serve de consolo, sabíamos que eles estavam namorando, não que Cici espera um bebê — Ela diz.

Sei que não foi chateada por ter escondido meu romance com o primo de seu marido. Até porque, como acaba de dizer, todos já sabiam, à exceção da esposa de Zeus.

— Em relação ao bebê, foi uma surpresa até mesmo para o pai — Hades fala e eu sinto meu rosto esquentar

Fiquei que não me importo, acariciando o cabelo de Joseph, que dorme no meu colo, quando, na verdade, estou morrendo de vergonha.

Dionysus pretende anunciar ao mundo sobre nosso relacionamento e a gravidez em breve e fiz uma promessa a qual pretendo cumprir de que não deixarei passar muito tempo, tão logo todos saibam sobre nós, para lhe revelar a verdade sobre Joseph.

Vou ser a esposa, a mãe de seu filho não mais um caso passageiro. Ela vai me ouvir. Vai entender minhas razões e quando

l era carta que tenho de Kei th, perceber de uma vez por todas quem foi Sue.

*Mas e o resto, Ci ci âiVt er cora gem de contar tudo?*

Uma coisa cada vez. Se eu começar a pensar em todos os segredos que existem entre nós, vou surtar

— Não se meta. — Di onysusrosna para o irmãocaçul a, que nem parece se abalar olhando para mim com desconfiança.

— Então, presumo que teremos um casamento para breve — Zoe fala, sorrindo.

— Amiga, você só não é grega por um erro do destino — Eli nabri nca —, porque nunca vi gostar tanto de uma comemoração.

— Amo festas e principalmente casamentos. Quando os pais já antecipam e sabemos que em breve teremos um bebê, então, melhor ainda.

— Ou tal vez dois — Ares debocha, fazendo um gesto de cabeça para a cunhada, já que Madi sondeu à luz gêmeos.

No dia em que entrou em trabalho de parto, foi uma loucura. Eu tive que ficar com Joseph e os gêmeos de Brooklyn porque todos foram ao mesmo tempo para o hospital.

Até então, ninguém sabia sobre nós e Di onysuse eu discutimos mais uma vez, cada um achando que tinha razão, sobre abri mos

nosso relacionamento mesmo depois da demonstração pública de afeto que deu na sede da empresa dele.

Eu sabia que estava em um beco sem saída, mas naquele momento, ali é a preocupação da imprensa fazer um escândalo quando descobrir que ele se casou com a babá do filho. Eu também acho que quando Jodelle e Peyton souberem, vão tentar se aproximar como as irmãs que são.

Depois que ele voltou do hospital fizemos as pazes e prometi que hoje seria o dia em que falaríamos com a família.

— É um só — meu noivado.

Sim, *noivado*. Ontem ele colocou um enorme anel de diamante no meu dedo e eu, ele e Joseph comemoramos entre nós, em casa.

Nosso menino, claro, não entendeu nada, mas bateu palminha durante o jantar e pareceu feliz.

— Já foram ao médico, então? — Zoe pergunta, confusa.

— Já, sim. Fiz uma ultrassonografia há pouco menos de uma semana. Estou de quase quatro meses.

Todos ficaram em silêncio e morro de vergonha.

Fui infantil em esconder deles, mas principalmente, do pai.

— Bem, não importa a data e sim que temos mais um gregão abençoado — Madison fala. — Cuidado, Ares e Hades. Falamos só

vocês.

— Se é para rogar praga, faça em ci made William LJ, os sócios de Athanasi os. Estou fora — Ares debocha.

El es conti nuam conversando e depois de responder algumas perguntas das mul heres da família a) ho para Di onysus, que está cal ado enquanto os pri mos e os i rmãos i nteragem.

Fi cosem j ei tãao perceber que estava me observando e mais ai nda quando f al a bai xo o suf i ci ente para que ni nguém mais ou

— Do que tem medo, Ceci l y?

— O quê?

— Ai nda está com medo de al go. Do quê?

— Eu tenho medo de tudo, mas já me acostumei porque eu cresci desse j é to. Ao contrári odo que acontece com a mai ori adas pessoas, o medo não me paral i sa. Só há uma coi sa que me apavor real mente.

— O quê?

— Perder sua conf i ança e respei to.

— E por que i sso acontecer i a?

— Já deci di use o vesti do vai ser creme ou branco? — Zoe pergunta, l evantando-se da mesa após pedi r l i cença. Com a

desculpade não falara para não acordar Joseph, levanto-me também.

— Eu já volto — digo, mas ele não diz nada. Só continue encarando.

De longe, enquanto converso com a esposa de Christos, vejo Odine entregando papéis para Dionysus e sinto meu sangue gelar quando ele pega a pasta e olha na minha direção.

*Jesus, o que será aqui isto?*

Não tenho tempo de mergulhar na crise de ansiedade que se tem início porque em seguida, Madison fala sobre a decoradora que contrataram para fazer o quarto das filhas e me chama para mostrá-lo.



## **Di as depois**

— *Ela é sua nova escolhi da, então, doutor Kostanis?*

— *Vamos ter um casamento para breve? Nunca apareceu em público por mais de uma vez com uma mulher que não fosse sua*

*ex-esposa e já é o terceiro evento que vão juntar os.*

*— A senhora Bradley está sendo apontada como a dona do seu coração. A afirmação procede?*

*— Senhora Bradley pode falar um pouco como é viver com o de fadas na vida real?*

As perguntas são infinitas e repetitivas.

Não é a primeira vez que temos que atravessar um túnel de paparazzi em um evento e tudo isso faz parte de um plano de exposição dos assessores de imprensa de Kostani para que os repórteres se acostumem com o nosso relacionamento e não nos persigam cada vez que formos jantar.

É quase como saturá-lo tanto com aparições de nós dois juntos que, no fim, perderão o interesse.

A única coisa a qual Dionysus se negou terminantemente foi quando um dos assessores quis fotos de nós dois com Joseph. Também sou contra expor crianças, claro, mas perguntei-lhe porque nunca havia foto do filho no jornal.

Foi então que ele me contou que apesar de acreditar que Keith não tinha parentes, não queri a correr o risco de que surgisse alguém que notasse a semelhança dele com o pai biológico e pedisse a guarda.

Eu fui para o banheiro e chorei, sabendo que o relógio da vida está te queimando, encurtando cada vez mais meu prazo para dizer a verdade.

Escondo meu rosto no peito dele, me sentindo sobrecarregada com aquele excesso de atenção sobre nossas vidas.

— Hoje é o último dia, *agapi mou*. Logo soltaremos um comunicado à imprensa sobre o noivado e não precisaremos mais sair em público.

— Eu não sei por que se interessam tanto por nossas vidas — digo, quando já estamos lá dentro. — O que lhes diz respeito?

Finalmente nos acomodamos à mesa do salão de festas. Hoje, vivemos a um evento beneficente e é a primeira vez depois do casamento de Madison que uso um vestido longo.

Eu me sinto como uma atriz de Hollywood em uma noite de entrega do Oscar. Tanto pela luxuosa recepção como pelo aparte de estar representando um papel mesmo.

A procrastinação em revelar a verdade está sugando todas as minhas forças.

— Também não entendo, mas é assim desde que sou criança. Já me acostumei. Entretanto, protegerei você e Joseph tanto quanto for possível.

Lembro-me que na época da morte de Sue, os jornais desenterraram a tragédia do primeiro casamento dela e do “relacionamento abusivo” com Keith.

Foi retratada como uma jovem mulher que após ter uma segunda chance de ser feliz, perdeu a vida de forma drástica.

Jesus, ele não fez nada de mal dentro daquele ser.

Estou suando frio pela primeira vez, enjoada, mas nem acho que seja da gestação e sim de nervosismo mesmo.

— Vou ao banheiro — falou ele, depois se sorriu para as pessoas à nossa volta.

— Eu te acompanho.

— Não precisa.

— Não faço algo porque preciso e sim, porque quero, Cecília. Eu irei até lá, anjo meu.



## Capítulo 50



Quando entro no toalete, está vazio.

Nem estou com tanta vontade de usar, apesar de ter passado a fazer xixi com mais frequência. Li que é um dos sintomas da gravidez.

Vi, portanto, para me esconder. Para tentar me acalmar.

Não posso nem jogar água no rosto porque vai estragar a maquiagem, então apenas puxei respirações profundas, sentada em uma poltrona perto de um espelho de corpo inteiro.

Abri a porta do banheiro e me preparei para sair. Não quero companhia nem testemunhas de que dei xixi no corredor para ficar aqui, olhando para o nada.

Eu nem estava com vontade de ver esse evento. Prefiro muitas vezes ficar em casa com ele e Joseph.

Passo pela pessoa de cabeça baixa, sem qualquer vontade de se impáti ca, mas tomo um susto quando ela segura meu braço.

— Ora, ora, se não é o destino. Deixam babás frequentarem bailes de gala agora?

— Peyton? — pergunto, olhando para a mulher à minha frente.

Eu sei que é ela, pela voz, mas a aparência não tem mais nada a ver. Está irreconhecível.

A boca está cheia de preenchimento e eu me pergunto por que, já que é apenas poucos anos mais velha do que eu.

Também coloco-me com certeza, pois os seios são enormes no decote do vestido de seda vermelha. Por fim, mudou a cor dos cabelos. São vermelhos como os meus, mas dá para ver que é tinta, apesar de estar muito bonito.

Ela ali sempre foi a maior prova de que beleza exterior e interior não precisam andar lado a lado.

— Ah, mas espera, você não é mais babá. É a namorada do gregório! A sensação de pauco finalmente consegui fazer algo que prestasse na vida.

Eu me recupero rápido do susto. Toda a fragilidade que eu senti ao entrar no banheiro transmutando-se em raiva.

— Não meça os outros por você, Peyton. Outro dia mesmo estava me pedindo para ser apresentada a um dos Kostanidis. Como se eles fossem se envolver com alguém da sua família...

— *Bonita quer dizer?*

— Não. *Vulgar* interessaria. Não foi por dentro que a beleza exterior não consegue compensar

Elas dá risada.

— Acha que os homens estão interessados em beleza interior irmãzinha? Não tolera. Não sei o que levava o grego a se interessar por alguém tão sem sal, mas escute o que eu digo: me dê cinco minutos sozinha em um quarto com seu homem e ele vai esquecer até mesmo do seu nome, Harper.

Eu sei que ele está me provocando e deveria deixá-lo passar, mas foi tempo demais sendo humilhada e agora meu copo encheu.

— Você é uma vadia, Peyton. Diz que conquistou qualquer homem? Não, você poderia lhes dar prazer, mas sexo sem sentimento não prende ninguém. É ruim para você, há milhões por aí. Agora me diga o que acha que vai acontecer quando não formais

jovem e bonita? Acredita que os homens que a sustentam continuarão a pagar para te ver?

Em uma conversa que tivemos, Dionysus me contou que descobriu que Peyton estava fazendo programa, trabalhando como acompanhante de luxo.

— Sua desgraçada! — Ela avança, mas antes que possa me alcançar corro para a porta. Seguro a maçaneta, mas não consigo sair porque ela me puxa pelo cabelo, batendo meu rosto na parede.

Eu grito e em um instante, Dionysus está comigo.

— Solta-a, mi serável!

Ela não a espera obedecer, me salvando das garras dela e escondendo-me atrás de seu corpo.

— Ah, o namorado rico... estávamos mesmo falando de você.

Ela a ignora e mexe no celular.

— Não sou namorado. Sou noivo. Tem sorte de ser muher cretina, ou estar já morta agora. Você acaba de cometer um erro. Tocou na minha futura esposa. Espero que goste da roupa que veio hoje. Vai ficar famosa quando tirarem sua foto na cadeia.

— O quê? Não! Foi um mal-entendido! Diga a ela, Cicci.

— Cicci? Agora sou Cicci? — pergunto, sentindo gosto de sangue na boca. — Se eu não estivesse grávida, te daria uma surra,

Peyton, mas não vou arriscar o bem-estar do meu filho por uma filha da mãe como você.

— *Grávia da?* Como isso é possível? Não é justo. Sou mais bonita. Mais inteligente... eu sou...

Os seguranças entram no banheiro e a levam para fora. Continuando a gritando, desvai rada, enquanto Dionysus ordena aos nossos guarda-costas que afastem todos da entrada do banheiro para que eu possa sair discretamente pela parte traseira do prédio.

— Vamos para casa. Vou chamar um médico.

— Eu estou bem.

— Cortou a boca.

— Não é nada perto da satisfação de vê-la presa.

O rosto dele relaxa um pouco.

— Está se tornando vingativa, não? Aprendendo com a minha família?

Estremeço diante de suas palavras, mas finalmente sorrio.

— Talvez. O que vai acontecer com ela?

— Não muito, por enquanto. Será acusada de agressão, mas essa é somente a ponta do iceberg.

— O que isso significa?

— Significa que eu nunca perdoo uma ofensa.



## Capítulo 51



— Você tem al gumacoi saa ver com i sso? — Ceci l ypergunta, entrando no meu escri tóri o da emi ssora.

El a tem J oseph pel a mão e na outra, segura um cel ul ar

— *Babas!* — meu fi l hoi z, se sol tando e vem correndo me abraçar.

Depoi sde bei j ameu meni noe puxar mi nhamul herpara perto com o braço l i vre, ol ho a tel a que me mostra.

— Si m, fui eu. Fui atrás dos negóci osdel e. Quase como ti rar doce de cri anã. El esonega i mpostohá anos — f al osem dar mui ta i mportânci a para a notí ci a que tanto J odel l eã madrasta de Ceci l, y quanto o mari do, f oram presos por f raudarem o i mposto de renda.

El a se af asta um pouqui nho para me ol har

— Por mi nha causa?

— Por mi nha, na verdade. Você é mi nha mul her Uma of ensa a  
você é uma of ensa a mi m também.

— Mas nem me conheci a naquel a época!

— Por que se i mporta, Ceci l y? Fi z um f avor à soci edade.

— Eu não me i mporto, mas fi queipensando se desej ari a se  
vi ngar de qual quer um que me machucou?

Vou até um armári oonde guardo bri nquedospa J osephe pego  
uma cai xade carri nhos.Em todos os meus escri tóri osmantenho  
j ogos e bri nquedos.

Depoi s que acomodo meu fi l ho no chão, si go para onde el a es

— Do que se trata essa conversa?

— Eu só queri a saber

— Al guém te f ez mal al ém de sua madrasta e da creti na da  
Peyton?

— Dei xapara l á.É bobagem mi nha.Acho que tem razão. Estou  
assi mi l ando demai s a personal idadedos gregos e me tornando  
al guém cruel .

Sorri o, porque não conheço um ser humano mai scompassi vodo  
que Ceci l y.Deu para perceber que estava preocupada com a ex-  
esposa do pai .Quanto a mi m,não perderei uma noi tede sono por

isso. Uma pena que a cadeia por fraude seja tudo o que irá enfrentar

O telefone dela toca e quando olha para o visor parece contrariada. Em seguida, mostra-me.

— Não atenda.

— Não posso fugir dos meus problemas, Dionysus. O que ela poderá fazer? É só um telefonema.

— Não deve se aborrecer.

— Estou grávida, meu novo, não doente.

Ela se afasta um pouco para atender. Eu verifico que Joseph está e confiro que continua onde o deixei, cercado de carrinhos.

Ando até Cecilia, sem deixar de notar que estou ouvindo a conversa.

Não dura muito e por suas respostas, tem a ver com a primeira mãe de Peyton.

Cecilia desliga, os lábios contraídos em uma linha fina.

— O que houve?

— Adivinha? Ela quer a que você entreviste para ajudar Jordan

— Ainda que eu decidisse por isso, o que não tenho a menor intenção de fazer não há o que mesmo um bom advogado considere. Sua madrasta não tem como escapar da justiça Sean Carlson, o marido dela, fraudado o imposto de renda há mais de uma década.

Jodelle e o que pude verificar, ajudou-o a lavar dinheiro, não apenas servindo como uma espécie de lavagem, mas ativamente também. Ambos serão condenados, não tenho dúvidas.

— Eu não iria pedir que interviesse. Se fizerem o que está dizendo, merecem ser presos até que sanem a dívida. Eu não sei como funcionasse a pena realmente, mas uma vez li uma reportagem em que se comentava sobre os chamados crimes do colarinho branco. As pessoas tendem a achar que esse tipo de infração— desvio de verbas públicas, sonegação de impostos— são menos piores do que homicídios e agressões. O cientista políptico entrevistado na reportagem explicou por que não.

— Aham. Enquanto em crimes contra a propriedade de uma pessoa, no desvio de verbas públicas, por exemplo, milhões podem morrer, já que hospitais deixaram de ser construídos, entre outros benefícios que não são direcionados à população em geral. Em última instância, ainda mais do que crimes comuns.

— E quanto a Peyton, o que acontecerá com ela?

— Vai ser punida também.

— Não precisa fazer nada, Dionysus. Tenho certeza de que acabará se dando mal sozinha.

— Eu não funciono como você, Cecily. Não dou segunda chance a um inimigo.



## Cecily

— *Ci ci, aonde você está?* Ela pergunta ao telefone.

— Em casa, por quê?

— *Não sei a rua hoje.*

— Estava me arrumando para ir ao banco.

— *Meu bem, acho que não leu o jornal hoje? Odiar acabou de me ligar atearvi sa por que parece que não consegue falar com Dionysus. Ele está em uma reunião no banco da família.*

— O que houve? Está começando a me assustar!

— *Calma. Não é nada tão grave.*

Sento-me, sentindo as pernas fracas. Múltiplos cenários diferentes passando pela minha mente.

Há dois dias os assessores de imprensa deram notícia sobre as fotos oficiais nossas — minha, de Dionysus e Joseph — sobre o

noí vado.

Hoj e, eu estou deci di daa contar a el etoda a verdade sobre o passado. Não posso adi ar mai s. ãnho que parar de ser covarde.

— Di ga-me, por f avor

— *Fal ouque est ái ndoao banco? Tal vez sej amel hormesmo. A fi l hde sua madr ast avendeu uma report agem cont andoum mont e de bobagens a seu respei t o, ncl usi ve que você deu o gol pe da barr i gæm Di onysus. Di sse que sai u do Kansas det æ mi nadaa encont rar um mari do ri co de qual quer j ei t o.*

— Ah, meu Deus do céu!

— *Cal ma. Di onysis nunca vai acredi t æm al goassi m. Odi nj á ent rouem cont at ocom Zeus e est ão t omando provi dênci aspar a neut ral i zá-bat ent arcont eros est r agos. Se f or mesmo encont r ai Di onysus no banco, não vá sem os guar da-cost as.*

— Obri gada por me avi sa r El i na. Estou sai ndo de casa agora.

— *Par a mi nha paz de espí ri t o, mant enha o cel ul ar l i gado, (*

— Pode dei xar Assi m que eu chegar l á, eu te avi so. Sei que Di onysus não vai acredi t arnel a, mas eu preci so conversar com el e pessoal mente.



## Capítulo 52



— *Em que t i p o d e r e u n i ã e s t a v a ?* — Zeus pergunta ao tel ef one  
— *N ã o c o n s e g u i f a l a c o m v o c ê p e l o c e l u l a e a s e c r e t á r i d a s s e q u e  
r e c e b e u o r d e n s p a r a n ã o t e i n t e r r o m p e r*

— Eu ti ve que l i d a r c o m u m p r o b l e m a d e p r o p o r ç õ e s g i g a n t e s c  
Passei a manhã reuni do com os advogados. Um dos executi vos do  
nosso grupo está sendo acusado de assédi o sexual pel a secretári :

— *Foda-me! Quem é?*

— Prefi ro conversar sobre i sso pessoal mente. Agora me di ga a  
razão da urgênci a para me encontrar

— *O que vou t e t r a z e r n ã o é n a d a d e b o m t a m b é m.*

— Suponho que não. Quando peguei o tel ef one, ti nha sei s  
chamadas: duas de Odi n, sua, de Chri stos, Hades e Ares. O que

di abos aconteceu? Estourou a Terceira Guerra Mundial ?

— Não pode ficar incomunicável com uma noiva grávida.  
*Di onysus.*

— Sei que Cecilia está bem, assim como Joseph, caso contrário os guarda-costas teriam dado um jeito de me contatar

— O que tenho que falar é sobre sua noiva. A filha da madrastra dela deu uma entrevista dizendo montes de merdas, dentre as quais, que Cecilia veio para a Nova Iorque atrás de um marido

— O quê?

— Deus detém as conversas entre as duas. Provavelmente está com inveja e com raiva também depois do que aconteceu durante a festa beneficente. Foi por isso que agrediu Cecilia, porque não deve ter sido bom para os negócios internacionais.

Garotas de programa não podem chamar a atenção. Principais mentes de luxo, como Peyton. Os homens que pagam para sair com elas exigem, acima de tudo, discrição.

— Estou indo para casa. Cecilia não deve ter dado tanta importância ou ter me telefonado. Não há qualquer perda dela.

— Você mudou.

— Por quê?

— *Se fosse há algum tempo, teri a cada desconfiada sua noiva.*

— Eu confio em Ceci. Peyton é um ser humano vivo. Não merece credibilidade. Mas ela vai pagar dessa vez.

— *O que pretende fazer?*

— Retribuo mal com o mal. Quem perdoa é Deus. Eu acerto contas. Faça-me um favor, ligue para os nossos advogados e peça para que tomem providências. Quero que qualquer notícia sobre Ceci seja abafada.

— *Já fiz isso. Odiar também está investida e não sabemos que quando terminar não vai sobrar pedra sobre pedra.*

Depois que me despeço do meu irmão, penso em ligar para ela, mas decido ir para casa e falar pessoalmente. Deve estar chateada.

Eu dei xei Anderson a sua disposição então decidi mandar uma mensagem para os guarda-costas para que me deem uma carona para casa. Combinou que me peguem na frente do banco.

Assim que chego no térreo, caminhei para a porta principal, antes que a alarme, um dos seguranças me para.

— Doutor Dionysus, posso falar com o senhor?

Tento me lembrar o nome dele, mas não consigo. Olhei para o crachá.

Al I en.

— Bom di a, Al I en. Na verdade, estou com pressa. É rápi do?

— É si m e também do seu i nteresse.

El eol ha em vol ta, parecendo sem j ei toçomo se temesse que al guém nos ouvi sse.

I rri tado, mas mantendo a expressão neutra, faço um gesto de cabeça para um canto da portari a, onde não há pessoas.

— Não posso demorar. Tenho um compromi sso urgente.

— É sobre sua noi va.

— O quê?

— Eu j uro por tudo o quanto é mai s sagrado que não estou tentando f azer f of oca, mas depoi s da reportagem de hoj e cedo...

Si ntomi nhai rri taçãoaf l orarA l eal dadaa Ceci l yne f azendosai r em sua def esa.

— Cui dado com o que vai di zepode custar seu emprego.

— Trabal ho há vi nte anos aqui , senhor. Quando seu avô e pai ai nda eram vi vos, i ncl usi veSou um empregado l eal , não um f of oquei re f arei o que mi nha consci ênci a mandar. Eu vi , como acho que o mundo todo, o anúnci odo seu noi vadocom a senhori ta Bradl eye apesar de estar mai s arrumada nas f otosdo j ornal e u a reconheci i medi atamente.

— Reconheceu?

El e acena com a cabeça, fazendo que sim.

— Achei estranho porque nunca a vi saindo com o senhor do banco, então como poderi amestar noi vos? Depois senti que el a deve ver com Anderson, entrando di retopel agaragem e em seguida, pelo el evador privativo.

— Do que no inferno você está falando?

— A história romântica de como se conheceram que o jornal publicou, sobre o atropelamento dela, talvez não seja tanta coincidência assim. Naquela tarde, antes do acidente, a senhora Bradley havia tentado entrar no banco. Ela veio aqui procurando *especificamente* pelo senhor

Si no meu sangue gelado a desconfiança se espalhou pelo meu sangue como um veneno.

— Continue.

— Assim, quando vi que estavam noi vos, fiquei sabendo. Não acredito em coincidências, senhor. Lembro da conversa que tive com ela naquela noite. Desaconselhei-a a tentar encontrá-lo. Mandei que voltasse para a cidade pequena de onde ela era. Ela me agradeceu e saiu. Fiquei com pena, a imagem da menina ruiva

puxando a mal ame dei xoucom i nsôni anaquel anoi teporque achei que deveri a ter of ereci do aj uda. El a pareci a sozi nha.

— Resuma, Al l en.

— Tenho carregado essa sensação de i nj usti çaomi godesde então, mas... — el ecoça a cabeça, cl aramentedesconf ortável— houve a reportagem hoj e com a i rmã de cri açãoof al andoque a senhori taBradl eyvei odo Kansas para consegui rum mari dori co. Pode me despedi rse qui se, doutor Kostani di s,mas eu preci sava l he avi sar que tal vez estej a entrando em uma armadi l ha.

Contraí o o maxi l ar com tanta f orça que os dentes tri ncam.

— Obri gado.

Ando em di reção ao meu carro, sem ver ou ouvi ras pessoas à mi nhavol ta,mas quando chego no veí cul oantes de entrar, o chef e do meu guarda-costas di z:

— Anderson acaba de chegar com a senhori taBradl ey Entraram pel a garagem. El a está em sua sal a esperando-o, senhor. Ai nda quer que o l evemos para casa?

— Não. Estou i ndo encontrá-l a.

O meu escri tór of i cãno déci no segundo andar. Eu poderi apegar o el evador pri vati vo, mas dessa vez, opto por i r pel as escadas.

Preci some acalmar Devo manter em mente que não importa o que ela tenha feito, Cecily está grávida do meu filho.

Enquanto subo sem pressa, repasso mentalmente o que vi vemos desde o dia em que Anderson a atropelou.

Depois, ela se oferecendo para ser babá de Joseph.

Seria uma chance de se inserir dentro da minha casa.

Recordo as nossas conversas e me volta à memória o dia em que me pediu para não odiá-la.

— *Jure nunca me odiar*

— *Por que não me pedir para te amar?*

— *Porque amor não se pede. Já o ódio, pode ser negociado, porque é uma escolha. Não me odeie, Dionysus. Partir meu coração.*

A sensação de ser traído não é algo que eu consiga lidar principalmente por vir da mulher por quem estou completamente apaixonado. Aquela que escolhi para ser minha companheira de vida, formar família. Envelhecer ao meu lado.

Chego ao meu destino e por um momento, quero voltar no tempo Não ouvir o que Alíen disse.

*E contar deixando que ela o enganasse para sempre?*

Si nto desprezo por mi m mesmo por sequer consi derar tal hi pótese. Se o que Al l e contou f or verdade, Ceci l y nenti uo tempo todo.

Abro a porta que dá na recepção e di spenso a secretári a.

Mi nha expressão deve estar uma merda, porque el anão di scute. Não abre a boca para di zer que dei xou Ceci l y entrar. Só pega a bol sa e vai embora.

Seguro a maçaneta da porta, senti ndo-me sangrar por dentro. A certeza de que todo o meu f uturo vai mudar assi m que esti vermos f rente a f rente.

El a está de costas, ol hando para a janel apanorâmi ca, mas quando me ouve entrar, vi ra-se.

Seu rosto está pál i do e me dá um sorri so f raco, i nseguro.

Observo-a de l ongee o amor que si nto é tão grande que uma espéci e de dor f í si ca me ati nge, me i mpedi ndo de i r onde está.

— Di onysus...

— Quem é você, Harper Ceci l y Bradley?

El abal ançasobre as pernas, como se f osse perder o equi l í bri mas l ogo em segui da, se apruma outra vez.

— Sabe quem sou. Não pode ter acredi tado nas menti ras de Peyton.

— E nas suas mentiras, devo acreditar?— Cruzo os braços em frente ao peito, fingindo uma calma que estou longe de sentir — Vou te perguntar uma vez só, então tome cuidado com o que vai responder: quando foi atropelada por Anderson... foi por acaso?

Vejam os olhos dela se encherem de lágrimas e é como se alguém enfiasse uma faca no meu peito. Antes mesmo que abra a boca, já tenho minha resposta.

Ainda assim, espero até que diga:

— Não, não foi por acaso.

## Capítulo 53



Eu passei meses me preparando para esse dia. Para o momento em que toda a verdade viesse à tona.

Eu rezei e tentei criar coragem porque eu sabia que o momento do nosso confronto não seria algo bonito de se ver.

Já me esqueci de preparar, no entanto, para o pior e quando finalmente soube de tudo.

Em um primeiro momento, eu vi dor e aqui quase me parti em duas, mas em seguida, ele foi substituído por desprezo quando eu confirmei o que tenho certeza que ele já sabia.

Receber o ódio do homem que amo quase me mata.

Eu tento me manter firme,mas por dentro estou quebrando em mil pedaços.

— Eu ia te contar tudo.

— O quê? Vei o dar uma nova versão da história que Peyton revelou aos jornais? Uma roupagem diferente, talvez para te enganar, mas me apaixonei ?

A ironia é que ele é como uma facada,mas eu não dei xoque perceba.

— Não pode acreditar nisso. Sabe que não dou a mínima importância para o seu dinheiro. Só me interessa você e Joseph.

— Dei xe meu filho fora disso, Cecily

— Por que eu o deixaria de fora se foi por ele que eu vim?

— O quê?

— Eu não posso convencê-lo do contrário,se quer acredite que sou uma interesseira como Peyton afinal mas posso te dar minha palavra que não vim para Nova York por você. Vim por Joseph.

Se eu esperava qualquer mudança para melhor na expressão dele, não é o que acontece. Ele parece ainda mais irritado.

— É parente daquele filho da puta?

— Não fale assim de Keith! Não, ele não era meu parente, era meu melhor amigo.

— Ami go? Um agressor de mul heres? Um mi serável que espancou a esposa grávi da?

— Não f oii ssoo que aconteceu, Di onysus. Pel oamor de Deus, preci sa me ouvi. r

— Eu não preci so nada. Não tem di rei tos, Ceci l.y É uma menti rosa que entrou de manei ra soratei ra em nossas vi das. Ganhou mi nha conf i ança, o amor do meu f i l ho, da mi nha f amí l

Não me passa despercebi do que não f al a do amor del emesmo e i sso, cl aro, porque nunca me amou. El e nem sequer me dá a chance de expl i car

— Não vou consegui r conversar com você agora. Está mui to nervoso.

— *Ner voso?* Não tem a menor i dei a do que estou senti ndo.

— Rai va, eu sei , e si nto mui to por te magoar. Eu si nã tanto, Di onysus.

Tento dar um passo para perto, di spostaa qual quercoi sa para obter o perdã o, mas el e me para com um gesto de mão.

— Não. Eu não quero que toque em mi m e nem respi rar o mesmo ar que você. I nf el i zment e, a bemos que terei que f azê-l o, nã o entanto, porque carrega meu f i l ho, mas nunca mai svai encostar em mi m, Ceci l y

Eu tento l evarem consi deraçãoo quanto está f eri do baseado no que sei sobre o orgul hodos Kostani di smas ai ndaassi mnão posso control ar a mágoa que as pal avras del e me causam.

— Kei thnãõ era quem Sue di zi a Di onysus. El acasou-se com el e por i nteresse. Fi cou com ódi o quando el edoou o di nhei ro da venda da empresa anoni mamente para i nsti tui ções de cari dade. El a pl anej oum gol peque não deu certo. Queri a ser a rai nhade um rapaz i ngênuo e tudo o que consegui uf oivi ver como cl assemédi a al ta. Era bom, mui to mai sdo que el ateve no passado, mas não o suf i ci ente para al guém tão ambi ci oso.

— E por que deveri a acredi tar em você?

— Porque te amo e amo Joseph. Eu si nto mui to por não ter revel ado i sso antes. Eu ti nha a i ntençãode i rembora, dei xar que vi vessea vi da com seu f i l ho porque sabi aque el e estava bem ao seu l ado.

— E se não esti vesse?

— Eu i al utar pel aguarda del ena j usti ça. Foi o que prometi a Kei th. Eu achei que era com Sue que teri a que bri gar mas el a morreu. Eu não f azi ai dei ãde que el a havi a se casado com um grego ri co. Só descobri pel s j ornai se revi stas, quando deram a notí ci a da morte del a e apenas por i sso, tentei encontrar você.

— Não acredite em nada do que diz.

— Entretanto — continuo, fingindo que o que falei não me magoa —, foi preciso esperar apenas uma semana para saber que o filho de Keith estava sendo bem cuidado. Vi o quanto se amam e deveria atender-lhe embora naquela hora, mas me apaixonei por você.

— Se apaixonou? Ou tentou acertar onde Sue faleira?

Eu sei que estou errada para caramba, mas a faleira é fiel e em mim me machuca e eu não consigo ficar calma.

— Alguém diz que não falei tanto assim. Casou-se com dois homens ricos. Uma pena para ela que o primeiro não era um bom coração e doou toda sua fortuna.

Noto uma veia pulsando em seu pescoço e sei que está se controlando porque estou grávida. Vê-lo com tanta raiva de mim é mais do que posso suportar.

Não adianta ficar aqui. No momento, ele me odeia e não ouvirá nada do que eu disser.

Levo a carta que sempre carrego comigo, de dentro do bolso.

— Eu vou deixá-la para você ler quando estiver mais calma. É uma carta de Keith. Deveria lê-la. — Coloco-a em cima da mesa e começo a andar para a porta. — Estamos ambos nervosos,

então vou para casa. Quando quiser conversar, estarei à sua espera.

— Não.

Eu paro de andar e olho para trás.

— Não quer que eu vá embora? — pergunto, com uma centelha de esperança acendendo em meu coração.

— Não quero que vá para casa. Não é mais sua casa. Anderson a levará para a cobertura. Fiquem longe de Joseph. Eu não confio em você.

— Eu estou com um filho dentro de mim. Acha que eu farei o quê? Fugirei com Joseph?

— O que eu acho não vem ao caso, Cecilia. Você é uma mentirosa e só não será expulsada daqui porque causa do bebê.

— Não quer dizer isso, Dionysus. Você sabe quem sou.

— Não, eu não sei. Agora sai. Vai receber notícias dos meus advogados.

Eu abro a porta, mal consigo enxergar a maçaneta, a vista totalmente nublada pelas lágrimas.

Penso em ligar para Eli porque não quero ir para a cobertura. Não quero ficar sozinha.

Quando coloco a mão dentro da bolsa, no entanto, percebo que dei xei o celular a salada dele. Por nada no mundo voltarei lá. Tampouco vou pegar carona com Anderson.

Tomarei um táxi e depois peço a Eli naquele recupere meu aparelho.

Ao invés de pegar o elevador propriamente voque me deixaram frente à garagem em que Anderson está, vou para o de acesso público.

Entro, transtornada, mas antes que a porta se feche, Cage aparece.

— Ceci, o que houve?

— Eu estou bem.

— Não, você não está. Vem aqui — chama, me puxando para um abraço.

Estou tonta, fraca e me deixo guiar.

Eli me segura com firmeza.

— O que houve? — pergunta.

— Estava saindo?

— Sim, por quê?

— Me dá uma carona para a casa de Eli na?

— Apenas se me contar o que aconteceu ou chamarei Dionysus.

Parece prestes a desmaiar

— Nós brigamos. Isso é tudo. Agora, ajude-me por favor.



## Capítulo 54



El amal f echa a porta e eu quero trazê-l ade vol ta, porque meu coração trai çoei rão acei a que tudo entre nós tenha termi nado assi m.

Vou até a j arel a, ol hando sem ver o céu nubl ado, a mente tentando raci onal i zar que acabo de descobri ra o i nvésde dei xara rai va e o orgul ho me domi narem.

Vol to para a mi nha mesa e pego a carta.

Eu não quero l ê-l a porque i ndependentemente do que estej a escri to, não mudará o f atode que Ceci l ymenti u, mas ao menos eu terei o outro l ado dessa hi stóri a.

Até agora, só ti ve a versão de Sue. J untando tudo o que Odi n descobri usobre o passado de Kei the mai sas desconf anças dos

meus parentes em relação a ela, sinto que devo ao homem morto ao menos o benefício da dúvida.

Abro a folha de papel e vejo que em alguns pontos, a letra está borrada.

*Lágrimas de Cecily?*

Começo a lê-la.

“Minha adorada Cecily, sabe como sou horrível para escrever até mesmo mensagens curtas, agora imagine uma carta inteira, mas preciso de um registro muito mais do que consigo colocar em conversa telefônica.

Primeiro sobre o passado, sobre nós dois.

Quero pedir perdão. Eu jurei fidelidade. Eu jurei cuidar de você e abandonei.

Enquanto você crescia naquele inferno, eu tinha a certeza de que me pertencia, que era meu destino e que em algum momento do futuro, ficaríamos juntos. O tempo foi passando e meu amor por você não mudou. E nem o seu. Da sua parte, não havia sentimento de homem-mulher o que percebi foi a mais pura e sincera amizade.

Sei que se eu insistisse, teria ficado comigo por gratidão. Não é o que eu queria. Estava apaixonado. Queria que me amasse da

mesma forma.

Não sinto orgulho de dizer que me afastei por despeito. Subesti-me-a. Como, minha mente nublada pelo orgulho penso uma garota do interior do Kansas poderia não ficar agradecida apaixonada pelo salvador dela? Por um homem brilhante, jovem rico, disposto a lhe dar o mundo?

Sim, Cici, a arrogância me derrubou porque hoje eu vejo o que foi melhor coisa que já aconteceu na minha vida.

Não foi que cansada se, de vez em quando, nessa carta, eu te pedi perdão. Nunca poderei me desculpar o suficiente.

Quando conheci Sue, eu tinha acabado de ganhar minha fortuna e achei que poderia comprar tudo o que quiseresse, inclusive o ar de uma mulher linda.

Como já conversamos, foi perfeito no início, mas depois que a empolgação sexual dos primeiros meses passou, restou o vazio porque ela não era você. Nada parecia com você. Não tinha seu sorriso, bondade, inocência.

Na verdade, a mulher que tinha meu filho dentro do corpo mostrou-se um monstro e agora temo que não verei o bebê nascer.

Ele ainda não tem um nome e nem ninguém que o proteja e apesar de saber que não tenho o direito de fazer isso, pedi rei d

mesmo j e i t o : c u i d e d o m e u f i l h o . L u t e c o m e l a p e l a g u a r d a . S u  
q u e r e s s a c r i a n ç a .

C o m o s e i d i s s o ? É i m p r u d e n t e . F i c a f o r a a t é t a r d e d a n o i t e , b e  
g r i t a , n ã o s e a l i m e n t a d i r e i t o . P a r e c e t o r c e r p a r a q u e o b e b ê n ã o  
v i n g u e , i n c l u s i v e .

T a m b é m e s t o u d e s c o n f i a d o d e q u e s a i c o m o u t r o s h o m e n s ,  
m e s m o g r á v i d a .

D e v e e s t a r s e p e r g u n t a n d o p o r q u e n ã o v o u e m b o r a s e , c o m o l h e  
d i s s e p o r t e l e f o n e , p o r m a i s d e u m a v e z a c h e i q u e S u e a t e n t o u  
c o n t r a a m i n h a v i d a .

A r e s p o s t a é s i m p l e s : n ã o p o s s o e n q u a n t o m e u f i l h o n ã o n a s c e

E n q u a n t o e l e n ã o e s t i v e r l i v r e d a p r i s ã o q u e é o c o r p o d e l a .

T i v e p r o b l e m a s e s t o m a c a i s e m u m p a s s a d o r e c e n t e e a p e s a r d e  
m é d i c o s q u e m e e x a m i n a m n ã o t e r e m d e t e c t a d o n a d a , e u a c h o  
q u e e l a t e n t o u m e e n v e n e n a r E s t o u f i c a n d o p a r a n o i c o . N ã o c o m e  
m a i s e m c a s a . D u r m o p o u c o , s e m p r e v i g i l a n t e a u m a a g r e s s ã o e  
e s t o u c o n t a n d o o s m e s e s a t é q u e e l a d ê à l u z .

S e a l g o m e a c o n t e c e r o l h e p o r e l e . ã m q u e m e p r o m e t e r i s s o ,

C i c i .

E u n u n c a p e n s e i e m j o g a r a a j u d a q u e l h e d e i n a s u a c a r a , m a  
n ã o t e n h o m a i s n i n g u é m . ã m q u e s e r v o c ê .

Temo mandá-la ao encontro dela porque Sue é perigosa e cruel mas alguém precisa lutar pelo meu filho. Ele não pode ficar à  
daquele monstro.

Eu nunca terei palavras suficientes para lhe dizer o quanto  
arrependo não só de ter-me unido a ela, mas de não ter  
perseverado por seu amor, Ceci. Fui fraco e prepotente.  
Queria que você ficasse agradecida, corresse atrás de mim, visse  
o quanto maravilhoso eu era.

Fui um idiota orgulhoso e destruí qualquer chance de ser feliz  
mas vou te amar para sempre, minha Ceci.

Perdão.

Com todo o meu amor,

Keith.”

Solto a carta em cima da mesa, enquanto as palavras que acabo  
de ler dançam pelo meu cérebro.

Eu não sou um crédulo alucinado. É justamente o oposto.  
A natureza desconfiada e a tração tão característicos da minha família  
me fazem ter certeza de que quando acusado, as pessoas são capazes  
das atitudes mais visíveis.

Não achei ,no entanto, que a podri dão de Sue pudesse i rtão longe.

Penso na mi nha esposa f al eci da e em como el a pareci a uma r dedi cada para J oseph. Em segui da, recordo-me que o contrári onão era verdadei ro meu f i l hounca f i cou conf ortável com el a como f i ca com Ceci l y e até mesmo com El i na.

Eu me pergunto o quanto, em sua cabeci nhai nf anti e, sabi a que a mãe não val i a nada.

Nesse i nstante,tenho as peças que f al tavamo quebra-cabeça, mas não muda o f ato de que Ceci l y me enganou. El ateve vári as oportuni dades de me contar a verdade e não o f ez.

*Por medo?*

Si m,depoi sde l era carta de Kei th,acredi toque tenha si do por medo, af i nal não ti nhaa menor i dei ãe quem eu era. Com certeza, mesmo em sua i ngenui dad, não acredi touque eu entregari a meu f i l ho, não i mporta a hi stór a tri ste que me contasse sobre a concepção del e.

Pego o tel ef one para l i ga para aquel e que pode me dar respostas, Odin, mas antes que possa f azer al go, a sal aé i nvadi da por el e e meus i rmãos.

Levanto-me e apesar de não estar nem na hora do almoço ainda, sirvo-me de uma dose de uísque.

— Preciso pensar em uma estratégia para o meu dinheiro estrago que Peyton causou — Odi isso. — E também há algo que preciso contar sobre a morte do ex-marido de Sue.

Faço um gesto de cabeça para a carta.

— Leia.

Um a um, elas fazem e quando terminam, vejo suas feições mudarem, não de surpresa, já que nenhum delas gostava de Sue, mas por aí vai.

— Eu acho que ele matou. Foi isso que vi dizer. Não temos como provar porque a polícia fez um trabalho investido de merda, mas tenho razões para acreditar que Sue matou o ex-marido, empurrando-o da varanda do apartamento onde vivi.

— Como teria forças? Estava grávida — Zeus pondera.

— Nunca saberemos. Ele pode tê-lo drogado antes ou talvez ele não tenha reagido. Jamais teremos certeza.

— Como a polícia pode ter sido tão incompetente? — Ares pergunta.

— A polícia, a maior delas vezes, é preguiçosa — Hades fala para ela tomando conta de suas feições e nós sabemos a razão.

— Onde está Ceci I y? — Zeus pergunta.

— Eu a mandei para a cobertura.

— O quê?

— Foi antes de ler a carta. Não a queri a perto de Joseph.

— Mal di tœrgul hogrego esse nosso — Odi nrosna. — El año  
pode f i car sozi nha, Di onysus.

— Não está. Anderson a l evará para o apartamento.

— I sso não está certo. Vu pedi r a El i na que vá encontrá-l a.

Antes que el e pegue o tel ef one, porém, como se ti vesse si do  
combi nado, um cel ul ar começa a tocar

Oi hamo-nos, mas não é o de nenhum de nós e só então percebo  
o aparel ho novo que comprei para Ceci I y em ci ma da mesa.

Eu o pego e vej o que é a esposa de Odi nchamando. Col o cono  
vi va-voz.

— Ceci I y esqueceu o cel ul ar — f al o ao atender

— *Onde el aest á, Di onysus? Est ouf i candœr eocupada. Ci cime  
di sse que l i gar i a assi m que chegasse aí .*

— Nós bri gamos. Eu a mandei para a cobertura.

— *Você fez o quê?*

— Eu a mandei embora.

— *Você é como um irmão para mim, mas nesse instante não posso poder ir a matá-lo, Dionysus. Como pôde deixá-la sozinha?*

— Não sabe da história toda.

— *Não, eu não sei, mas sei a qual fofoca eu conheci Ceci. Ela é uma pessoa boa e te ama. Vi você abandonada e vi daí então reagor a, quando seu mundo está desabando, você, o pai do filho dela, lhe vir a as costas!*

Si sinto-me envergonhado, não pelo que Ela fez ali. Não dou importância ao que pensam de mim, mas sinto pelo que me fizeram como afastei Ceci. Ely

— Vou encontrá-la. Deve ter chegado na cobertura a essa altura.

— *Mande-a para mim. Se não a quer, eu quero. Ceci não é apenas sua noiva, sei lá como a considero agora. Ela é minha amiga e não está sozinha.*

Ela desligou o telefone sem se despedir quando chegou para os meus parentes, todos me encaram em silêncio.

Pego meu próprio aparelho para ligar para Anderson. Chama apenas duas vezes antes que ele atenda.

— Ceci Ely já chegou à cobertura?

— *O quê? Na cobertura? Não, eu a trouxe para o banco e ela subiu. Está em seu escritório. Não a vi mais.*

— El adenceu há cerca de mei agora. Não está aqui .Mandei que o encontrasse e pedi sse que a l evasse ao apartamento.

Enquanto f al oal gopareci do com áci dose espal hapel ami nha garganta.

Tento me convencer de que el aestá bem, ao mesmo tempo em que a consci êci ade que mandei mi nha mul her grávi da embora, sozi nha e assustada, me causa um mal -estar f odi do.

Antes que desl i guo tel ef one,vej ocada um dos meus i rmãos pegarem o cel ul ar

Sei o que estão f azendo: ol hando as câmeras do edi f í ci o.

— El adenceu com Cage pel o el evador comum. Foram para a garagem. — Ares é o pri mei ro a concl ui r

— O quê?

— Espere um pouco. Estou vol tando a gravação.

Segundos depoi s,el eme mostra a tel a.No ví deo,Ceci l yentra chorando no el evador,mas antes que as portas se f echem,Cage aparece.

Não dá para ouvi ro que conversam, mas el ea puxa para um abraço, consol ando mi nha mul her

Hades me mostra o própri oaparel hoagora, com as câmeras da garagem.

Nela, Cage e Cecilia chegam ao andar subterrâneo, no estacionamento comum para executivos e clientes. Desaparecem da visão até que segundos depois, veem o carro dele saindo do prédio.

— Cage não deveria mais estar aqui — falou.

— O quê? — Zeus pergunta.

— O executivo que lhe contei que estava sendo acusado de assédio pelo secretário, é ele. Cage já deveria ter deixado o prédio antes mesmo de Cecilia chegar.

— O que diabos está acontecendo, Dionysus? — Ares questiona.

— Eu não faço a menor ideia. Só sei que Cage não poderia mais circular pela empresa.

Vejam o Odín se afastando rapidamente no celular.

Enquanto isso, tento ligar para o telefone de Cage, mas vai direto para a caixa postal.

Tenho que parar a cobertura, para ver se ele chegou lá. Ninguém atende.

Tento a portaria, mas o porteiro garante que Cecilia não subiu.

Quando meu primo volta para perto de nós, digo:

— Devemos chamar a polícia?

— Ai nda não, eu estou tentando rastreá-l o.

L embro-me de al go.

— O rel ógi o.

— O quê? — meu pri mo pergunta.

— Ceci l y queri amanter-se saudável durante a gravi dez. Eu l he dei um dos seus rel ógi os ntel i gentes. O úl ti m model o que sua empresa l ançou, Odi n.

— Óti mo. Nós vamos achá-l a.

— O que acha que aconteceu? — Ares pergunta.

— Eu não sei ai nda, mas até que Ceci l y sej a encontrada, devemos tratar como sequestro.



## Capítulo 55



— Finalmente, bel a adormeci da! — Ouço uma voz de homem di zer ao l onge e me esf orço para abri r os ol hos.

Em mi nha mente sonol enta, eu me l embro de uma si tuação pareci da, quando acordei em um hospi tal .

Abro os ol hos e não é um enf ermei roque está comi go, no entanto. É Cage.

Assustada, ol ho em vol tae quando vej oparedes escuras do que parece um casebre, tento me l evantar

— Não fa çai so ou vai passar mal . Preci samospensar nesse bebezi nho dentro de sua barri ga.

Apesar das palavras, não há um pingote de preocupação em seu rosto. Ele soa indiferente.

— Ceci, Ceci, você me deu trabalho.

— Onde estamos?

— Linda, essa é a pergunta menos importante de todas e sim, se você ficar ao meu lado ou contra mim.

Meu coração acelera. Os olhos do homem parecem os de um louco, mas o instinto me manda ficar calma.

— Por que eu ficaria contra você?

— Não sei. Talvez porque esteja apaixonado pelo grego? Aliás, satisfaz uma curiosidade que diabos há no homem, tirando o *status* de bilionário obviamente, que faz com que as mulheres caiam de amor por ele tão rapidamente quanto moscas presas em teias de aranha?

Eu o ouço em transe, como se estivesse em meio a um pesadelo, tentando juntar as peças e não custo a entender que esse homem que, para mim, era um executivo do banco Kostani de sua verdade, é um louco que me trouxe para um lugar desconhecido.

Estou deitado no que parece ser uma cama, com uma coberta sobre o corpo.

Enquanto ele fala, olho discretamente o ambiente, tentando encontrar uma saída, entender o que está acontecendo.

Sou fã de programas de investimento. Na verdade, vi como eles tentaram me lembrar de como vocês foram sequestradas e sobreviveram, agiram.

O celular — penso, apenas para dois segundos depois me dar conta de que esqueci na sala de Dionysus.

A lembrança da nossa última conversa, traz uma sensação de buraco no meu peito, mas eu não me permito afundar nisso.

Não se trata de nós dois mais, e sim de proteger o bebê que carrego. Eu preciso sair daqui.

— Até mesmo Sue — ele continua —, com toda a vida inteira residente. No fim, estava se rendendo, a mim serável.

— Sue? Está falando sobre a ex-esposa de Dionysus?

— Ah, Cecilia, minha rival de infância me subestimou. Sabe perfeitamente quem é Sue. Eu custei a entender quem você era. Apareceu de repente, do nada e assim, em um instante, estava dentro da família Kostanić, não só como babá do príncipe, mas como futura esposa do magnata grego e ainda com um herdeiro a caminho. Muito mais inteligente do que a vadia morta.

— Cage, você não está fazendo coisa com coisa! Pode me explicar o que há de errado?

— Primeiro me diga: está do meu lado ou contra mim?

— Não sei exatamente o que está me propondo, mas o que acha? — pergunto, pedindo perdão ao meu filho silencioso pelas mentiras que vou dizer — Dionysus descobriu meus planos e me expulsou da vida dele. Eu preciso de uma alternativa vital para essa jogada. Não posso sair com uma mão na frente e outra atrás

— Pensei que fosse amiga de Keith. Foi o que descobri te investindo. Não quer mais ficar com Joseph?

— Não preciso dele. Como você mesmo disse, tenho um herdeiro egípcio, um verdadeiro Kostandis, a caminho.

— Conte-me a sua história, e eu te contarei a minha.

— Não há muita para ser dito. Keith pediu que verificasse o filho dele e em caso algum se alicha contesse a algum coisa. Nunca me disse que a agredia. Pintou-se como um homem apaixonado. Eu acreditei. Ele achava que Sue não era confiável. O que ele infelizmente não sabia, é que eu também não era.

— Não o amava?

— Amava, sim, mas não mais do que a mim mesma. Quando cheguei em Nova York e me aproximei da família Kostandis

enxerguei uma oportuni dade.Por que deveri acui darde uma cri ança que não era mi nhase podi atentar me i nseri dentro da casa del ese conqui staro ri caçosó para mi m?Forj eium atropel amento,el ecai u como um pato, mas a vadi ada mi nha quase i rmã estragou tudo quando eu j á estava prati camente a cami nho do al.tar

Si nto vontade de vomitar por di zeraqui l omas meu desej ode sobrevi ver é mai or do que a consci ênci a.

— I ntélgente.Não apostari atanto em você, Ceci l.yTem cari nha de santa. Quem di ri a?

— Agora é a sua vez. Conte-me sua hi stóri a.

— É l onga.Sente sede ou f ome? Não tenho mui to aqui porque não esperava te trazer hoj e.Foi um gol pe de sorte te encontrar. Estava recol hendomi nhascoi saspara parti rdo banco, quando a vi , através das câmeras, chegando. Supus que esti vesseno andar de Di onysus.

— Parti r?

— Ah, si m.— Revi ra os ol hos.— Uma puta me acusou de assedi á-l asexual mente. Fui mandado para casa. Estava sob i nvesti gaçãoDe qual quer modo, não pretendi avol tarao banco. l a começar a f azeras rodas do meu pl anopara você, gi rarem.Sua i da

hoje até lá só pode ter si douma resposta de Deus. Ou então, como os gregos acreditam: destino. Quer mais um travesseiro?

Pergunta, como se não tivesse acabado de me contar que planejava me sequestrar

Eu não demoro a concluir que há muita malícia em Cage, mas loucura também. Ele age como se não tivesse me drogado e sequestrado. Como se estivesse realmente preocupado comigo.

Essas nuances me assustam ainda mais do que se ele fosse totalmente mal.

— Não, obrigada.

— Sei que é desconfortável, mas não se preocupe. Não ficaremos muito tempo aqui.

— Estou bem. Conte-me sua história, Cage.

Forço um tom carinhoso, quase como se estivesse falando com uma criança, ao mesmo tempo, em movimentos lentos, solto o relógio do meu pulso porque me lembro que está instalado no celular

Dionysus me disse que nunca deveria falar porque pode ser rastreado. Dou graças a Deus por tê-lo obedecido.

Sei que ele me odeia no momento, mas quer nosso filho. Quando se der conta de que não cheguei à cobertura, tentará me encontrar

— Eu estudei na mesma faculdade que Kei th.— Começa e eu o encaro. Não consigo deixar a surpresa. Ele percebe. — Eu te disse que era uma história longa. Nós ficamos próximos porque eu era ainda mais pobre do que ele e não muito popular. Eu o vi enriquecer sem fazer força. Sortudo. Ele era generoso, isso é inegável e me ajudou a comprar meu primeiro carro e pagar minhas dívidas estudantis. Eu estava dois anos à frente dele. Me formei muito antes. Se não fosse pela ajuda que me deu, ainda estaria pagando meus empréstimos <sup>[25]</sup>.

— Onde Sue entra nessa história?

— Calma, menina. Que pressa! Vamos lá, mesmo já fora da faculdade, mantemos contato. Ele estava no último ano e apesar de ter muito dinheiro no banco, continuava a mesma vida medíocre de sempre. Como diz o ditado, quem nasceu para lagartixa nunca se transforma em jacaré. Bem, se ele não tinha o que fazer com o dinheiro que tinha. Tentei convencê-lo a investir em um negócio. Ele não quis. O idiota acreditava que poderia mudar o mundo.

— Sim, ele era um tolo. Achava que todos eram bons.

Dá de ombros.

— Foi uma boa coisa ser tão ingênuo. Enfim, não sei se Sue não jogada. O que eu como amigo não consegui, talvez uma boceta pudesse. Ela era recém-formada também. Prostituta até o último momento de cabelo, fazia aquilo que queria por dinheiro. Muito ambiciosa. Fodí-a eventualmente, mas eu sabia que para inserir - em meus projetos, teria que fazer com que se apaixonasse por mim. Acreditasse que eu a amava também.

— Keith sabia sobre o envolvimento de vocês?

— Minha doce Cicely acha que éramos amantes? Planeanos que Sue o encontrasse no lugar que ele mais frequentava: a cafeteria da universidade. Sério, o romance entre os dois foi tão rápido que quase senti pena de Keith. Ele caiu de amores por ela em um piscar de olhos. Casaram-se, e pouco tempo depois, o cretino começou a parecer um dislocado, com a ideia de doar todos os bens. Estava se desfazendo do dinheiro muito depressa nessas doações, o que atrapalhou nossos planos de um dia vir o vantagemoso.

— *Di vórcio?*

— Sim, no começo não planejávamos matá-lo. Sue não era tão má quando tudo começou.

Ele acaba de afirmar sem demonstrar qualquer remorso, que mataram Kei th. Se eu ti nhaal gumadúvi dade que é louco, ele se foi agora.

— Continue.

— Kei th estava doando tudo na velocidade da luz. Sua engravidou em um ato de puro desespero. Quem sabe com um herdeiro a caminho, o imbecil briassej uízo? Não adiantou, então ti vemos que partir para uma decisão drástica. Kei th precisava morrer.

Mesmo sem saber dos detalhes e de que havia algo de mal em da ex-mulher de Kei th envolvida na trama, o que ele conta não me espanta porque eu já imaginara algo assim.

— E então vocês o mataram.

— Eu? Quem pensa que sou, Cecilia? Nunca fiz mal a uma mosca. Apenas planejo.

Ele soa quase ofendido aqui. Ome mostra o quanto fora da realidade se encontra.

— Tudo bem. Desculpe-me. Ele o matou.

— Isso mesmo. Empurrou-o da sacada. A polícia acreditou na palavra de um pobre grávida agredida. Investi garantias para caralho.

O que nós não sabíamos é que Kei tinha adoado todo o dia naquele dia.

— Nossa, quanta estupidez!

— Não é?

— Só não entendo é como vocês dois vieram parar em Nova Iorque.

— Eu não morava mais na Califórnia antes de Kei morrer. Sabe como é: nunca coloque todos os ovos na mesma cesta, como dizia Warren Buffett<sup>[26]</sup>. Ainda éramos amantes, mas eu trabalhava à distância e estava indo embora de semana. Consegui um emprego no banco Kostani e estava ganhando bem, mas não tanto quanto eu queria. Os planos com Kei deram errado e eu tinha uma dívida gravada em um imóvel morto, nada guardado de reserva e planos que nunca se concretizariam se eu não encontrasse uma solução.

— E encontrou?

— Melhor do que imaginava.

— Diabos?

— Não, não foi ele que vimos. Até mesmo para mim, a ideia de gente ambiciosa era muito rara. Pensei em fazer com que um daqueles esbeltos se apaixonasse por ela, a bancasse

como amante. Sabe como é, começar tudo de novo, como aconteceu com Kei th.

— Queri a um novo marido para ela?

— Isso. E se fosse velho, melhor ainda. A morte dele não levantaria suspeitas. Sue passava quase todos os dias na porta do banco, andando com um carrinho como se precisasse ajuda. Ela era discreta, se misturava à multidão para não chamar a atenção dos seguranças. Há algo a ser dito sobre homens: somos todos tolos. Não podemos ver uma mulher e herem necessidade que o instintivo de herói entra em ação. O destino interveio. Não foi um velho rico quem apareceu para ajudá-la, foi Dionysus. Sue tinha todo aquele aspecto de boa moça, doce, submissa. Falava para caralho. Não acreditei que ela conseguisse enganá-lo, mas de alguma maneira, conseguiu. Entretanto, estragou tudo ao se apaixonar pelo grego.

— Apaixonou-se?

— Sim. Não queri a mais me ver. Discutimos. Ameacei contar tudo. Se ela pensava que iria se dar bem sozinha, estava muito enganada. Eu lhe disse que a mataria se me traísse. Não precisei. Assim mesmo morreu sozinha.— Ele sorri e cruzou as mãos no colo.— Agora é sua vez novamente.

— Eu não estou entendendo.

— Não minta para mim, Cecilia. Sabe que não me contou a história toda.

— O quê?

— Na noite em que sofreu o acidente, Sue me disse que estava indo se encontrar com a melhor amiga de Keith, que a havia lhe contado. Só descobri há pouco tempo que essa amiga era você.



## Capítulo 56



### Quase uma hora antes

- Já a localizei — Odi n di z.
- Onde?
- Cage saiu de Manhattan. Está a cerca de meia hora ao norte.
- Ele abre o celular e me mostra o mapa, mas eu já estou de pé.
- Temos que ir
- Dionysus, precisamos agir com calma.
- Não. Precisamos trazê-lo de volta. É por minha causa que ele a levou. Ceci é minha mulher, não importa que eu tenha agido como um idiota, mas só pensei no próprio rabo. Eu quero de volta. O lugar dela é ao meu lado.

— Acha que foi por vingança, por tê-lo colado sob o investimento que Cage a levou? — Ares pergunta.

— Não — Zeus fala.— É arriscado demais por causa de um emprego. Há muito além nessa história que não estamos conseguindo alcançar

— Não importa. Descobriremos depois. O importante agora é salvar Cecily— digo, tentando ocultar o desespero de imaginarmos a filha daquela e filha da puta.

— O melhor mais rápido seria um helicóptero, mas o mais arriscado também. Ele ouviria. Vamos de carro. Reuniremos alguns seguros. Ele está sozinho. Não conseguirá escapar

— Não chamaremos a polícia?

— Por enquanto, não. A polícia aprecia mandados, autorizações, toda uma foda burocrática a qual estamos sujeitos. Fazemos do nosso modo, quando Cecily estiver segura, nós entregamos aquela merda para as autoridades — Zeus diz, mas posso ver pela expressão de Odin que ele gostaria de resolver aqui logo de outra maneira.

Sei bem quais são seus métodos e para ser honesto, não dou a mínima para qual será o destino de Cage depois, desde que ele pague por ter ousado levar minha filha.

— Eu não posso perdê-la.

— Não irá — Ares garante. — Vamos salvá-la, irmão.



## Cecily

— Sim, eu li o livro para ela — falou porque é muito triste para ela.  
Eu não tenho ideia de quanto ela sabe sobre o que aconteceu naquela noite.

— E o que mais?

— Encontramo-nos em um motel de beira de estrada. Discutimos.  
Eu estava mesmo preocupada com o bebê. Sue, não. Joseph tinha  
poucos meses apenas e tive pena. Não sou totalmente má, Cage.

Ela está acreditando em mim? Rezo para Deus que esteja.

— Ninguém é apenas mau, docinho. Todos temos dois lados.  
Quanto a Sue, ela não quer se envolver, mas sabia que o menino  
era necessário para formar a imagem de jovem abandonada e  
necessitada que Disney tinha dela.

Concordo com a cabeça e preciso fazer o orçamento para conter a bilheteira que me sobe à garganta.

— Sue ficou com raiva quando eu tentei procurá-la. Mandou que eu saísse de seu caminho ou chamaria a polícia. Eu sabia que ela estava blefando. Não tinha certeza do que acontecera com Keith. Não fazia ideia de que ela o matara, mas estava convicta de que não havia contado a história toda para o novo marido e que não desejaria chamar atenção, acionando as autoridades.

— Ela estava casada com um gregório. Se sua preocupação era com o menino, obtive sua resposta. A criança ficou bem, né?

Penso com cuidado que dizerem segredo. Negociar com um louco que tem rompantes de lucidez de vez em quando é como jogar xadrez.

— Sim, àquela altura, eu sabia que o bebê ficou bem, mas pensei que ela poderia me ajudar também. Eu não queria voltar para o Kansas.

— E então?

— Ela se negou. Não queria saber de mim. Disse que faria o que quisesse. Não quis me prender se eu insistisse. Na hora, fingi que não estava disposta a desistir. Despedi-me e fui embora. Tinha que devolver o carro alugado. Naquele momento, não possuíam os de

continuo estado de Nova Iorque— mi nto—, mas sabia que ela estava nas minhas mãos. Com o que eu sabia sobre o passado dela, baseado no que Keith me contou sobre ser ambicioso e cruel, Sue me entregaria o que eu queria. Aparentemente, ela viu minhas intenções. Me viu atrás de mim pela estrada. Me perseguiu.

— O acidente que a matou... você estava presente...

Ela parece genuinamente surpresa.

— Sim.

— Como é possível que não a tenham ligado à morte dela?

— Sue tentou me jogar para fora da estrada. Me empurrar em um barranco. Sou boa motorista, consegui escapar do pior dela. Pelo espelho retrovisor, vi o carro dela cair no vazio— conto, dessa vez, estremecendo de verdade ao me lembrando do pavor que senti quando naquele ano tive que alucinar o mesmo a intenção de me matar. — Continuo idiota por não ter salgado nem um metro mas estava muito escuro e eu, nervosa, entrei na contramão. Bati de frente em uma mureta. Quase morri também. Nunca ligamos dois acidentes.

— Caralho, isso parece uma cena de filme. Consegui ver sua filha total mente vocês duas em uma pequena vitória. Venceu a cadela, Cecilia. Tem minha admiração.

— Não está com raiva de mim?

— Com raiva? Por que estaria? Sue estragou tudo. Ela só precisava jogar dinheiro e ficaríamos bem, mas não. A puta se apaixonou pelo grego e quis me dar uma rasteira.

— Tinha desistido do golpe, então?

— Ela tentou desistir, sim, eu, nunca. Ameacei entregá-la à polícia e em uma fração de segundo, toda a equipe desapareceu. Voltou a ser a pior decisão de sempre e me deu uma apólice de seguro.

— Como assim?

— Eu a obriguei a engravidar o grego — ele falava sobre a vontade de vomitar — Ele ficou tão gordo e ele para sempre, me dando dinheiro toda vez que eu a ordenasse. Quando matou Sue naquele dia, Cecilia...

— Eu não a matei.

Tenho me lembrado de alguma notícia sobre ela estar grávida quando morreu, mas tenho certeza de que não li nada a respeito.

— Quem se importa? — diz, revirando os olhos. — Já vi que você é sensível então tudo bem, vou mudar a maneira que me expresso. Quando não morreu naquele dia, Cecilia, você ao invés de se suicidar

Sue para os conf i nsdo i nf ernoyocê envi oupara a morte o f i l hde  
Di onysus também.

El e está sorri ndo e eu, mai s apavorada do que nunca.

— Os j ornai s não noti ci aram nada sobre um bebê.

— O homem é um magnata dono de uma emi ssorade tv. Devem  
ter abaf adoo caso. Mas i ssonão i mportamai se si mque agora será  
você a me proporci onar uma boa vi da.

— Não estou entendendo.

— Vou ser si nero porque acho que j ásomos ami gos,tá? Eu não  
i ate devol ver, eu i ate matar. Mesmo que não curta mui toessa coi sa  
de vi ol ênci a, eu queri avi ngança.Com o que acaba de me contar, o  
j ogo mudou compl etamente porque sei que tem mui to a perder.  
Preci sode você vi va.Vou te sol tar Você vai vol tare reconqui stá-l o  
porque eventual menteel evai acabar te perdoando por ter menti do  
sobre Kei th.Quando esti verembem novamente, vai me sustentar  
para o resto da vi da.Nós doi sf i caremosbem — di z, passando o  
dedo i ndi cadoao l ongado meu braço e eu me esf orçopara não me  
encol her— Quem sabe até não possamos ser mai sdo que ami gos  
depoi sque o bebê nascer? Não antes, si ntomui to.Não curto corpos  
de grávi das. São di sf ormes. É mei o noj ento.

Eu o encaro, em silêncio apavorada por tantos motivos diferentes que sinto-me prestes a desmaiar.

— E se eu disser não?

— Por que faria isso? Ambos queremos nos dar bem. Agora aqui vai um senhor incerto que acha que Dionysus fará quando descobrir que esteve envolvida na morte de Sue e matou o outro filho que nem nasceu? É um menino esperto, mas só para o caso de não estar conseguindo visualizar o quadro inteiro, você tem de fazer. Ele mandará te prender assim que o bebê que está esperando nascer. Vai ficar com seu filho você, na cadeia para o resto dos seus dias.

Não acredite nisso. Qual quer período que investi gao acidentado que sofrer mais fundo, poderá comprovar que foi Sue quem bateu em mim e não o contrário.

De qualquer modo, não há nada que me ligava acidentado. Entretanto, hoje eu conheci um lado assustador de Dionysus. Uma nuance cruel de sua personalidade. Ele me mandou embora sem pensar duas vezes.

Repasso mentalmente a informação que Cage acaba de me dar. Sue estava grávida.

Voluntariamente ou não, o herdeiro rodou e foi uma situação em que eu estive envolvido. Ele nunca vai me perdoar. Vai tirar nosso filho de mim se souber a verdade.

Estou perdido.

— Temos um acordo? — pergunta.

— Sim. Eu não quero ir para a cadeia.

— Boa menina.

Fecho os olhos porque não posso mais fingir de doente e tenho medo de que ele descubra o que estou pensando.

Interpretando meu silêncio erroneamente, diz:

— Precisa descansar, querida. Vou te deixar aqui por mais umas quarenta e oito horas. Apenas o suficiente para que o gregório fique preocupado. Desesperado para tê-la de volta e então, solto você na cidade. Afinal, não queremos que nada aconteça ao bebê. Ele é nossa gatinha dos ovos de ouro.



**Cecily**

Eu não tinha a intenção de dormir, mas aparentemente, acabei cochilando. Quando desperto, há barulho de passos e gritos. Portas batendo. Homens dando ordens.

Começo a falar comigo, mas eu não entendo nada. Sinto-me entorpecida, como em uma realidade paralela.

Abro os olhos e vejo o rosto assustado do meu sequestrador. Há algo errado.

Tento me levantar, mas não tenho forças. Ele deve ter me drogado outra vez porque, de repente, tudo fica escuro.



## Capítulo 57



### Al gumas horas depois

— Para onde o levaram? — pergunto a Odinn ao telefonar.

— *El eest á sob a cust ódi a la pol í ci agora* — diz, ainda soando contrariado e eu sei a razão.

Odinn não acredita na justiça dos homens. Ele queri *ar esol vea* questão com Cage com as próprias mãos. Se fosse algo que envolvesse apenas nós, eu não pensaria duas vezes, mas há Cecilia, que pode ser implicada no desaparecimento dele.

Há câmeras de segurança no banco que mostram minha mulher saindo com o filho puta do prédio. Não é algo que se possa

ocul tar

— Provi denci arei para que nunca mais veja a luz do sol .

— *Eu est ouassi st i ndo i nt er rogat órijunt caos advogados. Há mui t o mai s do que i magi na por t r ás Di onysus Não começou com o caso de assédi oà funci onár i do banco e t ampouco com Ceci l ye si m, com Sue.*

— Sue?

— Aham, mas não se preocupe com isso agora. Cui dede sua mul her El e não i rá a l ugar al gum.

Há um tempo, suas pal avras me trari am tranqui l i dade Até descobri rmoso que acontecera com nossa mãe e Zeus obter sua vi ngança contra o homem que destrui ua vi dadel a, eu acredi tavana l ei dos homens e que todos têm di rei to a um j ul gamento j usto.

Eu não penso mais assi m.

Há pessoas que não merecem vi ver em soci edade.

O importante agora, no entanto, é que Ceci l yestej a em segurança, sendo atendi da.

Eu não sou do ti po que teme o que quer que sej a. Se al go entra em meu cami nho, me ameaça ou àquel esque são i mportantes para mi m, o ódi o é mi nha vál vul a de escape natural .

Høj e, no entanto, ao ver Ceci l ydesacordada na casa cai ndoaos pedaços, eu experi menteisenti mentosque até o momento me eram desconheci dos: medo e cul pa. Mui to remorso também.

— El a acaba de despertar — o chef e da equi pe médi ca di z, aproxi mando-se.

Athanasi os vem l ogo atrás.

Estou com meus i rmãos, El i a, Madi son, assi mcomo Chri stose Zoe, que vi eram da Carol i na do Norte.

J oseph f i cou com El ea, a madrastra de Madi son.

Nós trouxemos Ceci l y para o hospi taldo qual Athanasi osé dono. Apesar de ser neurol ogi sta, el e está acompanhando o atendi mento del a como um f avor pessoal .

Há horas mi nãa mul her está sendo submeti daa exames e essa é a pri mei ra vez que al guém vem f al ar conosco.

— Eu gostari a de vê-l a — di go.

— El a pedi u para f al acom você Di onysus— nosso ami godi z—, mas avi soque não deve aborrecê-l a. Está sob mui to estresse ai nda. A pressão f oi estabi l i zada, mas estava al ta quando chegou.

— Não tenho qual queri ntenção de dei xá-l a nervosa, mas preci so conf eri r por mi m mesmo que Ceci l y está bem.

El ecomeça a andar para o quarto em que el af oi i nterrada e o si go em si l ênci o. Na porta, eu hesi to antes de entrar

É a segunda vez que encontro Ceci l yem um hospi tal .Na pri mei raçl aera uma desconheci dae eu mal podi aesperar para me l i vrada garota estabanada que se j ogouna f rente do meu carro. Agora, eu preci so de seu perdão.

*Si m,per dãa*

Não i mporta que el atenha menti do para se aproxi mar de mi m. Acredi to, agora que a rai vapassou, que o f ez mesmo com a mel hor das i ntenções: proteger J oseph.

Depoi s de l er a carta de Kei th, estou seguro de que nunca real mente conheci Sue. Ai ndamai sa agora com o que Odi ncontou: que el a estava envol vi da também com Cage.

Abro a porta e Athanasi os não entra, nos dando pri vaci dade.

— Ceci l y — chamo, f echando-a atrás de mi m.

El aestá ol hando para a j arel a, apesar de eu ter certeza de que me ouvi u chegar

— Nós preci samos conversar, Di onysus.

Dou a vol tana cama para encará-l a. Não quero que se aborreça, mas não sei conversar de outra manei ra que não sej aenf rentando meu i nterl ocutor

— Si m,preci samos,mas não agora. Se tudo der certo, terá al ta amanhã, segundo os médi cos di sseram. O bebê está bem.

— Eu sei . Athanasi os me di sse.

— Então, eu só queri a...

El af azum gesto, me parando. Em nenhum momento ol hapara mi m.

— Sou eu quem tem que f aar. Fi queical adapo tempo demai s. Ocul teia verdade. Estou cansada. Já te di sse sobre a promessa que f i za Kei the a razão pel aqual me aproxi meide você: preci sava ter certeza de que J oseph estava bem. Quando me sequestrou, Cage uni uas peças que f al tavama hi stóri ade Sue, de Kei th... e na nossa também. Tal vezvocê quei rase sentar. Há mui toa ser di to.

Puxo uma cadei rapara perto da cama e nem assi mCeci l yne ol ha. É como se esti vesse al hei a a tudo.

Tento pegar sua mão. El a f az que não com a cabeça.

— Di se-me para nunca mai s tocá-l o. Quando eu acabar de contar o que preci so,provavel menterepeti rái ssonovamente, então sou eu que peço agora: não encoste mai s em mi m.

Si ntocomo se ti vessetomado um soco e i magi nque o mesmo se passou com el a quando l he f al ei i sso em meu escri tóri o.

— Conte-me o que precisa. Primeiro, conversaremos sobre o passado. Depois, sobre nós.

— Não existe um “nós”. A única ligação que temos é o bebê.

Não discutiu, lembrando-me do que os médicos recomendaram.

— Conte-me o que aconteceu, Cecilia.

— Se você me encontrou, provavelmente me viu saindo do prédio com Cage. Eu acho que ele me drogou. Acordei em um casebre...

Ele falou com a mãe e eu não a interrompo. Sua explicação é clara e a linha do tempo fez todo o sentido.

Cecilia levava quase meia hora para me explicar tudo, dando detalhes que, se não fosse ela a me contar, não acreditaria.

Eu levei um monstro para dentro da minha casa. Casei-me com ele e formei uma família.

A esposa dedicada e mãe amorosa nunca existiu. Sue era uma farsa. No lugar dela, havia uma mulher fria, calculista, capaz de envolver sem pensar duas vezes um jovem altrusta e creduloso em uma trama de ganância e morte.

— Essa primeira parte da história não tem a ver com você, e sim, com Keith. Eu custei a encontrar Sue. Só descobri que ele veio para Nova Iorque quando vi uma foto de vocês três nos jornais onde a reportagem os retratava como uma jovem família feliz. Estavam

recém-casados e com um bebê novo. Soube imediatamente que era o filho de Keith por causa da idade de Joseph.

Elaine revelou como contatou Sue e do encontro que tiveram no motel. As ameaças que minha falecida esposa lhe fez.

Nada disso causa espanto, até o momento em que Cecilia me conta que Sue tentou matá-la na estrada.

— Eu consegui escapar, e segundo as enfermeiras que me examinaram, foi um verdadeiro milagre sair do acidente apenas com alguns arranhões.

— Ela morreu, caindo no despenhadeiro.

— Sim. Mas essa ainda não é a história toda. Cague-me disse que Sue estava grávida do seu bebê, Dionysus. — A voz dela treme quando fala isso. — Eu não sou hipócrita, não vou dizer que lamento a morte dela, mas mesmo que não acredite em mim, lamento a morte do filho de vocês e ainda que não tenha tido culpa diretamente no acidente, peço seu perdão.

— Perdão? Ainda que houvesse um bebê, não tomou qualquer ação na morte dela.

— *Ainda que houvesse?* Ela estava grávida. Cague garantiu. Foi uma espécie de presente que Sue deu a ela. Um tipo de “apólice de

seguro”, foi o termo que ele usou, para que este vessel se gada a você para sempre e eles se unissem com ele.

— Sue não estava grávida, Ceci. Eu tenho certeza disso. Ela não tinha mais útero. Sofreu uma complicação no parto de Joseph. Não podia mais ter filhos.

— O quê? Mas Cage...

— Foi apenas mais uma mentira que ele contou. Enganando a ambos: marido e amante.

— Eu não sei o que dizer

— Lembro-me que na época do parto de Joseph, me perguntei como uma mulher jovem e que já havia sofrido tanto, podia ser ainda mais castiga por Deus, impedida de ter outras crianças. Hoje, penso que foi a justiça divina a fazer com que nenhuma criança merecesse a mãe um monstro daquele.

— Eu...

— Acabou de falar o que precisava?

Ela acena com a cabeça.

— Está bem para conversar?

— Sim.

— Eu poderia até pedir perdão, apenas. Seria mais fácil salvar a meu orgulho. Não é o que quero. Vou fazer o meu melhor para

expl i car o que estou senti ndo, embora não sej a bom em me expor

— Di onysus, não acho que nós...

— Ceci l,yquando você sai u da mi nha sal a ontem de manhã,  
pedi uque eu te ouvi sse.Eu me recusei e tem todo o di rei tõe f azer  
o mesmo agora. Vou contar com sua generosi dade, no entanto.  
Ouça-me e somente então, tome uma deci são.



## Capítulo 58



— Eu fui criada por uma família que, na teoria, era perfeita. Pai e mãe apaixonados, amorosos conosco. Não nos faltava nada. Sou o terceiro dos filhos. Nem cobrado demais e nem mimado em excesso. Um privilegiado como meus irmãos. Eu achava que tinha o mundo aos meus pés. Quando estava saindo da adolescência minha mãe fugiu de casa com outro homem.

Ele parece ter dificuldade de contar aqui. Ele intuía ser tanto por, como mesmo confessou, não saber falar de sentimentos, quanto porque deve ser doloroso recordar o passado.

— Mamãe morreu em um acidente de carro com o homem que, durante anos após o ocorrido, pensamos ser amante dela <sup>27</sup>. Meu

pai se suicidou mesmo dia. De uma hora para a outra, o mundo que conhecíamos, desapareceu. Passamos a desconfiar das nossas sombras e a faladeira é no mundo era alimentada pelo nosso avô paterno, que queria vingança contra a família que desgraçou a nossa. Somente há pouco tempo, descobrimos que nada do que pensávamos ser verdade, era. E o verdadeiro culpado pelo amor da nossa mãe estava bem debaixo dos nossos narizes <sup>[28]</sup>.

Ouçoo narrar como se víssemos o homem, mas que mesmo após o acerto de contas, o ódio que alimentamos no passado já os haviamolido para sempre e que eles continuaram desconfiando até da própria sombra.

— Como já te disse antes, não me apaixonei por Sue e sim, pelo que ela representava: família. Algo que eu haviam perdido. Eu amava Joseph. Eu não tinha amor por ela, mas estava disposto a trazê-la para perto se isso significasse me tornar pai do meu menino. Quando você apareceu, foi diferente de tudo o que eu já conhecera. Não sabia o que fazer com o que me fazia sentir com o desejo louco que me despertava, que ainda desperta... eu só sabia que não podia deixá-la ir.

Agarro a barra do lençol com força para me impedir de tocá-lo

— Ti j ol por ti j ol o, você derrubou as defesas que criei. Se tornou a minha vida. O meu mundo. Quando eu descobri que me enganou...

— Como descobriu?

— Alí não segurança com quem você falou no dia em que se jogou na frente do carro, vi a reportagem que narrava sobre o nosso noivado e em seguida, a de Peyton contando aquelas mentiras seu respeito. O pobre homem quis me avisar e acreditou nas boas intenções dele, mas desejei estrangulá-lo porque mesmo sentindo raiva, eu continuei amando-lo e apaixonei-me como sempre.

— Você me mandou embora.

— Sim, eu mandei, mas aquilo não duraria. Eventualmente eu iria procurá-lo e pedir perdão.

— Exatamente como está fazendo agora.

Ele sacena com a cabeça, concordando, e eu o encaro, estudando o rosto do homem que eu amo.

Depois do que aconteceu na última vez que nos vimos também do que Cage me contou sobre a suposta gravidez de Sue, eu me preparei para o ódio dele.

Prometi a mim mesma que Dionysus não me pegaria de surpresa. Eu estarei pronta para qualquer coisa que ele me der.

E então ele me surpreendeu há pouco, ao revelar a identidade dele.

Como a tola carente que sou, em um primeiro momento, meu coração descomprometeu.

*Fi caritudo* bem — pensei, agradeço, porque não havia motivo para ele sentir raiva. Não prejudicou seu bebê porque Sue não estava grávida.

Agora, depois de ouvi-lo o mesmo que entenda o lado dele, sinto raiva de mim mesma por aceitar tão pouco.

Por sempre ansiar pela boa vontade dele.

Por sempre precisar ser querida.

— E então, agora eu deveria entender que quando me mandou embora, não queria realmente dizer aquilo. Estava apenas chateado.

— Ceci Ly...

— Eu compreendo tudo o que você passou, Dionysus também as razões pelas quais não confia em ninguém além da sua família. Um pai maravilhoso e eu não poderia imaginar alguém tão perfeito.

para cui darde Joseph. Como eu disse seu escrito em nossa  
última conversa, tudo o que fiz pensando na promessa ao meu  
amigo.

— Eu entendo...

— Não, você não entende. Quando eu  
me lembrei de você. Eu tinha certeza de que Joseph estava bem. Em  
meu primeiro encontro com você, contar minha  
história. Fui à sede do banco por dois dias, mas logo percebi  
que nunca me deixaria entrar e meu dinheiro estava acabando.  
Jogar-me na frente do carro foi um ato de desespero.

— Eu acredito em você.

— Acredita mesmo? Ou é o medo de quase ter perdido o bebê  
que eu quero mudar de ideia?

— Eu quero esse filho, eu quero você, principalmente  
Cecília. Uma família nossa família.

— Eu preciso de um tempo para pensar. Uma das promessas  
que fiz quando eu estava com você era de que eu merecia. Sabe o que entendi depois que acordei aqui  
no hospital? Ainda não sei como cumprir essa promessa, porque  
qualquer coisa de sentimento que me oferecem, eu me ajoelho

agradeço porque não me acho merecedora. Eu te amo, mas eu preciso me amar também.

— Não quero que vá para longe.

— Eu não vou, mas por enquanto, não voltei para a sua casa. Estou magoada. Não consigo esquecer o que disse: que aquele ano era a *minha* casa. Há alguns dias, seu pedido de perdão seria o bastante. Agora, eu preciso de ações.

— O que tenho que fazer?

— Em primeiro lugar não é você, sou eu. Sempre tive uma bengala emocional na qual me apoiar. Meu pai, minha família, o tóxico que eu achava que um dia iria amar, Keith, e você, meu príncipe encantado. Até mesmo no dia em que me mandou embora, eu não quis ir para a cobertura. Eu queria ficar com Elina. Eu precisei de um tempo comigo mesma. Não me afastar de Joseph. Eu quero vê-lo pelo menos uma vez na semana, mas eu não quero ver você. Preciso estar comigo mesma. Saber se o que sinto por você é amor ou se é desejo de pertencer a alguém.

— Não sabe se me ama?

— Nesse momento, não.

## Capítulo 59



### Três semanas depois

— Shi shi i iból, a... — Joseph ri, apontando para a mi nhabarri ga, que j á está arredondada a essa al tura.

El e não sabe que em al guns meses ganhará um i rmão, mas mesmo assi m, eu col ocô sua mãozi nhapara senti -l e di goque tem um bebê dentro da “bol a”, como el e chama.

— É i nci vela l i gaçã de vocês doi s — El i nãl i z. — Acompanhei no pouco tempo em que Sue era vi va, o rel aci onamento del a com Joseph. Nunca houve essa cumpl i ci dade entre el es.

Joseph l evanta para pegar um carri nho e eu abai xo o tom.

— Di zemque as cri ançassentem quando são amadas. Por tudo o que sei , el a o vi a como um mei o para ati ngi r um f i m.

Toda a famí l i a sabe da verdade agora. Antes que a hi stóri a sórdi da chegasse aos j ornai s, reuni mos todos e contamos em detal hes. Logo em segui da, foi noti ci ada pel os mei os de comuni cação ao redor do pl aneta.

Achei que Di onysus abaf ari ao escândal o envol vendo a ex- mul her e a morte de Kei th, assi m como o papel de Cage em tudo.

Não f oi o que aconteceu e eu i magi nã como deve ter si do para os Kostani di s estarem no ol ho do furacão, mas eu menti ri ase não conf essasse que f i quei sati sf ei ta.

A j usti çã f i nal emte f oi f ei ta para Kei th, j á que todos agora sabem quem foi Sue. Não i mporta que estej am ambos mortos, nunca é tarde para se f azer a coi sa certa.

— Não parece f el i z, Ci ci .

— Porque não estou mesmo. Di onysus está l evando ao pé da l etra o tempo que pedi a el e.

— El e está respei tando seu espaço, mas está orbi tando à sua vol ta se não percebeu. Não há um espi rro seu que el e não sai ba.

— Eu estou com saudade, mas não quero mai s bancar a tol a carente, El i na. Eu me val ori zo mui to pouco.

— Sei tudo sobre a autoestima, amiga, e vou te dizer uma coisa: se amar é, principalmente, se dar o direito de escolher. Do que adianta seguir um plano, provar que pode viver sem ele, no fundo, está sofrendo?

— Eu não sei o que fazer

— Não se fale pelo telefone, ao menos?

Sacudo a cabeça, fazendo que não.

— Apenas por mensagens, mas amanhã tenho consulta com o obstetra. Na última vez, antes de nos separarmos ainda, não conseguimos ver o sexo. Talvez dê para descobrir nessa próxima.

— Não acha que deveria permitir que ele participe?

— Não sei como dar o primeiro passo sem parecer fofoca.

— Considere amar uma fraqueza?

— Não, acho que não.

— Tudo bem. Não quero te pressionar

Horas depois, quando ela vai embora, eu não espero que Anderson venha pegar Joseph. Ao invés disso, passo a mão no telefone.

Tremo quando toco a tela no local onde aparece o nome do homem que amo.

Chama várias vezes, mas ninguém atende.

El e sabe que sou eu e não quer responder? Já me esqueceu?

Segundos depois, meu coração disparou quando vejo seu nome acendendo no visor

— Alô?

— *Você me ligou? Está tudo bem com você e com o bebê?*

— Hum... está, sim. Eu só queria saber se hoje será você ou Anderson a pegar Joseph.

Ele ficou em silêncio por um tempo e sei a razão: até agora não lhe convidei para vir como bem lembrou. Ele não disse que estava respeitando meu desejo de manter distância.

— *É isso o que quer?*

— Hum...

— *Cecily*

— Sim, quero tratar sobre uma consultaque farei. Pensei que talvez você gostaria de ir

— *Estou indo encontrá-la. Conversaremos pessoalmente.*

Ele não me dá chance de dizer não, desligando em seguida.

Do chão, onde brincamos soladinhos, Joseph olha para mim e sorri, como se aprovasse minha atitude.

— Eu o amo, meu filho. Só estou com medo de bancar a família outra vez, mas eu amo o seu pai.



Abro a porta e me esqueço de respirar

Todos os dias, quando ligamos a tv ou acessamos redes sociais vemos homens bonitos.

Modelos, atores.

Há divos representantes da beleza masculina espalhados pelos quatro cantos do planeta, mas nenhum deles chega aos pés, para mim, do meu grego.

Eu sempre me senti sempre inferior a ele, desde a primeira vez em que o vi, mas hoje, ele parece ainda mais distante. Os olhos atormentados, o cabelo longo desalinhado na contramão do terno de corte perfeito.

Aquele é o homem lindo que observamos com seriedade, mas com muita fome também, e meus olhos enfraquecem.

Eu me sinto dominada por tamanho. Ele nem entrou ainda e parece que ocupa a casa inteira. Está em todos os lugares. Está em toda parte em mim.

— Não pode mudar de ideia — diz, acho que interpretando meu silêncio equivocadamente.

— Sobre o quê? — diz sarcástico.

— Sobre me querer aqui. Vim porque me chamou. Não vou embora.

— Não quero que vá embora... agora. Mas ainda não estou pronta para que fique em definitivo.

Ele dá um passo para dentro.

— Onde está Joseph?

— Dormindo. Eu te chamei porque tenho consultado o obstetra amanhã. Acho que conseguiremos descobrir o sexo do nosso filho. Quer ver?

Ele fecha os olhos por um instante. Quando abre outra vez, vê a emoção mais crua nelas.

— Obrigado por isso.

— Por te deixar partir assim?

— Por não me impedir.

— Achei que nada poderia impedir-lo.

— De estar com meu filho, mas ele não nasceu ainda e não forçarei minha presença. Não quero que fique atormentada e sim, que tenha uma gravidez tranquila.

Si nto um estremeci mento de medo.

El e está me superando? Suas pal avras demonstram que si m.  
Como se tudo o que i mportasse f osse o bem-estar do bebê.

— Não tenho i ntenção de i mpedi -l e- f al o tentando sal var meu  
orgul ho.— Vou te passar o horári o da consul ta por mensagem.  
Tenho que conf eri r porque não me l embro.

El e concorda com a cabeça, se af astando de mi m.

— Vou pegar J oseph.— di z, e dou espaço para que entre. —  
Quanto ao horári o da consul ta, vi rei buscá-l a. l remos j untos

O garoti nho está adormeci dono sof á e quando o vej o pegar o  
f i l ho nos braços, entro em pâni co.

Não quero que vá embora ai nda.

— Você... hum... quer comer al guma coi sa?

— Você está no cardápi o?

Por um i nstante, acho que não ouvi di rei to.El e pareci a tão  
control ado, tão senhor de si , mas agora me ol ha com uma f ome  
pri mi ti va.

Não consi go f ormar uma f ras e sequer e el e começa a andar em  
di reção à porta.

— Não pergunte al go que não estej a pronta para ouvi r a  
resposta, Ceci l .y

Depois disso, vai embora, me deixando trêmulo a.

## Capítulo 60



— Devo esperar aqui ,doutor Kostani di s?— Anderson pergunta quando estaci ona na garagem da cobertura.

Pel o espel ho retrovi s,percebo que está sorri ndo.

— Si m, vou subi r para pegá-l a.

— Se me permi te a i ntromi ssão,é o desti no de vocês doi s f i carem j untos.

Em outra época, tal vez o comentári o me i ncomodasse porque não gosto de ver mi nhavi dapri vadasendo di scuti da,mas depoi sdo sequestro de Ceci l,temos si do al vo de manchetes e honestamente pouco me i mporta a opi ni ão públ i ca,ã o que me i nteressa é el a.

Ceci l ypreci sasaber que não me envergonho de nossa hi stóri a De nenhum detal he del a.

— Si m,el af oide sti nada a mi m— f i nal ment e spon do, sai ndo do carro.

Demoro menos de doi smi nutos para chegar ao andar e parece estranho ter que tocar a campai nha quando do outro l ad da porta está a mul her da mi nha vi da, mas nesse i nstante, a cobertura pertence a el a, é seu l are Ceci l y merece toda a pri vaci da de que deseja r

Toco apenas uma vez e a porta se abre.

Eu sempre achei que as mul heres quando grávi das f i cava r boni tas, mas Ceci l y está um passo al ém. O rosto está corado e mai s bochechudi nha. Os sei os forçam o teci do do vesti do f l exí ve grudado ao corpo, desenhando suas curvas del i ci osas.

O cabel o, que amo manter envol tado punho enquanto a f odo, cai sol to por suas costas.

Af asto os pensamentos.

Há semanas não encosto nel a e si nto-me como um morto de f ome, mas não quero por tudo a perder agora que el a está outra vez abri ndo espaço para mi m em sua vi da.

— Pronta?

El a concorda com a cabeça.

— Estou ansi osa. Quer meni no ou meni na?

*Quer o você e qual quercoi saque vi erde você. Uma cri ançæu vár i as. ũdo.*

— Não tenho preferência a— f al o,ao i nvés di sso, para não assustá-l a.

Dou espaço para que el a sai a e seu perf ume se entranha em mi nhas nari nas, me dei xando duro.

Eu prometi a mi m mesmo que não i ri atocá-l a, que não me i mpori a mas meu corpo tem vontade própria e pouso a mão l ogo aci ma de sua bunda para gui á-l a.

El a estremece ao meu toque e quando entramos no el evadõnos encaramos, cada um em uma parede oposta.

— E você?

— O que tem eu? — responde sem f ôl egæ nesse i nsãnte sei que estamos na mesma si ntoni a.

O desej o é recí proco.

— Quer meni no ou meni na?

— Como todas as mães, quero que nosso f i l ho nasça saudável .

*Nosso f i l ho.*

Cada vez que el a repete i sso, tenho a esperança de que tudo f i cará bem.

Eu respeitei o espaço que me pedi porque sei que a magia, mas estou chegando ao meu fim.

— Quanto tempo?

— Está dizendo para ele nascer?

— Não. Quanto tempo preciso para te convencer de que sou louco por você? Eu nunca vou desistir.

Ele engole e em seco.

— Eu não quero que desista.

— O que quer, então?

A porta do elevador se abre e ele se dirige para a saída, mas antes, olha para trás e por um segundo, consegue ter um vislumbre de minha garota atrevida. A mesma ruiva de quem roubou meu coração.

— Quero que me persiga. Sonhei com isso a noite toda.



*“Quer o que me persiga. Sonhei com isso a noite toda.”*

Enquanto esperamos o médico preparar o equipamento de ultrassonografia, as palavras dela fazem meu sangue ferver.

Eu nunca me considerei alguém insensível. Por que seria? Sempre tive tudo a um estalar de dedos.

Agora, sinto-me obrigada a prestar atenção no exame ou deixar minha mente vagar em tudo o que quero fazer com ela.

— Vamos começar — o médico diz para minha surpresa, Cecilia estica a mão para mim.

É a primeira vez, desde que nos separamos, que toma a atitude de me tocar.

Entrelaço nossos dedos e trago a mão pequena aos lábios.

Um instante depois, como da primeira vez que vimos, a imagem do nosso bebê aparece na tela e eu sinto a garganta trancar quando o coração se faz ouvir claramente.

Na outra consulta, em minha arrogância, apesar de estar muito feliz, eu deixo tudo como certo. *Eu não tenho meu filho.*

Agora, depois de quase perdê-la em mais de um sentido, a grandiosidade do que está acontecendo toma outra proporção. Sinto meus olhos medecerem e quando olho para Cecilia, está chorando também.

— Presumo que sejam lágrima e alegria, papai e mamãe, porque nosso meni no está indo mui to bem.

— Um meni não? — Ceci l yepete. — Um irmãozinho não para Joseph? Sorri e me abaixou para beijá-la, esqueci todas as regras de que eu mantivesse distância.

— Vamos fazer um time de futebol neste ano. Encher essa cidade de pequenos jogadores.

O médico e a enfermeira entraram e saíram para nos dar privacidade alguns instantes depois.

Ceci l y se senta na cama.

— Eu quero isso.

— O quê, minha ruiva?

— Nossa família. Um time de futebol ou não. Tudo.



# Capítulo 61



Eu ando até a porta e a tranco. Quando vol topara perto del a, vej o que seu rosto está corado e a respi ração, f al ha.

— O que está f azendo?

— Não pode me di zeral goassi mdepoi sde semanas f ami nto mi nha mul her

— Não podemos f azernada. A equi pemédi caestá do outro l ado da porta.

— Não preci sode mui to tempo. Só quero que goze na mi nha boca.

Seus ol hos arregal am.

— Não está f al ando séri o.

Apesar do que diz, eu já conheço-a bem demais para saber que está querendo de desejo também.

— Se não quer que eu enterre a cara no meio da sua buceta em dois segundos, peça-me para sair, Ceci. É sua última chance.

Ela passa a língua pelo labíolo depois, olha para a protuberância na frente da minha calça.

Sem fazer mais nada, chega para trás na cama e planta os pés na beirada.

Em um centésimo de segundo, sua calça não existe mais.

— Eu não tenho outra para ir embora.

— Não vai precisar. Vou te levar de retopara a cobertura. Quero-a na nossa casa, mas vamos passar o dia na cama, e não vai ser suave. Os empregados ouviriam.

— Meu Deus, você está me matando.

— Apoi e as mãos na cama. Não quero que se machuque.

Ela obedece e com ambos os polegares, separa os labíolos de seu sexo.

Sem deixar tempo para o próximo pensamento, cubro sua buceta com a boca. A língua ambidota a extensão ensopada com seus fluidos.

Eu a devoro como um homem desesperado e privado de seu alívio mental e sinto cada terminação nervosa dela vibrar ao meu encontro.

O primeiro ataque é voraz, sedento, visando meu próprio prazer. Eu quero engoli-la inteira e não lhe dou opção, a não ser me entregar tudo.

O gozo vem rápido, forte, ansioso. Os suspiros intercalados com arfadas de satisfação.

Eu desacelere a língua, seduzindo-a, ora usando os dentes para arranhar o clitóris duro, ora com os lábios sugando o nó de nervos. Estou em uma missão que não é apenas fazê-la gozar. Estou determinado agora a lembrar-lhe que é minha, sempre será minha.

Eu não a chupo, apenas. Eu tomo posse de sua boceta doce. Como, provo, lambendo, a fodo com língua e dedos.

Percebo a urgência se construindo nela. A necessidade de alcançar o clímax. Eu paro quando está muito perto e sorrio contra seu sexo quando ouço o suspiro de frustração.

— Mais — pede.

— Diga que é minha.

— Isso é chantagem.

— Não. Estamos negociando. Eu te faço gozar até desmaiar de exaustão. Você nunca mais me afasta da sua vida. Nunca mais duvida do nosso amor. De como sou louco por você.

— Você me tem em suas mãos neste instante. Concordaria com qualquer coisa que pedisse. Não seria um contrato válido.

Eu recomeço a atormentá-la com a boca. Sua respiração acelerada. Está quase lá e então, eu paro outra vez.

— Sou sua. É sim, um contrato válido — diz, segurando minha cabeça para que não tire a boca de onde ela aprecia. — Não porque quero gozar, mas porque te amo, Dionysus. Sempre te amei.

A confissão era o que eu desejava, mas não estava pronto para o quanto mexer a comigo ouvi-la.

Sou eu quem está louco agora e preciso de tudo.

— Não grite — aviso. — A equipe médica está na sala ao lado.

— Por que eu gritaria? Ohh...

Gemo ao sugar o clítoris brilhante de tesão. Enfiar os dedos nela, fazendo-a até que começa a impulsionar quadris, tentando obter mais.

Eu não paro dessa vez porque ver Ceci lá não descontrola-me enquanto ela também.

Eu tiro tudo dela e doo na mesma medida.

Estou em casa novamente. Nel a, dentro del a, com el a.

Ceci l y é meu abri go, meu l a mi nha.

El a morde o própri o braço para não gri tar quando por f i mme entrega seu mel .

Eu me l evanto e a puxo para mi m.

— Prometa-se o mesmo — pede. — Di ga que nunca mai svai me mandar embora.

— Nunca mai s,agapi mou<sup>[29]</sup>. Nenhum de nós i rá a l ugar al gum.



## Um mês depoi s

— Peyton está morta — Ceci l y di z, entrando na mi nhasal a, na sede da emi ssora.

— O quê?

— Acabaram de me tel ef onado hospi tal Querem que conf i rme que é el a, j á que não tem mai sparentes vi vase J odel l encontra-se presa.

Coloque meus óculos e abro o notebook em cima da mesa. Não encontro notícia na internet com o nome dela.

— Não tem nada aqui. Nem mesmo na coluna política da emissora.

Todo dia são reuniões de reportagens para chamadas de manchetes. Seleccionamos o que vamos apresentar

— Não deve ter saído ainda. Provavelmente estão esperando que a identidade dela seja confirmada.

— Digame sobre os fatos.

— Parece que foi morta por um café, em um motel barato.

Diálogo informalmente encontro uma pequena nota em um site sensacionalista.

“Profissional do sexo encontrada morta a facadas em aparente  
briga com agência de

É tudo o que preciso saber

Fecho o computador e me levanto, andando para perto da minha  
noiva.

— Isso te abala?

— Tanto quanto a morte de qual querser humano me abalari a  
Não por Peyton ter si domi nhaparente por af i ni dadEu só queri a  
saber o que aconteceu. El apareci abem f i nancei ramentoaquel a  
vez em que nos encontramos na festa. Como pôde acabar assi m,  
em um hotel barato, morta por um caf etão?

Dou de ombros.

— Eu fi zom que el af i cass f amosa depoi sque f oiaos j ornai s  
fal armal de você. Provi denci eipara que cada si te de f ofocas  
mostrasse a f otodel a, i denti f i candocã como garota de programa. A  
parti rdaquel ei nstante, nenhum dos anti goscl i entesa contratari a.  
El es são i nf i éi s, mas exi gem di scri ção. Não podem se dar ao l u  
terem os nomes envol vi dose m escândal os. Peyton passou a ser  
*per sona non grat.*ã Como a úni cacoi saque sabi af azerera vender o  
corpo, teve que se aj ustar

— Foi cul pa mi nha, então? Te al go a ver com el a acabar assi r

— Não. — Bei j sua testa. — A responsabi l i dadé toda mi nha.  
Sou eu quem não perdoa. Sou eu quem sempre vai atrás de  
vi ngança.

— Você me perdoou por ter l he ocul tado a verdade.

— Foi um caso i sol adoCeci l, ye só porque é a mul herda mi nha  
vi da, meu amor e mãe dos meus f i l hos. Não me vej of azendo i sso

com relação a qual quer outra pessoa.

— Tenho medo quando você fala assim.

— Nunca oculte quem eu era. Saiba onde estava se metendo.

— Sim, acho que eu sei, mas nunca tive menor chance de não ser te amar.

— Faria diferente, se pudesse?

— Não. Eu tentaria te contar a verdade mais cedo do que fiz, mas no resto, eu não me arrependo. Tudo aconteceu como deveria.

Aceno com a cabeça porque concordo. Eu também não mudaria nada em nossa história se não ser a parte em que a mandei embora e com isso, a expus à loucura do filho da puta do Cage.

— Não precisa ir identificar a província para que um advogado, discretamente, confirme a identidade de Peyton através de DNA. Pagarei por tudo, mas não quero você perto dela nem mesmo depois de morta.



## Capítulo 62



### Grécia

Di zomque o di ado casamento é o mai si mportanteda vi dade uma mul her só perdendo para o nasci mento do pri mei ro f i l ho.

Para mi m, é um passo al ém.

Eu não estou apenas prestes a me uni r para sempre ao amor da mi nha vi da. Si nto como se ti vesse l utado uma verdadei ra guerra para chegar até aqui .

Foram tantos obstácul os, l ágri mas, pai xão, medo, perdão, recomeços, que eu me si nto como uma vi tori osa f i nal mentêndo pegar meu prêmi o. Não aquel e que al guém me entregou de mão bei j ada, mas um pel o qual eu l utei .

Eu mereço tudo de bom que conqui star

Eu mereço e ponto.

Enquanto caminhava para o altar com Joseph, Silase Sorai a lidarando caminha, sei que a cada passo que dou estou mais próximos meus sonhos de ter uma família *à part encer* De não precisar sentir vergonha por amar e querer ser amada.

Desde criança, acostumei-me a me desculpar porque fui doutrinada para ser assim.

Criada por uma madrasta que não me amava. Ao lado de um pai que não sabia o que fazer comigo, na maior parte do tempo eu era alguém de quem não se lembravam.

Depois que passei a conviver com Dionysus, ele me ensinou que se quero algo, devo dizer-lhe por aqui. Não senti medo de expor meus desejos.

Ele me ensinou que se quero mais uma colherada doce, mais um beijo, um abraço ou um orgasmo, não tenho que fingir que está tudo bem.

Eu reutei em me expor. Não é confortável.

As pessoas nos julgam, comentam, mal dizem ao contrário de quando vivemos nas sombras.

O problema é que elas não são mais bem-vindas em minha vida.

Não quero o mormaço, ou os lugares secretos. Quero a luz, o calor do sol em minha pele. Quero me lambuzar de felicidade.

E agora, enquanto ando de cabeça erguida, tentando conter o choro ao ver a emoção no rosto do homem que nasceu para ser meu, eu sei que todos os tropeços que dei, as lágrimas que chorei desde a infância, relacionamentos não concretizados com Keith porque da minha parte era platônico, tudo seguiu a rota natural para me trazer até aqui.

Para ele, o meu grego arrogante. Meu amor dominante e teimoso.

Orgulhoso, e algumas vezes, cruel.

Mas completamente meu.

— Está sorrindo — ele diz quando o alcaço, quase em frente ao altar

Esquece os protocolos, os ensaios que fizemos e me beija provavelmente dando alguns cabelos brancos à ceremonialista.

— Por que não sorrir a? — falo, quando nos afastamos para respirar — Estou dentro do meu próprio conto de fadas.

— Ciderela?

— Não. Precisa Ceci? Minha história é única. O começo dela eu não desejaria a ninguém. O final, eu não trocá-la por nada.



## Capítulo 63



**Nova Iorque**

**Meses depois**

— Bebêeeeeeee! — Joseph grita, apontando para a “fotografia” na verdade, uma imagem de ultrassonografia que emolduramos e pusemos no quarto do nosso filho que ainda vai nascer.

Diagnóstico, que estava ajeitado em quadro na parede, olha para trás e sorri ao ver o entusiasmo dele.

— Isso mesmo, meu homenzinho. Um irmão para você — diz.

— Imãun! — Joseph repete e depois, esquece da “conversa” e volta a brincar com os caminhões.

— Ou muitos irmãosinhos para ele.

Eu me levanto com dificuldade da cadeira de balanço, a barriga tornando impossível me erguer com graça.

Quando vê que estou meio “entalada” no assento, meu marido superprotetor corre para me ajudar. Mas ao invés de me levantar, senta-se e me puxa para seu colo.

— Eu quero meu time de futebol inteiro como me prometeu — digo.

— Seu desejo é uma ordem, minha dama. Pena que não dá para fazer mais de um bebê por vez. Pela minha vontade, emendaria uma gravidez na outra. Ficamos tão sexy e safada quando está grávida, rui va.

— Eu não me importo em ter filhos em sequência. Quero a casa cheia e sugiro que pratiquemos para garantir a produção de herdeiros em série.

Ele geme e sinto-o endurecer embaixo do meu bumbum.

— Como eu disse, uma safada. Está me provocando porque sabe que o médico proibiu que eu te fodessa nessa última semana. Mas

assim que o período de resguardo passar, você não vai dormir  
Cecily



### **Nascimento de Andrus**

— Meu Deus do céu, eu amo ter meu filho em meus braços —  
digo, olhando meu Andrus, que é o pai escrito, mamar —, mas como  
você conseguiu ter dois de uma vez? — pergunto a Madison e  
depois simplesmente para Brooklyn, a irmã dela. — Dói para caramba. Aliás  
vocês duas também verão gêmeos!

— Nós três — Eli diz.

— Nós quatro — Zoe sorri. — E no meu caso, duas vezes  
gêmeos. Tirando Brooklyn, todos são de pais gregos. Isso diz  
alguma coisa?

— Jesus, sim! Que eu não vou escapar, então — brinco — Só  
pode ser alguma coisa que coloca na água dos gregos. Estão  
tentando povoar o mundo por conta própria.

Todas vezes eu observo meu marido no outro lado do quarto, conversando com os parentes, mas com os olhos todo em cima de mim, como um leão protegendo a criã.

Minutos depois, quando a família parte, ele vai lá fora pegar Joseph, que segundo me disseram, acaba de chegar com Eleanor

Não gostamos de deixá-lo hospital por muito tempo porque não é um bom ambiente para uma criança, mas eu estou morrendo de saudade do meu filho e só terei a visita amanhã.

Joseph também estava louco para conhecer o irmão.

— Bebêeeee! — Ele já entra cheio de energia, de mãos dadas com o pai.

— Shhhhhh... Preciso falar baixinho com ele, meu amor — digo, quando Dionysus o senta na cama, ao meu lado. — Seu irmão é muito pequeno e se assusta facilmente.

Ele coloca o dedo indicador na frente da boca e faz: “shhhhh”

— Quer segurá-lo?

Ele faz que sim com a cabeça e depois que Dionysus o ajunta encostado aos travesseiros, com o cuído, coloca Andrus em seus braços.

Não consigo impedir de chorar ao ver a concentração com que Joseph encara o bebê.

Eu queri a regi strar esse momento em uma pi ntura.

— I mãun!

— Si m.Seu i mãõ mai snovo, meu fi l hõ— Di onysusdi ze depoi s,  
ol ha para mi m. — Nossa f amí l i a.

— *Meus* — f al o.



# Epílogo 1



## Um ano e meio depois

— Eu queria ter vindo antes. Sinto muito por demorar tanto. Há quase seis meses eu te trouxe para cá, mas não tinha coragem ainda de vir viver aqui — falei para o meu amigo, abaixando-me para colocar flores no túmulo dele.

Eu pedi que Dionysus trouxesse para Nova Iorque. Assim, eu poderia viver aqui sempre que senti saudade. Não fazia qualquer sentido do contrário. Não há parentes lá. Aliás

Keith não tem ninguém que se lembre dela não ser eu e Joseph, um dia.

Sim, eu e meu marido conversamos muito sobre isso e chegamos à conclusão de que, quando crescer, nós contaremos a verdade sobre sua adoção.

— Eu não sei se aí do céu você tem acompanhado as últimas notícias, Keith, então quero dizer que ficou tudo bem, não foi? Aquela festa foi maravilhosa, os dois ficaram felizes. Seu pai morreu naquele acidente e o Cagney nem chegou a ir ao julgamento. Morreu na cadeia mesmo. E eu tenho algo para te confessar

Olhe à minha volta para ter certeza de que estou sozinho no cemitério, mas só vejo o Anderson e os seguranças a uma certa distância, me esperando.

— Acho que é possível que Dionysus, um dos Kostani de Sparta, Lykaios ou, quem sabe, todos juntos, tenham algo a ver com a morte dele. Por tudo que sei, os gregos que agora são meus parentes, podem ser cruciados quando o que está em jogo é a proteção de seus entes queridos. Não me leve a mal, não estou culpando-os. Na verdade, estou agradecido, mesmo que eu nunca vá confessar isso em voz alta. Não foi meu esforço. Eu te amo, Keith. Sempre

será meu melhor amigo e espero que esteja em paz aí no céu. Estou feliz! Tenho minha família e filhos. Uma carreira de meio expediente na Associação de Eliana. Tenho você aqui comigo e principalmente tenho o amor da minha vida ao meu lado. Prometo não demorar a voltar. Fique bem.

Começo a caminhar para o carro quando vejo o outro veículo estacionar atrás do de Anderson.

Sorrio, balançando a cabeça e paro de andar, esperando que meu homem controlador venha até onde estou.

— Por que não me surpreende que tenha vindo?

Ele me beija e puxa-me para seus braços.

— Estava preocupado de que não se esforçasse mais — diz, acariciando minha barriga de gestante de cinco meses e adivinha só? De gêmeos! Mais dois Kostanidis a caminho.

— Alémdisso — continua —, é a primeira vez que veio visitá-Keith desde que eu o trouxe da Califórnia. Uma ocasião importante. Para o resto de nossas vidas, estarei presente em todas as que contarem para você.

— É por dizer coisas assim que nunca se mete em encrencas comigo, grego. Consegue ser a um só tempo, um neandertal e o homem mais amoroso do mundo.

— Eu tenho trejeitos, rui va. Sou uma mulher tão teimoso, mas aprendo rápido. E se tem algo que entendi desde que entrou em meu caminho, é que nunca quero te perder

— Vai ser um marido perfeito, então?

— Não, eu não posso prometer isso. Tenho defeitos demais para ser perfeito. Mas te prometo que a lembrarei todos os dias o quanto sou louco por você, minha Cecília



## Epílogo 2



### **Ani versári o de um ano dos gêmeos Adoni s e Achi l l eas**

— A famí l i está crescendo — Zeus di z, vendo nossos fi l ho correndo na i l ha grega que costumamos passar as f éri as.

Sempre nos pertenceu, mas somente depoi s que casamos, passamos a f requentá-l a real mente.

Não foi al go combi nado. No começo, era apenas uma espéci ede vál vul ade escape da l oucura que é Nova l orque, porque aqui as cri anças podem correr l i vrementenadar, bri nçar sem que os guarda-costas f i quem tão em ci ma del es.

— Si m. E em breve teremos mai s membros, pel o que soube.

— Madi son está grávi dado nosso pri mei rōmeni no.— Meu i r m ão sorri , como se achasse que é o homem mai ssortudo do mundo. El e está enganado. Esse sou eu. — E vocês, como andam a produção?

— Enquanto el aqui ser cri anças, não vou me opor. Já desi sti udo ti me de f utebol , mas deseja ao menos sei s. Temos quatro, então estamos quase l á.

— Acha que o avô f i cari a f el i z? — pergunta.

— Si m, eu acho que si m, af ñal , tudo o que mai sl hei mportava era manter o nome Kostani di s vi vo e nesse seto, estamos i ndo bem.

Ouçõ uma ri sada ao l ongee quando me vi ro, vej o Ceci l y dançando no mei o das cri anças.

El al evantaa cabeça e me vê observando-a. Faz um gesto de “vem aqui ” com o dedo.

— Tenho que i r i r m ão. Aquel aque comanda meu desti no acaba de me sol i ci tar

— Desti nada ao Grego. Dari a um bom nome de f i l me.

— *Dest i nados* Sempre esteve escri to que pertencerí amos um ao outro.

Ando até onde el a está e Ceci l y corre para os meus braços.

— Se di verti ndo? — pergunto.

— Mui to. Acho que uma vez babá, sempre babá. As fi l has de Madi sons são mui to engraçadas. A mai or prova de que o f ruto não cai

longe da árvore. São desafiadas e estão deixando os primos sem resposta.

— Nós Kostani digostamos das nossas mulheres até — faloo pegando-a no colo e me afastando do resto da família.

— Sabe que eu reparei que você segue um padrão desde o início do casamento?

— De que tipo? Tenho várias manias.

— Não, estou falando sobre estas. Sempre que estamos em uma, você me rouba os convívios.

— Isso é porque sou um mal ditado. Ganancioso por você. Não gosto de compartilhar

Ela sorri.

— Temos quatro crianças. Querendo ou não, tem que me compartilhar

— E por falar em crianças, acho que estamos em desequilíbrio familiar. Muitos homens para perturbá-la.

— O que tem em mente?

— Providenciarminha primeira herdeira.

— Eu topo — ela diz sorrindo, agarrada ao meu pescoço.

— Acho que não entendeu, *kar di amou*<sup>[30]</sup>. Estou falando neste instante.

Os olhos que sempre me fascinaram brilham como acontece quando fica com tesão.

— Não sou adepta de adiar nada, marido. Estou me oferecendo como voluntária para essa missão.

*Fim!*



Não deixe de ler nas próximas páginas um bônus do próximo livro da série.



Ares



## Nova Orleans

Vir aqui não foi o que planejei.

Quando me dispus a ajudar meu irmão Zeus, me tornando o tutor da aspirante a bailarina também uni algumas ações que ele necessitava, eu pretendia me manter a distância.

Eu não criolamos a família inteira. Não quero uma mulher para cuidar — no caso, uma garota.

Tudo o que Clementine tinha que fazer era ficar sossegada, manter-se nas sombras, alcançar a maior parte do dinheiro do testamento para tomar posse dos seus bens e desaparecer da minha vida para sempre.

Ao invés disso, ela despertou o interesse de um filho da puta obcecado por sua beleza. Alguém que está deixando ela apavorada e por mais que eu não queira aproximar-me dela, ela, sou um Kostani disse e por enquanto, ela é minha.

Ninguém irá machucá-la.





# PAPO COM A AUTORA

Espero que tenham curtido acompanhar a história de amor do nosso grego lindo, Dionysus, e sua Cecily

O próximo livro da série, como devem ter percebido pelo título, é de Ares Kostandis, o bad boy grego, gostoso e mal-humorado que recebe a incumbência, através de um acordo que fez para ajudar Zeus no livro 1, Seduzido por Contrato, de ser o tutor de uma herdeira muito rica e completamente inexperienced.

Um grande beijo e até a próxima aventura.

D. A. Lemoyne



Interaja com a autora através de suas redes sociais

[GRUPO DE LEITORES NO FACEBOOK](#)

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

[PÁGINA COM TODOS OS LIVROS DA AUTORA](#)



# Obras da Autora

*Seduzida - Muito Além da Luxúria (Livro 1 da Série Corações Intensos)*

*Cativo - Segunda Chance (Livro 2 da Série Corações Intensos)*

*Apaixonada - Meu Para Sempre (Livro 3 da Série Corações Intensos)*

*Sedução no Natal - Conto (Spin-off de Seduzida e Cativo)*

*Imperfeita - O Segredo de Isabela (Livro 4 da Série Corações Intensos)*

*Isolados - Depois que Eu Acordei (Livro 5 da Série Corações Intensos)*

*Nascido Para Ser Seu (Livro Único)*

*168 Horas Para Amar Você (Livro 1 da Duologia Família King)*

*Sobre Amor e Vingança (Livro 2 da Duologia Primos Lykaios)*

*168 Horas Para o Natal (Conto de Natal - Spin-off de 168 Horas Para Amar Você)*

*Uma Mãe para a Filha do CEO (Livro 1 da Série Irmãos Oviedo).*

*A Protegida do Mafioso*

*O Dono do Texas (Livro 1 da Série Alma de Cowboy).*

*Um Bebê Por Contrato (Livro 2 da Série Irmãos Oviedo).*

*A Obsessão do Mafioso (Livro 1 da Série Alfas da Máfia).*

*Uma Família Para o Cowboy (Livro 2 da Série Alma de Cowboy).*

*A Esposa Contratada do Sheik (Livro 1 da Quadrilogia Casamentos de Conveniência).*

*Como Domar um Mulherengo (Livro 3 da Série Irmãos Oviedo).*

*Um Anjo Para o Mafioso (Livro 2 da série Alfas da Máfia).*

*O Herdeiro do Cowboy (Livro 3 da Série Alma de Cowboy).*

*Um Bebê Para o Italiano (Livro 1 da Série Bebês Inesperados).*

*Sob a Proteção do Bilionário (Livro 2 da Duologia Seduzame).*

*Bastardo Apaixonado (Livro 4 dos Irmãos Oviedo).*

[Proibida Para o Cowboy \(Livro 4 da Série Alma de Cowboy\).](#)

[A Eleita do Grego \(Livro 1 da Duologia Primos Lykaios\).](#)

[Destinada ao CEO \(Spin-off Irmãos Oviedo – A História de Isabel e Stewart\).](#)

[A Princesa Seduzida pelo Magnata \(Livro 3 da Quadrilogia Casamentos de Conveniência\).](#)

[A Esposa Inocente do Mafioso \(Livro 3 – Série Alfas da Máfia\).](#)

[A Mãe da Minha Menina \(Irmãos Oviedo – Livro 5\).](#)

[Seduzida Por Contrato \(Irmãos Kostanidis – Livro 1\).](#)

[Sob o Domínio do Mafioso \(Série Honra Irlandesa - Livro 1\).](#)

[Deliciosa Armadilha \(Livro 1 da série Feitiço Italiano](#)

[Como Encantar seu Príncipe \(Livro 3 da série Bebês Inesperados\).](#)

[Um Herdeiro para o Sheik \(Spin-off de A Eleita do Grego\).](#)

[O Devasso e a Viúva Virgem \(Livro spin-off da série Alma de Cowboy\).](#)

[Senador Gray – Meu Cowboy Protetor \(Livro 5 da série Alma de Cowboy\).](#)

[Tentadora Confusão \(Série Acordo com o Cupido – Livro 1\).](#)

[Arrogante Rendido \(Série Deuses de Branco – Livro 1\).](#)

[A Filha do Inimigo do Mafioso \(Livro 4 – Série Alfas da Máfia\).](#)

**Imprevisível Perfeição (Série Uma Esposa para o meu Pai–  
Livro 1).**

**Nas Mãos do Magnata (Série Bilionários Turcos – Livro 1).**

**Desejada pelo Pecador (Livro 1 da Duologia Seduza-me)**

***Destinada ao Grego (Irmãos Kostanidis – Livro 2)***

***(Série Honra Irlandesa – Livro 2)***



# SOBRE A AUTORA

D. A. Lemoyne iniciou como escritora em agosto de 2019 com o livro *Sedução*, o primeiro da saga *Corações Intensos*. De lá para cá, foram vários séries de sucesso como *Alma de Cowboy*, *Irmãos Ovidio*, *Irmãos Kostani* dentre outros.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua "biblioteca" particular que ficava em um quarto dos fundos do seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros a senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Brasil e rãs vivem atualmente na Carolina do Norte, EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos, e os heróis apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredite no amor e ler e escrever são suas maiores paixões

Contato: [dal\\_emoynewriter@gmail.com](mailto:dal_emoynewriter@gmail.com)

- 
- [1] Protagonista de Um Bebê para o Italiano.
- [2] Protagonista de Seduzida por Contrato, livro 1 da saga Irmãos Kostanidis.
- [3] Protagonista de Sobre Amor e Vingança.
- [4] Esse personagem, já mencionado em Seduzida por Contrato, livro 1 da saga Irmãos Kostanidis, será protagonista da minha série de dez magnatas.
- [5] Protagonista de Sobre Amor e Vingança.
- [6] “Sim” em grego.
- [7] “Dor” em inglês.
- [8] Os eventos citados são esclarecidos em detalhes no primeiro livro da série, Seduzida por Contrato. Por não serem relevantes para a presente obra e também para não dar spoilers, não serem repetidos.
- [9] Protagonista de Arrogante Rendido, livro 1 da série Deuses de Branco.
- [10] Protagonista de A Eleita do Grego.
- [11] Esse evento é narrado no livro 1 da série, Seduzida por Contrato e será o plot do livro 3, no qual Ares vai ser o protagonista.
- [12] Ao contrário do que se pensa, o amendoim não é semente ou fruto, mas um legume muito semelhante ao feijão. Fonte: *Site Conquiste sua vida*.
- [13] Cidade fictícia criada para o livro.
- [14] Cidade da Califórnia.
- [15] **EpiPen®** e **EpiPen Jr®** contém o medicamento epinefrina (adrenalina), um agonista dos receptores alfa, indicado no tratamento de emergência de reações alérgicas (Tipo I) incluindo anafilaxia. Fonte: Bulário.
- [16] “Papai” em grego.
- [17] Esse fato é descrito detalhadamente em Seduzida por Contrato e não é relevante para presente obra. Por essa razão e também para não dar spoilers, não o descreverei novamente.
- [18] “Papai” em grego.
- [19] “Baby”.
- [20] “Minha mulher”.

[21] “Meu amor”.

[22] “Meu anjo”.

[23] A questão de Hades será explicada no livro dele, o quarto da série.

[24] Aqui ele se refere a uma espécie de Apple Watch.

[25] Empréstimos estudantis. Nos Estados Unidos é comum alunos se formarem na universidade e depois passarem anos pagando empréstimos estudantis que, dependendo do curso, podem chegar a quase meio milhão de dólares.

[26] Um dos investidores mais importantes do mercado financeiro global, ele é famoso por aconselhar a não se investir todo o dinheiro em um mesmo lugar. No caso, Cage está distorcendo um pouco a frase, no sentido de que ele precisava de um plano “b”, caso as coisas com relação a Keith não saíssem como imaginavam.

[27] Esse evento é narrado de forma mais explicativa no livro 1 da série, Seduzida por Contrato e não relevante para a presente obra. Só estou citando-o novamente para contextualizar a história.

[28] Idem a explicação anterior.

[29] “Meu amor”.

[30] “Meu coração.”